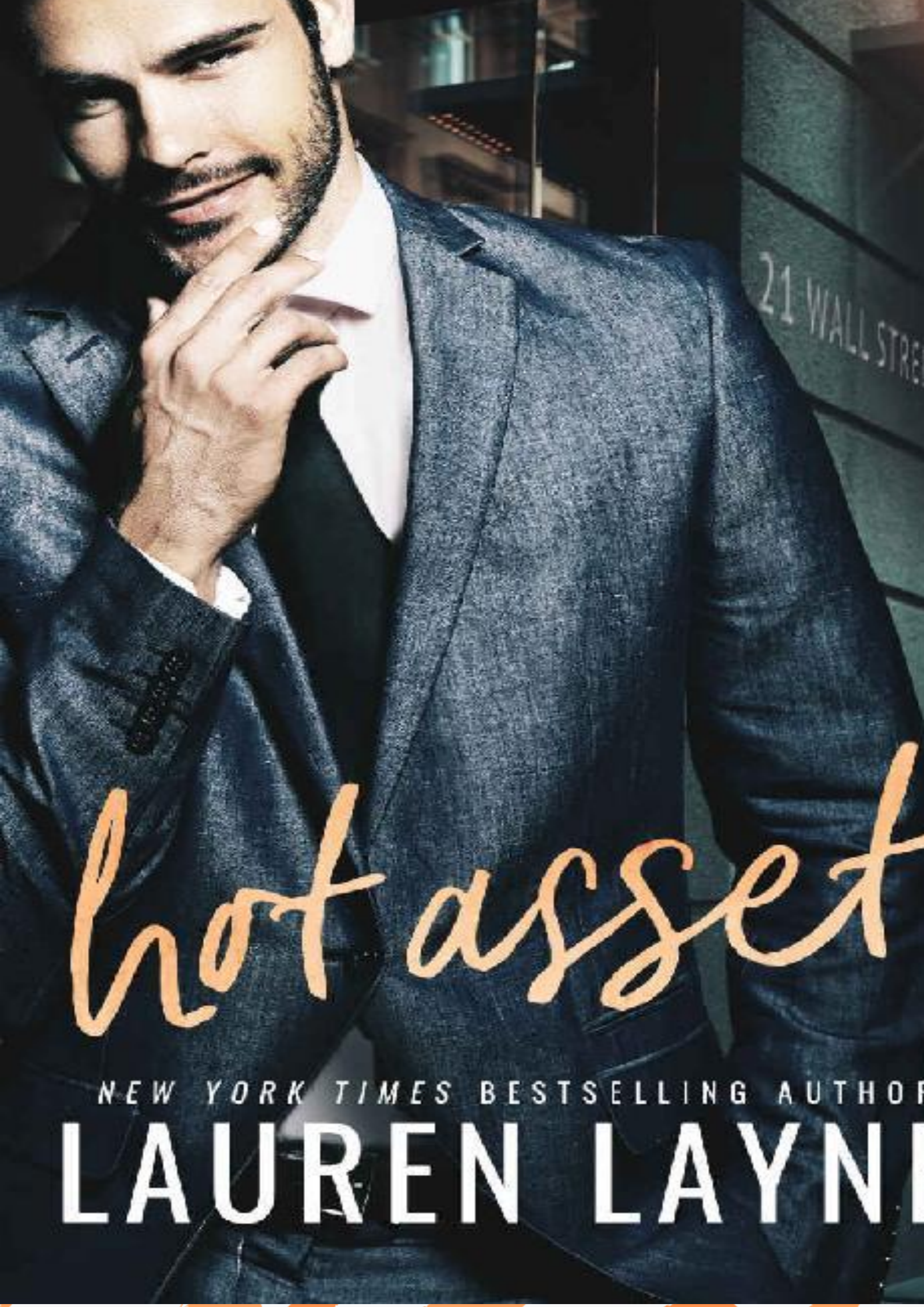

21 WALL STRE
hot asset
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
LAUREN LAYNE



QUEENS OF SHADOWS

TRADUÇÃO: RAINHA DAS SOMBRAS

REVISÃO INICIAL: ALÊ BRAGA

REVISÃO FINAL: CAMZ

LEITURA FINAL: JENNI QUEEN

FORMATAÇÃO: MEGHAN WILLIAMS



2019

Hot Asset (21 Wall Street, #1)
by Lauren Layne

Uma agente sexy persegue o mais novo lobo de Wall Street em um romance emocionante da autora de best-sellers do New York Times, Lauren Layne.
Ian Bradley é a definição de um especialista em Wall Street: salário de sete dígitos, ternos de grife e um escritório na cobertura. Sua saída do chão é tão potente. Toda mulher que o conhece sente o inpacto. Mas agora ele encontrou seu desafio em Lara McKenzie - uma mulher com o poder de deixar Ian de joelhos.

Uma filha ambiciosa e inteligente dos agentes do FBI, Lara é uma estrela em ascensão no combate ao crime de colarinho branco. Seu caso mais recente, a investigação de Ian Bradley por informações privilegiadas, poderia fazer sua carreira. Ela conhece um canalha quando vê um. Ian se encaixa na descrição, um bad boy ridiculamente bonito e arrogante.

Ela fará qualquer coisa para provar que ele é culpado. Ele fará qualquer coisa para provar que não é. Mas é apenas uma questão de tempo até que sua feroz batalha de raciocínio seja tão quente e pessoal. Agora, derrubar Ian se tornou mais do que um negócio para Lara. Tornou-se um prazer e há mais risco do que ela jamais sonhou.

Para Kristi Yanta

por trazer minha melhor escrita como editor

e trazendo meu melhor eu como amiga

1

IAN

No papel, eu sou um babaca. Sim, eu disse isso para você não precisar.

Não acredita em mim? Aqui está um curso intensivo em Ian Bradley:

O terno cinza-carvão que estou usando atualmente custa mais do que o meu primeiro carro.

Eu tenho 1,80m, cabelo preto, olhos azuis, e eu treino todos os dias, então eu visto esse terno muito bem, se você entender o que estou dizendo, e você sabe que você faz. Aos trinta e dois anos, sou corretor de investimentos - diretor, muito obrigado - para a Wolfe Investimentos. E digamos, trabalhe duro, jogue duro é basicamente o lema não dito da empresa.

Eu tenho um escritório de canto, um salário de sete dígitos, um apartamento chique no Distrito Financeiro de Manhattan, e eu nunca durmo com a mesma mulher duas vezes porque eu não preciso.

Eu mencionei que fui a Yale? Consegui me formar no topo da minha turma e todas as decisões ruins da faculdade usuais no meu currículo. Conseguir uma vida social e summa cum laude[1] em uma Ivy League não é tarefa fácil, deixe-me dizer à você.

[1] Com a Maior das Honras, representa a maior distinção e é o reconhecimento por obter a máxima qualificação possível em uma titulação universitária, especialmente nos níveis do mestrado ou doutorado.

Então, como eu disse, sou basicamente o garoto-propaganda de — Babaca de Wall Street. — Mas não me odeie ainda, porque aqui está o que esse cartaz de Ian Bradley *não* diz:

Ao contrário do resto da minha fraternidade, a educação da Ivy League não veio à cortesia de um fundo fiduciário e quatro gerações de ex-alunos de Yale para me ajudar a entrar. Mais como três empregos, uma bolsa acadêmica e uma tonelada de empréstimos estudantis.

Quando criança, minha colher era de plástico, não de prata, e era fornecida por um irritadiço, mas gentil atendente de serviço de gás no sul da Filadélfia, porque a maioria dos meus pais adotivos não davam a mínima se eu comi ou não.

Aquele cômodo escritório de esquina que acabei de contar? O meu veio de pura força de vontade e cerca de uma década sem dormir.

E enquanto esse salário de sete dígitos coloca um telhado de Manhattan chique sobre a minha cabeça, também fornece educação universitária para crianças adotivas de Philly que estão dispostas a fazer por isso.

Você já começou uma palmada lenta e zombeteira? Sim, isso é justo. Mas o ponto é que nunca houve uma coisa que eu trabalhei e não consegui através do trabalho duro implacável e agitado.

Até ela.

E é aí que minha história *realmente* começa.

Semana 1: segunda-feira à tarde

São três horas da *segunda-feira da fusão* e eu preciso de mais cafeína. Segunda-feira é o dia da semana em que uma merda de fusão entre empresas é anunciada. Para os meus colegas e eu da Wolfe Investimentos, significa muito tempo olhando para a lista, fazendo ligações, tentando descobrir o que é *enorme*, o que é *presta atenção* e o que é *quem se importa* entre as ofertas.

Em outras palavras, é necessário, mas entorpecente, especialmente depois de uma noite longa e bem... todas as noites do meu mundo são longas. Eu saio do meu escritório para uma corrida para Starbucks, e no segundo que faço, a porta do escritório em frente à minha se abre, e uma morena deslumbrante em um vestido vermelho apertado me dá um sorriso lento. —Ei, Ian.

Eu sorrio de volta para a minha colega. —Joss.

Ela se inclina contra o batente da porta e estrategicamente cruza os braços para enfatizar seu decote antes de me dar uma lenta olhada. —Ocupado?

Sutileza não é seu forte. Inferno, não é nenhum dos nossos aqui na Wolfe.

—Receio que sim.

Seus olhos se estreitam. —Eu não vi você por perto.

Ela me viu muito por aí. Ela só quer dizer que ela não me viu nu desde o erro da semana passada que não tenho intenção de repetir. Não porque ela não é gostosa, mas porque eu não faço essa de repetição.

No momento em que o desafio termina, o apelo também.

Eu não estou orgulhoso disso, mas sempre foi assim - fiação defeituosa, eu suponho.

—Desculpe, estive ocupado. — Eu dou-lhe uma piscadela, em seguida, viro para o corredor.

—Kennedy está por perto?— Ela chama depois de mim.

Eu sorrio um pouco com a pergunta muito óbvia. Se ela está tentando me fazer ciúmes, ela está errada em ambos os casos. Eu não tenho ciúmes e Kennedy Dawson não faz conexões de escritório. Mesmo se ele fizesse, meu amigo não toca minhas sobras.

Wall Street tem um código de cara.

—Nenhuma pista—, eu chamo por cima do meu ombro.

Envio uma mensagem de texto para a minha barista da Starbucks da segunda-feira para que ela saiba que eu estarei lá em cinco (nenhum ponto de esperar na fila quando uma gorjeta de vinte dólares faz sua bebida esperar por você) quando um par de excelentes pernas femininas na sala de descanso pega a minha atenção.

Eu demoro, tentando ver com o que estou lidando aqui. Eu não reconheço as coxas. Nem a bunda, nem a cintura fina, e eu definitivamente me lembraria do longo rabo de cavalo loiro que tem a quantidade certa de fantasia de líder de torcida adulta.

Quente. Muito quente.

Ainda assim, eu tenho merda para fazer, e estou prestes a passar quando ouço a mulher falando sozinha. —Como há oito opções de leite?

Eu sorrio para a perplexidade genuína em sua voz. Empurrando as duas mãos para os meus bolsos, eu entro na cozinha para ver em primeira mão se o rosto é tão grande quanto o corpo.

—Bem, eu não sou especialista, mas no topo da minha cabeça, inteiro, dois por cento, desnatado, soja, amêndoa sem açúcar, amêndoa adoçada com baunilha, coco...

Ela gira em torno de minha voz, e minha cabeça se afasta um pouco quando vejo ela cara-a-cara.

Não porque eu a conheço, mas porque quero conhecê-la. Por um momento bizarro, a mulher parece ser feita para mim.

O engraçado nisso? Ela nem é meu tipo.

Eu gosto de minhas mulheres com sorrisos flertando, risadas rápidas, grandes corpos e uma compreensão sólida do que estou procurando: um bom momento para apenas uma noite.

Essa mulher... Eu não tenho certeza se ela saberia o que é um bom momento mesmo se rastejasse na bunda dela. Seu cabelo loiro se separa no meio, puxado para longe de seus traços de boa garota. Ela não é particularmente bem dotada em cima e embora o brilho nos quadris dela valha uma segunda olhada, sua blusa e sua saia são todos negócios, seu sutiã provavelmente branco e algodão. Ou pior, bege e algodão. Eu não quero nem falar de sua bolsa, que é enorme, marrom e feia.

Nada sobre ela, tirando as grandes pernas, explica porque eu estou me coçando para desvendar ela centímetro por centímetro.

Exceto os óculos.

Sim, são definitivamente os óculos que fazem isso para mim.

Quadros negros sensuais com uma vibração de bibliotecária vagamente travessa que são puro material de fantasia. Eles realçam o soco sexy de seu amplo olhar azul que está completamente...

Suspeito.

Ela está segurando uma pasta de arquivos em uma mão e ela bate no canto da palma da sua outra, não dizendo nada quando ela me dá olhada.

Quando seu olhar desliza de volta para o meu, eu estou esperando o sorriso de admiração que eu geralmente consigo das mulheres, mas ela parece...

Entediada?

O que me deixa desequilibrado. Então desequilibre isso em vez da linha de captação suave, eu me encontro acenando para a máquina no balcão. —Você precisa de ajuda com isso?

Suas sobrancelhas levantam. —Eu preciso de ajuda com o que? Empurrar os botões?

Você pode apertar meus botões a qualquer momento.

Seus olhos se estreitam, e tenho a sensação de que ela leu minhas palavras não ditas e encontrou-as faltando. Estou chateado. E intrigado. Já faz muito tempo desde que eu tive um desafio.

Dou um passo mais perto dela, indo em direção à máquina de café expresso. Ela não fica nem um pouco confusa com a minha proximidade, então eu me inclino contra a máquina, acariciando o topo com a mão. —

Apenas diga a palavra. Serei feliz em mansplain[2] isso para você, pequena dama,— eu digo com um tom exagerado.

Ela responde em espécie, agitando seus cílios, os óculos fazendo o gesto ainda mais zombeteiro. —Oh, você poderia?

Eu sorrio, apreciando-a mais do que eu esperava. —O que você está bebendo?

—Café.

Eu reviro meus olhos. —Que tipo?

—Cafeinado—, diz ela, puxando uma das canecas da empresa, colocando-a embaixo do bico e apertando a opção padrão de café por gotejamento.

—Chato—, eu declaro.

—Clássico—, ela responde.

Eu dou-lhe um sorriso lento. —Eu estou indo para a Starbucks. Deixe-me comprar uma verdadeira bebida.

Ela levanta a caneca. —Eu estou bem com isso.

—Você poderia estar melhor com outra coisa—, eu digo, abaixando a minha voz.

Ela me surpreende rindo, e não um riso de flerte, sem fôlego, mas como uma gargalhada. —A sério? Essas linhas geralmente funcionam para você?

—Honestamente?— Eu dou um pequeno sorriso. —Sim.

[2] mansplaining: comentar ou explicar algo a uma mulher de uma maneira condescendente, excessivamente confiante e muitas vezes imprecisa ou simplista

—Bem— - ela bebe seu café - —deixe-me saber quando eu deveria fingir

o desmaio.

Você não estaria fingindo nada comigo, querida.

Eu estendo minha mão direita. —Ian Bradley.

Ela ignora a mão e acena com a cabeça. —Prazer em conhecê-lo.

Eu me inclino para frente e sussurro: —Este é o ponto em que você me dá o seu nome.

Ela se inclina para frente e sussurra de volta: —Este é o ponto em que você entende que não estou interessada no que você está oferecendo.

Desafio aceito.

Ela começa a se mover ao meu redor, claramente planejando ir embora, mas eu não estou prestes a deixar isso acontecer. Eu dou um passo à frente. —Tome bebidas comigo.

—Não, obrigada. — Ela parece quase divertida em sua rejeição.

—Por que não?— Eu mantenho a pergunta leve, mas sinceramente? Eu quero saber. Não é sempre que uma mulher me diz não, ainda menos comum que me importo. Mas aqui estou eu fantasiando sobre ela nua, e ela não poderia parecer mais desinteressada se ela tentasse.

—Oh, tantas razões—, diz ela com um sorriso malicioso, ela usa sua pasta para apontar no meu pescoço. —Esse chupão fresco, para começar.

Eu resisto ao desejo de cobrir a marca com a mão. Porra, a pequena barman inclinada a vampiro da noite passada.

—Hmm—, eu penso. —Tem certeza de que é um chupão? Talvez seja uma reação ruim para o que minha lavadora a seco fez com essa camisa.

A loira misteriosa levanta sua xícara de café. — Bem, agora, isso é outra razão. Eu não gosto de um cara com uma erupção cutânea.

Eu rio, mais intrigado do que nunca por sua língua afiada. —Quem é você?

—Alguém que você vai se arrepender de pedir para beber—, diz ela com um pequeno sorriso secreto.

—Por quê-

—Ian.

Eu me viro para a interrupção, diminuindo meu aborrecimento quando vejo que é minha assistente, Kate, que parece...

Horrorizada.

Eu endireito e esqueço a loira por um momento. —Kate, o que houve?

Ela engole, lançando um olhar nervoso para a mulher ao meu lado. —Eu estive procurando por toda parte por você. Você não está atendendo seu telefone...

—Merda, eu esqueci de tirar do Não perturbe depois da minha última reunião—, eu digo, puxando meu telefone do meu bolso. Com certeza, tenho quatro mensagens de texto e três chamadas perdidas, tudo de Kate.

Eu sinto meu estômago revirar no seu primeiro texto; meu coração salta uma batida no segundo.

Eu olho para Kate, agora entendendo sua expressão horrorizada. —O SEC está aqui?

Santo inferno.

A Securities and Exchange Commission é o cão de guarda do governo contra crimes financeiros, só que não é um cão de guarda valente e útil.

Não, a SEC é como um pequeno cãozinho de colo, determinado a morder tornozelos, cagar em todo o lugar, e, finalmente, ser uma enorme dor no rabo, proporcionando zero valor para alguém que não seja o seu próprio ego plus size.

—Onde estão eles?— Eu pergunto.

Mas eu já sei. Eu trabalhei com a Kate por tempo suficiente para conhecer esse olhar no rosto dela, para saber quando algo está errado.

Eles estão atrás de mim.

E quando a loira sem nome atrás de mim toma um gole casual do café dela, de repente, me ocorre porque Kate parece tão horrorizada.

Não é só porque um investigador da SEC está me investigando...

É porque eu estava apenas flertando com um.

Eu lentamente viro e enfrento a mulher, e ela nem se dá ao trabalho de esconder a diversão enquanto coloca a pasta debaixo do braço e, finalmente, estende a mão para se apresentar.

Eu sacudo a mão dela por hábito, mesmo quando gelo se instala na boca do meu estômago enquanto nossos olhos se encontram. Se foi minha bibliotecária de boa-fantasia e em seu lugar está o meu pesadelo: a Comissão de Valores Mobiliários.

Ela sorri mais ao meu óbvio desconforto. —Prazer em conhecê-lo, Sr. Bradley. Eu sou Lara McKenzie na SEC. Aqui para informá-lo que você está sob investigação.

2

LARA

Semana 1: segunda-feira à tarde

É errado que eu gostei tanto? Talvez.

É certo que eu quero comemorar com champanhe?

Não se eu não beber sozinho.

Pego meu telefone e envio mensagens para minha melhor amiga/ companheira de quarto, que não está apenas sempre pronta para champanhe, mas cuja agenda de modelo freelancer significa que há menos de cinquenta por cento das chances que ela estará livre às três e meia da segunda-feira.

Hora feliz? Eu envio uma mensagem, adicionando o emoji champanhe para uma boa medida.

Gabby responde imediatamente.

Quem é e como você roubou o telefone da minha melhor amiga?

Eu reviro meus olhos.

Sou eu, Gab.

Prove isso. Como nos conhecemos?

OB[3] passou por baixo da banca do banheiro em Boca.

Grande ou Pequeno?

[3] Absorvente Interno

Omg, você quer pegar bebidas ou não?

Esta é a primeira vez que você me manda uma mensagem para as bebidas antes das seis da noite. Você entende minha desconfiança.

Ela tem um ponto. Meu trabalho como investigadora da Seguranças e Comissão não permite exatamente horários flexíveis e consumo diário.

Na verdade, se estou sendo honesta, é bem provável que seja o trabalho menos sexy do planeta. Mas eu sou boa nisso, e é um passo necessário no meu caminho em direção ao meu fim de jogo:

O FBI

A agência funciona no meu sangue - papai é um agente; Mamãe é uma agente.

Eu *serei* uma agente, assim que fizer meu tempo na SEC. Veja, enquanto Papai é da Segurança Nacional e Mãe é da Ciência e Tecnologia, nem —dentro— é particularmente útil para as minhas próprias aspirações de carreira.

Eu quero fazer parte da divisão de colarinho branco. Eu quero lidar com o roubo de arte e esquemas Ponzi e aqueles criminosos espertos que transformam milhares de vidas de cabeça para baixo todos os dias sem sequer um lampejo de consciência culpada.

Mas... Eu quero *ganhar* meu lugar lá - não ter mamãe ou papai me colocando com uma chamada telefónica. Fazer meu tempo no SEC é tão bom quanto qualquer outro; Eu só preciso do meu grande estouro para chamar a atenção de Quantico.

E há boatos em torno da SEC de que o caso de Ian Bradley será aquele para mudar tudo.

Daí o champanhe.

Gabby e eu concordamos em nos encontrar em trinta em um bar de vinhos na esquina do nosso apartamento Lower East Side.

Eu deslizo meu celular de volta na minha bolsa, ainda sorrindo com o inesperado privilégio de ver o rosto de Ian Bradley quando ele soube das novidades. Eu sei que isso soa horrível saboreando o momento de *oh merda* de outra pessoa, mas aqui está a coisa. Estes Caras da Wall Street... são como... Eu nem sei como explicar.

É como se eles não fossem reais.

Objetivamente, é claro que eu sei que eles respiram oxigênio e sangram vermelho. (Embora eu não ficaria surpresa se alguns dos que eu encontrei em uma sexta-feira á noite sangre o uísque single-malte.)

Eles estão tão confiantes, tão convencidos de que eles vivem em um plano diferente do resto de nós.

Veja um exemplo:

Na semana passada, Gabby foi para casa com um corretor que tinha um piano de cauda do show da Steinway na sala de estar de sua cobertura. Quando Gabby perguntou se ele tocava, ele disse que nunca tocou nas teclas. Seu decorador tinha recomendado o piano para ele como uma —peça de instrução.

Desculpe, mas podemos parar por um segundo?

Há pessoas em minha própria cidade cujas —instruções— custam mais do que dobrar minha renda anual.

Eu entendo que é um esnobismo invertido, mas vamos lá.

De qualquer forma.

Eu não dou início oficialmente à minha investigação até o final desta semana, mas estatisticamente falando, Ian provavelmente é tão culpado de espionagem industrial como a nossa fonte alega. Ele é um dos maiores nomes de uma das maiores empresas. Isso significa mais dinheiro. A maior parte do dinheiro significa mais a perder... e a mais para ganhar. O que significa a maior tentação de trapacear.

Ian também é exatamente o que eu esperava. A foto do cara no website da empresa é praticamente o equivalente a um corretor de Wall Street: corte de cabelo caro, dentes caros, terno caro, bronzeado caro.

Pessoalmente, ele era ainda mais...

Bem, ele era justo... demais. Muito alto. Muito charmoso. Muito masculino.

Além disso... lindo. Realmente, ridiculamente, dói olhar seus olhos lindos.

Mas ele sabe disso.

Mesmo que eu não estivesse investigando o cara, eu teria evitado suas investidas. Caras assim não são para mim. Eu não tenho paciência para o flash deles que ofuscam e se exibem, e eles não têm tempo para minhas regras e estrutura.

Então o Ian Bradley é quente? Sim. Muito. Mas eu não preciso de calor. Eu me contento com alguém um pouco simples, até um pouco chato, contanto que ele seja leal. Alguém que não se importará quando eu descobrir sobre um novo caso no trabalho ou gastar meus sábados atualizando meu aplicativo Quantico.

Vida profissional primeiro, pessoal depois. É um pequeno pacto que fiz comigo desde que reconheci que aparentemente eu sou incapaz de fazer malabarismos com ambos.

Eu estou apenas caminhando em direção ao metrô quando ouço uma voz masculina chamando o meu nome.

Viro-me para ver Ian passeando pelas portas giratórias da Wolfe Investments e vindo em minha direção. Eu pressiono meus lábios juntos, não amando o choque de surpresa que me faz congelar em vez de continuar no meu caminho.

Eu não gosto de surpresas.

Normalmente, as pessoas que estou investigando me evitam a todo custo. O fato de que ele está quebrando as regras não é um bom presságio para a investigação.

E eu gosto de previsibilidade.

Ainda assim, o trabalho é o trabalho, então eu coloco um sorriso profissional no meu rosto, mesmo que eu sinta um estranho brilho de consciência quando ele se aproxima. O Ian Bradley no escritório tinha sido uma linha de respostas, charme superficial e confiança de playboy.

Este Ian, no entanto... digamos que eu possa entender porque Ian Bradley e sua equipe na Wolfe Investments são apelidados de os Lobos da Wall Street - eles são maus, quentes, insanamente ricos, e conhecido por obter exatamente o que eles querem, as consequências que se danem.

Ian desliza em óculos de sol, escondendo os olhos que eu sei que são penetrantemente azuis. Ele para na minha frente, um fio de cabelo mais perto do que ele precisa ser, mas eu me recuso a recuar.

Deus, ele cheira bem. Viril e caro. Que irritante.

—Olá de novo—, eu digo, dando a ele o meu mais genérico —sorriso SEC.

Ele não sorri de volta, e mesmo com seus óculos de sol, tenho mais certeza do que nunca que eu estou lidando com uma versão muito diferente de Ian Bradley do que eu conheci dez minutos atrás. Uma versão mais perigosa. —Foi bom para você?— Ele pergunta em voz baixa.

Meu sorriso cai. —Com licença?

—Seu pequeno jogo lá atrás. — Ele inclina a cabeça para o escritório. —Você se divertiu?

—Na verdade, sim—, eu digo, levantando meu queixo desafiadoramente.

Ele se aproxima, e eu posso sentir a raiva irradiando dele. —De onde diabos você saiu? Entrando no meu escritório, flertando...

—Flertando?— Eu interrompo, furiosa. —*Eu* só estava tentando pegar uma xícara de café idiota. *Você é* o único que estava agindo como um maldito Don Juan.

—Eu não vou pedir desculpas por convidar uma mulher atraente para bebidas—, ele agarra.

Eu bufo. —Salve os elogios para alguém que esteja interessado.

Ele sacode a cabeça. —Você tem uma vida amorosa triste, se você acha que foi bajulação, Sra. McKenzie.

Sua farpa bate um pouco perto demais de casa, mas eu tiro a picada e passo mais perto. —Vamos esclarecer uma coisa, Sr. Bradley, pelo nosso

bem. Você acha que é o primeiro terno de Wall Street que acha que eu vou ficar tão deslumbrada com os ombros largos e com uma linha bem tocada que vou perder minha cabecinha feminina e ignorar qualquer delito? Você acha que é o primeiro a pensar que este é um jogo a ser vencido por uma sedução viscosa?

Sua boca cai aberta. —O que-? Sedução viscosa, minha bunda!

Eu ignoro seu protesto e continuo com o meu discurso. —Ser mulher no mundo de hoje não é tarefa fácil, e ser mulher na SEC é muito mais difícil. Mas aqui está a parte que eu quero que você ouça atentamente, Sr. Bradley. Eu amo trabalhar para uma agência que busca justiça. Eu amo o fato de que quando se trata do mundo dos negócios e ações e dinheiro, ninguém está acima da lei. Não a porra da Martha Stewart, e definitivamente, não você.

Ele dá um pequeno passo para trás e cruza os braços. —Culpado até que se prove inocente, é assim que funciona?— Eu não posso ver seus olhos através das sombras escuras, mas sinto o calor de seu olhar.

Abro a boca para replicar, mas seu comentário corta minha consciência como um corte de papel muito fino. Talvez ele esteja um pouquinho certo. Na minha experiência, rumores espionagem industrial são quase sempre verdadeiros, mas isso não significa que eu possa assumir.

—Meu trabalho é descobrir a verdade—, eu digo com os dentes cerrados.

—E se a verdade não é o que você quer ouvir?

—Significa?

Ele se inclina em minha direção e eu posso ver um pouquinho de barba por fazer contra o conjunto decididamente teimoso de seu queixo.

Droga, ele realmente cheira bem. O que é isso, sândalo? Cedro? O suor de George Clooney?

—Significa, eu acho que você *quer que* eu seja culpado—, diz ele em um estrondo baixo.

—Por que eu iria querer isso?

—Você tem um complexo de heróis—, continua ele. —Você está determinada a salvar o mundo, mesmo que tenha que inventar seus próprios vilões.

Eu zombo. —Isso é ridículo.

—É mesmo?

É mesmo?

Conheço esse cara há três minutos e, de alguma forma, ele me fez duvidar de mim mesma duas vezes. O sentimento desconhecido é altamente irritante.

Muito parecido com o homem na minha frente.

Eu dou-lhe um sorriso frio e desdenhoso. —Ah. Entendo. Me convidar para beber não funcionou, então agora você está tentando mudar isso. Entrando na minha cabeça.

Para minha surpresa, ele sorri, todos os traços de sua intensidade anterior desapareceram. —Está funcionando?

—Ficando na minha cabeça? Não.

—E a sedução?

Eu abro meus braços para o lado, resistindo à vontade de revirar os olhos.

—Novamente, não há sinais de desmaio iminente. Criminosos suspeitos não são o meu tipo.

Espero que ele rosqueie para mim, mas seu sorriso apenas se alarga, embora haja uma nitidez para isso. —Então eu espero o dia em que você tenha que me olhar nos olhos e me dizer que sou inocente.

—Se você é inocente, eu certamente farei isso—, eu digo.

—Mas você não acha que eu sou.

—Eu te disse, é meu trabalho descobrir.

—Ótimo. Então, quando isso acontecer, talvez você possa *me* pagar uma bebida.

—Oh, absolutamente—, eu digo, não fazendo nenhum esforço para esconder meu sarcasmo.

Ele esfrega o queixo e me estuda, depois balança a cabeça e se afasta. —Vejo você por aí, senhorita McKenzie.

Eu negarei até o dia da morte, mesmo a mim mesma, mas estou desapontada que ele não se vire e olhe para mim, porque não consigo tirar meus olhos de suas costas recuando.

As costas são muito largas, muito musculosas também...

Gah!

Eu giro no em meu calcanhar e me afasto, precisando mais daquele champanhe do que nunca.

Uma bebida com Ian Bradley, de fato. Você pode imaginar?

Mesmo que ele não seja culpado, isso não acontecerá.

E se ele for...

Vamos apenas dizer que eu não estarei o visitando na prisão, mesmo sabendo que ele ficaria *muito* bem em um macacão laranja.

3

IAN

Semana 1: terça-feira de manhã

—Ian. Pronta para você.

Bem inferno. Essa foi a primeira - a primeira vez na minha vida que eu já odiei ouvindo uma mulher me dizer que ela está pronta para mim.

Eu fico de pé e dou uma piscadela para Carla, a assistente executiva de longa data dos CEOs da Wolfe. Ela pisca de volta, mas faz pouco para aliviar meus nervos quando eu entro no escritório.

Não é que eu me importe com chefes. Eu não sei se tenho problemas com a autoridade - esse é mais o show do meu amigo Matt Cannon. E tanto quanto meu superior vai, o cara que eu relato é um dos bons. Joe Schneider, meu gerente diretor, é um durão, mas ele é decente. Concedido, ele é o tipo de cara que particularmente ninguém gosta em coquetéis porque ele não gosta de falar sobre outra coisa que não seja trabalho. Mas no escritório, ele comanda respeito, e isso é bom o suficiente para mim.

No entanto, hoje não estou lidando com Joe. Ou pelo menos não apenas Joe.

Hoje, estou lidando com seus chefes - os CEOs da empresa.

Eu conheci Sam e Sam Wolfe (sim, você leu certo) duas vezes.

Os CEOs me amam. Eu sou o melhor ativo deles. Eles sabem disso e eu sei disso. Entre festas de fim de ano, angariadores de fundos e reuniões trimestrais, eu tive bastante tempo com os superiores.

Desta vez, porém, é totalmente diferente. Não há tiro na merda, nem tapinhas nas costas, sem sorrisos na minha chegada. Eu também estou ciente de seus rostos sombrios, a maneira como o quarto cheira a tensão.

Como deveria. A SEC gosta de dar a ilusão de que tem Wall Street pelas bolas, mas Wolfe tem um representante para evitar a atenção deles – principalmente. Eu odeio como o inferno que eu sou o único a colocar Wolfe no radar da SEC pela primeira vez em anos.

Mais irritante de tudo, eu nem sei o que diabos é isso.

Eu tive a oportunidade de saber - ir a essa reunião armada com os detalhes do caso e talvez até uma estratégia de como combatê-los. Tudo que eu tive que fazer era interceptar Lara McKenzie exatamente quando eu a encurralei na calçada ontem.

Eu me fodi.

Não só eu não tinha conseguido os detalhes do caso dela, eu tinha esquecido de tentar. Aqueles grandes olhos atrás dos óculos me deixaram louco. Adicione a boca esperta, a saia apertada...

Alguém limpa a garganta, e eu aceno para Joe quando me sento na mesa dos dois Sams.

Eles são uma dupla assustadora.

Para começar, eles são casados.

Apenas alguns dias depois de herdar o título de CEO de seu pai, Samuel Wolfe Jr. casou-se com Samantha Barry, parceira de uma empresa concorrente, criando assim o casal de poder mais rico do mundo.

Há um longo momento de silêncio, então Sam - a mulher Sam - fica de pé.

—Dane-se isso. Quem quer um uísque?

Uísque, gin, o que seja. Ela poderia ter me oferecido um maldito vinho branco spritzer e eu teria dito sim.

Joe e o marido de Samantha acenam afirmativamente para a bebida também.

Aparentemente, eu não sou o único estressado.

Quatro doses generosas de bourbon depois, eles acertam.

—Achamos que eles estão atrás do J-Conn—, anuncia Samantha.

Demoro um segundo para registrar o que eles estão falando, e é com partes iguais irritação e surpresa quando eu faço.

J-Conn é uma empresa de tecnologia que se arrebentou e feriu muitas pessoas com muito dinheiro. Mas eu não. Ou meus clientes. Eu vendi meu estoque de J-Conn antes de tudo ir para o inferno e não ter sido chutado nas bolas como todo mundo.

Como você pode imaginar, houve um monte de —como diabos você sabia?— jogado ao redor, mas ninguém diretamente me acusou de receber uma dica.

Até agora.

Joe compartilha minha incredulidade. —J-Conn? Isso foi quase um ano atrás. Por quê agora?

Minha mente está se recuperando.

Eu entendo porque as pessoas tinham que perguntar sobre J-Conn quando tudo aconteceu até Matt e Kennedy se ferraram com isso, e eles são os melhores no negócio.

Nesse caso em particular, eu fui apenas... Melhor.

Depois de meses de espera com todos os outros por J-Conn para fazer o anúncio de rumores da tecnologia —inovadora—, eu chamei de besteira. Eu vendi quando todo mundo estava comprando alto.

Arriscado como o inferno, mas foi um risco que valeu a pena.

Chame de intuição, chame-o de cérebro, inferno, eu vou até ter uma sorte estúpida. Mas o que eu não vou aceitar é trapaça.

—Só podemos supor que a SEC recebeu novas informações—, diz Sam, parecendo escolher suas palavras com cuidado, sem olhar diretamente para mim. —Nós não sabemos com certeza que é J-Conn, mas tem havido sussurros sobre Ian e sobre o negócio por meses.

—Nada além de fofocas de playground—, eu digo. —Não há novas informações, porque não há informações a serem obtidas. Eu não...

Samantha rapidamente levanta a mão. —Pare aí mesmo. — Ela sopra um respiração. —Ian, você é um dos nossos melhores, mas se tivermos que testemunhar...

Eu fecho meus olhos. *Testemunhar.* Isso não pode estar acontecendo.

—Eu entendo—, eu digo baixinho. —Negação plausível.

Ainda não estamos lá, mas... nós poderíamos estar, e é isso que me preocupa.

O único aspecto positivo em tudo isso é que a SEC ainda está no estágio de investigação informal. Se não estivessem, Lara McKenzie teria vindo até mim com uma intimação ontem, em vez de uma ligação de cortesia. O informal é bom, pois significa que eles ainda não têm a evidência do que precisam para lançar um caso completo contra mim.

Mas também é ruim, pois eles não *precisam* me dizer os detalhes do meu —crime.

Eu corro minha mão pelo meu cabelo. —J-Conn?— Eu pergunto novamente. —É sério?

Samantha suspira e encolhe os ombros, conseguindo fazer um gesto de desdém nos pequenos gestos. Se eu tivesse que descrever Samantha Wolfe em uma palavra, seria difícil. Ela tem cinquenta e poucos anos, atraente em um jeito polido e perfeito de batom.

O marido dela é o oposto, pelo menos na aparência. Ele tem uma pequena estatura, cabeça careca e, não importa o quão direto o empate, o quão caro o terno, ele sempre consegue ter uma qualidade um pouco amarrotada sobre ele.

Sam limpa a garganta. —Nós saberemos com certeza em breve. Você sabe como estas coisas vão. Nós seremos capazes de dizer o que ela quer pelas pessoas, depois que ela falar e fizer as perguntas dela.

—Nós garantimos à Sra. McKenzie nossa total cooperação. Tenho certeza de que você compartilhará da nossa política de cooperação —, continua Samantha com um olhar penetrante para mim.

As instruções são claras: *Jogue bem.*

Eu corro minhas mãos pelo meu rosto. Essa merda sopra. Objetivamente, sei que a SEC tem um trabalho a fazer. Eu entendo sua função; Eu posso até respeitar isso. Mas isso parece uma maldita caça às bruxas. Que eles possam entrar aqui, nos pedir para cooperar, tudo sem nos dizer por que, quando ou o quê...

Eu não quero cooperar.

Eu quero lutar contra isso.

Joe parece ler meus pensamentos. —Nós precisamos deixar isso morrer antes que seja uma investigação formal, Ian. A melhor maneira de fazer isso é...

—Deixar rolar? Dar a eles o que quiserem com base em suas acusações infundadas? —

Eu não me incomodo em disfarçar minha raiva.

Eles não se incomodam em me acalmar.

Há uma pausa longa antes que alguém fale novamente.

—Ian, você está conosco há muito tempo—, diz Sam, tomando um gole de uísque. —Nós gostamos de você. Consideramos você um amigo.

—Da mesma forma,— eu grunho com um aceno de cabeça.

—Temos os melhores advogados do ramo—, diz Samantha. —Eles estão aqui para proteger a empresa e todos os envolvidos, e isso inclui você.

Eu encontro o olhar dela. —Mas?

—*Mas*—, diz ela com um leve sorriso, —se trata de você ou da empresa... — Ela olha para o marido.

—Você tem que obter um advogado independente, Ian. Para o seu próprio bem, —Sam diz.

É um bom conselho. Não importa o quão bons sejam os advogados de Wolfe, se a SEC decidir fixar alguma coisa em mim, a empresa iria - e deveria - cortar os laços comigo, cortando assim o acesso a seus advogados.

Eu preciso do meu próprio.

Eu sei disso. Eu sei desde o segundo que Lara McKenzie disse as palavras —SEC— e —investigação. — Mas ouvir isso dos meus chefes torna tudo mais real. E sério.

Joe bate no meu ombro em solidariedade, mas é um gesto vazio. Não tenho certeza do que agride mais, o fato de que nenhum deles tem certeza de que sou inocente ou o fato de que estou tendo a sensação distinta de que eles vão me pendurar para secar se eu não for.

Sam pigarreia e percebo que a reunião acabou. Eles fizeram tudo o que podem, disseram tudo o que precisam dizer. Eles também cobriram suas próprias bundas, enquanto me deram um aviso justo, o que eu acho que posso apreciar.

Eu coloco meu copo de lado e fico em pé. —Obrigada pelo tempo. E o uísque.

—Nós diríamos a mesma coisa para qualquer pessoa nesta situação—, diz Samantha, em pé e inclinando-se sobre a mesa para apertar minha mão.

Eu aceno, aperto a mão dela, assim como a de Sam.

—Eu vou parar em seu escritório mais tarde—, diz Joe, claramente pretendendo ficar para trás para conversar com os Sams.

—Certo.

—Ian. — Volto novamente para Sam, versão feminina. —Nós demos a Sra. McKenzie acesso total à sala de conferências a oeste do seu andar para o curso de sua investigação. Vai trabalhar a seu favor para fazê-la gostar de você.

Eu não me incomodo em responder a isso. Não é até eu voltar ao meu escritório, porta fechada, que a raiva se instala.

Não em nenhum dos Sams. E não em Joe.

Não, minha raiva tem um foco muito específico. Uma loira, de óculos, com o foco da SEC, e o idiota mentiroso que a colocou atrás de mim em primeiro lugar.

Eu fecho meus olhos e tento afastar o pânico. Eu não posso lutar contra isso quando não sei com quem estou lutando ou por quê. Eu não trabalhei tão duro, não cheguei tão longe, apenas para desmoronar em torno de mim, porque uma castradora loira tem um mentiroso sussurrando em seu ouvido.

Meu telefone toca no meu bolso e eu tenho toda a intenção de ignorar quem quer que seja, mas então eu vejo o nome, e é a única pessoa que eu nunca fui capaz de ignorar.

Eu respiro fundo para acalmar minhas emoções, então respondo.

—Dave. Ei.

—Oi, garoto.

Eu sorrio. Quase duas décadas se passaram desde que Dave Coving me acolheu quando eu tinha quatorze anos, mas eu sempre fui —menino— para ele.

—Estás bem?— Eu pergunto, baixando para minha cadeira e girando para olhar a manhã chuvosa. Claro que está chovendo. Tudo o que precisamos é de um sinistro trovão, e eu estaria dentro de um daqueles malditos dramas da Netflix.

—TV quebrou.

Eu esfrego minha testa. —Alguma coisa bateu?

Ele tosse, o som se transformando em uma droga desagradável de fumante que me faz estremecer. —Uma garrafa—, diz ele quando a tosse se instala.

Eu rolo meus olhos para cima. *Chocante.* —Phillies perdidos, hein?

—Eles estão em uma queda—, ele resmunga. —Perdi a paciência com uma chamada ruim.

Eu sufoco o suspiro. Vamos apenas dizer que esta não é a primeira vez que Dave perdeu uma batalha contra seu temperamento, e uma garrafa de cerveja e a TV pagaram o preço.

E eu pago pela TV. Todos elas.

É o mínimo que posso fazer. O homem colocou um teto sobre a minha cabeça por quatro anos, um lugar para voltar para casa durante as férias de Natal da faculdade, e ele nunca perdeu a paciência comigo, o que

é mais do que posso dizer sobre os seis lares adotivos que vieram antes dele.

—Eu vou te dar uma nova—, eu digo, já procurando uma caneta para anotá-la.

—Obrigado—, ele diz rispidamente. —Eu não preciso de grande e extravagante. Um pouco barato está bom.

—Certo. — Nós dois sabemos que ele terá a maior tela plana que pode caber em sua casa entregue amanhã.

—Então, o que há de novo com você?— ele pergunta.

Eu hesito. Para o crédito de Dave, ele geralmente só liga quando precisa de alguma coisa, mas não desliga no segundo que recebe. Ele fica no telefone tempo suficiente para a atualização. E o que diabos, eu me deixei fingir que ele realmente se importa.

Normalmente eu dou a ele o destaque, me prendo ao meu último golpe de emprego ou descrevendo meus assentos no Citi Field. Hoje, porém, eu me ouço dando a ele o negócio real.

—A SEC está na minha bunda.

—O Ess-EE-o quê?

—SEC. É um acrônimo para... vamos apenas dizer que eles são o cão de guarda de Wall Street.

—O que você fez?

—Eu gostaria de saber—, eu digo, esfregando a mão no meu pescoço. —Supostamente eu recebi uma dica sobre uma empresa de tecnologia há algum tempo, mas é novidade para mim.

Dave resmunga. —Portanto, nada para se preocupar.

—Existe se quem quer que esteja fazendo besteira sobre essa 'dica interna' é um mentiroso melhor do que eu.

—Besteira—, diz Dave em outra rodada de hackers. —Desde quando você só pega seus tornozelos quando as coisas ficam difíceis?

Eu estremeço —Isso é legal, Dave. Muito introspectivo.

—Intro-o que?

—Deixa pra lá. — Eu aperto a ponte do meu nariz.

—Olha—, diz Dave com um suspiro robusto. —Eu não sou sua família. Não tenho o direito de te dar uma palestra, mas você é o filho da mãe mais teimoso que conheço. Você sempre tem tudo que sempre quis, não é?

Quase. Quase tudo.

Eu não digo isso, no entanto. Não tenho certeza se será um bom momento para contar a Dave o quanto eu costumava desejar que ele me adotasse.

Eu sorrio um pouco com a memória. Eu era um garoto estúpido, pensando que se eu falasse um bom jogo e nunca desistisse, valeria a pena o aborrecimento da adoção.

Não.

É legal, no entanto, temos uma coisa boa acontecendo.

—Olá?— Dave pergunta rabugento.

—Sim, ainda aqui.

—Então você vai lutar contra esse SPT ou o quê?

Eu sorrio. —SEC. E sim, suspeito que ela não gostaria de nada além de uma boa briga.

—*Ela*?— Dave ri, um som seco e cacarejante. —Inferno, garoto, por que você não disse? Não há uma mulher viva que você não pudesse fazer exatamente o que queria e tê-la pensando que era ideia dela. Duvide que isso seja diferente.

—Ela é—, eu murmuro, girando preguiçosamente na minha cadeira. —Ela não caiu em exatamente nenhuma das minhas besteiras ontem.

—Ontem. Você desistiu depois de um dia? Não é como você. Você sempre foi teimoso como uma mula, cavando seus dentes, acendendo um fogo sob cada arbusto...

Eu continuo com suas palavras, deixando-as entrar. Metáforas misturadas à parte, Dave tem um ponto.

A persistência é o meu ás na manga - a coisa que me colocou onde estou hoje.

Eu fiquei tão preguiçoso, tão complacente, que estou desistindo depois de uma única tarde de ser abatido?

Quinze anos no sistema de adoção não conseguiram me segurar. Nem os legados de Yale que tentaram deixar claro que eu não pertencia lá.

Eu consigo o que quero lutando por isso. E o que eu quero agora?

Lara McKenzie de joelhos, implorando-me para perdoá-la pela falsa acusação.

Bem, ok, a parte de *ela de joelhos* é uma fantasia completamente diferente. A que eu não estou completamente pronto para desistir.

—Dave, você é um maldito gênio.

—Sim sim. Então, quando a TV estará aqui?

Eu balancei minha cabeça com um sorriso, dizendo a ele que eu vou dar certo. Eu desligo e pego meu telefone de mesa para ligar para minha assistente.

Kate pega no primeiro toque. —Como foi o encontro com os Sams?

—Um ataque, como você esperaria.

—Eles fizeram-

—Eu vou te contar tudo mais tarde—, eu prometo, interrompendo. —Mas primeiro, alguma chance de convencer você a levar outra TV para Dave amanhã?

—Oh, caramba—, diz ela, e eu ouço o *barulho* eficiente de seu teclado. —O que aconteceu desta vez? Seu jogador de hóquei favorito foi negociado de novo?

—Foi uma emergência de beisebol.

—Mmm. Ok, estou nisso. O que mais eu posso fazer? Eu me sinto inútil, e você *sabe* que não é a minha.

Eu sorrio. Eu sei. Kate Henley é minha assistente há cinco anos e aprendi que seu pequeno e arrumado pacote esconde uma força administrativa.

—Não, nada ainda... — Eu paro. —Na verdade sim. Se você estivesse tentando vender alguém sobre a mágica das bebidas Starbucks superfaturadas...

—Mocha Frappuccino, creme extra, raspas de chocolate extras—, diz ela sem hesitação. —Você não pode dar errado. Karen é sua barista de terça-feira, certo?

—Sim, mas eu vou cuidar disso. — Este é um desafio que preciso empreender sozinho.

—Mas-

—Se você está pescando algo para fazer, Matt começou a tentar gerenciar seu próprio calendário novamente. Ele conseguiu reservar três vezes para as três da tarde, mas está com muito medo de contar para você.

—Você está *brincando* comigo?— Kate faz um barulho sibilante. —OK. Eu estou trabalhando nisso.

Kate desligou em cima de mim, como eu sabia que ela faria, e eu mandei uma mensagem para a barista Karen de terça-feira, pedindo dois Frappuccinos moca.

Lara McKenzie acha que ela viu Don Juan ontem?

Ela não viu nada ainda.

4

LARA

Semana 1: terça-feira à tarde

Eu estou puxando meu grampeador da minha caixa de escritório quando há uma batida na porta da sala de conferências.

Eu olho para cima, levantando minhas sobrancelhas em surpresa quando vejo a última pessoa que eu esperava encostado na porta.

Ian Bradley está vestido impecavelmente em um terno cinza claro, gravata preta e segurando duas misturas espumantes.

Eu clico no meu grampeador duas vezes e o estudo, tentando descobrir o seu jogo. A expressão dele está amigável, mas seus olhos azuis são calculistas.

—Sr. Bradley.

—Senhora. McKenzie. — Ele não se move.

—Você gostaria de entrar?

Ele sorri. —Você gostaria de colocar esse grampeador para baixo?

No momento em que o faço, ele se aproxima e, colocando uma das bebidas na mesa, desliza para mim com um movimento do pulso. Se alguém mais fez isso, a bebida daria gorjeta e cairia, mas Ian simplesmente faz a xícara deslizar perfeitamente pela mesa e na minha mão que espera.

Eu levanto a xícara da Starbucks e a estudo. —Mesmo. Suborno?

—A Barista fez dois por acidente. Eu poderia apenas dar a Kate...

—Ah sim, sua assistente—, eu digo, pulando na abertura. Eu conheci a Kate Henley ontem, e minha impressão inicial da pequena morena era que ela tem uma das melhores caras de poker que eu já vi.

Veredicto depois de tentar convencê-la a conversar hoje?

A melhor cara de poker que eu já vi.

—Ela disse que trabalha para você por cinco anos—, eu digo.

—Mm. — Ele caminha em direção à janela, olha para baixo. —Eles te deram a sala de conferência de merda. As outras têm uma visão melhor.

—Eu não estou aqui para a vista.

—Não, você está aqui por causa do J-Conn—, diz ele, voltando-se.

É um jogo previsível, pescar informações. Concedido, ele está certo. Estou aqui para J-Conn, e eu não estou tão surpresa que Wolfe já tenha colocado isso no topo de suas suposições.

Mas este não é meu primeiro rodeio.

Eu não digo nada, em vez disso, observo-o cuidadosamente para quaisquer sinais de nervosismo, não encontrando nada.

—Por que agora?— Ele pergunta baixinho. —Por que vocês estão atrás de mim para uma empresa que caiu há dez meses?

—Não disse que estávamos. — Ele vai descobrir que ele está certo no segundo que eu começar fazer perguntas, mas isso não é hoje. E eu não tenho intenção de jogar esse jogo em seus termos.

Não que isso seja um jogo.

Mas o jeito que ele está me observando e as bebidas da Starbucks... Eu posso dizer que ele acha que é um.

—Ok, bem, vamos dizer, hipoteticamente, você está aqui por causa do J-Conn—, Ian diz suavemente. —O que teria que acontecer para me colocar no seu radar?

Eu coloco a xícara de lado sem tomar uma bebida. —Hipoteticamente, teríamos uma fonte —, eu digo, dizendo-lhe nada que ele já não saiba. —Que alegou que você tinha conhecimento privilegiado do futuro da empresa.

—Quem é a fonte?

Eu bufo. —Mesmo. Você me traz um café superfaturado e acha que eu vou contar tudo?

—Ou você poderia desmaiar—, diz ele com uma piscadela.

Desta vez eu reviro meus olhos. —Eu ouvi que você era um mulherengo, mas confesso, é muito difícil imaginar.

—Sim?— Ele cruza os braços e senta-se na beira da mesa da sala de conferências. —O que você ouviu? Talvez que seja bom com minhas mãos? Que quando estou com uma mulher, sempre me certifico de que ela a pegue...

Eu levanto a mão. —Pare.

Bom Senhor, está quente aqui? Eu resisto à vontade de desfazer um botão na minha camisa.

Ele sorri, então olha para a minha bebida ignorada. —Experimente a bebida, Ms. McKenzie.

—Não, obrigada—, eu digo rapidamente, tentando me lembrar que eu sou Lara McKenzie da SEC, não Lara McKenzie, groupie de Ian Bradley.

Ele dá um suspiro exasperado como se eu fosse uma criança não cooperativa e fica em pé e caminha em minha direção. Ele pára a alguns metros de distância e, sem quebrar o contato visual, pegando a bebida que reservei e retive. —Tente.

—Essa abordagem de homem das cavernas pode funcionar com outras mulheres, mas—

—Oh, eu entendo—, ele interrompe, começando a deixar a bebida de lado. —Você está assustada. Você gosta de suas linhas retas, suas cores preto e branco, seu café chato. Deus não permite que você tente algo novo, viva um pouco...

Antes que eu possa me impedir, eu alcanço e agarro a bebida. Meus dedos escovam os dele, e o contato é tão inesperadamente elétrico que eu quase deixo cair a droga da coisa.

Ele se desloca um pouco mais perto. Não para empurrar, ou para intimidar ou beijar, mas por um sedução silenciosa que é cerca de um milhão de vezes mais eficaz do que as linhas de captação dele até agora.

Por um momento hediondo, eu quero me inclinar para ele, para escovar meus lábios ao longo da sua mandíbula, para...

Bem, inferno, eu percebo com um choque. O homem realmente pode ser tão bom quanto a reputação depois de tudo.

Eu não posso deixar ele saber disso. Eu *não vou*.

Eu fico parada, dando um pouco da minha própria, deixando meus olhos prenderem os dele enquanto eu separo meus lábios e coloco o

canudo verde na minha boca. Eu tomo um gole da bebida maravilhosamente fria e doce, e eu deixo escapar um barulho *mmm* diferente de tudo que eu já tenha feito na minha vida.

Seus olhos brilham com surpresa, depois desejo, e por um longo momento eu não tenho ideia de quem está seduzindo quem, quem está aumentando o outro...

Ian dá um sorriso lento que enruga os olhos. —Bem jogado, Ms. McKenzie.

—De volta para você, Sr. Bradley. — Eu tomo um gole da vitória - é realmente delicioso.

—Você quer jogar de gato e rato sexy, eu posso jogar de volta, e eu vou ganhar.

Eu me viro para voltar a descompactar minha caixa quando sinto seus dedos embrulharem em volta do meu pulso, segurando com força suficiente para chamar minha atenção, mas não o suficiente me sentir ameaçada.

—Você não vai ganhar, senhorita McKenzie. Eu trabalhei muito duro para ser considerado culpado de algo que eu não fiz.

Ele é bom chateado, e eu aproveito, indo para um ataque surpresa. —Eu sei que você não estava na cama com Arnold Maverick —, eu digo.

—Mas isso não significa que vocês não estavam em contato com ele.

Ian pisca. —Quem diabos é Arnold Maverick?

Droga, *ele é bom*. Ele é um mentiroso muito bom ou... honesto.

—Arnold Maverick era o CEO da J-Conn—, eu digo.

Ele pensa por um momento, depois deixa cair meu pulso quando o reconhecimento se instala. —Ele estava nas notícias. O guru da tecnologia que cometeu suicídio há alguns meses. Esse é quem você acha que me alertou sobre a J-Conn?

Eu tomo outro gole da minha bebida e deixo meu silêncio falar. Não vou confirmar, nem negar...

Para minha surpresa, em vez de ficar chateado e defensivo, ele sorri, de volta para Ian charmoso mais uma vez. —Deixe-me ver se entendi direito... Uma fonte anônima, que você não identificará, está alegando que recebi uma dica de dentro de um executivo da J-Conn que agora está morto e não pode confirmar de uma forma ou de outra. Tem tudo para uma acusação conveniente, não é?

—Estamos apenas seguindo o protocolo, senhor Bradley.

—Fantástico—, ele murmura, vasculhando minhas coisas do escritório. —Você sabe, eu não sou o único com linhas. O meu pode ser do tipo pickup, mas eles são muito melhores do que a sua besteira evasiva da SEC.

—Isso não era uma linha---

—Claro que foi—, diz ele, pegando uma caneta e um bloco de post-its. Ele rabisca alguma coisa, coloca a caneta de volta no copo e me entrega o bloco pegajoso.

Eu olho para baixo enquanto ele se levanta. —O que é-

—Minhas informações de conta de e-mail - trabalho e pessoal. Coma seu coração fora. Eu não tenho nada a esconder.

Ainda estou olhando para o post-it de surpresa enquanto ele se afasta, voltando depois que ele abre a porta da sala de conferências.

—Ah, e a senhorita McKenzie...

Eu olho para cima.

—Minha conta pessoal tem algumas fotos impertinentes lá. Aproveite aquelas.

Ele pisca.

Droga. Eu odeio saber que provavelmente irei.

5

IAN

Semana 1: quinta de manhã

—Cara. — Matt desacelera para uma corrida fácil ao meu lado. —Quando você perguntou se eu queria ir para uma corrida, você poderia ter mencionado que estava tentando estabelecer um recorde olímpico.

—Você fez quatro Ironmans—, indico, recuperando o fôlego.

—Exatamente. Porque eu gosto da natação e da merda de bicicleta. Se eu gostasse da parte da corrida, eu faria uma maratona como Prefontaine lá em cima.

Eu retardo meu movimento de relaxamento todo o caminho para uma caminhada. —Hey, Kennedy—, eu chamo.

—Devagar.

Meu outro melhor amigo não olha para trás, mas eu sei que ele me ouve porque ele retarda seu maldito ritmo de sprint para uma caminhada, depois para e espera que Matt e eu o alcancemos.

Kennedy não está nem respirando com dificuldade, droga homem. Estamos todos em boa forma, mas de nós três, Kennedy é o corredor. Matt é tudo sobre a competição e eu... Bem, para ser honesto, eu apenas gosto de um bom e velho treino de academia, de preferência com uma treinadora feminina e quente.

Hoje, porém, eu conversei com os caras para correr comigo. Eu os vejo o suficiente em torno do escritório, mas hoje eu preciso deles como amigos, não colegas de trabalho.

E não há amigos melhores que esses dois.

Matt Cannon, Kennedy Dawson e eu todos nos conhecemos na Wolfe. Começamos no mesmo ano e trabalhamos juntos, mesmo quando éramos concorrentes. A corretagem de investimentos é um negócio de alto a baixo – ou você chega ao próximo nível, queima ou é empurrado para fora.

Todos os três de nós tinham feito isso. Nós ainda somos concorrentes, lutando pelos mesmos clientes, as mesmas contas, mas amigos apesar disso. Inferno, talvez amigos por causa disso. Todos nós somos lutadores do nosso jeito.

Matt é o cérebro. Mais jovem que Kennedy e eu, ele tem vinte e oito agora, mas todo mundo do chão da sala de negociação até a cobertura do CEO ainda pensa nele como um menino maravilha. Esse merdinha pulou Deus-sabe-quantos séries para se formar na Cornell com a idade de dezenove anos, em seguida, entrou na Wall Street com a tempestade de vinte e dois anos.

Sorte para Matt, as mulheres da cidade de Nova York sabem que ele está crescido agora. Loiro, de olhos azuis, charmoso e inteligente como a merda, o cara é uma puta quase tão grande como eu.

E se Matt chegou aqui por cérebro e eu fiz por força de vontade e trabalho duro, Kennedy Dawson é um grande idiota em Wall Street porque é só sua droga de destino.

Com cabelos escuros como Matt é loiro, Kennedy e sua família estão na área de Finanças desde sempre, seu fundo fiduciário grande o suficiente para garantir que ele pudesse desistir amanhã e ainda ter mais dinheiro do que Matt e eu nunca vamos ver na nossa vida, juntos.

É mais do que a conta bancária, no entanto. Kennedy é dinheiro velho e parece. Seu apartamento tem uma maldita biblioteca, sua mãe usa pérolas, ele só bebe scotch de single-malte, ele pertence a dois clubes de country diferentes, e ele parece um dos Kennedys (de quem ele recebeu o nome).

Ele também é um pouco nerd. Ele também entra em museus, e sua ideia de uma sexta-feira selvagem é lendo um livro de filosofia e um livro de história da Segunda Guerra Mundial.

Quando conseguimos arrastá-lo para fora da cidade conosco, eu não tenho certeza se ele percebe a maneira como as mulheres o perseguem implacavelmente, desmaiando sobre as covinhas que ele acha que são ridículos.

Matt cai em um alongamento. —De verdade, por que o dobro do tempo correndo?—, ele me pergunta.

—Se a SEC estivesse no seu rabo, você também estaria correndo—, diz Kennedy.

—Eu estava correndo.

—Poderia ter me enganado—, diz Kennedy, inclinando-se contra o corrimão ao longo do Hudson, parecendo tão polido depois de uma corrida de cinco milhas como ele parece no escritório.

Matt atira para Kennedy, o dedo do meio, e depois volta sua atenção para mim. —Assim, qual é o nosso plano? Como podemos limpar o seu nome?

Viu isso? Fidelidade. Eu te disse que esses caras eram sólidos. Nem uma vez desde que isso foi para baixo eles pensaram ou implicaram que eu era culpado de outra coisa senão de merda de sorte.

Eu me apoio no corrimão e, mergulhando o queixo no peito, respiro fundo.

—Eu não sei, cara.

—Quem é seu advogado?— Kennedy pergunta.

—Não sei ainda.

—Droga, Ian. Você precisa de um advogado.

Eu olho com irritação. —Sim, obrigado pelas brilhantes palavras de sabedoria, papai. Eu disse que não sabia ainda, não que eu não iria conseguir um.

—Você descobriu sobre a investigação na segunda-feira. Hoje é Quinta-feira. O que diabos você tem feito se não foi procurar um advogado?

—Flertando com a SEC—, Matt se intromete.

Kennedy rosna: —O que?

Matt me dá um sorriso de merda enquanto eu olho para ele. —Kate me atualizou. Cara, você comprou um Frappuccino? Esse foi o seu grande plano

Kennedy coloca ambas as mãos em sua cabeça de cabelo grosso e os transforma em um círculo agitado.

—Saímos com o pé errado. Eu estava tentando fazer as pazes—, eu digo, defendendo-me quando começamos a caminhar de volta para os nossos respectivos apartamentos.

—Besteira—, diz Matt. —Você estava tentando usar o charme infame de Ian com ela na esperança de que ela fosse fácil em seu caso.

Os braços de Kennedy caem. —Diga-me que ele está brincando. Diga-me que há outra explicação de por que você não encontrou tempo para encontrar um advogado que não envolva trazendo as misturas chantilly para a SEC.

—Na defesa de Ian, o chantilly me levou a muitos e interessantes encontros com as mulheres—, diz Matt, levantando as mãos acima da cabeça em um alongamento.

Droga. Agora uma visão de Lara McKenzie vestindo apenas chantilly e seus óculos de bibliotecária me faz morder um gemido.

—Vovô aqui está certo, porém, sobre você precisar de um advogado o mais rápido possível—, Matt diz, seu rosto ficando sério. —Kate olhou todos os detalhes que há para saber sobre essa mulher. Ela é boa. Não perde casos, não perde uma batida, não estraga em um tecnicismo. Não recua. Nunca.

—Soa como alguém que conhecemos—, diz Kennedy com um olhar aguçado na minha direção.

—Certo, porque vocês dois são tão descontraídos—, eu digo, perdendo a paciência com a palestra. —Olha, eu estou trabalhando nisso.

—Trabalhe mais. McKenzie mandará você para a prisão se puder, cara.

Eu esfrego a mão no meu rosto enquanto Matt soca Kennedy. —Isso não é o que ele precisava ouvir.

—Ele precisa levar a sério—, Kennedy responde.

Já basta. —Estou levando a sério. Eu sei que estou na merda. Você acha que eu só tinha o meu pé na minha bunda nos últimos dois dias? Eu tenho feito uma dúzia de telefonemas...

—Não se incomode—, diz Kennedy. —Você precisa de Vanessa Lewis.

—Oh, definitivamente—, eu concordo. —Assim que eu capturar um unicórnio.

—Você não saberá até tentar...

—Eu tentei. Você acha que eu não pensei nela primeiro? Eu digo. Vanessa Lewis é a melhor advogada de defesa de colarinho branco na cidade, e todo mundo sabe disso. —O escritório dela disse que ela me colocou na lista de espera. Vocês são bons com números... Conte-me, se eu for o oitenta e seis da lista, quão boas são as minhas chances?

—Muito melhor se você tiver alguma ajuda—, diz Kennedy.

—Bom plano, Dawson. Eu vou apenas jogar algumas moedas em um poço de desejos. Melhor ainda, alguém conhece um gênio?

—Eu estava pensando mais na linha de chamar o melhor fixador da cidade—, Kennedy diz.

Matt geme. —Não. Qualquer um, mas...

—Eu não disse que você tinha que falar com ela—, observa Kennedy.

Nós três estamos andando enquanto conversamos, então agora estamos fora do meu prédio de apartamentos. Eu balanço meus calcanhares um pouco, contemplando a sugestão de Kennedy. —Não é uma ideia horrível.

Uma que eu deveria ter pensado primeiro, se eu não estivesse tão distraído... —É uma ideia muito boa—, diz Kennedy. —Chame-a. E pelo amor de Deus não fale com a SEC novamente até conseguir um advogado. — Kennedy já continuou com uma corrida lenta em direção ao seu próprio prédio de apartamentos a algumas quadras.

—Canhão, tente acompanhar.

Matt olha para as costas de Kennedy, então me dá um aceno de despedida.

Eu levanto a minha mão em despedida enquanto me dirijo para o meu lobby, grato pela explosão de ar condicionado. Grato, como eu sou todo maldito dia, por ter um teto sobre minha cabeça para chamar de meu - um que eu não tenho que me preocupar em ser expulso no próxima dia em que alguém se cansar de mim.

Sim, eu sei. Questões de adoção. Você também os teria, no entanto. Confie em mim.

O lobby é grande e moderno, as amenidades da arte. O edifício tem cinquenta e oito andares. Eu moro no quinquagésimo sexto. Não é a cobertura, mas ei, como nós já estabelecemos, eu prospero em desafios.

Abro a porta da minha sala e lanço as chaves na mesinha lateral. Meu apartamento é puro apartamento de solteiro - grande TV, sofá de couro preto, aparador, carrinho de bar, cama grande, todo o negócio.

Eu me sirvo de um copo de água, engulo em três goles enquanto checo meu e-mail no meu celular. Há um de uma conexão há alguns meses que inclui uma linha de assunto proibido para menores de 18 anos, um emoji beijo e uma foto dela em sua cama. Nua.

Eu sorrio, lembrando que Lara McKenzie tem acesso ao meu e-mail. Isso deveria explodir sua pequena e prudente mente.

Meu pau se contorce e percebo o meu erro - pensar em Lara e explodir n mesma frase. Droga.

O que há sobre ela?

Que eu não posso ter ela? Que ela não me quer?

Eu tomo um banho, no qual cuido dos negócios, se você sabe o que quero dizer, imaginando Lara McKenzie em nada além de chantilly e copos, então puxo boxers e uma camiseta antes de ir para a cozinha para fazer café.

Meu telefone toca. Um texto de Kennedy.

Chame-a.

Isso me incomoda, mas ele está certo. Eu preciso de um advogado, e não apenas bom.

Eu preciso do melhor. Eu preciso de Vanessa Lewis.

Kennedy também está certo de que preciso ignorar Lara McKenzie até que eu o faça. Eu gosto de pensar que posso ficar fora de qualquer armadilha que ela coloca para mim, mas eu seria um idiota por testar minha força de vontade com uma mulher que faz meu sangue zumbir como Lara.

Percorro meus favoritos até encontrar o número que estou procurando.

—Hey—, eu digo no segundo que ela pega. —Eu preciso de você.

6

LARA

Semana 1: sexta-feira, hora do almoço

—Então, você acha que ele fez isso?

Eu coloco meu celular debaixo da minha orelha para que eu possa tirar o meu blazer. O que começou como uma manhã agradavelmente quente se transformou em uma tarde sufocante, e estou ciente da minha blusa colada às minhas costas suadas.

—Muito cedo para dizer—, eu digo ao meu pai, encolhendo os braços para fora das mangas do blazer e enrolá-lo em um pacote arrumado para encher minha bolsa.

—Qual é a acusação?

—Espionagem industrial—, eu digo, mantendo minha voz baixa, mesmo que ninguém preste atenção em mim. A hora do almoço nos dias úteis em Wall Street é tudo que você esperaria - muitos ternos, martinis e pretensão. Ninguém se incomoda em olhar duas vezes para uma mulher com uma blusa chata e sapatos de salto alto de quatro anos comprados na Rack Nordstrom.

Eu realmente não me importo, mas vou confessar que apenas uma vez, eu não me importaria com aqueles almoços caros em vez de um café medíocre com sanduíches baratos.

Já que o almoço de hoje provavelmente envolverá um debate emocionante entre a seca peru e atum chato, eu não tenho pressa em

desligar o telefone com meu pai. Ele está trabalhando em um grande caso, então estamos jogando uma tag por algumas semanas.

É bom ouvir a voz dele.

—Quem é o informante?— Meu pai pergunta.

—Pergunta fantástica—, murmuro.

Eu praticamente ouço o cenho do meu pai. —Você não sabe?

—Steve está calado. Informante confidencial e tudo mais.

Steve Ennis é meu chefe. Eu trabalhei para o cara desde que comecei na SEC aos vinte e três, e até este caso, eu não poderia ter pedido um melhor.

Com a coisa de Ian Bradley, no entanto, Steve tem sido cauteloso e está dirigindo como louco. Eu entendo a necessidade de proteger testemunhas em certos casos, mas mantendo o nome da testemunha do investigador é um outro nível frustrante.

Meu pai aparentemente concorda. —Mas você é o investigador. Como você deveria fazer o seu trabalho?

Eu levanto meu cabelo pesado do meu pescoço, mas não há brisa hoje, então isso me faz nada de bom. —Confie em mim, isso não é nada que eu não tenha dito a Steve. Mas aqueles eram os termos do informante. Temos que proteger sua privacidade.

—Então você sabe que é ele.

Eu sorrio, porque é tão pai - ele é do FBI. —Sim. Aparentemente, é ele.

—Bem, isso é um começo. Com certeza, com um pouco de escavação...

—Papai— eu interrompo gentilmente. —Eu não pago para encontrar o informante. Eu sou paga para descobrir se ele está certo.

—E ele está?

Eu dou de ombros, mesmo que meu pai não possa me ver. —Eu te disse, é muito cedo para dizer.

—O que seu instinto diz?— Eu ouço o barulho do que ele está comendo no almoço, e meu estômago ronca.

—Diz que está com fome. O que você está comendo?

—Porcaria saudável sem gosto. Agora pare de fugir. O que o seu instinto diz sobre o caso?

—Quem se importa?— Eu digo despreocupadamente. —Os sentimentos podem estar errados. Meu trabalho é encontrar fatos. Evidência.

—Não desconfie da intuição, Lara. Se sua mãe e eu aprendemos alguma coisa no escritório-

—Sim, bem, eu não estou na agência, pai.

Eu o ouço soltar um suspiro. —Não isso de novo...

Eu não devo deixar minha irritação mostrar, mas quanto mais experiência de trabalho eu tenho no meu cinto, mais difícil é aceitar a parede que meus pais colocam toda vez que eu menciono o meu sonho de me juntar ao FBI.

Eles sempre me disseram que eu posso fazer o que quer que eu tenha decidido - que eu posso fazer qualquer coisa que qualquer homem possa fazer, tudo de bom, capacitando coisas. Até o momento eu disse a eles que queria seguir seus passos.

Em vez de ser encorajador, eles foram... relutantes.

—Eu não estou pedindo para você me colocar em Quântico—, eu digo baixinho. —Eu quero chegar lá sozinha, por meus próprios méritos. Mas você e mamãe mudam de assunto toda vez que eu menciono isso.

—Lara, se você tiver filhos algum dia, você vai entender. Sua mãe e eu estamos apenas tendo dificuldade pensando sobre a nossa menina passando pelo treinamento em combate e prática de metas.

—Habilidades que eu provavelmente nunca precisarei na divisão de colarinho branco—, indico. —O trabalho será praticamente igual ao que eu tenho agora...

—Então por que não manter o que você tem?—

Eu inclino minha cabeça para trás em frustração e olho por um momento para o céu. É um velho argumento e um exaustivo.

—A multa da SEC; Tem sido um ótimo treinamento, mas eu quero ser do FBI, pai. Você sabe que este sempre foi o plano.

—Eu sei—, diz ele irritado, retomando sua mastigação.

—É uma coisa tão ruim?— Eu provoco. —Ter sua única filha querendo seguir os passos de seus pais?

—É, quando nossos passos são perigosos.

—Exatamente—, eu digo, pulando no ponto. —Você e mamãe entram em perigo todos os dias, e eu me preocupo, mas estou orgulhosa de vocês. Eu quero que vocês se orgulhem de mim também.

Há um longo momento de silêncio pensativo.

—Estamos orgulhosos de você.

Eu sufoco um suspiro. Eu entendo a proteção deles, mas se eu estiver sendo totalmente honesta, uma pequena parte de mim se pergunta se eles acham que eu não posso fazer isso - que eu não serei boa o bastante. Eu não sou tão esperta quanto meu pai, não tão durona quanto minha mãe, e talvez... ah inferno, eu sou aquela garota. Aquela que ainda tenta agradar seus pais com a idade de vinte e oito.

Meus pensamentos são distraídos quando vejo uma forma familiar atravessando a rua.

Ian tem me evitado desde o nosso momento Frappuccino na terça-feira, e eu estou cansada disso. Eu posso fazer tanto com e-mails e relatórios e atas de reunião. Eu preciso falar com o cara. Ler ele.

E hoje, pela primeira vez em dias, ele está sem sua assistente de guarda.

Agora é minha chance.

—Pai, eu tenho que correr. Nos falamos logo, ok?

—Mantenha-me atualizado sobre o caso.

—Vou fazer.

Eu desligo o telefone e coloco na minha bolsa, acelerando o passo, então não perco Ian de vista. Um pouco stalker, eu sei, mas eu sou uma investigadora. As vezes nós ficamos loucos por causa do trabalho.

Ian atravessa outra rua, indo em direção à margem do rio Hudson, que é... estranho. O lugar é um viveiro para turistas e pais empurrando carrinhos, não a elite de Wall Street. Eu esperava que ele se abaixasse em um dos pratos quentes do FiDi com martinis e caviar.

Eu não tenho que segui-lo por muito tempo. Ele entra em um restaurante de aparência brega chamado Vincedi, que parece que sua próxima avaliação de inspeção de saúde de Nova York será questionável na melhor das hipóteses.

Definitivamente, o tipo de lugar que você se encontraria com alguém que você não queria ser visto.

Dou alguns minutos e entro no restaurante.

—Só uma?—, Pergunta a anfitriã, segurando um menu de vinil.

Eu aceno e sigo para a mesa, mantendo-me atento para Ian e esperando que eu localize o antes que ele me veja.

O restaurante é maior do que eu imaginava, então não é até eu estar sentada, alternando entre a varredura da sala e fingindo interesse em sua —hambúrgueres gourmet —, que eu localizo ele.

Meu estômago cai.

Como esperado, ele está encontrando alguém. Mas pelo que parece, seu interesse nela não tem nada a ver com o J-Conn.

A mesa de Ian é uma cabine de canto, e ele está sussurrando no ouvido da mulher mais linda que eu já vi. O vestido vermelho é ajustado à sua figura perfeita e é corte curto o suficiente para mostrar peitos impressionantes sem ser vulgar. O cabelo dela longo e preto, sua maquiagem impecável. Ela dificilmente é o tipo de mulher a ser escondida em um restaurante de baixa qualidade, que me faz perguntar se ela é casada.

Por que mais eles se encontrariam tão longe das outras belas pessoas de Wall Street?

Então me impressiona: estou espionando Ian Bradley tendo um encontro.

Eu fecho meus olhos em humilhação desanimada. Alguém me mate agora.

Quando eu abro meus olhos, meu estômago não apenas cai, ele se transforma em uma montanha-russa maldita.

Ele está olhando diretamente para mim, as sobrancelhas levantadas em desafio.

Pela primeira vez na minha carreira profissional, não tenho certeza do que fazer. Não há como eu ser uma coincidência – julgando da comida que eu vi passar pela minha mesa, esse lugar é uma merda. E não é nem barato, então eu realmente não tenho nenhuma razão para estar aqui além de espioná-lo, o que seu sorriso me diz que ele sabe.

É possível entrar em combustão espontânea por constrangimento?

Eu dou uma espiada na porta, me perguntando se eu posso de alguma forma escapar com a minha dignidade intacta. Quando olho para

trás novamente, o sorriso de Ian se amplia e percebo que é exatamente o que ele espera: eu fazer uma retirada humilhante.

Chance gorda.

Sem quebrar o contato visual, eu empurro para o lado o meu constrangimento, saúdo o garçom que vem para a minha mesa, e pedir uma Diet Coke e um hambúrguer de peru.

Então eu pego um bloco de notas e lápis da minha bolsa e me sento no meu lugar, me preparando para escrever todos os movimentos de Ian.

Eu não pego nada do outro lado da sala, mas posso dizer pelo caminho seu sorriso escurece e a mandíbula tenciona que minha inesperada fortaleza o irrita.

No momento, isso é bom o suficiente para mim.

7

IAN

Semana 1: sexta-feira, hora do almoço

—Então é ela—, diz Sabrina Cross casualmente, tomando um gole de seu Chardonnay e descaradamente esticando o pescoço para ver Lara McKenzie nos observando do outro lado do restaurante.

—É ela—, eu digo, terminando o resto do meu Negroni. Aparentemente, minha ideia de encontrar minha amiga mais velha em um lugar do tipo dinner com comida medíocre para que ninguém que que conhecíamos nos visse não explica a possibilidade de ser perseguido pela SEC. Vai saber.

—Ela é linda.

—Cale-se.

Sabrina ri. —Então você já percebeu que ela é bonita.

E esta é a parte dolorosa de permanecer amigos com alguém que te conhece desde os oito anos.

Sabrina cava no celeiro da nossa mesa. —Ela é muito ousada. Ela ainda está nos observando.

—Sim, eu sei. — Eu posso sentir isso. De alguma forma, o olhar de Lara McKenzie tem mais efeito sobre o meu corpo do que o toque físico de qualquer outra mulher. Eu estive em um constante estado de desejo desde a nossa primeira reunião, sem nenhum alívio à vista - eu não posso tê-la, e eu não quero nenhuma das mulheres que posso ter.

Eu não sei o que diabos a mulher está fazendo comigo, mas eu não gosto disso.

—Ela parece irritada—, diz Sabrina, dando uma mordida no pão.

—Ela provavelmente está. Eu tenho evitado ela. — Não que tenha sido fácil. Ficando longe dela tem sido muito difícil, mas Matt e Kennedy estão certos, eu seria um idiota se me envolver com a SEC antes de conseguir um advogado do meu lado.

—Eu pensei que você disse que deveria cooperar—, diz Sabrina.

—Vai você falar com ela—, eu digo, apontando um dedo na direção de Lara. —Você vai aprendar bem rápido que ela não é do tipo cooperativo.

—Significa que ela não caiu sobre si mesma quando você mostrou seu sorriso— Sabrina diz conscientemente.

—Exatamente—, eu murmuro, tanto aliviado e irritado que ela está recebendo uma atualização sobre a situação tão rapidamente.

Além de Sabrina Cross me conhecendo como a palma da mão dela, cortesia da nossa longa história, ela também conhece as pessoas. Sabrina é um fixador. Ela é a pessoa que você chama quando precisa de ajuda... bem, qualquer coisa. Precisa de uma falsa namorada? Ligue para Sabrina. Alguém para chantagear sua esposa para que sua esposa pare de chantagear você? Sabrina. Alguém para falar docemente com um juiz, colocar uma corrida no seu passaporte, ou levar sua criança delinquente para aquela escola de prestígio? Sabrina conhece alguém que conhece alguém que pode ajudar. Por um preço.

No meu caso, o preço é amizade. Além de Dave, ela é a única pessoa que é tanto uma parte da minha nova vida quanto a minha antiga vida.

Sabrina é a única pessoa que realmente conheceu os dois lados de mim - o filho adotivo de Philly e o figurão de Wall Street.

Sabrina esteve lá por tudo isso.

E pelo amor de Deus, por favor, não transforme isso em uma história romântica. Além de uma sessão de tirar o fôlego no primeiro ano do ensino médio, que nós dois declaramos quase insuportavelmente bruto, nunca foi assim entre nós.

Sabrina é uma das mulheres mais lindas que eu já vi, e ainda assim não há um pingo de química sexual entre nós. Eu a amo como uma irmã. Inferno, ela ainda parece minha irmã. Temos o mesmo cabelo escuro, olhos azuis, pele morena e merda, passado de merda.

Embora, enquanto minha criação estava em algum lugar entre o triste e frustrante, o dela era francamente insuportável. Mãe viciada em drogas, mal pai, irmão cabeça de merda. Fez meus pais adotivos e sua indiferença flagrante parecer queridos.

—Então vamos ouvir—, diz Sabrina, empurrando sua salada Caesar encharcada em torno do prato dela. —Você só me arrasta para esta armadilha turística com comida de baixa qualidade quando você precisa me pedir algo e você não quer que Wall Street saiba disso.

Eu aceno em agradecimento quando o garçom traz outra bebida. Ele não pergunta se meu hambúrguer mal tocado está bom, provavelmente porque ele sabe como está queimado, como o pão está velho e não quer lidar com isso. Eu não me importo. É um lanche liquido do dia de qualquer maneira.

—Eu preciso de Vanessa Lewis.

Sabrina solta um longo suspiro. —Droga. Você não pede favores com frequência, mas quando você faz, eles são estouros. Se você acha que eu sou exclusiva com a clientela que eu vou assumir, Vanessa é ainda mais exclusiva.

—Por que você acha que eu liguei para você? Liguei para o escritório dela; ela não vai me dar a hora do dia, e eu preciso dela. Ela é a melhor advogada de defesa na cidade. Se ela conseguiu tirar de Ray Iris as acusações do esquema Ponzi, ela pode me tirar das falsas acusações de negociação com informações privilegiadas.

Sabrina gira seu vinho. —Ela só aceita clientes que acredita serem inocente. Ela gosta de ganhar, mas apenas quando acredita que é verdadeiramente justiça.

—O que esse seria—, diz um recém-chegado.

Sabrina e eu olhamos para cima para ver Matt Cannon caindo no espaço ao lado dela.

—Como diabos você nos encontrou?— Eu pergunto.

—Por favor—, diz ele, estendendo a mão, pegando o garfo de Sabrina e tomando uma mordida de sua salada. —Você sempre vem aqui quando está de bom humor. Somente Deus sabe por quê.

Ele aponta o garfo para a salada. —Isso é nojento. — Ele lava para baixo com um gole de seu vinho.

—Por todos os meios—, ela ronrona em uma voz perigosa que geralmente significa morrer.

—O que é meu é seu.

—Realmente?— Ele pergunta, virando-se para ela, seu olhar caindo para o decote dela.

—Continue. Experimente —, ela diz. —Eu tenho estado em um clima de castração ultimamente.

Eu estremeço —Vocês duas crianças podem se dar bem, só até o final desta refeição?— Matt empurra o queixo em direção ao meu prato. —O que é isso?

Sem palavras, eu entrego o prato para ele.

—Estamos cientes da agente da SEC às dez horas?— Matt pergunta, dando uma mordida no hambúrguer sem olhar para a mesa de Lara.

—Sim. Nós estamos ignorando ela —, diz Sabrina.

Concordo com a cabeça, embora, verdade seja dita, está tomando cada grama de força de vontade para não olhar para ela. Eu me recuso a dar a ela a satisfação, mesmo que eu esteja faminto por um olhar. Interação. Qualquer coisa.

Já se passaram três dias desde que ficamos cara a cara na sala de conferências com apenas um Frappuccino da Starbucks entre nós. Um dia e meio desde que os caras disseram para me afastar dela.

E eu tenho consciência de todos os malditos minutos.

Parcialmente porque vai contra a minha natureza sentar em minhas mãos e esperar pelo tempo, mas também porque o desafio dela me faz sentir vivo.

—Ian quer Vanessa Lewis—, diz Sabrina, preenchendo Matt com nossa conversação.

Matt acena com a cabeça. —Como ele deveria. Mas eu disse a ele que você não poderia pegá-la.

Eu reviro meus olhos. Ele não me disse nada disso, mas eu sei o que ele está fazendo. Um touro com uma capa vermelha acenando em seu rosto tem mais contenção do que Sabrina quando Matt emite um desafio. Eles são dois dos meus melhores amigos, mas a relação deles um com o outro é contencioso em um bom dia.

—É Vanessa Lewis—, diz Sabrina, exasperada. —O horário dela está reservado por anos—

—Não é por isso que todo mundo lhe paga muito dinheiro?— Matt pergunta, puxando-a e tirando o guardanapo do seu colo e usando o para limpar o ketchup do lábio inferior. —Porque você deveria ser a melhor para levar as pessoas o que elas querem? Obtenha Vanessa para Ian.

—Eu *sou* a melhor—, ela diz. —Mas eu não 'só pego as pessoas' porque você manda.

Matt dá de ombros. —Parece que você não pode pegá-la. —

—EU-

—Pessoal. — Eu levanto minhas mãos. —Esse ódio mútuo é desgastante.

—Eu vou fazer alguns telefonemas—, resmunga Sabrina, puxando o livro de couro vermelho que ela carrega com ela em todos os lugares e fazendo uma nota. —Mas você precisa de uma lista de backup, Ian. Apesar do que o Boy Wonder pensa aqui, eu não sou um mágico.

Matt acena com a cabeça. —Kennedy e eu podemos ajudar com uma lista.

Eu mal estou ouvindo. Eu finalmente cedi à vontade de olhar para a mesa de Lara novamente, mas ela se foi.

Eu tento dizer a mim mesmo que o que sinto é alívio.

Eu odeio como o inferno que não é.

8

LARA

Semana 2: segunda-feira de manhã

—É como eu te disse—, Kate Henley diz em um tom suave para o inferno.

—Sr. Bradley está indisponível no momento.

—No momento?— Eu pergunto com exasperação. —Ele está indisponível há quase uma semana.

—Ele é extremamente ocupado.

—Eu também—, eu digo. —Eu tive a certeza pelo Sr. e Sra. Wolfe que eu teria total cooperação da empresa.

—E você tem nossa total cooperação. O que posso fazer para você?

As palavras são mel puro e completamente desmentem a expressão *me merda* dela que me diz que estou sendo alimentada com uma linha. Eu inalo por paciência. —Você pode me dar um lugar no calendário do Sr. Bradley.

—Claro. — Ela toca algo em seu teclado. —A próxima quinta-feira às quatro horas está bom?

—Parece uma semana e meia de distância.

Ela dobra as mãos em sua mesa e levanta as sobrancelhas em um tom claro de aceite ou deixe isso, mas é tudo que estou oferecendo.

Se eu não estivesse tão frustrada com a mulher, eu a admiraria. Na verdade, risque aquilo. Eu a admiro. Kate não é apenas a assistente de Ian, ela também trabalha para Matt Cannon e Kennedy Dawson, e ela gerencia os três cabeças duras, corretores de investimento egocêntricos com mais desenvoltura do que eu vi qualquer outro assistente gerenciar um, tudo ao mesmo tempo parecendo uma colegial adulta.

Kate usa o cabelo castanho escuro puxado para trás com uma simples faixa na cabeça. Os olhos dela são largos e castanhos e sem maquiagem. Suas blusas são abotoadas até o topo, as saias sempre abaixo do joelho. Na semana passada, ela estava vestindo Mary Janes.

Sua aparência é toda doçura suave, um contraste direto com sua personalidade, o que pode ser melhor descrito como fodona.

Não há chance de que ela me encontre no meio do caminho.

—Próxima quinta-feira seria ótimo—, eu digo com um sorriso forçado.

Ela balança a cabeça e adiciona ao calendário dele. —Enquanto isso, ficaria feliz em responder a quaisquer perguntas que você tenha.

—Sim, porque você foi tão útil quando nos conhecemos na semana passada—, eu murmuro.

Eu fiquei sentada com Kate por quase uma hora na tarde de sexta-feira e, impressionantemente, ela conseguiu responder a todas as perguntas com poucas palavras como humanamente possível.

Você trabalha no Sr. Bradley há cinco anos?

Sim.

Você diria que ele é um empregador justo?

Sim.

Você já o viu se correspondendo com algum funcionário da J-Conn?

Não.

Bradley já pediu para você mentir por ele?

Não.

—E o Sr. Cannon e o Sr. Dawson?— Como os confidentes mais próximos de Ian, eles estão no topo da minha lista de entrevistas, mas até agora têm sido difícil de encontrar como o próprio Ian.

Entendi. Eles estão protegendo um ao outro. Então, eu tenho sido paciente, aguardando meu tempo, vasculhando todos os registros eletrônicos e em papel com um pente fino na semana passada.

Eu não encontrei nada – nem uma única coisa que podemos usar para conectar Ian e J-Conn.

Não que eu esteja surpresa. O homem me parece impetuoso, mas não tolo. Ele não vai colocar nada incriminador por escrito.

Ele pode, no entanto, dizer algo para seus melhores amigos sobre bebidas.

Kate está clicando inativa em seu teclado. —Eu posso te agendar com Mr. Cannon na próxima terça-feira. Sr. Dawson...

Eu sugo outra respiração por paciência enquanto ela toma seu tempo doce checando horários de seus chefes. Eu joguei esse jogo desde que posso pagar.

Mais disso e vou ter que passar por cima de todas as cabeças, o que eu particularmente não quero fazer. A última coisa que eu preciso é de mais hostilidade se eu quiser fazer algum progresso. Eu posso bancar o policial malvado se for preciso, mas o meu registro é o que é porque eu uso sutileza, não socos ingleses, para conseguir o que quero.

O telefone de Kate toca, e ela levanta um dedo, por favor, enquanto ela pega.

Estou prestes a dar-lhe um dedo próprio - um diferente - quando passo por cima da cabeça de Kate, eu vejo uma cabeça marrom familiar se movendo em direção ao seu escritório, copo Starbucks branco na mão.

É a abertura pela qual eu estive esperando.

Quando Kate volta sua atenção para a tela do computador, eu me empeno em direção ao homem, conseguindo pisar na frente dele antes que ele possa entrar em seu escritório.

Os olhos castanhos de Kennedy Dawson estão frios e entediados quando ele olha para mim.

—Sim?

—Sr. Dawson,— eu digo, estendendo a mão. —Nós não tivemos o prazer de uma reunião ainda.

—Porque não há nada de prazeroso nisso—, ele responde, com relutância apertando minha mão.

Kennedy é um homem muito atraente. Por um lado, ele tem covinhas. Realmente grandes covinhas. Não que elas estejam presentes agora, mas eu o vi rir com o Ian no outro dia fora da sala de conferências. Ele usa óculos na metade do tempo, como ele está hoje, e enfatiza o jeito

quieto e erudito que ele carrega. Os ternos dele são clássicos, suas gravatas nunca chamativas.

Minha família tem uma obsessão por filmes clássicos, então me deixe colocar desta forma: se Ian tem o orgulho de Cary Grant, e Matt tem o charme de Paul Newman, Kennedy tem a coisa tensa de pensar para ele, um pouquinho de Humphrey Bogart com Clint Eastwood. *Yum*

Em outras palavras, eu definitivamente deveria estar sentindo algo quando nossas palmas fazem contato. Kennedy parece com todas as versões do que venho sonhando desde que cheguei à puberdade. Quieto. Sensível. Seguro. Ele é o oposto de Ian Bradley, e, portanto, exatamente o que estou procurando.

Eu espero pela consciência feminina esperada, e... nada.

Não um zip, nem uma faísca, nem mesmo uma vibração.

Ele deixa cair o aperto de mão assim que pode sem ser rude e julgar do quase desdém em seu rosto, eu não acho que ele sentiu nada também.

—Posso ajudar?

—Absolutamente—, eu digo rapidamente, antes que Kate possa desligar o telefone e correr com a interferência usual de cão de guarda. —Eu gostaria de alguns minutos do seu tempo.

—Para discutir Ian.

—Para discutir seu conhecimento da conexão da Wolfe Investments com a J-Conn.

—Fale com minha assistente para marcar uma hora.

Ele tenta se aproximar de mim, mas eu evito com ele, ganhando um olhar.

—Eu tentei, mas tenho a sensação de que você estará reservado até onde o Sr. Bradley e o Sr. Cannon estão.

—Bem, lá vai você. Se você me der licença... — Outro passo, que eu combino de novo.

—O que você está fazendo agora?

—Eu tenho uma reunião. — Ele é um bom mentiroso, mas não é bom o suficiente. Ele esperou só um batimento cardíaco muito longo para responder, me dizendo que é uma desculpa.

Eu olho para o meu relógio. —São 8:51. Eu estou supondo que sua reunião é às nove, então eu vou te fazer companhia até lá.

—Senhora. McKenzie...

—Eu poderia receber uma intimação, Sr. Dawson. Ou você poderia me convencer de que eu não preciso de um. Para tudo isso.

Ele continua, sem me desculpar, me estudando. —Cinco minutos.

—Isso é tudo que preciso.

Ele abre a porta do escritório e faz um movimento exagerado para eu seguir ele para dentro.

Eu tenho que esconder um sorriso, porque o escritório é exatamente o que eu esperava.

Enquanto as áreas comuns da Wolfe Investments são todas elegantes e modernas, o escritório de Kennedy parece um passo atrás no tempo

para quando os homens fumavam charutos e o único trabalho corporativo para mulheres era como datilógrafo. Sua mesa é de madeira escura com detalhes ornamentados. As cadeiras são de couro de mogno com a quantidade certa de desgaste para ser convidativo em vez de abafado. Todas as paredes não-horizontais são cobertas com estantes de livros, e eu já estive em escritórios de executivos da Wolfe na semana passada para saber que eles são uma adição personalizada.

—Problema?—, Pergunta ele, dando a volta na mesa e colocando o café em um apoio de mesa.

—Não. Apenas tentando descobrir onde você mantém o globo mundial e o tabuleiro de xadrez.

Por um momento, eu juro que seus olhos brilham em diversão, mas ele fecha para baixo, apontando para uma cadeira de convidados em frente à sua. —Cinco minutos, Ms. McKenzie.

Certo.

Eu sento e cruzo as pernas, desejando ter algo para escrever, mas é o que eu ganho por emboscar o cara. —Kate vai ficar chateada?— Eu pergunto, parcialmente para aliviá-lo na conversa, mas também porque eu realmente estou curiosa o quanto vou pagar pelo meu pequeno truque.

Desta vez ele não se incomoda em esconder sua diversão. —Provavelmente. Pode ser bom para ela.

—Sim, ela é muito... regida.

—Essa é uma palavra para isso. — Ele toma um gole de café.

—Ela trabalha para você, Sr. Bradley, e o Sr. Cannon?

—Sim. Que é algo que você poderia ter descoberto sem pegar meu tempo.

—Como isso aconteceu, ela assumiu os três?—, Pergunto, ignorando sua grosseria.

Kennedy suspira, tamborilando os dedos na mesa. —Quando Ian, Matt e eu, cada um foi promovido a diretor, nos foi dada a oportunidade de contratar nossos próprios assistentes. Kate já trabalhava como assistente de escritório para alguns de nós quando Júnior, e ela foi a melhor.

—E todos vocês a queriam.

—Todos nós queríamos o melhor.

—Então foi uma coisa de competição?

Ele me dá um olhar insípido, toma outro gole de café. —Você veio aqui para discutir o processo de contratação de Kate Henley ou para fazer o seu trabalho?

—Este é o meu trabalho—, eu digo, não remotamente insultado. Eu já ouvi pior do que isso no decorrer da minha carreira. Muito pior.

—Eu pensei que você estava investigando Ian, não Kate ou eu.

—Eu estou. E, para isso, preciso de acesso ao mundo dele. O melhor que posso dizer até agora é, você, a Srta. Henley e o Sr. Cannon.

—Impressionante. Uma semana no trabalho, e você já decifrou o código —, ele diz sarcasticamente.

Eu levanto minhas mãos em sinal de rendição. —Bem. Você quer chegar a isso, eu posso fazer isso. Você conhece alguém de J-Conn?

—Sim.

Eu me sento um pouco mais reto. —Quem?

Ele encolhe os ombros. —Meu pai joga golfe com um de seus diretores seniores. Ray Clouse. Ele veio para a casa da minha família para jantar de volta no dia. Minha irmã namorou um cara que trabalhava em sua equipe de desenvolvimento de produto. Eu o conheci uma vez ou duas vezes. O primeiro nome é Brian, eu teria que procurar pelo último. Um amigo da minha faculdade estava em sua equipe de vendas. Curtis Linder. Eu acho que é isso.

—Bradley já conheceu algum desses indivíduos através de você?

—Não.

—Algum desses indivíduos a qualquer momento indicou qualquer coisa nos dias que antecederam o seu anúncio de falência?

—Meus clientes perderam milhões quando desistiram. O que você acha?

—Acho que isso não é uma resposta à minha pergunta.

—Não—, ele estala, com um olhar aguçado para o relógio. —Ninguém me disse nada; Eu não falo com nenhum deles há anos. Seus cinco minutos estão quase no fim.

—Nós dois sabemos que você não tem reunião nove horas, Sr. Dawson, então você também pode se estabelecer. É para o melhor interesse do Sr. Bradley que você faz.

Seus olhos castanhos se estreitam em mim. —Por que você está atrás dele?

—Estou simplesmente seguindo em frente. Não é como se eu tivesse uma vingança pessoal contra o homem.

Seu polegar desliza lentamente para cima e para baixo no seu copo Starbucks enquanto ele me estuda.

—Você tem certeza disso?

—Sobre o que?

—Isso não é pessoal.

A voz de Kennedy é baixa e calma, mas o golpe não poderia ter atingido mais diretamente se ele tivesse gritado.

Eu nunca fui nada além de 100 por cento profissional em um caso, mas estou perigosamente perto de deixar as motivações pessoais entrarem nesta. Não só porque poderia ser meu ingresso no FBI, mas porque honestamente não posso dizer que minhas opiniões sobre Ian Bradley são apenas relacionadas ao trabalho.

Ainda assim, não vou admitir isso aqui, então mantenho minha voz impassível. —Eu fui designada para o caso. Estou acompanhando as alegações que me foram entregues pela SEC.

—E quanto ao acusador?— ele diz.

—Desculpa?

—Você disse que conhecia as alegações. Mas você não sabe quem fez as alegações, correto?

—Eu não posso responder isso.

Ele sorri em vitória. —Você acabou de fazer.

Eu mordo minha bochecha para não reagir. *Coloque tudo sob controle, Lara. Você é melhor que isso.*

Eu pulo direto para o que Kennedy acha que ele sabe.

—Você diria que Sr. Bradley é hábil em seu trabalho?

—Sim.

—Melhor que você?

—Não.

Eu me inclino para frente. —E ainda assim, você perdeu dinheiro com J-Conn. Ele não fez isso. Por que você acha que é isso?

—Porque é assim que esse negócio funciona, senhorita McKenzie. Você ganha alguns, você perde alguns. Você quer que eu puxe uma lista de ações que eu fiz quando Ian perdeu? Eu posso. Outras empresas ele se beneficiou quando eu não fiz? Eu posso fazer isso também. A única coisa diferente sobre o J-Conn é a extensão da perda.

—É uma grande diferença, no entanto. Você mesmo disse que perdeu milhões. Como seus clientes se sentem sobre isso?

—Realmente fantástico, obrigado por falar sobre isso—, diz ele com um olhar entediado sobre meu ombro, como se estivesse perdendo seu tempo.

Eu até posso ser. Deus sabe que isso está se moldando para ser um desperdício meu.

Inferno, para esse assunto, todo esse caso está começando a parecer uma perda de tempo, e eu realmente não preciso disso.

Meu chefe me garantiu que fritaria um peixe tão grande como Ian poderia ser o golpe, eu preciso fazer as admissões de Quantico me notarem.

Apenas o peixe e sua frota não estão cooperando. Ou eles são um pacote de malditos mentirosos impressionantes, mais hábeis em destruir evidências e cobrir seus rastros de qualquer empresa que eu encontrei até agora, ou a dica que recebemos é falsa.

Não é que eu ache que Ian é incapaz de infringir a lei. É que eu acho que ele está perto demais com as pessoas ao seu redor para não confiar em um deles ou tê-los colocando as peças juntas. E enquanto Kate e Kennedy, e eu suspeito que Matt também, com certeza cobririam Ian...

Eu não entendo o que eles são. Eles estão genuinamente irritados pela minha presença. Ainda assim, eu tento mais uma pergunta, sabendo que meu tempo é limitado e sua paciência está no final.

—Sr. Dawson, percebo que o Sr. Bradley é um amigo e também um colega. Eu respeito isso. É por isso que você precisa entender que a melhor maneira que você pode protegê-lo é ser honesto comigo sobre qualquer conexão que ele possa ter com JConn.

Ele fica em silêncio por um momento. —Você quer que eu seja honesto.

Eu concordo. —Sim.

—Você quer que eu lhe diga qualquer coisa sobre ele que possa ser útil para você.

Eu resisto ao impulso de revirar os olhos. —Sim, absolutamente.

—Tudo bem então. Talvez isso seja útil... Eu não acho que eu já vi ele tão chateado.

—Quando?— Eu pergunto, inclinando-me para frente.

—Agora mesmo.

A declaração grosseira não é de Kennedy. Ele vem de trás de mim, e mesmo se eu já não ouvisse aquela voz em meus sonhos sujos à noite, eu saberia exatamente a quem pertence o crescente sorriso de Kennedy.

Respirando fundo, eu me levanto e me viro para encarar um Ian muito irado.

9

IAN

Semana 2: segunda-feira de manhã

—Meu escritório. Agora.

Eu não me preocupo em esperar para ver se Lara me segue - eu sei que ela vai. Ela estava ofegando por uma reunião por dias e me perseguindo no almoço. Meu escritório fica no canto oposto do nosso andar do Kennedy's. Meu passo longo significa que eu bati nela, mas eu fico na porta até ela entrar, batendo-a fechada e me movendo em direção a ela até que ela recua contra ela.

Eu não quero. Eu não sou o tipo de cabeça de merda que usa meu título ou porte para intimidar as pessoas, mas intimidar não é o meu ângulo aqui. Eu estou chateado.

Puto que ela me seguiu para almoçar na sexta-feira passada. Puto que ela está interrogando meus amigos.

Puto de todos os investigadores da SEC, eu tenho que pegar um que faça meu pau duro. Nós dois estamos respirando pesadamente, e meu olhar cai para sua boca assim que ela fala.

—Dê um passo para trás, Sr. Bradley—, diz ela, seu tom gelado enquanto ela olha para mim. —Agora.

Eu murmuro uma maldição, batendo minha mão na porta atrás de sua cabeça, então uso para afastar-me dela para uma distância segura, onde não quero pressioná-la contra a madeira e deslizar minha mão por

baixo da saia, vendo se a pele dela é tão suave como é nas minhas fantasias.

—Você está me evitando—, diz ela, indo mais longe no escritório.

O tom é legal, o rosto dela impassível. Apenas o ligeiro movimento de sua mão enquanto ela dirige uma palma sobre seu rabo de cavalo desmente que ela está tão impactada por mim como eu sou por ela.

—Sim.

—Eu tinha as garantias da sua empresa de que você cooperaria e recebi a impressão na semana passada na sala de conferências quando você me trouxe café que você estava planejando fazer exatamente isso. O que mudou?

Eu percebi que não poderia estar no mesmo quarto que você e não querer te foder, foi isso que mudou.

Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo. —Fui aconselhado a obter um advogado antes de falar com você ainda mais.

—Prudente—, diz ela, passando um dedo ao longo da borda da mesa. —E você obteve?

Por mais que eu esteja ansioso para ver o rosto dela quando ela souber quem é meu advogado é, eu decido aguardar e ignorar a pergunta dela. —Você conseguiu o que você precisava, assediando meu amigo?

—Eu suponho que você quer dizer o Sr. Dawson. Sim, eu tive uma entrevista esclarecedora com seu colega.

Observo seu fraseado, escolhido com cuidado para contrariar o meu, e reviro os olhos.

—Eu aprendi que ele é ferozmente leal a você. — Ela gesticula no escritório. —E que vocês têm gostos incrivelmente diferentes na decoração.

Eu olho em volta do meu escritório chique. É basicamente outra versão do meu apartamento - vista incrível, móveis elegantes e modernos. É exatamente o que as pessoas esperam que meu escritório se pareça. Também é totalmente substituível. Um tornado poderia acabar com o lugar, e eu não daria a mínima. Isso é algo que aprendi saltando de um lar adotivo para lar adotivo - não adianta se ligar às coisas. Ou pessoas.

Ela balança a cabeça e aponta para uma mesa atrás da minha mesa. —Isso é real? A orquídea?

Eu olho de relance. —Sim. — Seu olhar surpreso me irrita novamente. —O que?— eu estalo.

Lara pisca. —Nada. Você simplesmente não me parece o tipo de pessoa que tem uma orquídea. Eles são notoriamente meticulosos e exigem um pouco de mimo.

—Eu posso mimar. — Assim que as palavras saem da minha boca, eu percebo quão ridículas elas soam e dou de ombros.

—Foi um presente de Natal do ano passado da Kate. Ela e Kennedy têm uma aposta sobre se eu posso ou não mantê-la viva um ano inteiro.

—Qual o caminho que ela apostou?

—Vamos apenas dizer que ela verifica cerca de dez vezes por dia e proibiu Kennedy de fazer qualquer coisa para impedir que a maldita coisa morra.

Ela caminha e estuda a flor. —Parece que você não matou. Ainda.

—Você gosta de orquídeas?— Eu pergunto, notando o sorriso melancólico em seu rosto.

Além de seu gosto chato no café, é um dos poucos detalhes pessoais que eu pude recolher dela e escondi o fato. Porque eu não sei além de algum desejo bizarro de conhecer a mulher se escondendo atrás daqueles paredes profissionais.

—Minha falecida avó tinha uma coleção e tanto. Uma das maiores da área de metrô de DC.

—Você assumiu como o especialista em orquídea da família?

Seu sorriso desaparece. —Não. Eu tentei, mas... eles levam tempo que eu não tenho e atenção que eu não pude dar a elas. Eu aprendi da maneira mais difícil que eram as flores ou o trabalho e...

Ela dá de ombros como se não fosse grande coisa, mas eu apostaria com dinheiro sério, é um blefe. Ela pode pensar que ela está bem dando 100 por cento para o trabalho, mas claramente come para ela.

Ela inala, como se para se recompor, e gesticula para a cadeira da minha mesa. —Posso? Eu tenho algumas perguntas sobre o meu caso.

Seu tom nítido me faz sentir como um idiota. Aqui estou eu, meditando sobre ela, amor de flores, e ela está me vendo como ‘o caso dela’.

Eu dou um breve aceno de cabeça e me sento em frente a ela, mas antes dela se lançar nas perguntas delas, eu atiro uma das minhas próprias. —O que diabos você estava pensando, me seguindo no almoço na sexta-feira?

Se ela está surpresa com a minha franqueza, ela não mostra isso. — Eu esperava que você estivesse comendo sozinho, e que eu poderia ter um momento do seu tempo - desde que você tem me evitado.

Ela me dá um olhar aguçado.

—E uma vez que você percebeu que eu não estava sozinho?

As bochechas dela coram, só um pouco - tão sutis que eu não notaria se eu não tivesse observando-a tão de perto. —Eu pensei que ela pudesse ser uma fonte. Alguém que poderia provar ser útil para o meu caso.

Eu sorrio e chamo de blefe. —Besteira. Você achou que ela era minha namorada.

—Na verdade, não—, ela diz calmamente. —Eu percebi que você e ela estavam tentando não ser visto juntos.

—Por que diabos eu iria querer isso?

Ela encolhe os ombros. —Talvez ela esteja envolvida com outra pessoa.

—Jesus Cristo—, eu digo. —Já é ruim você me acusar de ser um criminoso, agora estou roubando mulheres de outros homens?

—Você esquece que passei uma semana inteira pesquisando cada faceta de sua vida. As mulheres com quem você se conecta romanticamente assumem toda uma almofada.

—Mas nenhuma delas é casada!— Eu explodo. —Eu posso ser um filho da puta, mas eu tenho moral. Eu não aceito o que não é meu.

—Então ela não é uma namorada, nem uma fonte.

—Não—, eu rosno. —Ela é uma amiga e não tem nada a ver com o seu caso de merda, então deixe-a fora do inferno.

—Uma amiga—, diz Lara, sua voz cética. —Quando ela parece assim, e você parece assim... — Ela se interrompe, arregalando os olhos horrorizada quando percebe o que ela disse.

Eu não me importo em esconder meu sorriso enquanto amarro meus dedos atrás da minha cabeça e me inclino de volta na minha cadeira. —Eu pareço com o que, senhorita McKenzie?

Desta vez, o rubor dela é inconfundível. Ela descruze as pernas, depois cruza os novamente e eu sorrio mais largo.

—Eu tenho que dizer, ver você desconfortável é a coisa mais gratificante que eu tenho visto em dias.

—Eu não estou desconfortável.

Eu levanto minhas sobrancelhas. —Você está praticamente se contorcendo.

—Talvez seja porque você está matando sua orquídea—, ela diz.

—Boa evasão, mas alguns de nós conseguem administrar o trabalho e a flor.

Eu digo isso de forma irreverente, mas eu me arrependo assim que digo isso, porque se as bochechas dela estavam corados antes, agora eles são brancos.

Merda. Eu sou um idiota

—Senhora. McKenzie...

—Salve isso—, ela estala, levantando a mão. —Você sabe, acho que é melhor guardar esta reunião para outra hora.

—Olha, me desculpe pelo comentário da flor—

—Não é isso—, diz ela depressa demais. —Eu simplesmente não tenho nada para levar notas sobre.

—Besteira. Eu machuquei seus sentimentos...

—Por favor, pare—, diz ela, em pé. —Isso é o que eu tenho tentado esclarecer para você desde o começo. Nada disso é sobre sentimentos. É negócio. Eu estou no seu calendário para a próxima quinta-feira. Se você puder me encaixar mais cedo, eu aprecio isso. Tenho certeza de que nós dois queremos acabar com isso...

Uma batida na porta a interrompe.

—Sim—, eu digo, minha voz áspera com irritação.

Kate põe a cabeça para dentro, ignorando Lara completamente. —Sr. Bradley, Vanessa Lewis está aqui para te ver.

Lara gira, olhos arregalados e chocados.

É o momento que eu estive esperando, e apesar de eu forçar um sorriso arrogante, parece oco. Eu quero ganhar isso, obviamente, para ter as alegações refutadas e meu nome foi limpo. Mas minha vitória significa que Lara está perdendo. Pela primeira vez desde tudo começou, a ideia não me enche de vitória.

—Vanessa Lewis é sua advogada—, diz Lara, com a voz atordoada.

Não somos apenas nós em Wall Street que conhecemos a reputação de Vanessa levando clientes que ela acredita serem inocentes. A SEC também sabe disso.

Volto minha atenção para Kate. —Envie a Sra. Lewis para dentro. A Sra. McKenzie estava de saída.

—Eu estava—, diz Lara, levantando o queixo, a confiança restaurada quando ela se vira nos seus calcanhares e caminha em direção à porta. Quando ela está ombro a ombro com Kate, ela para.

—A propósito, ele está exagerando. Parabéns, deve estar morta a algum tempo.

Kate olha assustada para a orquídea, depois avalia Lara, que não recua enquanto se dirige pelo corredor.

—É estranho que eu posso gostar dela? —Kate pergunta.

Não, eu acho.

O que é estranho é que eu sei que eu gosto dela. *Não*, eu acho.

O que é estranho é que eu sei *que* gosto dela.

10

LARA

Semana 2: quarta-feira de manhã

—Lara, oi!— Steve Ennis olha para cima de sua mesa, piscando surpreso ao me ver de pé em sua porta. —Pensei que você estivesse na Wolfe hoje.

—Eu estou indo para lá em seguida. Eu só precisava pegar algumas coisas da minha mesa. — E estava esperando pegar você.

Eu continuo dizendo a mim mesma que estou paranoica, mas tenho quase certeza de que meu chefe está me evitando. Eu enviei a ele três e-mails em alguns dias e ele não respondeu para qualquer um. Nem retornou minhas duas mensagens de voz.

—Você tem um minuto?— Eu pergunto quando ele não me convida para entrar.

—Certo. Claro, venha, —ele diz, fechando a pasta que ele estava lendo.

—Feche a porta.

A diferença entre o escritório de Steve e o de Ian é quase cômica. Ambos são configurações de escritório extravagantes, mas genéricas, mas uma é a falta de orçamento, a outra de falta de carinho.

A SEC é a primeira categoria. Para começar, o escritório fica no décimo segundo andar em vez do milionésimo. Steve tem um escritório de esquina, mas em vez de ver os topos de Nova York, temos uma visão geral

de outro escritório e um prédio de apartamentos com moradores que se recusam a fechar suas cortinas com mais frequência do que não.

A estética interior é diferente também. Luzes fluorescentes, papel espalhado e grampos, uma cadeira cansada e o cheiro perpétuo de café velho.

Meu chefe se encaixa bem. Ele não é um homem de aparência ruim, mas se encaixa mal em um terno de merda não faz nada para lisonjear seu meio sempre em expansão, e sua espessura cabeça de cabelo sal-e-pimenta poderia fazer bem com um corte de cabelo que custa mais do que doze dólares em sua pausa para o almoço.

Isso, ou talvez eu tenha passado muito tempo com os polidos da Wolfe Investimentos.

—O que eu posso fazer por você?— Ele pergunta enquanto eu sento e cruzo as pernas. É só eu ou a voz dele parece muito agitada, otimista demais?

—Você conseguiu meu relatório de status no caso J-Conn / Bradley?

Ele acena com entusiasmo. —Sim. Soa como um verdadeiro durão que nós arremessamos para você.

Um verdadeiro durão? Não ser capaz de encontrar qualquer evidência depois de mais de uma semana de olhar não é um durão. É chamado de não ter um caso.

—Ele deixou você em seus arquivos pessoais?— Steve pergunta. —Caras assim não vão colocar qualquer coisa nos servidores da empresa.

—Ele fez. E seu e-mail. Eu estou apenas na metade do caminho, mas as chances de haver qualquer informação útil lá é nula.

—Você está dizendo que acha que ele destruiu alguma coisa?

—Não—, eu digo com cuidado. Não é como se Steve pusesse palavras na minha boca. —Eu acho que nos seis anos que eu tenho feito isso, ninguém foi estúpido o suficiente para deixar provas em seus arquivos pessoais. Você sabe tão bem quanto eu que solicitar os arquivos é uma técnica de paralisação.

Seu olhar aguça um pouco, seu sorriso escorregando.

Eu não sou insubordinada, sou conhecida por ser fácil de trabalhar. Eu sou conhecida por ser tenaz e completa. Mas algo está acontecendo aqui que eu não estou sendo totalmente informada, e isso está começando a me irritar. No começo eu pensei que era apenas alguma estranha reação intestinal mexendo com a minha cabeça, e eu não dei muita importância ao meu instinto. No entanto, os fatos não estão se alinhando, também. Não há nada e eu quero dizer nada, ligando Ian Bradley a J-Conn.

No entanto, eu me lembro. Nada ainda.

—Olha, Steve, você me colocou neste caso porque confia em mim. Eu estava no seu casamento, pelo amor de Deus—, eu digo, apontando para a foto da família em sua mesa tirada há um par de anos atrás.

Seu terceiro casamento, mas quem está contando.

—Eu preciso saber por que você acha que a nossa fonte é confiável—, eu digo. —Eu preciso saber o que você sabe. Quem nos deu a dica? Quais os detalhes que ele te contou?

Ele já está balançando a cabeça. —Não posso fazer isso.

—Por quê?— Eu digo, perigosamente perto de jogar meus braços no ar com exasperação completa.

—Eu já disse a você, este é um informante confidencial. Foi parte do lidar quando ele veio para mim. Eu sou o único a saber sua identidade até que chegue o tempo para testemunho.

—Steve. — Eu uso minha voz gentil e tento o tom calmante que uso com as testemunhas nervosas. —Se o informante é muito escorregadio para se apresentar agora, o que faz você pensar que ele vai testemunhar? Você sabe com que frequência as testemunhas perdem a coragem quando é a hora de colocar seu nome no papel. Ser rotulado como um denunciante é tão prejudicial a reputação de criminoso.

Se não mais. Wall Street desdenha um trapaceiro.

Mas eles detestam um denunciante.

Embora eu nunca esteja a par das conversas reais, não é inédito que grandes jogadores tomam as coisas em suas próprias mãos. Em vez de vir para a SEC com suas informações, eles vão diretamente para o ofensor com uma formação de bolhas novamente, e eu vou cortar você nos joelhos.

Isso é considerado um sinal de respeito entre os colegas.

A fonte de Steve está significativamente abaixo do status de Ian e tem zero de autoridade para ficar cara a cara com ele diretamente ou ele está se escondendo atrás da SEC.

Eu não me importo. É para isso que estamos aqui. Mas isso me diz que não estamos lidando com alguém com muito bronze. E essas fontes são as mais propensas a desistir quando chega a hora de testemunhar.

E se isso acontecer, adivinhe quem está preso segurando um estojo quebrado... Eu.

—É a minha reputação na linha também—, eu digo baixinho para Steve. Eu não estou indo implorar, mas também não vou ser um peão.

Steve dá uma sacudida enfática de cabeça e fica de pé, indicando que a conversa acabou. —Você não precisa se preocupar com isso.

Eu me levanto e encontro o olhar do meu chefe de frente. —Você essencialmente me disse que esse caso poderia ser minha vitória de alto nível para garantir a atenção de Quantico. Se a investigação nunca ultrapassar o estágio informal, não será de grande repercussão. Vai estar parado na água.

—Vai chegar ao estágio formal—, ele diz com desdém, dando a volta na mesa para a porta.

—Mas é isso que estou tentando te dizer—, digo, seguindo-o até a porta e tentando esconder minha impaciência. —Até agora, não temos garantia de uma investigação formal. Não consigo encontrar uma única evidência ligando Ian Bradley a JConn ou qualquer pessoa com conhecimento interno da desgraça iminente de J-Conn.

Steve abre a porta, minha rejeição é clara, mas não sem um tiro de despedida.

—Lara, você ainda quer a recomendação do FBI?

—Claro.

—Então encontre alguma maldita evidência.

11

IAN

Semana 2: quarta-feira à tarde

Vanessa Lewis é a imagem cuspida de Beyoncé, tem a confiança para combinar, e assim é a mulher mais gostosa que eu conheço.

E eu nunca vou pegar.

Por quê? Não se pega o advogado dele. Até eu sei disso.

Além disso, ela não é a que eu quero.

—Ian. Você está ouvindo?

Paro de dedilhar meus dedos contra a madeira de mogno da minha mesa enquanto percebo que tenho olhado fixamente para ela o tempo todo em que ela está falando. Este é o nosso segundo encontro. O da segunda-feira foi cuidar da logística. Discutindo sua taxa, assinando seu retentor, etc. Esta reunião é sobre o meu caso, e eu estou... não estou prestando atenção.

—Desculpe. — Eu me sento reto. —O que?

Seus olhos castanhos estreitam-se ligeiramente, lábios cheios apertando enquanto ela se senta na cadeira em frente a mesa e me estuda.

—Ian—, ela diz finalmente. —O que você sabe sobre mim?

—Uh... — Meu cérebro se embaralha. Isso é uma pergunta complicada? Parece um truque.

—Por que você acha que eu tomei o seu caso?— Ela altera, aparentemente lendo o meu pânico.

Relaxo. Eu tenho isso. —Porque você acredita que eu sou inocente.

É a outra razão pela qual estou impressionado pela mulher. Além de ter um disco quase perfeito, ela tem algo mais raro do que o seu diploma legal: integridade.

É uma peculiaridade interessante que lhe rendeu tanto desdém quanto admiração.

Eu estou na última categoria.

Ser inocentado de todas as alegações é minha principal prioridade, obviamente, mas eu não quero que seja nas mãos de alguma cobra que não se importa de um jeito ou de outro se eu sou um babaca criminal.

—Eu acredito que você é inocente—, diz Vanessa, trazendo minha atenção de volta para dela. —E fico feliz por ter conseguido lidar com o seu caso. Mas assim como eu espero que meus sejam honestos comigo, eu acredito em ser honesta com eles.

—E?

—Seu caso não é bom, Ian.

Eu tenso, meus dedos retomando a batida na mesa. —Você já sabe disso?

Ela levanta um ombro. —Eu tenho mais pesquisas para fazer, obviamente. Mas aqui está o que está me incomodando... tipicamente, quando a SEC recebe algum tipo de dica sobre espionagem industrial, eles lançam uma investigação informal para examinar sua origem e determinar

a legitimidade potencial da acusação. Quais eles têm. Mas até agora, eu vi o que eles viram dos arquivos, e não há muito lá. Não há nenhuma conexão entre você e o J-Conn que eu encontrei, o que significa eles também não encontraram.

Eu tento seguir. —Isso não é uma coisa boa?

Ela sacode a cabeça. —Nem um pouco. Com a falta de evidências concretas que estou vendo, Lara McKenzie deveria ter feito as malas até agora. Em vez disso, ela ainda está acampada naquela sala de conferências empurrando papéis por aí.

—Significa?

—Qualquer que seja a gorjeta que estejam recebendo, seja qual for a evidência que acham que possam encontrar, eles têm certeza que podem ganhar com isso—, diz ela com naturalidade.

Merda.

—Nem eu amo que seja Lara McKenzie trabalhando no seu caso—, Vanessa continuou. —Ela parece um cordeiro, mas pensa como uma raposa. Quais são suas impressões dela?

Bem inferno. Eu não posso dizer a ela a verdade - que Lara e seus óculos quentes estão se repetindo nas minhas fantasias mais sujas. Abaixo de mim, acima de mim, na minha frente inclinado sobre a minha mesa...

Mas eu não posso mentir para ela também. Ou melhor, eu poderia, mas Vanessa deixou claro nosso primeiro encontro que se ela descobrisse que eu estava mentindo, ela deixaria meu caso mais rápido do que uma ostra ruim. Suas palavras.

—Ela parece um livro—, eu evito. —Segue as regras.

Vanessa assente com a cabeça. —É exatamente por isso que ela é tão boa e, receio, que é exatamente por isso que eles a colocaram no seu caso. A reputação de McKenzie é quase tão boa quanto a minha. Ela não joga poder, não se encaixa. Ela recolhe e recita fatos e os juízes a amam por isso.

—Ela não pode recitar fatos que ela não tem, no entanto. Então, a menos que ela esteja fazendo eles acima...

—Ok, vamos voltar—, diz Vanessa, mudando o tom para reconfortante. —Nós precisamos descobrir por que você está em sua mira. Eles estão aqui porque conseguiram uma dica, mas não sabemos quem está acusando você ou por quê.

—Eu já te disse-

—Eu sei, eu sei, nenhum inimigo mortal, nenhum arqui-rival para te derrubar— ela interrompe. —Mas olhe, Ian, isso não é um filme. A pessoa por trás disso não vai estar à espreita em sua visão periférica fazendo ameaças evidentes com uma risada sinistra. A resposta estará nas sutilezas.

—Eu realmente não faço sutilezas—, eu digo honestamente. —Em qualquer coisa.

Ela me surpreende rindo. —Então eu ouvi. Mas é hora de começar, pelo menos por esta.

Vanessa se levanta e empurra um bloco de anotações amarelo em branco do outro lado da mesa para mim.

—Eu quero que você faça uma lista de todas as pessoas com as quais você cruzou no último ano. Inferno, faça dos últimos dois anos. Qualquer um que possa estar ciumento, ressentido, chateado, escreva o nome

deles. Não desconte as pessoas que você acha que são amigas. Qualquer um com quem você brindou anote.

—Eu não bebo bourbon—, eu murmuro.

—Negronis, então, seja o que for.

Eu olho de surpresa que ela conhece minha bebida favorita.

Ela levanta as sobrancelhas. —Eu lhe disse que faria minha lição de casa. Se quisermos ganhar essa coisa, vou precisar aprender cada detalhe sobre você. Eu preciso saber todos seus segredos, toda marca de nascença em suas bolas...

Eu levanto meu dedo. —Não tenho uma dessas. — Tenho certeza.

Ela bate uma unha pintada de coral contra o bloco de notas. —Nomes, Ian. Escreva os abaixo e faça isso hoje. O tempo está contra nós aqui. Sua persistência me faz achar que eles estão determinados a transformar isso em uma investigação formal, e se eles fizerem, nossas chances de ganhar são cortadas nos joelhos.

Eu engulo, muito menos confiante agora do que eu estava no começo do encontro. Ela se levanta e me dá um aceno superficial.

—Eu vou estar em contato—, diz ela, socando alguma coisa no telefone dela. Eu pego uma caneta quando Vanessa sai pela porta, telefone já colado na orelha dela.

Girando minha cadeira, me viro para a tarde nublada, batendo na caneta contra a almofada. Eu sei que deveria estar pensando em mim mesmo, tentando descobrir quem pode estar querendo me derrubar, mas não consigo parar de pensar em como Lara e eu estamos possivelmente

procurando exatamente a mesma coisa: o que diabos está amarrando eu em J-Conn. A ironia é que eu não tenho a menor ideia.

Acabei de começar o processo de nomear todos os idiotas de Wall Street quando Matt entra no meu escritório sem bater.

—Como foi com o advogado?

Eu olho para cima, grato pela distração. —A boa notícia é que ela acredita que eu sou inocente.

—E a ruim?

Eu deixo cair a minha caneta e esfrego as mãos no meu cabelo. —A SEC ainda não.

Ele grunhe e cai na cadeira em frente a mim. —Ainda temos certeza de que é JConn que eles estão cheirando atrás?

Eu dou de ombros. —Lara mais ou menos confirmou isso.

Suas sobrancelhas sobem. —Lara?

—Senhora. McKenzie. Tanto faz. — Eu aceno minha mão no ar. —Precisamos descobrir quem mentiria para a SEC sobre mim e por quê?

Matt olha para o bloco na minha mesa. —Essa é a sua lista?

—Comece nisso. Você tem alguém?

—Foda-se a lista. É um tiro no escuro. Se você quiser saber quem entrou em contato a SEC, você tem que ir direto para a fonte.

Eu sacudo minha cabeça. —Eu já tentei isso, lembra? Ela não vai dizer nada.

—Isso foi na semana passada. Tente novamente.

—O que você quer que eu faça, interrogá-la?

—O que for preciso, cara. Seu charme não funcionou antes, então use seu outro ás na manga.

—Meu melhor ás está nas minhas calças.

Ele revira os olhos. —Mantenha-o fechado. O que eu quis dizer foi desgaste-a. Em todo o resto, você é implacável em conseguir o que quer, mas você está puxando seus socos com ela. Por quê?

Eu olho para o bloco de notas. Ele tem razão. Eu odeio que ele esteja certo. Odeio ainda mais que eu não tenho uma resposta para ele. Não estou pronto para admitir em voz alta de qualquer forma.

—Ela não está puxando socos com você—, diz Matt em voz baixa. —Ela seguiu você no outro dia para obter as informações que ela queria.

—Então?

—Então, talvez seja hora dela ter um gostinho de seu próprio remédio.

12

L ARA

Semana 2: sexta à noite

Minha melhor amiga tem muitas boas qualidades, muitas habilidades úteis. Suas habilidades de cupido?

Não é uma das suas virtudes.

Eu puxo meu telefone da minha bolsa e verifico a hora novamente. 7:20.

Ou meu encontro às cegas está vinte minutos atrasado ou ele não vem.

E eu acho que isso diz muito sobre mim que eu não posso decidir o que é pior:

A perspectiva de suportar um encontro ruim ou nenhum encontro.

Minha vida amorosa não é exatamente o que você chamaria de prosperidade. Meu relacionamento mais longo foi no ano passado, durou cinco meses, e terminou com tanta excitação quanto começou, o que não está dizendo muito.

Vamos apenas dizer que a vida como um agente da SEC não parece provocar muita química na área romântica. Mesmo quando consigo tirar o trabalho da mente, eu acho que os caras cheiram a trabalhadora em mim.

O melhor que posso dizer é que os rapazes querem a festeira divertida ou a garota suave e caseira. Eu também não sou. Eu não tenho certeza se sou mesmo a —mulher de carreira quente—, porque até ela

deveria saber como relaxar no final da noite e, bem... não é uma habilidade que eu dominei.

A maior parte do tempo eu estou bem com isso. Eu aprendi que nesta fase da minha vida, eu posso me concentrar na minha carreira ou pessoal, mas não em ambos.

Veja: minhas orquídeas mortas.

Eu me encolho, ainda odiando que eu deixei o idiota do Ian chegar a mim no outro dia. Elas são flores, pelo amor de Deus. É apenas... se eu não posso manter uma flor viva, como diabos eu deveria descobrir como fazer um relacionamento funcionar a longo prazo?

Um garçom se aproxima, e o abençoe por ter aperfeiçoado seu olhar de julgamento quando eu me sento sozinho em uma mesa para dois. — Algo do bar enquanto você espera?

Eu sorrio, grato por estarmos fingindo que esta não é a segunda vez que ele pergunta. —Sim, por favor. — Qualquer coisa. —Vou tomar um copo de vinho branco. Algo fresco, não muito doce. Surpreenda-me.

Ele concorda. —Eu sei exatamente o que.

Se é alcoólico, tenho certeza que vai ficar bem.

Eu envio um texto a Gabby.

Nenhum sinal do seu cara. Ele disse alguma coisa?

Ela responde imediatamente.

Merda, realmente? Não, deixe-me mandar uma mensagem para ele.

O garçom deixa cair o meu vinho, e eu sorrio em agradecimento quando outra mensagem de texto chega, esta da minha mãe.

Ei querida, tempo para um bate-papo por telefone amanhã? Me desculpe por estar tão ocupada.

Sem problema, eu mando de volta. **Foi louco aqui também. O almoço iria funcionar?**

Tenho um almoço de trabalho com a minha equipe. Que tal cinco? Eu vou te ligar.

Parece bom.

Na verdade, isso pode estar corrido. Sete está bem?

Eu tomo um gole de vinho e tento não deixar arder que minha mãe de cinquenta e poucos anos tem um horário mais ocupado do que eu.

Claro.

Perfeito. Como estão as coisas?

Oh meu Deus, como estão as coisas? Vamos revisar...

Estou no primeiro encontro que tive em meses - sozinha.

Eu estou mais próximo que já estive do FBI, mas o caso que deveria pregar meu pé na porta da Quantico é um não-iniciante porque eu não consigo encontrar uma única peça de prova - depois de quase duas semanas de procura.

E eu mato flores por um hobby.

Eu texto ela de volta.

As coisas estão ótimas!

Eu respiro fundo, me sentindo um pouco culpada pela mentira, mas sabendo que mesmo eu colocando tudo isso pra fora, minha mãe não saberia o que fazer com isso. Eu amo minha mãe - eu adoro meus pais - mas eles não são o tipo de pais que acreditam em ser os melhores amigos de seus filhos. O que é bom, é só...

Eu gostaria que eles tivessem notado que ninguém queria ser meu melhor amigo. Eu quero dizer, eu tenho Gabby agora, mas até que eu tive sorte com ela como colega de quarto, minha vida de amizade era tão próspera quanto minha vida romântica.

As pessoas me respeitam. A maioria até gosta de mim. Mas é tudo no nível superficial. As pessoas nunca me chamam no meio da noite com problemas de cara. E como resultado, eu não tenho ninguém para chamar com meus problemas de cara. Não que eu tenha tido um relacionamento longo o suficiente para ter um problema com um cara...

Eu examino o quarto novamente, procurando o cara que Gabby descreveu. *Cabelo marrom avermelhado, grande queixo, óculos. Não é super alto, mas nem um pouco desajeitado, também.*

Não vejo ninguém que corresponda a essa descrição.

Você sabe quem eu vejo?

Ian Bradley.

No começo eu acho que é um sonho. Desculpe, eu disse sonho? Eu quis dizer pesadelo.

Isso não está acontecendo comigo. Eu não estou sentada sozinha em uma mesa, claramente largada, enquanto a pessoa que gostaria de nada

mais do que me ver enquanto estou no bar sentado tomando um coquetel.

Ou isso é algum tipo de coincidência hedionda, ou...

Ele olha para a direita então, seu olhar colidindo com o meu com tal deliberado propósito que eu sei imediatamente isso não é encontro casual.

É a vingança da semana passada quando o segui.

Eu fecho meus olhos só por um momento, só os abro quando meu telefone vibra com outro texto recebido. É a Gabby.

Eu sinto muito, querida. Seu chefe lhe ofereceu ingressos para os Yankees esta noite. Ele é um grande fã de beisebol, esqueceu tudo sobre o encontro.

Fannnnn-tastico.

Estou mandando uma mensagem para ela quando uma sombra aparece sobre a minha mesa.

Me preparando, eu olho para cima, mantendo meu rosto composto. —Olá, Sr. Bradley.

Seus olhos passam por mim e depois pela mesa. —Senhora. McKenzie. Apreciando o seu jantar?

—Muito.

Seu sorriso chama meu blefe.

—Você está aqui para o jantar?— Eu pergunto, minha voz nunca vacilando na educação mesmo quando a parte de trás do meu pescoço está quente de vergonha de ser pega em um momento vulnerável.

—Não, só pegando uma bebida no meu caminho para casa.

—Isso não é exatamente perto do seu apartamento ou escritório.

O sorriso desaparece e seus olhos se estreitam. —Como você sabe onde é meu apartamento?

—Eu sei de tudo—, eu digo, não vendo razão para esconder o fato de que eu sei quase todos os detalhes possíveis sobre o registro público de Ian.

—Sim? Como vai a coleta de evidências? —, Pergunta ele, sua voz enganosamente casual.

Eu não estou com vontade de jogar, então eu ignoro a pergunta dele e corto para o correr atrás. —Você sabia que eu estaria aqui?

—Kate pode ter ouvido você marcar o seu encontro—, diz ele com o olhar apontando para a cadeira vazia.

Eu suspiro. —Eu sabia. Isso é vingança da semana passada.

—A vingança é uma palavra forte, senhorita McKenzie. Vamos apenas chamar isso de lição.

—Em que, perseguição?

—Você quer falar sobre perseguição?—, Ele pergunta, caindo na cadeira vazia na minha frente, seu olhar azul intenso. —Tente ir para um almoço casual com a sua amiga mais antiga, querendo uma breve pausa

da merda que sua vida se tornou, e a própria mulher que está causando o tormento de merda segue você.

Eu sinto uma pontada de culpa. —Não é pessoal, Sr. Bradley.

—Besteira—, ele diz. —Este momento parece pessoal para você, quando você é aquela que está sendo seguido?

—Sim, mas você-

—Arruinei seu encontro? Infiltrei na sua vida? Isso se sente *pessoal*, Ms. McKenzie?

Ambos os nossos temperamentos estão fervendo, e eu tomo um gole de água para esfriar o meu próprio. —Você está tentando me fazer sentir culpada por fazer o meu trabalho.

—Não, estou tentando mostrar a você que o impacto do seu trabalho não é tão impessoal como você finge ser.

—Tudo bem—, eu digo calmamente. —Anotado.

—Você está dizendo isso porque você se sente mal por invadir meu almoço outro dia ou porque você quer que eu vá embora?

—Ambos?

Ele me estuda por um momento, depois acena com a cabeça. —Tudo bem então. Desculpas aceitas.

—Eu não sei se foi um pedido de desculpas.

Suas sobrancelhas levantam.

Eu suspiro. —OK tudo bem. Me desculpe por eu não ter saído do restaurante depois que vi que você estava lá em negócios pessoais. Agora você vai sair?

Ele me surpreende sorrindo. —Não. — Ele pisca e alcança meu copo de vinho, levantando-o em questão. —O que estamos bebendo?

—Não estamos bebendo nada. Estou tomando um copo de vinho branco. Você está apenas saindo.

Ele olha para o relógio e toma um gole do vinho - meu vinho. —Sete e trinta e quatro. Seu encontro está quatro minutos atrasado.

Na verdade, meu encontro está trinta e quatro minutos atrasado, e se ele estivesse vindo, o que ele não está.

Eu não digo isso, obviamente. A última coisa que preciso é ser um pouquinho vulnerável na frente de alguém que não ama nada mais do que me ver humilhada.

—Sim, tenho certeza que ele estará aqui a qualquer momento, então se você não se importa.... — Eu digo, mexendo meus dedos em um movimento ofegante.

Ian coloca meu copo de vinho na minha frente. Eu tento não ceder em alívio que ele está saindo, sua pequena demonstração acabou.

—Aproveite a sua noite, Sr. Brad - Espere, o que você está fazendo?— Eu pergunto em pânico quando ele pega o guardanapo cuidadosamente dobrado e coloca-o no colo dele.

—Juntando-me a você para o jantar.

—Mas-

—Seu encontro não está chegando, senhorita McKenzie. Agora, você tem ou não tem incomodando minha assistente para ter algum tempo no meu calendário?

—Sim, mas ela está jogando duro e não vai me colocar no seu calendário até semana que vem. Tenho algumas perguntas que preciso de respostas antes disso...

—Sobre J-Conn, claro. E eu vou respondê-las, mas só se você me der algo em troca. — Seu olhar cai para a minha boca, só por um momento.

Eu estreito meus olhos. —Eu não estou dormindo com você.

Seu sorriso é lento e arrogante como o inferno. —Últimas palavras famosas. Mas isso é na verdade não era para o que eu estava procurando. Eu estava pensando em uma pergunta para uma pergunta. Para todas as perguntas que respondo, você tem que responder uma das minhas.

—Não é assim que isso funciona, Sr. Bradley.

Ele encolhe os ombros e começa a colocar o guardanapo de volta na mesa. —Boa sorte em conseguir sua intimação, então, porque essa é a única outra maneira...

—Tudo bem—, eu digo, um pouco desesperada. —Uma pergunta para uma pergunta.

Ele sorri e deixa cair o guardanapo de volta em seu colo. —Perfeito. Mas as primeiras coisas primeiro... vamos precisar de mais bebidas.

13

IAN

Semana 2: sexta à noite

Minha advogada vai me matar.

Tenho certeza de que, quando os chefes me disserem para cooperar com a SEC, não é o que eles queriam dizer. Ter um jantar em um aconchegante bistrô francês do East Village não é exatamente o que eu tinha planejado, também. Inferno, eu nem me lembro do meu plano. Tudo saiu pela janela no segundo em que cheguei e vi Lara sentada sozinha, olhando tão inesperadamente vulnerável, meu peito doía.

Eu deveria ter me virado e saído pela porta da frente.

Em vez disso, um desejo completamente estranho de distraí-la do constrangimento de ter sido abandonada havia assumido. Eu dei ao cara meia hora para aparecer e fazer ela sorrir.

Ele não tinha.

Idiota.

Ou talvez eu seja o idiota. Porque enquanto Lara pode ser a dor na minha bunda agora, mesmo que eu queira estrangulá-la, posso admitir que ela parece bem. Mais que do bem.

O cabelo dela está no rabo de cavalo habitual, mas está puxado para o lado para cobrir o ombro dela - um ombro nu, cortesia de um vestido sem alças que não é decotado o suficiente para me torturar, mas é forte o

suficiente para me fazer pensar em coisas que eu não deveria estar se perguntando.

Um garçom se aproxima de nós. —Posso pegar algo para você beber, senhor?

—Eu vou ter o que ela está tendo—, eu digo, acenando para o vinho.

—Muito bom. Devo colocar qualquer aperitivo, ou estamos levando o nosso tempo?

Lara abre a boca, mas eu bati nela. —Definitivamente, levando o nosso tempo.

Ela revira os olhos enquanto o garçom dá um aceno atencioso e se afasta.

—Muito bem, senhor.

—Então—, eu digo, inclinando-me para frente. —Vou começar. Quem você deveria encontrar hoje a noite?

—Eu não penso assim—, diz ela friamente, tomando um gole de vinho. —Vou começar com as perguntas. Você disse que não conhecia Arnold Maverick. Você tem *certeza* que vocês nunca se cruzaram?

—Sim, cem por cento certeza. Eu não conhecia o homem. Agora você estava planejando conhecer um namorado, ou...

—Que tal um conhecido em comum do Sr. Maverick?— Ela pressiona.

—Alguém que vocês dois conheciam?—

—Pergunta para pergunta, senhorita McKenzie. Este é o acordo.

Ela solta uma respiração frustrada, mas cede. —Foi um encontro às cegas.

—Quem te arranjou?

—Minha melhor amiga, Gabby. Ela pode ser um pouco...insistente. Ela é uma namoradeira de série e não entende porque eu não sou o mesmo.

—Mas você concordou.

Lara torce a haste de sua taça de vinho entre os dedos, observando como o vinho balança levemente de um lado para o outro. —Sim, faz um tempo desde... — A cabeça dela levanta. —Espera aí. Isso foi mais do que uma pergunta.

—Whoops. — Eu sorrio.

Seus olhos se estreitam atrás dos óculos e ela se inclina para frente. —Então você não conhece Maverick. Mas você deve conhecer alguém de J-Conn. Era uma empresa enorme e -

—Cristo, mulher, você é como um cachorro com um osso.

Ela me estuda. —Se você não vai levar isso a sério, Sr. Bradley...

—*Ninguém*—, eu digo. —Eu não conheço uma pessoa maldita de J-Conn, Ms. McKenzie. Eu não tinha informações privilegiadas. Você pode acreditar em mim ou não acredite em mim, mas é a maldita verdade.

Eu me sento na minha cadeira, acenando em agradecimento enquanto o garçom traz meu vinho e se afasta novamente.

—Comida favorita.

Ela pisca. —O que?

—Qual sua comida favorita?

—Por que você quer saber disso?

—Jesus, você é teimosa. Tudo bem, por que a SEC?

Ela me estuda por um momento. —Pizza.

Eu estou tentando tanto não checar seu corpo nesse vestido que é preciso um momento para registrar que ela disse algo. —O que?

—A minha comida favorita é pizza. Como você conseguiu a Vanessa Lewis como sua advogada? —ela pergunta.

Por meio segundo, estou tentado a me gabar - receber a melhor advogada em negócios é uma vitória, e ela e eu sabemos disso. Mas por razões que eu não entendo, eu não sinto vontade de se gabar. Eu não sinto vontade de trabalhar contra a Lara.

Eu quero que ela me veja como algo diferente da porra do caso.

—Charme?— Eu digo provocativamente, respondendo sua pergunta.

—É preciso mais do que charme para conseguir alguém como a Sra. Lewis ao seu lado— Lara diz, me observando atentamente.

—Em linha reta. Ela tem que acreditar que pode obter um veredicto sem credibilidade. Porque você sabe tão bem quanto eu que Vanessa Lewis só aceita clientes que ela sabe que são inocentes.

—Pensa que são inocentes—, ela corrige. —Então, se você não conhecia ninguém em JConn, como você teve sorte quando eles foram abaixo?

Tecnicamente não é a vez dela de perguntar, mas eu respondo de qualquer maneira porque é algo que ela precisa ouvir, mesmo que não acredite em mim. —Bom instinto, —eu digo. — Me irritou que J-Conn estava levando tanto tempo para um suposto grande anúncio. Todos os outros levaram em consideração as alegações de que eles estavam lançando algum produto revolucionário pelo valor nominal. Eu não fiz. Meu intestino disse que eu não tinha o próximo Facebook ou iPhone esperando nos bastidores, então eu vendi quando todo mundo comprou alto.

—Então, um pressentimento fez com que você e seus clientes economizassem milhões de dólares—, diz ela, sacudindo a cabeça. Ela toma outro gole do seu vinho, franze a testa quando vê que a taça está quase vazia.

—Você não acredita na intuição?

—Eu acredito em fatos, Sr. Bradley. A intuição não é nada mais que seu subconsciente lembrando de algo que sua consciência esqueceu e atribuindo para alguma fonte externa.

Aha. Eu a estudo por um momento quando uma peça crucial do quebra-cabeça de Lara McKenzie clica no lugar. Aqui eu tenho me aproximado dessa coisa como um jogo: vencedor, perdedor, caçador, presa.

Para Lara, é diferente. É verdadeiro ou falso, certo ou errado.

—Por que você está me olhando assim?— Ela se desloca desconfortavelmente.

—O mundo não é preto e branco, Sra. McKenzie.

—Talvez não para você—, diz ela.

E aí está a raiz dessa bagunça: nós não vivemos no mesmo mundo. Ou, pelo menos, não olhamos para o mundo através da mesma lente.

A percepção repentina de que nossas realidades podem ser incompatíveis... inaceitável.

O garçom vem, interrompendo meus pensamentos. —Outro copo de vinho, senhorita?

Ela olha para mim e, quando nossos olhos se cruzam e seguram, algo passa entre nós - um silencioso reconhecimento de...

Inferno, eu não sei. Desejo? Querendo que as coisas pudessem ser diferentes?

—Sim, tudo bem—, diz ela lentamente. —Outro copo de vinho.

Eu levanto o meu copo e tomo um gole para esconder meu sorriso enquanto o garçom se afasta.

—Então, por que a SEC?

—Quanto tempo esse jogo continua?

—Cada um de nós recebe mais uma pergunta depois que você responde a esta.

Ela revira os olhos. —Bem. Estou com a SEC porque me aproxima do meu trabalho dos sonhos.

—Que é....?

Ela aponta para mim e sorri. —Essa é sua última pergunta.

Eu dou de ombros. — OK. — Estou um pouco surpreso que eu realmente quero saber mais sobre o que motiva essa mulher complexa

que é guiada por estrutura e regras. Eu sei que não é dinheiro. A SEC paga uma merda.

—FBI—, diz ela.

Eu engasgo com a minha bebida. —O que?

—Você perguntou qual é o meu emprego dos sonhos - é o FBI.

—Jesus—, murmuro, enxugando o rosto com o guardanapo. —Estou começando a repensar este jantar...

Ela sorri. —Não se preocupe. Eu não estive na Quântico. Ainda.

—É verdade que esta não é a minha área, mas como é que a SEC conduz a um trabalho com a Departamento Federal de Investigação?

—Bem, especificamente, quero estar em sua divisão de colarinho branco. Eles trabalham estreitamente com a SEC, então há muita sobreposição.

—Então por que transição em tudo?

Ela morde o lábio e depois olha para cima. —Meus pais são do FBI.

—Os dois?— Eu pergunto, não conseguindo esconder minha surpresa.

—Sim. Eu nasci e cresci em DC. Ambos ainda moram lá, ambos ainda estão ativos na agência.

Droga. —Aposto que você teve zero de namorados crescendo.

Sua cabeça se contrai um pouco e percebo que estou com um nervo. Merda. Eu geralmente sou mais suave do que isso.

—Eu só quis dizer que tinha que ser intimidante—, eu esclareci. —Toda criança buscando uma garota para a formatura teme secretamente que seu pai tenha uma arma. Ambos os seus pais tinham uma.

Ela olha para mim por cima do seu copo. —Você foi?

—Eu fui aonde?

—Ir ao baile.

É a vez dela de atingir um nervo, minha vez de me encolher. —Não. Mas você provavelmente já sabia disso.

—Eu não, na verdade. Minha pesquisa em seu passado é limitada a detalhes que podem ser pertinentes ao caso - parentes em J-Conn, etc.

—Então você sabe que eu não tenho nenhum parente—, eu digo, tomando um saudável gole de vinho.

—Sinto muito pelos seus pais—, ela diz baixinho.

—Eh. Eu era jovem. Eu não me lembro muito deles.

—O que faz com que perdê-los em um acidente de carro seja muito mais trágico—, ela diz, inclinando-se para a frente.

—Essa é a parte boa da sua rotina?

Ela se senta e me dá uma olhada. —Bom, Sr. Bradley. Ser um idiota é um maneira sólida e madura para lidar com a sua dor.

Eu mordo o interior da minha bochecha, odiando que ela esteja certa. O humor cáustico é minha reação automática às referências à minha infância - as mortes de meus pais e o estigma de criança adotiva sem objetivo que se seguiu.

—Eu pedi a uma menina para ir ao baile—, eu digo. —Ela disse sim; os pais dela disseram que não.

Merda. Por que eu tinha feito isso? Eu não contei a ninguém isso... nunca.

—Por que eles disseram não?

Uma deflexão sarcástica quase rola da minha língua, mas eu a mordo de volta, sentindo o desejo mais estranho para me... abrir. Honesto. Eu quero que Lara me conheça como eu quero conhecê-la.

Então eu dou a ela diretamente, ainda que um pouco breve. —Mesmo para a vizinhança irregular que eu cresci, eu ainda estava do lado errado dos trilhos. Garotas bonitas não iam dançar com crianças adotivas do parque de trailers. —Eu forço um sorriso. —Mas olhe para mim agora e tudo isso.

Ela sorri de volta, mas é fraco, e seu olhar atento me faz pensar que ela vê algo que ninguém mais vê - nem mesmo Sabrina.

—Eu fui largada hoje à noite—, diz ela depois de um longo momento de silêncio.

—Eu sei.

Ela estremece. —Você sabia o tempo todo?

—Eu coloquei as peças juntas. Ele é um tolo.

—Nah. — Ela dá outro daqueles sorrisos ligeiros e termina o seu último vinho.

—Apenas um fã de beisebol.

—Mets ou Yankees?

—Yankees

—Lá vai você—, eu digo, espalhando minhas mãos. —Você está melhor sem ele.

—Você é fã dos Mets?

—O que, isso não estava no meu arquivo?— Eu provoco.

—Muitas coisas não estavam no seu arquivo.

—Tal como?

Ela hesita. —A mulher que te vi no almoço...

—Sabrina Cross, amiga da Filadélfia.

—Vocês são... próximos?

Eu me inclino para ela com um sorriso lento. —Isso é curiosidade profissional para o trabalho, senhorita McKenzie, ou algo mais?

Sua única resposta é abrir o menu e olhar para baixo, que é a resposta mais reveladora de todas.

Obviamente, eu não sou o único em guerra com uma atração proibida e indesejada aqui.

Eu estou dividido entre arrependimento e alívio, porque ela é SEC, eu sou Wall Street somos tão compatíveis quanto um lobo e um cordeiro.

Porém, pela minha vida, não tenho certeza de quem é quem nesse cenário.

14

LARA

Semana 3: sexta-feira de manhã

Eu vou ler e-mails meio chatos quando um enorme Frappuccino aparece na frente do meu nariz.

Eu tenho que olhar da bebida Starbucks espumante para a pessoa entregando duas vezes antes de registrar que ela trouxe para mim. Kate cai na cadeira do lado oposto da mesa da sala de conferência, tomando um gole de sua própria bebida. —É uma oferta de paz, Sra. McKenzie.

—Isso ou diabetes em um copo de plástico—, eu digo, pegando-o e apontando para o monte de chantilly. —Essas são lascas de chocolate?

—Eles são de fato. E não finja que você não quer. Ian deixou o gato sair da bolsa.

Minha cabeça se agarra, não inteiramente certa de que quero saber o que Ian disse a assistente dele. Por um lado, espero que não seja nada para que eu possa manter alguma aparência profissional. Por outro lado, quero saber se ele está desequilibrado depois nosso jantar na semana passada como eu estou.

—Sobre o café?— Kate pede, dando-me um olhar curioso. —Ele disse que ele te trouxe um há algumas semanas atrás?

—Oh. Certo. Certo.

Eu tomo um gole da bebida para tentar encobrir meu constrangimento. É ainda mais incrível desta vez. Frio e doce e com cafeína.

—Você acha que é assim que o céu tem gosto?— Eu pergunto, mais para mim mesmo do que pra ela.

Kate considera minha pergunta seriamente. —Isso ou queijo frito. Ou aquele lugar na Aldeia que faz sorvete com massa de biscoito.

—Ou um croissant muito bom. O tipo que é amanteigado, esquisito do lado de fora e depois mastigável por dentro.

Ela aponta o canudo na minha direção. —Sim. Como eles têm em Paris.

Eu sinto uma pontada de saudade. —Eu nunca estive, mas sim... eu posso imaginar.

Ela encolhe os ombros. —Nova York também faz uma boa versão. Mas se você ama croissants, você precisa ir a Paris.

Eu tomo outro gole da minha bebida. —Algum dia. — Depois que eu entrar no FBI e trabalhar minha bunda para subir a cadeia alimentar para ganhar tempo de férias e o dinheiro suficiente para essas férias...

Kate toma um longo gole do canudo, as bochechas sugam enquanto ela me observa.

—Sem Paris para você, hein? É tempo ou dinheiro que você está com pouco?

Eu soltei uma pequena risada por sua franqueza. —Ambos. E você certamente não mede as palavras.

—Não muito, não. Cinco anos de babá dos meus meninos —- ela gesticula em direção ao escritório - —evaporou qualquer tato que eu já tive, o que não era muito.

—Eles mandaram você aqui?

Ela coloca a xícara na mesa, a virando para frente e para trás entre as mãos. — Pode ter sido sugerido que você pode estar mais propenso a baixar sua guarda em torno de uma fêmea.

—Mmm, certo. Porque tudo que as meninas secretamente querem fazer é consumir chocolate e fofocar sobre garotos.

Ela ri. —Isso é exatamente o que eu disse a Kennedy, que ele nos insultou pela sugestão. Mas desde que ele pagou por essas bebidas a seis dólares por tiro, eu disse ele ia pegar a colher.

—O que eu não vou te dizer—, eu digo, sorrindo para amolecer.

—Não, eu sei. Mas eu vou ficar aqui por um segundo de qualquer maneira. —Ela se inclina de volta em sua cadeira. —Eu só... Ela respira para fora. —Você só precisa de uma pausa? Você tem a sensação de que vive para o seu trabalho, apenas para acordar e perceber você está mal vivendo?

Não até recentemente. Não até Ian.

O pensamento é tão estranho, tão lá fora, eu pisco de surpresa. Certamente não tenho deixado um cara que eu conheço há menos de três semanas ficar sob a minha pele.

—Você não gosta do seu trabalho?— Eu pergunto, para evitar dizer algo que eu não deveria.

—Não, eu amo isso. Eu não consigo pensar em nada que eu prefira fazer mais. É só —- ela esfaqueia o canudo no líquido congelado - — solitário, eu acho.

—Nenhum namorado? Namorada? —Eu pergunto, não querendo assumir.

—Não. — Ela diz isso em uma pequena voz que me diz que há mais para a história.

—Alguém em quem você está interessado?— Eu pergunto. Eu mantenho a questão casual, mesmo embora eu já tenha uma boa ideia de quem está segurando um pedaço do coração de Kate Henley. A questão é se ela sabe mesmo.

Seus olhos ficam sombrios por um segundo. Ah sim, ela sabe. Mas em vez de responder a minha pergunta, ela desloca o olhar para mim. —E você? Envolvida com qualquer um?

—Não. — Eu envolvo meus lábios em volta do meu canudo.

Ela me estuda. —Ian é um cara legal, você sabe.

Eu engasgo um pouco com o Frappuccino. —O que o Sr. Bradley tem a ver com minha vida amorosa?

—Nada—, diz ela, os olhos arregalados e inocentes.

Eu sinto um momento de pânico com o meu erro, então vejo seu leve sorriso. —Você gosta dele—, diz ela com um sorriso provocante enquanto mastiga seu canudo.

—Há rumores de que você e Ian tiveram uma 'reunião' na última sexta-feira depois do trabalho. — Ela acrescenta o ênfase no ar na citação da reunião.

—Nós discutimos o caso dele, sim—, eu digo, o profissional em mim guerreando com a parte recém-descoberta em mim que não quer nada mais do que cavar o cérebro de Kate tudo o que há para saber sobre Ian... e não para as razões que têm alguma coisa a ver com o caso.

Kate revira os olhos. —Ceeeeerto. Eu fingirei não notar que você está corando agora, e que toda vez que você está na minha mesa, você olha para o escritório de Ian para ver se ele está dentro.

Ah, então é assim que vai ser.

—*Perfeito*—, eu replico. —E eu vou fingir que não percebi a maneira como você olha para Kennedy Dawson quando ele não está olhando.

Seus olhos se estreitam para mim. —Cuidado lá, SEC.

Eu levanto minha xícara em uma trégua. —Não há mais conversa sobre meninos?

Ela bate o copo contra o meu. —Não até o caso acabar. Então eu quero detalhes.

—Uma vez que o caso acabar, você pode odiar minha coragem—, eu digo com pesar.

—Não. Eu já sei como isso tudo acaba, e eu tenho um bom pressentimento que nós vamos ser amigas.

—Mesmo se eu mandar um de seus chefes para a cadeia?

Espero que ela fique chocada ou chateada, mas ela apenas balança a cabeça. —Olha, eu conheço o Ian muito mais do que você. Ian é bom.

—Coração de ouro e tudo isso?— Eu digo com um sorriso.

—Sim—, diz Kate, seu tom grave e sério. —Você sabia que ele estabelece bolsas de faculdade para os filhos adotivos do ensino médio? Ou que ele aluga parques temáticos inteiros para os mais jovens, uma vez por ano?

Eu me sento um pouco atordoado. —Eu não sabia.

—Ele pagou pelo meu mestrado em administração de empresas. Mesmo Matt e Kennedy não sabem disso. — Ela solta um suspiro. —Estou preocupada que você só pesquisou a versão do Ian que você quer ver - a pessoa que comprou um carro que ele não precisa, cuja listra negra é mais grossa que a Bíblia.

Eu me mantenho de recuar por fora, mas por dentro, me sinto um idiota. Uma idiota por supor que só porque Ian faz uma tonelada de dinheiro, parece que ele faz, flerta como ele, que ele não tem substância.

De certa forma, porém, saber a verdade torna isso ainda pior. Depois do nosso jantar espontâneo há uma semana, eu passei muito tempo me perguntando e se. E se eu não estivesse investigando ele?

E se ele fosse inocente?

—Senhora. Henley... — Eu paro, não tendo certeza do que quero dizer. Não tenho certeza de mais nada.

Ela me dá um olhar conhecedor. —Que tal você me chamar de Kate, eu te chamo Lara, e você ouve com muito cuidado quando eu te digo que Ian é a última pessoa que alguma vez chegou à frente trapaceando. Este

trabalho é toda a sua identidade - este mundo, as horas extras, o ritmo acelerado, as festas, o dinheiro, tudo isso. É tudo que ele sempre quis e eu sei que ele não arriscaria isso tomando um atalho. Nunca.

—Você se preocupa com ele—, eu digo baixinho.

Kate encolhe os ombros e fica de pé, terminando a bebida e jogando no lixo.

—Certo. Mas mais importante, eu respeito ele. Ele é um dos bons. — Ela aponta um dedo. —Coloque isso no seu relatório semanal.

Eu me sinto estranhamente arrependida depois que ela sai, como o quarto é muito quieto, meus pensamentos muito altos. Eu me vejo desejando que Kate pudesse estar certa - que pudéssemos ser amigas depois que isso acabar.

Um e-mail vem de Steve, e eu o abro sem entusiasmo, imaginando ser outro pedido de provas que não encontrei, informações que não tenho certeza que existem.

O e-mail não é o que eu espero.

L - Você verificou a mídia social: caso Bradley?

Eu deixo minha bebida de lado e bato em —Responder.

Trabalhando nisso. A maioria dos meus principais jogadores não estão nas redes sociais. Indo devagar.

Sua resposta é imediata.

Outra dica acabou de passar. Veronica Sperry

—Isso é ótimo, chefe. Não seja enigmático nem nada,— eu murmuro.

Eu Google o nome dela, endireitando um pouco quando seu perfil no LinkedIn indica. Atualmente, ela é consultora de tecnologia, mas ela costumava ser gerente sênior de projetos na J-Conn.

Lembrando-se do aviso de mídia social de Steve, eu procuro no Facebook, revirando os olhos um pouco quando vejo que a conta dela não tem configurações de privacidade. Eu não entendo como as pessoas podem deixar cada uma das suas fotos pessoais abertas a qualquer curioso agente SEC, pervertido ou intrometido.

Então, novamente, se eu parecesse Veronica Sperry, eu poderia pensar de forma diferente. A mulher é linda. Cabelos longos e ruivos, grandes olhos azuis e uma cintura pequenininha.

Eu clico em suas fotos, que são principalmente uma coleção de selfies e cuidadosamente posou noites com seu time de garotas.

Então eu vejo isso.

Veronica está vestida para matar em um vestido preto apertado em uma festa glam, julgando dos balões de ouro no fundo e a taça de champanhe nela mão. Mas não são os balões ou o champanhe que me interessam. É o homem que ela está enrolada.

Eu olho para a data da foto e meu estômago afunda.

O mesmo homem que me disse na sexta-feira passada que ele não conhecia uma única pessoa de J-Conn teve sua língua na garganta de Veronica Sperry no mesmo mês que ele vendeu seu estoque de J-Conn.

Atordoada, eu caio de volta na minha cadeira e tomo um gole do meu café. Mas não tem mais gosto tão doce.

15

IAN

Semana 3: sexta-feira à tarde

—Dave, eu faria praticamente qualquer coisa para você, mas não compraria os Phillies.

—Mas eles estão à venda!— Meu pai adotivo grita no telefone. —E você tem dinheiro.

—Não esse tipo de dinheiro—, eu digo, girando na minha cadeira e lançando minha caneta nos meus dedos.

—Eles são muito ruins este ano. Você provavelmente poderia conseguir um acordo.

Eu sorrio com a esperança em sua voz. O cara realmente acha que eu estou em posição de comprar seu time de beisebol favorito.

Mesmo se eu pudesse me dar ao luxo de comprar uma equipe da MLB (que eu não posso), ele sabe muito bem, eu sou um cara do Mets agora. É um ponto de contenção bem-humorada entre nós - ele está chateado, que eu não permaneci fiel ao meu —time da casa.

Minha postura? Quanto menos laços entre a minha vida na Filadélfia e eu melhor - Dave, algumas instituições de caridade, e Sabrina sendo as únicas exceções.

—Bem, pense nisso—, resmunga Dave. —Como vai o caso? Eles enviando você pra cadeia, me avise. Eu tenho alguns caras que podem cuidar de você.

—Obrigado, mas eu não acho que vai chegar a esse ponto. — Eu espero.

—Você aceitou minha sugestão para seduzir a senhora agente?

Eu sorrio. Senhora agente. Eu me pergunto como Lara se sentiria sobre o apelido.

—Eu tentei. Tentei limpar meu nome do jeito antigo, embora—, eu respondo.

—Contratar alguém para tirar a testemunha?

Eu puxo o telefone para longe da minha orelha e olho para ele por um segundo. —Eu não estou na máfia, Dave. Que tipo de filmes você está assistindo?

—Bem, o que você quis dizer?

—Eu quis dizer que estou tentando descobrir quem está me enquadrando.

Eu ouço uma batida na minha porta aberta do escritório, giro ao redor, e ainda em surpresa quando vejo a Lara parada ali.

—Ei, Dave, eu tenho que correr.

—Claro, claro. Pense nos Phillies, no entanto, ok?

—Sim, vou fazer—, eu minto, porque eu sei que eu nunca vou tirá-lo da linha de outra forma. Eu me levanto e coloco meu celular de volta no bolso. —Senhora. McKenzie, o que eu posso-—

—Você mentiu para mim—, diz ela, os olhos brilhando enquanto ela entra no meu escritório, batendo a porta atrás dela.

Eu pisco, assustado com a fúria dela. Eu pensei que nós estávamos em um lugar melhor depois do nosso jantar improvisado na semana passada, mas aparentemente estamos de volta ao ponto em que começamos.

Não, nós estamos piores do que quando começamos, eu percebo quando sinto a raiva da mulher na minha frente. Ela pode ter me desdenhado antes, mas o que quer que ela esteja sentindo por mim agora vai muito além disso.

Bem, isso é muito bom para mim, porque estou um pouco chateado também. Eu estou cansado dessa mulher agindo como se eu fosse uma merda no sapato dela.

—Eu nunca menti para você—, eu digo, cruzando os braços enquanto ela para do outro lado da minha mesa e coloca um laptop na minha frente.

—*Realmente*,— ela diz sarcasticamente, apontando para a tela.

Eu seguro as duas mãos na minha mesa, inclinando-me para ver o que a tem tão irritada.

Eu me reconheço em uma foto tirada em uma festa genérica que eu não lembro, transei com uma mulher... bem, honestamente, eu não me lembro dela também.

Eu olho de volta para Lara. —Você está chateado que eu fui a uma festa... — Eu olho de volta para baixo na tela para verificar a data. —Quase um ano atrás?

—Eu não dou a mínima para a festa—, diz ela, apontando para o computador. —Eu me importo com o fato de que você está beijando Veronica Sperry.

—Quem?

Seus olhos se estreitam. —Jogar de bobo está abaixo de você.

—Bem, agir de boba está abaixo de você—, eu digo, contornando minha mesa para ficar de pé cara com ela. —Eu não tenho ideia de quem diabos Veronica Sperry é e por que você se importa.

—Veronica Sperry—, diz ela em uma voz mal contida, —é uma ex empregada da J-Conn. Você me disse que não conhecia ninguém do J-Conn.

—Eu não!— Eu grito, ficando em seu rosto. —Desculpe, que não me lembro imediatamente o rosto de todas as mulheres que beijei em uma festa, provavelmente depois de algumas bebidas. — Gesticulando de volta para o computador. —E pelo que parece, ela estava me beijando.

—Sim, você parece realmente vitimado lá, Sr. Bradley. —

—Aqui está—, eu digo, levantando um dedo para apontar em seu rosto. —Você não está chateado porque esta mulher é de J-Conn. Você está chateado porque eu estou com as mãos nela.

Sua boca cai aberta. —Certamente não estamos de volta a isso. Você sabe disso. O *presente de Deus para as mulheres* está ficando muito antigo.

Eu me aproximo, então ela tem que inclinar a cabeça para trás para encontrar meus olhos. —Conte-me que você não está com um pouco de ciúmes—, insulto. —Que você não se perguntou como seria estar no lugar dela.

—Você é louco.

—E você está chegando lá—, eu respondo de volta. —Eu mal me lembro da festa. Eu não me lembro dessa mulher!

—Uau. Eu ouvi que você coleciona mulheres como troféus. Eu não percebi você não se incomoda em lembrar delas.

Antes que eu possa pensar melhor, eu chego e a puxo para perto. —Eu nunca menti para você—, eu repito. —Agora é sua vez de me dizer a verdade. Por que você está realmente chateada agora? Porque você realmente acha que essa mulher me deu informações internas da J-Conn? Depois de semanas de merda farejando sem conseguir suas provas preciosas, eu acho que você ficaria feliz. Mas você não está e você sabe porque? É porque a prova desta foto é que, enquanto alguns de nós estivemos curtindo nossas vidas, você esteve ocupado demais colorindo as linhas, julgando os outros e vivendo em uma casca solitária.

Sua boca cai aberta, e eu me preparo para uma resposta mal-humorada, mas em vez disso, ela pisca rapidamente, quase como se ela estivesse tentando manter as lágrimas afastadas.

Eu poderia me desculpar - eu deveria. Mas ainda estou muito chateado, ainda muito frustrado por essa mulher e sua determinação de apertar todos os meus botões. E para quê? Para um Caso SEC que nós dois sabemos que é besteira?

Ela se afasta de mim e calmamente desliga seu laptop, puxando-o para o peito.

—Acho que terminamos aqui.

—Como o inferno. — Eu estendo a mão para ela novamente, mas ela puxa a mão para trás.

—Não—, ela diz baixinho. —Por favor, não.

Eu a deixei ir, observando enquanto ela calmamente sai do meu escritório. Eu quero que ela bata a porta. Inferno, eu provavelmente mereço isso. Mas ela apenas fecha com um clique quieto quando ela sai.

Eu fico parado por um longo tempo depois que ela sai, respirando fundo em um esforço para recuperar meu autocontrole.

Eu a acusei de estar com ciúmes, de querer minhas mãos sobre ela, mas a verdade é, que sou eu quem a quer. Eu que não quero nada mais do que despir essa jaqueta, enfiar a mão sob a saia dela e ver se ela está tão molhada quanto eu depois da briga.

Eu xingo e puxo meu telefone do meu bolso, disparando uma mensagem para Matt e Kennedy para fazer uma noite do clube.

Eu preciso ficar bêbado.

E eu preciso transar.

16

LARA

Semana 3: Sexta à noite

—Que tal isso?— Eu digo, segurando um top azul.

Gabby olha para cima de onde ela está mexendo na minha cômoda com uma mão, copo de vinho na outra. Ela franze o nariz. —O que é isso? Um poncho?

—É um top soltinho—, eu digo, segurando-a contra mim e olhando em toda a extensão do espelho. —Combina com meus olhos.

—Perfeito, você pode usá-lo para a festa de aniversário da minha tia na próxima semana e ela vai amar, mas você não vai usá-lo hoje à noite. —Ela segura um pequeno top. —O que acha desse?

—Você está na minha gaveta do pijama. Eu durmo nisso.

—Sim, e se você usá-lo hoje à noite, você não vai dormir sozinha—, diz ela, dando a camisa um pequeno e sedutor sorriso.

—Nem todos nós somos modelos com pele lisa e perfeita—, eu digo. Eu tomo um gole do meu próprio vinho quando puxo um vestido para fora do armário. —Que tal agora? Cobre meus braços.

—Oh, então é perfeito para um clube!— Ela diz sarcasticamente. Ela aponta para a cama.

—Senta. Você está usando o que eu disser para você usar.

Eu faço o que ela diz, principalmente porque meus pensamentos estão confusos demais para administrar até a simples tarefa de encontrar uma roupa. Ela olha para o meu copo de vinho e faz um barulho de tsking, então vai para a cozinha e volta com a garrafa de Sauvignon Blanc.

—Ok, qual é a situação do pequeno vestido preto?—, Ela diz depois que ela está no topo do meu copo.

Eu suspiro e tomo um gole do vinho. —Há dois na extrema direita.

Ela puxa os dois para fora, então me dá um olhar exasperado. —Esses são vestidos fúnebres.

—Eles não são!— Eu protesto. —Bem, tudo bem, o da esquerda é. Mas o rendado eu usei na minha festa de férias no meu primeiro ano em...

—Querida, não. Quero dizer, bom pra você para uma festa de feriado nacional, com aquelas mangas compridas e saia longa, mas...

—Espere, tem um corte em V de volta!

—Não. Para ambos os vestidos —, diz Gabs decisivamente, colocando-os de volta no guarda roupa. —Jackie O usava vestidos mais reveladores do que isso, e eu estou levando você para Pearl, o que significa que você precisa mostrar um pouco de pele.

Eu gemo e coloco meu vinho na mesa de cabeceira antes de me jogar de volta na minha cama.

Ela me dá um olhar curioso por cima do ombro. —Sair hoje à noite foi *sua* ideia. —

—Eu sei—, eu digo, colocando meus braços sobre os olhos para bloquear a luz florescente. —Mas estou repensando.

—Bem, não—, diz ela, vindo se sentar ao meu lado, acariciando meu joelho. —Você teve um dia de merda, e você está certa de querer esquecer isso.

—Você não estava lá—, murmuro em meus braços, revivendo o horror no escritório de Ian. —Eu me humilhei.

—Bem, pelo que você me disse, ele era um idiota.

—Sim, mas ele estava certo—, eu digo, soltando meus braços de volta para os meus lados em exasperação. —Eu estava agindo como uma namorada estranha e ciumenta. Eu deveria ter feito minha lição de casa antes de ir lá. Eu deveria ter perguntado a essa mulher primeiro se ela conhecia Ian.

Gabby me dá um sorriso simpático. —Ela voltou para você?

Eu olho para o teto e suspiro. —Sim. Ela não se lembrava daquela noite também. Aparentemente, era o aniversário de sua melhor amiga, e eles tinham Martini antes mesmo de chegar a essa festa. Mostrei-lhe a foto e ela disse: 'Quente. Quem é ele?'

—Então, não sua fonte—, diz Gabby.

—Não.

—Você disse a ele?

Eu dou a ela uma olhada. —Não estava completamente pronta para a palestra de *eu te disse*.

—Bem, segunda-feira será em breve o suficiente para isso—, diz ela, batendo palmas e de pé novamente. —Hoje, nossa agenda envolve vodka e flertar.

—Fácil para você dizer—, murmuro. Gabby é um daquelas mulheres charmosas sem esforço que fazem todo homem se sentir como o centro de seu universo quando fala com ele. Também não faz mal que ela tenha cinco e nove com proporções perfeitas e maçãs do rosto que você poderia cortar um bife.

Ela puxa um par de jeans. —Estes são apertados, certo?

Eu lhes dou um olhar cético. —Sim.

Ela os joga no meu peito. —Coloque-os. Agora, onde está aquele top colado com tiras que você usa às vezes?

—Eu não acho que eu possuo nada colado.

—Sim você tem. Você só costuma usá-lo com uma daquelas coisas feias e quadradas.

—Um blazer?

—Seja como for. — Ela acena com a mão. —É amarelo e você parece quente nele.

—Você está pensando em minha concha de seda amarela, que definitivamente deve ser usado sob alguma coisa.

—Não essa noite. Diga-me que não está na lavanderia.

—Não está—, eu digo. Mas no segundo que ela puxa para fora do armário, eu gostaria de ter mentido, porque não há como eu usar isso em público. Tem tiras minúsculas e uma faixa de renda em ambas as bainhas superior e inferior. Não é justo necessariamente, mas definitivamente é baixo. Você não percebe tanto quando misturado com um blazer e calça, mas...

—Coloque. Agora.

Argumentar com ela é inútil quando ela está no modo de mamãe, então eu faço como ela diz. Eu abro meus braços para o lado e espero que ela veja que eu estava certo.

Em vez disso, ela sorri. —Perfeito. Quase.

Ela caminha em minha direção e puxa gentilmente a faixa do meu cabelo. —Sua cabeça não dói de usar todo esse cabelo pesado em um rabo o tempo todo?

—Melhor do que ter na minha cara.

—É a sua melhor característica—, diz ela, afofando meu cabelo um pouco. —Agora vamos falar de sapatos. É uma coisa boa que você gasta todo esse tempo em escritórios de corporativas sofisticadas. Você tem quase tantos saltos altos quanto eu.

É verdade. Eu tenho uma boa variedade de estiletos. Eu me visto de maneira conservadora, mas os saltos altos são uma área em que sexy e trabalho casual têm muita sobreposição.

Ela seleciona um par de sandálias de tiras de prata e, em seguida, praticamente me joga em uma cadeira, onde ela aplica um olhar de maquiagem esfumada.

Gabby me vira para o espelho. —Bem?

Eu enrugo meu nariz. —Eu nem me pareço comigo mesmo.

—Com certeza. Você simplesmente não reconhece essa versão, porque parece que ela quer se divertir.

—Eu me divirto—, eu protesto.

Ela dá um tapinha na minha bochecha quando ela pisa em seus próprios saltos plataforma. —Não, querida, você não. Mas esta noite você vai.

17

IAN

Semana 3: Sexta à noite, tarde

—Lembre-me novamente por que estamos aqui?— Kennedy pergunta.

—Porque nós queremos transar—, diz Matt. —Bem, eu quero—, ele altera. —Você e Ian *precisam*.

É quase meia-noite na sexta-feira e, embora estejamos em um dos meus clubes favoritos, eu... não posso entrar nisso. Eu costumava vir aqui algumas vezes por semana, mas eu não saio desde antes de conhecer Lara, e agora a coisa toda parece errada, como um processo que não se encaixa muito bem.

Eu tomo outro gole da minha bebida, determinado a recuperar minha vida, onde as coisas não eram tão complicadas, onde uma certa investigadora loira da SEC não tinha o poder de me machucar.

Cristo, isso está certo? Ferido?

Foda-se isso.

—Ele está certo—, digo a Kennedy, tomando o lado de Matt. —Eu preciso de uma mulher.

—Mesmo?— Matt parece surpreso. —Porque eu tenho que te dizer, você não parece um homem à espreita.

—Mais como Heathcliff—, diz Kennedy.

Matt e eu olhamos para ele, e ele suspira de desgosto. —Deixa pra lá. Então, todos nós sabemos por que Ian precisa transar - para superar a Sexy da SEC. Por que eu preciso?

—Porque você é um puritano—, diz Matt.

— *Puritano*?— Kennedy repete, sobrancelhas levantadas.

—E você aqui pensando que o seu vocabulário pretensioso nunca iria passar por nós—, eu digo, tilintando meu copo contra o de Matt com um sorriso.

Kennedy revira os olhos e acena para a pista de dança abaixo. —Isso é realmente ótimo—, ele diz sarcasticamente. —Que adulto de trinta e quatro anos *não* gosta de escutar música ensurdecedora e horrível no escuro, enquanto o desperdício de vinte e poucos anos se esfrega um no outro?

—Ei, não é como se alguém estivesse fazendo você suportar isso—, diz Matt. —Estamos na seção VIP. Podemos apenas fazer o que costumávamos fazer? Encontrar três mulheres quentes e esquecer nossos problemas por um tempo?

Eu quero. Deus, como eu quero. Eu só preciso de uma noite para esquecer que a vida despreocupada que eu desfrutava há apenas um mês está se transformando em merda completa.

Se eu pudesse ficar um pouco animado com a perspectiva.

Uma garçonete com um sutiã de lantejoulas prateado e uma saia curta se aproxima de nós. —Outra rodada?

Eu levanto meu copo de coquetel vazio na confirmação de que quero outra sem tirar o olhar da cena abaixo. Reservar uma mesa requer serviço

de garrafa, então não há Grey Goose e misturadores na mesa, mas eu sou o suficiente de um regular para o pessoal saber para manter o Negronis chegando.

—Então, qual é o nosso plano?— Matt pergunta, soltando ambos os braços ao redor da parte de trás da cabine e me estudando.

Eu volto minha atenção das dançarinas para o meu amigo. Eu vou dar crédito a Matt. Ele está fazendo um ótimo trabalho agindo como se fosse qualquer outra noite na cidade. Como eu, as mangas da camisa dele estão enroladas até o cotovelo, a gravata afrouxada, o paletó há muito tempo, desaparecido. Ele está tentando ser casual, mas ele vem curto, porque seus olhos estão guardados e vigilantes enquanto ele me estuda.

Ainda assim, pelo menos ele é melhor que Kennedy, que nem se dava ao trabalho de ser casual. O homem parece tão abotoado à meia-noite quanto ao meio-dia.

—Bem, nós nunca vamos chegar a lugar algum com ele desse jeito—, eu digo, apontando para Kennedy.

—Eu quero concordar, mas já vimos muito em contrário—, diz Matt. —Um dos grandes enigmas da vida, por que as mulheres adoram um nerd.

—De fato—, diz Kennedy. —Quase tão desconcertante quanto por que elas amam maravilhas de menino.

Matt mostra o dedo para Kennedy e depois volta sua atenção para mim. —Ok, vamos começar. Diga o que realmente está incomodando para que possamos continuar com a nossa noite.

—Estou frustrado—, eu admito, soprando uma respiração. —McKenzie não tem nada sobre mim. Se ela o fizesse, já teria colocado lá fora, escalado seu caso e trazido uma intimação. Em vez disso, ela está

apenas empurrando papéis por aí. É como se ela estivesse tentando fabricar algo acontecendo apenas por perseverança e teimosia.

—Parece alguém que eu conheço—, murmura Kennedy.

Eu dou a ele um olhar e abro a boca para retroceder, mas Matt interrompe.

—Você disse que ela está tentando o FBI, certo? Talvez este caso seja uma coisa decisiva para ela.

—Sim, talvez—, eu penso.

—Por que você a fez chorar?— Kennedy pergunta. —Kate disse...

—Eu não a fiz chorar—, eu me desliguei. —Olha, eu queria sair à noite para esquecer o que está acontecendo na minha vida, não para reviver isso. Eu aprecio a preocupação, mas não é o que eu preciso agora. Ou recue ou saia.

Um momento de silêncio se estende pela mesa, e o pulsar implacável da música não faz nada para aliviar a tensão.

Finalmente, Kennedy acena e devolve o resto de sua bebida. —Entendi.

Eu dou-lhe um olhar cauteloso. —Você faz?

—Sim. Se eu estivesse no seu lugar, estaria fazendo o mesmo. Bem, não isso—, diz ele, acenando para a cena ao nosso redor. —Mas eu estaria tentando manter alguma aparência da minha vida normal também.

—Então você estaria em casa com alguma filosofia medonha?— Matt pergunta.

Kennedy dá um sorriso rápido. —Vocês se importam?

—Vá—, eu digo, gesticulando com o meu copo. —Eu preciso transar, e você só vai quebrar o meu jogo.

Kennedy se inclina para frente. —Preocupado que eu poderia pegar a garota?

Eu bufo. —Saia daqui, velho.

—Indo—, diz ele, empurrando seu copo vazio em direção ao centro da mesa e de pé. —Vejo você na segunda-feira. Tente não ser preso ou morto.

—Eu não faço promessas —, eu chamo após ele recuar. —E você?— Pergunto a Matt depois que Kennedy sai.

Matt quebra as juntas e inspeciona a sala. —Eu não vou deixar você sozinho em uma mesa pra seis. Vamos pegar uma companhia feminina.

—Eu sou muito velho para precisar de um wingman, cara. Além disso, achei que você queria transar também.

Ele me dá um sorriso ocioso. —Quem disse que eu não quero?

Minhas sobrancelhas levantam. —Você trabalha rápido.

Ele segura seu iPhone. —Mensagem pra transar.

—Alguém que eu conheço?

Matt termina o resto de sua bebida. —Lynnae.

Eu gemo. Lynnae Silverton é uma das muitas *pisque os olhos e você vai sentir falta de suas* ex-namoradas de Matt. Ela é mais quente que o inferno e duas vezes mais psicótica.

Ela também é a menor das minhas preocupações. Eu não consigo controlar minha própria vida amorosa ultimamente, muito menos a dele, então eu o afasto. —Vá.

Ele se levanta, mas hesita, passando a mão pelo pescoço. —Ian, se você quiser-

—Eu estou bem—, eu digo, encontrando seu olhar. —Mesmo. — E eu quero dizer isso. O ponto principal desta noite é escapar da bagunça da minha vida. Preciso de uma pausa da constante superanálise, mesmo que meus amigos tenham boas intenções.

Matt me estuda por um momento, de maneira astuta e avaliadora, que me lembra por que ele é tão bom em seu trabalho. —Você está bem—, diz ele.

Eu vomito minhas mãos. —Isso é o que eu acabei de dizer.

—Sim, mas eu sou o gênio. — Ele sorri, acariciando meu ombro. — Significa mais quando eu digo isso.

Eu rolo meus olhos enquanto ele ri e sai para se encontrar com sua ex.

Alguns minutos depois, estou sozinho na minha mesa VIP. Em qualquer outro momento, eu estaria em movimento, procurando uma dama - ou três - para me fazer companhia, mas não tenho pressa hoje à noite.

Pela primeira vez em semanas, sinto que tenho um momento de solidão que não é realmente solidão. Isso me dá um segundo para recuperar o fôlego, uma pausa da besteira, e ainda o pulso da música, as centenas de pessoas ao meu redor me impedem de ficar sozinho com meus pensamentos.

Eu particularmente nunca fui um por estar sozinho. Muito tempo para me debruçar sobre coisas que não deviam ser abordadas. Mas eu gosto ainda menos com o SEC na minha bunda. Meus pensamentos estão divididos em cinquenta e cinquenta entre ir para a prisão e Lara McKenzie, e não tenho certeza qual deles é mais problemático. Especialmente desde que a última é aquela que quer me colocar no primeiro.

Eu giro meu copo de coquetel sem tomar uma bebida. Eu vim aqui esta noite para ser destruído e deitado, e eu também não sinto vontade de fazer isso. Há algo em ter sua vida virada de cabeça para baixo que faz você parar e olhar para a vida.

Honestamente? Não sei se gosto do que vejo. Não vou dizer que me arrependo, por si só. É inútil insistir no que você não pode mudar e, em princípio, eu ainda sou um fã de *trabalho duro, jogo duro*.

Mas eu sempre achei que poderia jogar tão forte quanto quisesse até não querer mais. Que eu teria uma chance para a esposa e as férias das crianças na Disneylândia quando a hora estivesse certa.

Agora? Estou com um pouco de medo de não ter essa chance. Não, a menos que eu possa convencer Lara de que, embora eu possa ser um bastardo mulherengo, eu não sou um violador da lei.

Merda.

Eu tomo outro gole da minha bebida e me desloco para procurar a garçonete e fechar a comanda. Eu deveria estar em casa trabalhando naquela maldita lista de pessoas que poderiam ter me enquadrado, sem fingir que tenho vinte e quatro anos sem me importar com o mundo.

O quarto está mais cheio do que há poucos minutos, e não vejo minha garçonete entre as bundas apertadas em vestidos minúsculos e bêbados tentando, sem o menor esforço, dar o passo.

No mar de pernas femininas nuas, um par de jeans atrai meu olhar - tanto porque são longas e muito boas pernas e porque são incomuns. Jeans em um clube? Talvez em janeiro. Em uma noite pegajosa de verão, a maioria das mulheres está usando saias curtas ou vestidos.

A mulher se levanta de sua mesa, e meus olhos viajam dos saltos sensuais até o azul escuro dos jeans apertados, travando em uma bunda grande. O top amarelo é justo e um pouco formal, com uma linha cruzada e renda.

O cabelo é longo e loiro, o rosto... *Venha querida, vire-se.*

A mulher atende ao meu comando silencioso, curvando-se para pegar sua bolsa e virar para que eu possa ver seu perfil...

Eu derramei minha bebida em toda a minha camisa.

Pior, é uma bebida *vermelha* em uma camisa *branca*.

—Filho da puta—, eu rosno, limpando estupidamente a mancha, minha mente cambaleando. *O que ela está fazendo aqui?*

Pearl é possivelmente o último lugar que eu esperaria ver Lara McKenzie. Talvez não seja ela, apenas alguém parecida.

A garçonete, aparentemente, decide ter pena de mim, porque um maço de pequenos guardanapos quadrados de coquetel é colocado sobre a mesa na minha frente.

—Obrigado—, murmuro, pegando um par de guardanapos e passando inutilmente na mancha vermelha no meu peito.

—Ouvi dizer que o refrigerante funciona para manchas de vinho tinto. Não tenho certeza sobre a coisa de ponche de frutas que você está tomando.

Minha mão fica parada. Essa não é a voz da garçonete.

Eu levanto minha cabeça e meu olhar colide com olhos azuis familiares, medos confirmados. Não a garçonete. Lara.

—Não é ponche de frutas. — Meu tom é apenas um toque infantil, mas não me importo. Isso não é o que preciso agora.

Os olhos de Lara descem para a minha camisa e voltam para cima. Suas sobrancelhas erguidas dizem tudo: *parece um ponche de frutas.*

—É um Negroni—, explico, como se isso fosse o que importa no momento.

—Ah, certo—, diz ela. —Minha avó costumava beber aqueles.

Fantástico, eu penso enquanto esfrego a camisa. Agora eu a lembro de sua avó duas vezes - primeiro com a orquídea, agora com meu coquetel de escolha.

Eu olho de novo, e Lara se foi. Estou dividido entre desapontamento e alívio por ela não ter ficado por perto para testemunhar mais do desastre de trem que minha noite está se tornando.

Eu tiro minha carteira, esperando que eu tenha dinheiro suficiente para cobrir tudo para que eu possa dar o fora daqui sem ter que esperar a garçonete encontrar seu caminho de volta para mim.

—Caramba, isso é muito dinheiro—, diz Lara, voltando para a minha mesa.

Eu pisco de surpresa, primeiro para a xícara de líquido claro que está na minha frente, então para a mulher que desliza na cabine em frente a mim.

—Refrigerante—, diz Lara, apontando o queixo para a xícara. —Vamos ver se funciona.

Eu dou um olhar cético. Ela chega do outro lado da mesa e empurra o copo para mais perto.

Relutantemente, pego um guardanapo limpo, enterro sem a menor cerimônia no refrigerante e depois esfrego minha camisa.

O resultado é um anel molhado em torno da mancha vermelha que se desvanece... de modo nenhum. Agora minha camisa está vermelha *e molhada*.

Eu olho para cima e vejo que ela está escondendo uma risada. Mal.

Amassando o guardanapo em uma bola, eu o jogo sobre a mesa para ela, e ela rebate antes que ele atinja seu queixo, a risada escapando.

Não, não risada. Risadinhas. A investigadora da SEC está rindo. E não uma risadinha irritante e estridente, também. Apenas um som feminino de prazer... as minhas custas.

—Eu sinto muito—, diz ela, ainda sorrindo.

Eu levanto uma sobrancelha. —Você sente?

Seu olhar cai para a mancha e depois encontra a minha novamente. —Na verdade não. Quando está incomodando você parece menos que perfeito agora?

Eu sorrio. —Você está dizendo que eu pareço perfeito outras vezes?

Seu sorriso desaparece e percebo que fui longe demais, flertei demais, especialmente depois de nossa discussão anterior.

—Eu deveria ir—, diz ela, caminhando em direção à borda da cabine.

Eu estendo a mão para impedi-la, quase tocando seu braço, mas não completamente. —Não, fique. Você pode apontar e rir. Vou até deixar você tirar fotos. — Eu suavizo minha voz. —Somente... não saia.

Ela hesita, e meu estômago aperta com a percepção de que ela vai se afastar.

Eu deveria estar acostumado com isso. A maior parte da minha vida foi aproveitada com o momento em que eu fui enviado para a próxima casa, ou falei que *bolsas de estudos* não são bem-vindas, ou que eu preciso de um patrocinador para entrar em qualquer clube de merda que só leve pessoas relacionadas aos Rockefellers..

Eu achei que tinha me acostumado com isso - que a rejeição ou a demissão não tem mais o poder de me machucar como o meu eu de nove anos de idade, ou até mesmo o meu eu de dezenove anos.

Mas eu nunca quis - precisava - qualquer coisa como eu queria que ela ficasse.

Para me querer de volta.

Lara suspira e, em seguida, joga sua bolsa no banco ao lado dela. — Ok, eu vou ficar. Mas sem fotos. — Ela segura um dedo de advertência. — Eu não deveria ser visto com você em uma noite de sexta-feira, e definitivamente não deveria haver nenhuma prova da foto.

Lentamente, o aperto no meu peito afrouxa, a tensão substituída por algo ainda mais perigoso. Eu limpo minha garganta para esconder minha reação.

—Então, eu, hum... — Ela respira fundo. —Eu te devo desculpas.

Eu olho em surpresa. —O que?

—Eu deveria ter feito a minha pesquisa antes de eu invadir seu escritório hoje—, diz ela, segurando o meu olhar. —Eu deveria ter contatado Veronica Sperry primeiro, visto se era mesmo uma prova válida. Eu olhei para ele desde então, e eu estava... errada. Ela riu como um momento bêbado, disse que nem se lembra daquela noite, muito menos do beijo.

Eu sinto uma onda de esperança. —Isso significa que você está descartando o caso?

Ela hesita e eu esvazio um pouco.

—Não importa—, eu murmuro.

—Sr. Bradley...

Para mudar o tópico de qualquer linha da SEC que ela vai me alimentar, eu aceno na direção da mesa que ela deixou, onde uma mulher muito gostosa está falando com um cara com cabelo escuro. —Amigos seus?

Ela olha por cima do ombro, seus olhos avaliando. —Gabby. Esse é o ex dela.

—Ah. Explica a conversa intensa, —eu digo, observando o modo como as mãos da mulher se movem furiosamente enquanto ela fala. Mesmo do outro lado da sala, tudo sobre as duas línguas do corpo gritam negócios inacabados.

—Estou dando espaço para eles. Eles namoraram por um ano. Ela era louca por ele e achava que ele sentia o mesmo. Mas ele conseguiu uma oferta de emprego em Amsterdã e aceitou.

—Ela não foi com ele?

—Ela não foi convidada.

Eu a estudo por um momento, tentando avaliar seu humor. Ela parece nervosa, mas eu não acho que seja eu. Na verdade, tenho a sensação distinta de que é o clube que a deixa um pouco no limite e sou o familiar espaço seguro na sala.

A teoria me agrada mais do que eu gostaria de admitir.

—Beber?— Eu pergunto, apontando para as garrafas de vodka e misturadores na mesa.

—Oh, eu não deveria.

Pego um dos copos limpos e despejo um pouco de Grey Goose nele, bem como uma colher de gelo derretendo rapidamente do balde. —Tônico? Refrigerante?

—Sr. Bradley...

—Lara—, eu interrompo, e seu olhar colide com o meu ao usar o seu primeiro nome. —Tome uma bebida comigo—, eu digo, minha voz um pouco rouca.

Ela engole antes de olhar para a mesa da amiga. Finalmente, ela suspira. —Tônico. Por favor.

Eu encho o copo com o tônico e deslizo em direção a ela.

Ela olha para cima. —Você não está tendo uma?

—Eu só gosto de Negronis.

—Talvez você devesse reconsiderar—, diz ela, seu olhar caindo para a minha camisa. —Para algo claro.

Eu finjo pensar sobre isso. —Ponto válido.

Eu também faço uma vodka tônica, não porque eu particularmente a queira, mas porque eu quero que ela se sinta mais à vontade.

Eu levanto meu copo em um brinde. —Para...Bem inferno. Eu não sei se tenho uma maldita coisa na minha vida para brindar agora mesmo.

—Isso não é verdade—, ela diz baixinho, colocando o copo para baixo. —Você tem ótimos amigos. Sua assistente morreria por você. Você provavelmente ganha mais dinheiro em um mês do que eu na minha vida.

—E eu tenho a SEC apenas esperando para levar tudo embora—, eu digo. Não para castigá-la, mas para lembrá-la - para lembrar a nós dois - quanto poder ela tem sobre a minha vida.

—Sr. Bradley... — Ela respira. —Ian. Eu lhe disse desde o começo que, se você é culpado, encontrarei as provas. Mas se você é inocente, eu encontrarei isso também.

Eu forço um sorriso. —Quanto tempo até você pensar que vai largar esse *se*?

—Você está frustrado. Entendi. É um processo longo e há muitas partes móveis. Muitos deles fora do meu controle.

Eu franzo a testa. —Significa?

Ela suspira e esfrega os dedos cansadamente pelo cabelo. —Significa que este caso está usando em mim também. E isso é tudo que posso dizer sobre isso.

Sufoco o desejo de fazer o que costumo fazer - empurrar até conseguir o que quero.

É diferente com ela, e eu ainda não descobri como navegar - ou se eu quiser.

Eu gesticulo para o cabelo dela para mudar o assunto. —Você parece diferente com o cabelo solto. E sem os óculos.

Eu mordo de volta a vontade de dizer a ela que ela parece quente como o inferno. Eu tive muitos pensamentos sujos me perguntando como a pele de Lara McKenzie se parece, e embora seu top seja modesto para os padrões do clube, ver seus braços nus, ombros e uma sutil quantidade de clivagem é o suficiente para eu saber que é tão suave quanto eu imaginei. O cabelo dela também implora que os dedos de um homem se enrosquem nele, mas...

Sinto falta dos óculos. Não apenas porque eles são meus materiais de fantasia favoritos hoje em dia, mas porque são ela. Eu aposto que os óculos são a verdadeira Lara, e essa versão de brilho labial é a maneira dela de tentar escapar, só por uma noite.

Como eu estou também.

—Sim, eu sou um Clark Kent regular—, ela murmura.

Eu bebo minha bebida e tento não estremecer com a doçura do tônico. —Volte novamente?

—Metrópole? Você sabe, Superman? Os óculos de Clark Kent são seu disfarce?— Ela acena com a mão. —Deixa pra lá. Então, você sempre compra garrafas de vodka para você?

—Não, Kennedy e Matt estavam aqui antes. Ambos enjoaram de mim.

—Por quê?

—Eles ficaram doentes da minha companhia.

—Hmm. — Lara assente por trás do meu ombro. —Há um grupo de mulheres lá que tenho certeza que não se importaria de tomar o lugar deles. Ou o meu.

Eu não me viro. Não tire meus olhos de Lara. —Eu estou bem assim.

—Sentado em um clube com uma investigadora da SEC?

Eu dou de ombros. —Ela é uma dor na bunda, mas acontece que eu acho ela um pouco atraente.

—Eu sei como isso funciona—, diz ela, correndo um dedo ao redor da borda de seu copo em um gesto que não deveria ser erótico, mas tem meu corpo cantarolando mesmo assim. Eu quero que ela me toque assim.

—Você sabe?— Eu pergunto, minha voz um pouco mais baixa que o normal.

Ela encontra meus olhos. —Hipoteticamente, eu *posso* saber o que é estar ciente de alguém que está completamente fora dos limites.

—Parece complicado. Eu o conheço?

Lara toma um gole de sua bebida. —Você conhece o tipo dele.

—Boa aparência? Bom na cama?

Ela ri. —Mais como arrogante, teimoso e realmente acostumado a conseguir o que quer.

Eu concordo. —Ah sim. Eu conheço ele. Posso garantir que ele também é bonito e incrível na cama.

Ela revira os olhos para minha piscadela. —Eu vou pleitear o quinto primeiro, ignorar o segundo completamente.

—Você não precisa—, eu digo antes que eu possa pensar melhor.

A cabeça de Lara se abre. —O que?

—Olha, Lara...Eu tenho o desejo mais irritante e desconhecido de soltar mais a minha gravata. Não me lembro da última vez que fiquei tão nervoso. Essa coisa com a gente, eu sei que é complicado.

Seus olhos estão arregalados de pânico. —Não há nada conosco. Não *pode* haver.

—Por que, droga?— Eu estalo —Por que, quando tudo isso acabar, não podemos...

—Porque você é você e eu sou eu—, diz ela. —Mesmo sem a investigação, somos uma incompatibilidade. Você é a vida de toda festa, e eu não posso nem manter uma flor viva.

A maldita orquídea novamente.

—Lara

Antes que eu possa falar, sinto uma onda de perfume doce, depois sinto os braços ao redor do meu pescoço.

—Hey, Ian, baby. Não te vejo por um tempo.

Eu viro minha cabeça para uma mulher que parece vagamente familiar, mas cujo nome eu não tenho certeza se sei, pressiona sua boca na minha.

Merda. *Merda.*

Eu puxo de volta. —Oh, ei...

—Taya—, diz ela, enrolando uma mecha de cabelo em volta do dedo e não parecendo nem um pouco perturbada, ela apenas beijou alguém que não se lembra do nome dela.

Bom Deus. Essa era a minha vida?

Eu olho para Lara, preparada para seu desgosto, mas ela apenas parece resignada quando encontra meus olhos. —Ponto comprovado.

Ela fica de pé e minha garganta se contrai em frustração de pânico.

—Espere, Lara— Eu faço uma garra para seu pulso, mas sinto falta.

E então ela se foi.

18

LARA

Semana 3: sexta à noite, mais tarde

—Lara! Droga, você espera um segundo?

Com o canto do meu olho, vejo Ian soltar um maço de dinheiro na mesa e dizer alguma coisa para Taya, mas eu já estou indo em direção à saída.

Eu tenho sorte. Há um grupo enorme entrando na seção VIP. Eu saio apenas antes que a multidão se mova, mas uma dúzia de patronos bêbados bloqueiam Ian.

Você quer saber o que eu estava fazendo lá atrás?

Ótima pergunta.

Eu quero saber o que eu estava fazendo. Eu tenho me perguntado pelos últimos vinte minutos.

Veja o que eu sei... quando eu olhei para o salão VIP apenas na hora de assistir Ian derramar uma bebida em si mesmo, eu me senti viva.

Pela primeira vez em muito tempo.

Eu não sei exatamente o que foi. Talvez apenas deliciar-se que alguém tão bonito não é perfeito depois de tudo.

Ou talvez tenha sido o fato de que depois de horas passadas na frente da tela do computador olhando nomes e números, eu precisava do lembrete visceral que eu estou lidando com pessoas reais no mundo real.

Eu disse a mim mesma que levaria um segundo para me desculpar pelo meu comportamento não profissional naquela tarde em seu escritório, e então eu fui e superei isso com uma outra camada de falta de profissionalismo.

Se meu chefe descobrir... se alguém descobrisse...

Tchau, FBI.

Nenhuma carta de recomendação do Steve, e eu teria que esperar quem sabe quanto tempo para outra oportunidade como esta.

Não que eu esteja desejando que Ian seja culpado. Muito pelo contrário. É apenas... Bem, estou toda confusa, caso você não saiba.

Eu estou quase na porta quando os dedos envolvem meu braço, me puxando de volta. Eu perco meu equilíbrio um pouco e bato desajeitadamente no peito de Ian.

Ele me impede de tropeçar, mas o contato só me faz sentir mais instável.

—Você está bem?—, Pergunta ele.

Maldito seja ele. Ele parece genuinamente preocupado, e isso faz com que seja mais difícil de me afastar.

Quer dizer, não é como se eu quisesse ter uma aventura com o cara. Eu não sou o tipo de garota que se conecta com caras como Ian.

Mas... eu gosto dele. Eu gosto muito dele.

Ele me faz rir, e ele me desafia, e...

—Eu tenho que ir.

—Eu vou ajudá-la a pegar um táxi.

—Merda—, eu murmuro. —Eu não posso deixar a Gabby. — Eu pego meu telefone e manda uma mensagem para ela.

—Eu vou te levar de volta para a mesa dela—, diz ele enquanto eu digito. —Ou de volta para a minha. Ou nós podemos falar aqui.

Eu empurro seu peito em exasperação. —Você não entende? Eu sou a SEC. Você é suspeito de espionagem. Nós não podemos fazer isso.

Sua outra mão aparece, pega meu outro cotovelo. —Você não precisa amortecer o golpe, Lara. Se você não quer ser vista comigo por causa da mancha, você pode me dizer. Eu posso aguentar.

Sua voz é leve e provocante, e uma risada borbulha antes que eu possa pará-la, minha cabeça caindo para frente na derrota. Só ele está ali, então minha testa descansa em seu peito. Eu quero puxar para trás, mas a mão dele se move do meu braço, escorregando debaixo do meu cabelo para segurar a parte de trás do meu pescoço. Ele aperta levemente, como se querendo tirar um pouco da minha tensão. E talvez ele possa, porque eu deixo, eu fico parada por um momento, e sei que é loucura, mas quando me afasto, eu me sinto um pouco mais estável.

—Obrigada. — Minha garganta está seca, e eu limpo, tente novamente. —Obrigada.

Suas mãos caem. —Seja bem-vinda.

Nossos olhares travam e seguram por um longo momento, e eu me encontro desejando tanto que as coisas pudessem ser diferentes. Que eu não fosse a SEC. Que ele não fosse Wall Street. Que não houvesse investigação. Que as apostas não eram a minha carreira de sonho do FBI versus sua carreira e reputação na linha.

Eu queria que ele não fosse um mulherengo notório. Eu gostaria de saber como flertar...

Meu telefone vibra e olho para baixo. É Gabby me dizendo que ela está indo para casa com seu ex, mas que eles estão felizes em compartilhar um táxi de volta para o apartamento para me deixar primeiro.

Terceira roda. Apenas o que eu não preciso agora.

Eu mando uma mensagem para dizer a ela que estou bem - que vou pegar um táxi sozinha.

Eu coloco meu telefone de volta na minha bolsa e olho para Ian. Ele sorri, mas é um sorriso triste, como se ele soubesse o que estou pensando e ele entende. Porque ele sente o mesmo.

—Você está bem?— Ele pergunta baixinho.

—Melhor, sim.

—Você acha que as pessoas vão nos reconhecer.

Eu levanto um ombro. Sim.

—Não diga mais nada. — Ian pede minha bolsa.

Eu relutantemente entrego. —Eu posso ter uma caneta Tide, mas não vai fazer diferença na sua mancha.

—Você sabe, a maioria das mulheres traz uma dessas pequenas bolsas estilo envelope para um clube, não uma mala—, diz ele, vasculhando minhas coisas.

—Bem, no caso de não ser muito óbvio, eu não sou exatamente experiente na coisa do clube. O que você está fazendo? — Eu pergunto em pânico enquanto ele tira um tampão.

Ele pega meu estojo de óculos de sol e balança para mim enquanto ele entrega minha bolsa de volta.

—Se você está verificando se eles são designers, garanto que eles são uma imitação—, eu paro de dizer a ele que alguns de nós fazem um salário de cinco dígitos, não um de sete dígitos como ele.

Ele me ignora e abre o estojo, tirando os óculos escuros. Depois ele desliza-os no meu rosto e sorri, claramente satisfeito consigo mesmo.

—Aí. Um disfarce.

Eu uso um dedo para puxar os óculos no meu nariz uma polegada e dar-lhe um olhar por cima deles. —A sério? É quase uma hora da manhã.

—As pessoas pensarão que você é famosa e se perguntarão quem é você.

—Fantástico. Porque eu realmente esperava que eles olhassem mais.

Ele sacode o queixo na direção da minha bolsa. —Então, sobre essa caneta Tide...

Eu sacudo minha cabeça. —Nenhuma chance. Mas se você está envergonhado...

Depois de uma rápida olhada para ver, estamos nas sombras perto da saída de emergência sem ninguém por perto, eu me aproximo e abotoo o botão de cima da camisa dele.

Sim está certo. Estou re-vestindo Ian Bradley.

Eu tento mantê-lo casual, quase maternal e profissional. Mas então meu dedos acidentalmente roçam sua garganta, e nós dois temos que fingir que não sentimos. Ou pelo menos eu finjo. Talvez ele realmente não perceba.

Eu puxo o bolso dele - porque sim, o homem está usando um – e dobro o canto no pescoço de sua camisa agora abotoada para que ele abaixe mais seu peito em um quadrado diagonal ridículo.

Eu mencionei o quadrado de bolso é lavanda?

—Aí—, eu digo.

Ele olha para baixo e passa a mão sobre a seda roxa. —Isso é legal. Um olhar realmente viril.

Concordo com a cabeça e empurro os óculos de sol de volta no meu rosto. —Como um babador de homem. Pena que você não estava usando antes para pegar o vazamento.

Ele olha para mim com expectativa. —Tudo certo. Estamos disfarçados o suficiente para Bonnie e Clyde sair daqui?

Eu quero. Tão mal. Mas... —Ian.

Ele suspira. —Estou muito feliz por estarmos no primeiro nome, mas não estou gostando do tom.

Eu levanto minhas sobrancelhas. —Você conhece esse tom?

—Eu ouvi falar disso uma vez. Rejeição, é isso? Nunca aconteceu comigo. Até agora.

Eu abro minha boca, querendo dizer a ele que eu nunca senti o jeito que ele me faz sentir antes, mas as palavras não saem. Eu não sei se sou

inteligente ou apenas uma covarde. Mas quando ele pressiona a ponta do polegar suavemente contra o meu lábio inferior, eu sei que sou uma tola.

Ele dá um sorriso rápido. —Vamos. Vamos pegar um táxi para casa. Eu tenho certeza de que sua amiga vai demorar um pouco. — Um momento depois, ele me leva para o ar quente da noite.

—Como você sabe que o alarme não soaria?—, Digo, apontando para a porta de emergência.

—Eles desligaram o alarme há alguns meses. Muitos casais bêbados tropeçando lá fora para pegação.

—Falando de experiência?

Ele pisca. —Você não gostaria de saber?

—Eu acho que já faço—, eu resmungo.

—Agora, agora, senhorita McKenzie—, ele brinca. —Não aprendemos nada hoje sobre fazer suposições?

—Então você não saiu por aquela porta lateral e ficou com as coelhas do clube?— eu pergunto.

—Nah, eu tenho—, diz ele, dando um passo em direção à calçada e levantando a mão para chamar um táxi.

—Certo—, eu murmuro, incapaz de manter a rabugice fora da minha voz.

—Pelo que vale a pena—, diz ele, sem olhar para mim quando um táxi para diante de nós. —Quando eu fizer com você, não vai ser contra a parede de um clube decadente. E eu definitivamente vou me lembrar disso.

—O que você quer dizer quando?— Eu digo, olhando para o perfil dele. —Eu te disse-

Ele coloca a mão na minha boca e abre a porta da cabine com a outra.

—Onde você mora?— Ele pergunta, levantando a mão do meu rosto para que eu possa responder.

Muito confusa para pensar claramente, dou-lhe o meu endereço, que ele transmite para o motorista antes de me fazer sinal para dentro.

Eu tiro meus óculos de sol enquanto entro no banco de trás.

—Ian-—

Ele coloca um dedo brincalhão contra meus lábios. —Esse é o Sr. Bradley para você. Para agora. — Ele pisca e fecha a porta.

Eu me viro enquanto o táxi se afasta do meio-fio e observo enquanto ele levanta braço, chamando outro táxi para si mesmo. Quando ele para, ele se vira para mim e sorri, como se soubesse que estou olhando para ele.

Ele desaparece de vista quando meu táxi vira à direita, e eu caio de volta contra o assento, balançando a cabeça. —Inacreditável.

Mas estou sorrindo.

19

IAN

Semana 4: segunda-feira de manhã

Eu olho para a batida na minha porta, e embora eu ame Kate Henley como uma irmã, eu sinto uma pontada de decepção que não é Lara. E *porque* ela é como uma irmã, Kate me irrita totalmente.

—Eu vi isso—, diz ela, balançando um dedo para mim quando ela entra no meu escritório.

—Você está de mau humor.

—Eu não estou de mau humor.

—Normalmente não. Apenas aparentemente quando sua paixão não está aqui.

—Essa conversa é opcional?— Eu murmuro, voltando para a minha tela do computador. Ela se acomoda na cadeira na minha frente. —Você está amuado e mal-humorado.

Isso geralmente é o show de Kennedy.

—Eu não estou mal humorado.

—Um pouco—, diz ela, levantando os dedos.

—Você sabe que eu posso demitir você, certo?

—Não sem o consentimento de Matt e Kennedy. — Ela sorri docemente enquanto cruza as pernas e se acomoda. — Agora, conte a

Kate tudo sobre o que está incomodando você. Problemas de relacionamento?

—Vá embora.

—Oh, isso mesmo—, ela reflete, como se eu não tivesse falado. —Você não tem relacionamentos.

Eu olho para ela. —Eu tenho relacionamentos.

—Hum, não. Matt às vezes tem. Você nunca. Eu não acho que o Kennedy sabe como namorar. — Ela franze a testa.

—Isso é treta. Eu tive namoradas. — Algo assim.

—Você está pensando em Anne? Isso foi há quatro anos. E isso durou, o que, duas semanas? Mal conta. — Ela olha para as unhas rosa pálida.

—Então, sobre Lara...

Meu olhar aguça. —Desde quando vocês duas estão na base de primeiro nome? Você a chamava de —a SEC— por semanas.

Ela acena isso. —Mantenha seus inimigos perto e tudo isso. Além disso, ela é uma das únicas fêmeas neste lugar e ovários se ligam aos ovários.

—Não. Fora, —eu digo, apontando para a porta.

Kate não se move. —Você não pode estar pensando em seduzi-la.

Eu me sento e me permito fazer a pergunta em voz alta que está na minha mente todo o fim de semana. —Por que não?

—Porque ela não é como uma de suas mulheres usuais—, diz ela, incrédula. —Ela não é uma garota de festa para uma rapidinha. Inferno, Ian, ela não está fora para um leigo em todos. Não com você. Não enquanto ela estiver investigando você.

Apenas o que eu preciso, outra pessoa me lembrando que Lara está fora dos limites.

—Havia algo que você precisava de mim, ou você estava aqui apenas para entregar a palestra? — Pergunto com um pouco mais de grosseria do que o habitual.

—É o aniversário de Dave na próxima semana. Quer que eu pegue algo para ele? Tirando a TV?

—Não, veja se você consegue ingressos para a temporada para os Flyers. Melhores lugares que você pode encontrar.

—Eu pensei que ele gostava de beisebol—, diz Kate, fazendo uma anotação em seu telefone.

—Ele gosta de tudo onde gritar, cerveja e junk food são encorajados.

—Hockey então,— Ela bate mais algumas vezes. —É o aniversário de Lara na próxima semana, também —, diz ela, sem levantar os olhos do telefone.

Eu empurro a atenção. —É?

Ela olha para cima e sorri. —Eu não faço ideia. Só queria ver se eu estava certo sobre o seu interesse nela, e eu estou totalmente. Convide ela para um encontro.

Eu fecho meus olhos. —Kate. Você está me dando uma chicotada. Você acabou de dizer que eu não podia convidá-la para sair.

—Foi quando pensei que você só queria dormir com ela. Agora eu sei que você gosta dela.

—Jesus—, eu murmuro, passando minhas mãos pelo meu cabelo.

—Não admira que você tenha estado mal-humorado—, diz ela, inclinando-se para a frente. —Você já beijou ela?

—Tchau, Kate—, eu digo, acenando para a porta.

Ela me estuda. —Você já esteve em um encontro, Ian?

—Claro que eu estive em um encontro. Eu namoro o tempo todo.

—Realmente. — Ela se senta e cruza as pernas. —Quando e onde foi o último encontro em que você foi?

Eu mentalmente percorro meus recentes encontros com mulheres. O último sendo... bem inferno. Agora que eu penso sobre isso, eu realmente não tenho feito sexo em semanas.

Isso não pode estar certo.

—E eu não estou falando sobre sexo—, Kate fala, lendo meus pensamentos que ela tantas vezes faz. —Estou falando de jantar. Bebidas, conversação. Um encontro que não foi apenas um trampolim para o sexo.

Eu penso. E penso. E percebo que talvez o mais perto que cheguei qualquer coisa remotamente parecida com um encontro em anos aconteceu naquele restaurante com Lara depois que ela foi largada. E novamente no clube.

Eu olho para Kate. —Você quer sair para jantar comigo?

Ela ri. —Não. Eu não namoro meus chefes.

Isso é definitivamente verdade. Kennedy, Matt e eu fizemos um pacto anos atrás que Kate estava fora dos limites, território de irmãzinha. Não porque ela é muito mais jovem do que nós, mas porque nós a adoramos.

E todos nós três sabemos que ela merece melhor do que qualquer um de nós pode oferecer. Ainda assim... Eu dou-lhe um olhar brincalhão. —Mas se você namorasse chefes, não seria eu, seria?

Sua risada morre e ela me dá um olhar de advertência. —O que é que isso significa?

Na hora certa, Kennedy entra no meu escritório, parando brevemente quando vê a parte de trás da cabeça de Kate. —Estou interrompendo?

—Sim, e agradeço a Deus por isso—, Kate diz com um último olhar de advertência para mim.

Kennedy se dirige para minha mesa, sentando-se ao lado de Kate.

—Sobre o que estamos conversando?

Kate se inclina para ele e sussurra em voz alta: —Ian está tentando lembrar da última vez que ele foi em um encontro real.

—Isso seria nunca—, diz Kennedy sem hesitação.

Kate concorda. —Exatamente.

—Pessoal, minha vida amorosa não está aberta para discussão.

—Você não tem uma vida amorosa—, diz Kennedy, folheando o e-mail em seu telefone. —Bem, nem você—, eu digo, completamente sem paciência com toda essa coisa.

Ele não levanta os olhos do telefone. —Eu tive relacionamentos.

Eu vejo Kate ficar um pouco dura com este anúncio, embora Kennedy não parece notar. Então, novamente, ele parece não notar muito, tanto quanto Kate em causa. É como se ele tivesse um ponto cego. Ele é ferozmente protetor dela - todos nós somos, mas ele também a mantém à distância, quase como se ele estivesse desconfiado dela. E isso a incomoda. Eu acho.

—Que relacionamentos?— Eu pergunto a ele.

Ele encolhe os ombros. —Eu namoro mulheres do meu círculo social.

A boca de Kate se abre. —Seu círculo social?

—Você sabe o que quero dizer—, diz ele, ainda distraído com seu telefone.

—Não realmente—, diz ela.

—Pessoas... — Ele acena com a mão. —Pessoas com quem cresci. Pessoas que eu conheço através dos meus pais e da escola.

Eu cubro minha boca com a mão para disfarçar minha risada com a palavra escolaridade.

—Oh, eu vejo—, Kate diz com um aceno de cabeça. —Pessoas com quem você passou o verão.

Meu riso escapa ao mesmo tempo em que Kennedy diz: —Sim, exatamente... — Ele interrompe e olha para Kate, depois para mim. — Você está zombando de mim.

—Um pouco, Gatsby—, eu digo.

Ele clica em seu telefone e olha para mim. —Por que estamos falando de relacionamentos em primeiro lugar?

—Ian é ruim para Lara.

—Estou ciente. O que isso tem a ver com namoro?

—É isso que quero dizer com 'tem sido ruim'—, diz Kate presunçosamente. —Ele quer namorar ela, não apenas desossar ela.

Eu levanto minhas sobrancelhas. —Desossar ela?

Ela encolhe os ombros. —Como queira. Insira o verbo de sua escolha.

Eu sabiamente deixei de compartilhar que tenho muitos verbos em mente quando se trata de Lara, cada um mais sujo que o anterior. Em vez disso, eu digo: —Eu não quero sair com ela.

As palavras são automáticas, mas não tenho certeza se elas são verdadeiras. Passar tempo com Lara é diferente de todas as outras mulheres onde eu não olho depois da noite.

Lara McKenzie não é uma mulher de uma noite. Ela é uma mulher para toda noite.

Surpreendentemente, o pensamento não me assusta tanto quanto deveria.

A questão é: como diabos eu convencerei alguém que não quer ser vista comigo em um clube para me dar uma chance?

Eu estou salvo dos meus próprios pensamentos com a chegada de Sabrina e Matt, junto com a onda de tensão sexual que eles sempre parecem andar.

—Veja—, diz Sabrina presunçosamente, entrando no meu escritório e gesticulando para Kennedy, Kate e eu. —Eu disse a você que eles estariam aqui.

Matt revira os olhos. —Eu nunca disse que discordava. O que eu disse foi: o que o diabos você está fazendo aqui?

—E eu disse que estava procurando por Ian e Kate—, diz Sabrina friamente.

Eu só tenho duas cadeiras de hóspedes, então Kennedy oferece para Sabrina. —Oi, querida—, ele murmura, beijando sua bochecha.

Ela dá um tapinha no queixo dele carinhosamente. —Oi amor

Kennedy e Sabrina se deram bem desde o primeiro dia. Eles não são tão chegados como Sabrina e eu - eles não têm a nossa história. Mas como nós, há uma facilidade para sua amizade graças a uma completa falta de química que permite a eles interagir como seres humanos normais.

—Assim... — Sabrina cruza as pernas e coloca a bolsa no chão. —O que estamos falando? Eu sinto tópicos interessantes no trabalho.

—Ian quer pedir a SEC a um encontro—, Kate diz em um sussurro alto.

—Ah, agora isso é interessante!—, diz Sabrina.

Todo o meu patrimônio líquido por uma pistola agora.

—Interessante ou não, ele não pode convidá-la para sair—, diz Matt, indo até a janela e empurrando as mãos nos bolsos.

—Por que não?— Sabrina exige.

—Ele não pode convidá-la para sair ainda—, esclarece Kate. —Não até o caso acabar.

Eles estão certos. Lara se preocupa muito com sua carreira para namorar o cara que ela está investigando. Ou dormir com ele.

Ian quer pedir a SEC a um encontro...

As palavras de Kate ecoam na minha cabeça. Ela disse isso provocando, mas também... sinceramente.

Eu quero perguntar a SEC. Eu quero namorar a Lara.

E se houver algo que eu aprendi do meu tempo lutando fora das favelas de Philly, é como navegar no jogo longo - como dar passos pequenos mas cruciais para conseguir o que eu quero.

E Lara McKenzie é exatamente o que eu quero.

20

LARA

Semana 4: segunda à noite

Eu saboreio meu vinho e debato as opções de entrega no meu aplicativo Seamless. —Tailandês ou Chinês, tailandês ou chinês —, não penso em ninguém.

Independentemente do que eu acabar escolhendo, eu tenho toda a intenção de encomendar os melhores itens. Uma das desvantagens de viver com uma modelo é que há muito de couve e proteína magra na casa. Quando ela concorda em pedir comida, é geralmente com alguma direção especial horrível como 'Não cozinhe em óleo, por favor.' Qual, eu pergunto a você, é o ponto do delicioso arroz frito, se não fosse a parte de óleo?

Hoje à noite, Gabs está na casa do seu atual-ex -tanto faz namorado, então eu começo a pedir o que diabos eu quero.

Eu tomo outro gole de vinho, em seguida, franzo o nariz. Eu não sou uma esnobe de vinho, mas até eu posso dizer que é horrível. Era barato para começar, e o fato de que tem estado aberto por dias não fez nada por isso.

Eu relutantemente despejo pelo ralo. Eu realmente queria uma bebida adulta para me distrair do fato de que é segunda-feira e eu não ouvi de Ian desde a noite de sexta-feira.

Eu não deveria me importar. Eu deveria estar aliviada.

Assim como eu deveria estar aliviada por não tê-lo visto na Wolfe hoje. Em vez disso eu me sinto um pouco... blá. Como as cores são um pouco menos brilhantes quando ele não está por perto.

Há uma batida na minha porta e eu solto um gemido baixo, porque tem noventa por cento de chance de que seja a sra. Peonta do outro lado da rua, que esquece suas chaves diariamente. Nós temos uma cópia, e eu não me importaria com a interrupção se ela não usasse cada encontro como uma chance de me dizer que, em seu dia, as mulheres tinham três bebês no momento em que elas tinham a minha idade.

Eu olho através do olho mágico, depois volto atrás. Não é a sra. Peonta.

Para ter certeza de que não estou tendo alucinações, volto a colocar meu rosto na porta. Não, ainda está aí. Eu ainda estou olhando para Ian Bradley em pé no meu corredor, uma garrafa de vinho embaixo de um braço, um saco de comida pendurado em seus dedos.

Eu coloquei a mão sobre o meu coração batendo. Tudo isso, só de ver o cara através de um olho mágico. Quando eu me transformei *naquela* garota?

Ele revira os olhos para o meu atraso. —Abra a porta, senhorita McKenzie.

—O que você está fazendo aqui?— Eu grito através da porta.

—Tentando alimentar você—, diz ele, levantando a bolsa. —Além disso, para entrar em suas calças—, diz ele em voz alta, claramente para o benefício dos meus vizinhos. —Talvez descubra se suas cortinas combinam com o seu...

—Oh, pelo amor de Deus—, eu digo, abrindo a porta e puxando-o para dentro. —Quantos anos você tem?

—Velho o suficiente para saber o que eu quero, inteligente o suficiente para saber como obtê-lo—, diz ele com uma piscadela quando ele coloca a bolsa e vinho no balcão da minha cozinha.

—Você tem alguma ideia de quanto problema nós dois estaríamos se alguém soubesse que você estava aqui?— Eu digo. —O conflito de interesses de nós saindo socialmente...

Eu tenho praticado esta linha todo o final de semana, mas eu me esqueci do resto porque Ian Bradley está no meu apartamento, e por algo que é tão inequivocamente errado, parece.... Totalmente *certo*.

Antes que eu possa registrar o que está acontecendo, Ian está abrindo todas as gavetas da minha cozinha e revirando até que ele acha com um saca-rolhas. —Vinho? Eu sei que você pediu branco no restaurante, mas este é um ótimo vermelho. Não me faça beber sozinho, Lara.

É o meu primeiro nome que faz isso. Eu nunca percebi como o simples uso do nome de alguém pode ser usado como preliminares, mas desde a noite no clube, eu estive pensando sobre a maneira como meu nome rola da língua de Ian. Parece sedução no máximo.

Ele levanta as sobrancelhas. *Bem?*

—Ok—, eu digo devagar. — *Um* copo de vinho.

—Perfeito—, diz ele, abrindo a garrafa.

—Ian. O que você está fazendo aqui?

Ele olha para longe, servindo-nos um copo e me entregando um. — Nós vamos chegar a isso. — Ele toma um gole do vinho enquanto olha em volta, examinando meu minúsculo apartamento. —Agradável.

—Sim, tenho certeza que isso coloca sua cobertura em vergonha—, eu digo, olhando para minha casa e vendo o que ele vê. Sofá de segunda mão. TV empoleirado em cima de duas caixas de vinho que Gabby pegou do lixo da loja de bebidas. Uma mesa de cozinha com uma edição antiga do *Wall Street Journal* rolou por baixo de uma das pernas para que não oscilasse.

—Eu não moro em uma cobertura—, diz Ian com naturalidade. — Ainda não. Mas está na minha lista quarenta e quarenta.

—Naturalmente. E como estão as suas chances? — Eu pergunto.

Ele se vira para mim, seu sorriso lento e sedutor quando ele encontra o meu olhar. —Você não ouviu? Quando coloco minha mente em algo, sempre consigo o que quero.

A maneira como ele olha para mim deixa claro o que ele quer: *eu*.

E de repente eu estou quente e um pouco sem fôlego por razões que não têm nada a ver com o vinho.

Eu olho para longe, e ele me deixa fora do gancho, dando a sua taça de vinho um rápido redemoinho e dando uma cheirada daquele jeito que pessoas ricas parecem fazer instintivamente.

—Tem certeza de que não quer beber isso de um copo de canudinho? Ou usar um babador?— Eu pergunto.

Ele inclina a cabeça e me estuda. —Eu me perguntava se eu era o único a pensar naquela noite no clube.

—Eu estive pensando sobre isso—, eu admito. —E como é inadequado para nós estarmos passando tempo juntos a título pessoal.

—Concordo—, ele me surpreende dizendo, vasculhando o saco de comida e chegando com um rolinho primavera. Ele dá uma mordida e oferece a outra metade para mim. —É por isso que estou aqui a titulo profissional.

Eu pego o rolinho primavera, dizendo a mim mesmo que é porque estou com fome, não porque ele é o homem mais lindo vivo, e se eu não colocar minha boca em alguma coisa, vou agir como um idiota.

—Como você encontrou meu lugar?— Eu pergunto, tentando me distrair.

—Você me contou seu endereço na outra noite quando entrou no táxi. Então eu conversei com um de seus vizinhos e ela me contou sua unidade. Ela também disse para dizer que seus ovários estão apodrecendo.

Eu faço um grunhido. *Obrigado, Sra. Peonta.*

—Ok, eu vou perguntar de novo—, eu digo, engolindo o rolinho primavera (frito, delicioso). —Por que você está aqui?

—Eu te disse. É em uma capacidade profissional.

Eu levanto minha taça de vinho e dou uma olhada na sacola de viagem.

—A SEC não tem jantares de trabalho?

—Eles fazem, é só... — Eu respiro e tento me centrar. —Isso não parece um desses. Estou hiper consciente de que estou em minhas calças

de ioga, que você não está usando gravata pela primeira vez. Que você me trouxe comida e há vinho envolvido. Que você está em minha casa e eu tenho sutiãs sobre o meu chuveiro...

Ele se afasta, já marchando em direção ao banheiro.

—Ei!— Eu digo, percebendo seu plano. —Eu não quis dizer-

Estou atrasado. Ele já enfiou a cabeça no banheiro. — *Muito* prático, senhorita McKenzie—, diz ele de dentro. Então ele se vira e volta pelo corredor, revirando os olhos. —Bom Deus, mulher, você é muito jovem e gostosa para essa merda desmazelada. Você nunca ouviu falar de renda?

Eu esfrego minha têmpora. —Então você viu minha calcinha. Espero que tenha sido satisfatório, porque é a única vez que você vai vê-las.

—Vamos ver—, diz ele, voltando para a cozinha. —Pegue um par de pratos. Podemos conversar enquanto comemos.

—Ian. — Eu espero até ele olhar para mim. —Você realmente deveria sair. O caso ainda não está finalizado.

Seu olhar brincalhão fica sério. —Eu sei. É por isso que estou aqui.

—Eu não posso

—Apenas me ouça. Por favor. Se você ainda quer que eu vá embora depois que terminarmos de comer, eu irei.

Eu abro minha boca para protestar, mas ele dá um passo mais perto, seu rosto sério enquanto ele agarra minhas mãos.

—Se coloque no meu lugar. Por um segundo, mude isso. Finja que *você é* o único acusado de violar a lei. Tudo o que você sabe é que não fez nada de errado, mas é a sua palavra contra uma pessoa misteriosa que

está mentindo. O que você faz? Você deixa alguém arruinar sua vida - quer colocá-lo na cadeia ou ter a carreira que você ama arrancada de você - ou você faria todo o possível para tentar pará-lo?

Ele está respirando com dificuldade, seus olhos azuis urgentes e suplicantes. E, assim como na noite de sexta-feira, quando ele derramou sua bebida, não o vejo como um playboy mimado, mulherengo e amoral, mas como homem - uma pessoa.

Alguém que poderia muito bem ser inocente.

—Vamos trabalhar juntos nisso, Lara, por favor. Nós vamos conseguir respostas mais rápidas assim. — Ele descansa a testa na minha, só por um momento, e é a sua vulnerabilidade que me parte.

—Ok—, eu digo baixinho. —Mas Ian, se você ficar, não pode contar a ninguém. Definitivamente não a sua advogada. Nem mesmo seus melhores amigos.

Ele se afasta e um dos cantos da boca se ergue. —Meus melhores amigos?

—Matt Cannon e Kennedy Dawson. Até Kate e Sabrina. Ninguém pode saber.

—Posso dizer a Matt e Kennedy que você os chamou de meus melhores amigos? Eles vão adorar.

—Estou falando sério, Ian. — Eu solto meu olhar e dou voz ao meu maior medo. —Eu poderia perder meu emprego.

Ele aperta minhas mãos. —Lara, você pode confiar em mim.

Eu arrisco levantar meu olhar. É um erro porque ele está perto - muito perto. E eu nunca quis algo tão mal quanto eu quero saber se o beijo de Ian é tão bom quanto eu acho que ele é.

Eu me puxo para fora de seu alcance e dou um rápido passo para trás, limpando a garganta e me virando para pegar os pratos.

—Espero que você goste de comida tailandesa—, diz ele, abrindo o restante das caixas e agindo como se nada tivesse acontecido. —Eu tenho um pouco de tudo.

—Uau, literalmente, tudo—, eu digo, olhando com avidez as múltiplas opções. Ele pega os dois pratos de mim para trazer para a mesa e eu pego uma pilha de guardanapos de papel e a garrafa de vinho.

Ele tira o paletó e nós nos sentamos à mesa, e embora eu esteja preparada para uma intensa onda de constrangimento, não há nenhuma. Bem, além do fato de que estou muito ciente de que seu terno provavelmente custa mais do que meu aluguel mensal.

—Então, sobre o que você queria conversar?— Eu lanço um pedaço de frango e jogo na minha boca.

Ian respira fundo e, em vez de comer sua comida, ele pega sua taça de vinho e se recosta na cadeira. —Evidência.

Eu paro de mastigar. —Eu realmente não posso dizer

—Você não tem nenhuma, não é?— ele desafia.

Minha mão continua no processo de trabalhar com pá tailandesa, e o nó que tive em meu estômago desde que minha conversa com Steve aperta.

Meu chefe sempre foi opinativo, mas também parece justo. Na verdade, ele é quem regularmente me lembra que há dois lados em cada história, e nosso trabalho é descobrir qual lado está dizendo a verdade.

O fato de Steve nem sequer considerar a possibilidade de que Ian está dizendo a verdade me incomoda. Muito. E, no entanto, admitir isso para Ian é uma violação direta do meu trabalho como investigador.

Eu abaixei meu garfo, respirei fundo e encontrei seus olhos. —Você continua dizendo que não tem uma conexão com o J-Conn, e as evidências apoiam você nisso, mas isso não muda o fato de que *alguém* pensa o contrário.

—Mas você não sabe quem é esse alguém, não é?

Eu balancei minha cabeça, e mesmo quando eu sei que estou pisando em uma linha perigosa, eu também estou percebendo que este caso não é preto e branco. Há uma área cinzenta definida, e Ian e eu estamos bem no meio dela. Juntos.

—Não, eu não sei—, eu digo baixinho. *Meu chefe não me diz.*

Ele esfrega a mão no rosto. —Se tivéssemos o nome da fonte, tudo isso acabaria—, diz ele. —Tem que ser alguém com uma vingança contra mim.

Eu comecei a pensar a mesma coisa, mas não posso dizer isso a Ian. Não até que eu olhe para *tudo*, até que eu tenha pontilhado cada *i*, cruzado cada *t*. Estou perto, mas ainda não estou lá.

Até lá, tenho que jogar pelas regras.

—Também é possível que a fonte seja alguém que precise da proteção da SEC.

Ian levanta as sobrancelhas.

—Não é incomum—, eu digo. —O sistema faz o que pode para proteger os delatores. Suas reputações, às vezes até mesmo suas vidas, estão em jogo no momento em que se apresentam. É por isso que fazemos a investigação informal antes de escalar para uma formal.

Ian bufa. —O que, como uma versão de colarinho branco da proteção de testemunhas?

Seu tom é sarcástico, mas sua mandíbula se abre quando não digo nada.

—Espere, realmente?— ele pergunta. —Eles poderiam manter uma fonte confidencial porque acham que ele está em perigo?

Eu dou de ombros. —É assim que deve funcionar.

Ele revira os olhos. —Me dê uma merda de uma folga. Você realmente acha que essa pessoa está em perigo? Ele está *mentindo*, Lara. E quanto mais ele fica nas sombras, menos tempo minha advogada e eu temos que refutar suas afirmações.

—Este não é um filme de John Grisham, Ian.

—Bem, também não é um filme da Disney. Você mesmo disse que não encontrou nenhuma evidência, então por que ainda há um caso?

—Porque eu não terminei ainda!— Eu grito. —Estou perto. Ainda não encontrei nenhuma evidência, mas não me respeitaria, e você também não me respeitaria se eu desistisse agora.

—Tudo bem—, ele estala, drenando seu vinho e levantando-se com impaciência mal disfarçada. —Mantenha a comida. Aproveite o vinho —, diz ele, encolhendo o paletó novamente.

—Ian, espere. Eu pensei-

—Nós estamos do mesmo lado ou não estamos, *srta*. *McKenzie*. Ou você acha que sou inocente ou acha que sou culpado de informações privilegiadas. Você teve mais do que tempo suficiente para decidir,— ele diz severamente, virando-se para sair.

—Esse não é o seu chamado para fazer—, eu digo, levantando-me e estendendo a mão reflexivamente, mas depois abro a mão antes de poder tocar sua manga. —Eu faço isso para viver e estou dizendo que não terminei. Ainda não passei por todos os arquivos; Eu ainda tenho meia dúzia de pessoas para interrogar...

—Esqueça tudo isso!— Ele grita, girando de volta para mim e pisando tão perto que minha respiração fica presa.

Ele fecha os olhos por um momento, respirando fundo como se estivesse lutando pelo controle. Quando ele os abre novamente, seu olhar é mais gentil, mas não menos intenso. Ele estende a mão, tocando meu queixo levemente para que meu rosto esteja inclinado para o dele.

Não sei o que me perturba mais, a urgência desesperada em sua voz ou a sensação de seus dedos no meu rosto.

—Você acha que eu sou culpado?

Eu suspiro. —Não é tão fácil-

—Não responda como a Sra. McKenzie. Responda como Lara. *Você acha que eu sou culpado?*

Eu fecho meus olhos para evitar seu olhar penetrante. O investigador da SEC sabe exatamente o que devo fazer - mostrar à porta e dizer que não posso discutir seu caso. Mas não é tão simples assim. Pela primeira vez em minha vida, minha habitual objetividade me abandonou, e em seu lugar há algo complicado e assustador - algo que eu quero mais do que alguma vez quis, até mesmo o FBI...

—Ian—, eu sussurro, implorando. —*Por favor*. — Eu não sei o que estou pedindo, mas ele sabe.

Suas mãos gentilmente tocam meu rosto, me puxando para mais perto. No segundo em que sua boca se fecha sobre a minha, eu não dou a mínima para o certo e errado, ou preto e branco, ou regras e protocolos.

Eu só dou a mínima para ele, sobre o jeito que ele me faz sentir.

Seus lábios possuem os meus com posse completa, seu beijo tão confiante quanto é habilidoso. Mas é a necessidade que me desfaz pedaço por pedaço, o desespero na maneira como ele me segura perto...

Ele quebra a conexão muito cedo, respirando com dificuldade enquanto seus olhos se prendem aos meus. —Descubra—, diz ele rudemente, recuando. —E deixe-me saber quando a *Sra. McKenzie* alcançar Lara.

—Ian, espere...

Mas ele não faz. Ele sai pela porta sem outra palavra.

Eu toco meus dedos nos meus lábios inchados, registrando vagamente que meu telefone está zumbindo com uma mensagem recebida. Eu mergulho por isso, esperando que seja ele.

Não é. Na verdade, cheguei a pensar nisso, ele nem tem o meu número de telefone.

A mensagem de texto é do meu pai. **Boas notícias. Há rumores de que o colarinho branco está expandindo a contagem de cabeças. Eu posso ter encontrado uma maneira de mencionar que uma carta de recomendação estava chegando para a minha filha favorita no futuro próximo...**

A mensagem é acompanhada por um emoji com cara de piscadela.

É o primeiro do meu pai, tanto o emoji quanto o show de apoio. Eu fecho meus olhos e tento afastar a onda de frustração que finalmente estou conseguindo tudo o que quero...

E ainda estou com medo de que o que eu preciso acabou de sair pela minha porta da frente.

21

IAN

Semana 4: quinta à noite

—Meus peitos estão desequilibrados? O novo sutiã e o vestido apertado não parecem estar ficando ao longo. Ian?

—Não—, eu digo, recusando-me a olhar para o decote da minha amiga. —Eu não sei quantas vezes posso dizer isso - recuso-me a analisar seus seios.

Sabrina bufa e se vira para Matt. —Bem. Cannon, já que Ian é um puritano e eu não sei onde Kate e Kennedy se enfiaram para me ajudar.

Matt não tem nenhuma das minhas hesitações e toma seu tempo checando os passos dos peitos de Sabrina. —O direito está um ponto alto demais. Espero que você não pagou demais ao seu cirurgião plástico.

Sabrina não se incomoda em ficar ofendida quando lhe entrega a taça de champanhe para segurar, se afasta da multidão e ajusta seus seios. —Estes são cem por cento de mim—, ela informa Matt friamente. —Eu me ofereceria para deixar você descobrir por você mesmo, mas espere... esteve lá, já fez isso. Ronco.

Eu estremeço e termino minha bebida. —Não compartilhem o que vocês dois fizeram um ao outro, lembra? —Eu venho evitando os detalhes há anos. Eu gostaria de manter esse caminho.

—Mas-

—Não—, eu digo a Sabrina. —Minha festa, minhas regras.

—É um inferno de festa—, diz Matt.

Ele está certo, eu acho. Há uma regra tácita em Wall Street de que uma festa não é uma festa, a menos que seja excessivamente extravagante como o inferno. Caviar. Dom. Foie gras. Prateleira de cima tudo.

Não que eu cuide de nada disso pessoalmente. Eu tive Kate fazendo um par de telefonemas e horas depois, meu apartamento foi transformado. O canto inteiro da minha sala de estar é um bar; Eu tenho um garçom de smoking para cada cinco convidados, o melhor fornecedores em Nova York.

É uma cena com a qual me familiarizei ao longo dos anos, mas hoje à noite parece... diferente. Velho.

E ainda necessário.

Quem me preparou para fazer a queda para uma conexão imaginária de J-Conn é alguém no meu mundo. Este mundo. Talvez não alguém aqui esta noite, mas alguém tem que saber algo e estou determinado a encontrá-lo.

Pelo menos, esse é o plano.

Uma vez que o decote de Sabrina é restaurado para a simetria adequada, ela pega o champanhe de Matt e vira-se para enfrentar os foliões. —Eu detesto concordar com ele, mas esta é uma participação impressionante para o convite de última hora.

Isto é. Apenas algumas semanas atrás, eu ficaria emocionado, meio bêbado com as duas bebidas e o poder que meu nome comanda em um convite. Agora, no entanto, nada parece certo. Assim como no Pearl

semana passada, eu sinto que estou olhando a vida de outra pessoa, e não uma que eu particularmente invejo.

Eu suspiro, observando a multidão. —Tenho certeza que metade dessas pessoas estão aqui para se gabar de direitos. Eles querem estar entre os últimos a ver o meu lugar antes da minha nova casa ser uma cela de prisão.

—Você não vai para a prisão—, diz Sabrina, ligando seu braço ao meu.

—Não é por isso que estamos tendo essa festa? Para bombear a elite de Wall Street para informações?

Matt chama minha atenção pela cabeça e me dá um aceno. O plano do partido foi metade da sua ideia, um último esforço para descobrir quem diabos está tentando me torpedear.

Convidei vinte e cinco convidados - o maior número possível de pessoas confortavelmente acomodadas no meu pequeno apartamento. Em vez disso, contei quase cinquenta. É um ajuste apertado, mesmo com alguns derramando na minha varanda, outros conversando no meu escritório. Muitos deles eu nem conheço. Eu só estava meio brincando quando disse a Sabrina que eles estavam aqui para me ver fora antes de eu servir 2-5 por espionagem industrial.

Maldito seja a SEC.

Maldita Lara McKenzie e seu processo e sua doce boquinha.

E me amaldiçoo por me importar tanto. Por deixar isso sob minha pele, ela não acredita em mim. Que o que quer que esteja entre nós não é o suficiente para substituir as regras rígidas e sua adesão cega a um sistema que claramente não está funcionando.

Ela precisava de tempo e eu entendo isso - ou estou tentando conseguir isso. Eu bombardeei ela naquela noite em seu apartamento, então eu tentei respeitar que ela precisava de um momento para resolver as coisas, mas já faz dias. Há muito tempo para reconhecer minha inocência.

Estou magoado sim. Mas também... chateado.

Kennedy atravessa a multidão, duas bebidas na mão - Manhattan para ele, Negroni para mim. —Kate viu que o seu estava vazio.

Eu aceito a bebida com gratidão. —Nós não a pagamos o suficiente. Onde ela está, de qualquer forma?

—A última vez que vi, ela estava conversando com um dos juniores de Morris e Keale.

—Eu não conheço nenhum dos juniores de M e K.

Ele encolhe os ombros. —Desde quando isso tem importância? Você sabe como isso acontece. Eles pegam um sussurro de bebida e grandes nomes...

—Sim, eu entendo—, eu resmungo. —Inferno, isso foi eu uma vez.

Ele me dá um olhar exasperado. —Ian, isso foi você há apenas algumas semanas.

Eu grunho. Ele está certo, e nós dois sabemos o que me mudou. Quem me mudou, eu esfrego a mão na parte de trás do meu pescoço. —Quando começamos a ficar muito velhos para isso?

—Fale por si mesmo—, diz Matt.

—Sério?— Sabrina diz para ele. —Eu não vejo você se misturando com os jovens. Você está arregalando com nós velhos também.

—Não estamos arborizando porque somos realmente velhos. Estamos apenas... — Eu olho para Kennedy e Matt em busca de ajuda. — Bem, o que diabos estamos fazendo aqui no canto?

—Não chegando mais perto de descobrir quem está correndo a boca para a SEC sobre você, com certeza—, aponta Matt.

Sabrina suspira. —O inferno está congelado, porque eu estou prestes a concordar com ele novamente. Menino maravilha está certo. Nós temos a nata da colheita de Wall Street em um lugar, todos a caminho do bêbado. — Ela drena a bebida. —Quebrar para se misturar?

—Fantástico. Porque eu amo conversa fiada, —Kennedy resmunga.

—Faça por Ian—, diz Sabrina, acariciando seu braço.

—É por isso que estou aqui. Mas eu tiro a linha em falar sobre o clima—, ele diz, com um baque nas costas quando ele diz isso. O gesto é breve, mas revelador.

Eu começo a abrir a boca para agradecer a ele. Para agradecer a todos eles, mas eu não sei o que dizer.

Kennedy me dá um sorriso breve e raro. —Você faria isso por mim.

—Maldito—, eu digo, grato que ele entende o que eu não sou capaz de colocar em palavras. —Mas eu conversaria sobre o tempo por você!— jogo de volta.

Sabrina e Matt se separam também, Sabrina para encantar um MD de uma empresa concorrente, Matt para flertar com um grupo de

mulheres vestidas de forma quase idêntica de vestidos pretos. Estou prestes a me juntar a Matt e as mulheres, imaginando interação feminina com alguém que não é um investigador da SEC pode ser exatamente o que eu preciso, quando uma mão aperta meu ombro.

—Ian, cara!— Eu me viro e aperto as mãos... Merda, qual é o nome dele? O diretor da Green Garrison... Jacob. Jacob Houghton.

Eu não acho que a Kate o tenha convidado, mas neste momento eu estou além do carinho. Talvez vou adicionar um novo elemento ao meu plano para a noite: beber até eu parar de pensar em Lara. Mas minhas chances de tirar ela da minha mente são pequenas. Ela é tudo que posso pensar sobre.

—Bom te ver—, eu me forço a dizer. —Que bom que você conseguiu.

—Como você está?— Jacob pergunta, tomando um gole de seu uísque.

Eu forço uma risada. —Estive melhor.

Ele estremece. —Sim, eu ouvi. Ruptura brusca, cara.

—Ei, a SEC tem que pagar as contas de seus funcionários de alguma forma, certo?

—Claro, claro. — Jacob mal olha para mim, muito mais pra bunda da ruiva atrás de mim. —Você acha que eles têm alguma coisa em você?

—Não há nada para encontrar. — Minha voz tem apenas a menor borda, mas ele parece não notar.

—Bom para você—, diz ele distraidamente enquanto um garçom caminha com um prato de bolos de caranguejo. Sua atenção está de volta

em mim e ele se inclina um pouco para frente. —Ouvi que você tem Vanessa Lewis te repassando. Você deve ter um bom jogo se você a enganou.

Antes que eu possa responder a este idiota com algo que não é absolutamente cocktail-partido apropriado, Kate aparece ao meu lado.

—Ei, Ian! Posso pegar emprestado por um segundo?

Eu olho para ela, vendo que seu sorriso é largo e brilhante, mas há um nervosismo por trás disso. No começo, eu acho que é porque ela ouviu minha conversa com Jacob e acha que eu vou causar uma cena, mas um momento depois, eu percebo ela está nervosa sobre algo completamente diferente.

—Você não—, eu digo com os dentes cerrados para a minha assistente.

—Não fique bravo. — Kate coloca a mão no meu braço e me fixa com um olhar.

—O que quer que seja essa coisa, Ian, você precisa lidar com isso.

Kate está certa, como ela geralmente está, mas eu mal a ouço.

Porque meu cérebro - e meu coração - não consegue descobrir o que fazer com o fato de que Lara McKenzie está em pé na minha sala de estar.

22

LARA

Semana 4: quinta à noite

Quando me vesti esta manhã, confesso que pensei que estava bem bonita. A gola azul sem mangas combina com os meus olhos, a saia lápis cinza faz um trabalho decente de disfarçar as últimas semanas de estresse alimentar. O scarpin nude é clássico e sexy.

Então eu pensei.

Entrando no apartamento de Ian, eu me sinto como uma babaca total. Quem são essas pessoas que parecem melhor às seis horas de uma quinta-feira do que eu depois de me arrumar para um casamento black-tie?

Os homens de ternos caros, eu posso entender. Estou acostumado com isso. São as mulheres que me jogam um pouco. As sandálias de salto alto com tiras, os vestidos curtos de coquetel, maquiagem impecável.

É um bom lembrete de que este é o mundo de Ian Bradley - glamoroso, caro e elite. Um mundo ao qual eu não e nunca pertencerei.

Isso nunca me incomodou antes. Não tenho certeza se isso me incomoda agora. Eu gosto de quem eu sou. Eu gosto que eu tenha mais terninhos do que vestidos de coquetel, que eu trabalho duro em uma profissão em que acredito.

Eu estou bem, não se encaixando aqui. O que eu menos me agrada é o que isso significa para Ian e eu.

—Lara, oi. Eu não tinha certeza se você realmente viria —, Kate diz quando eu estou pedindo uma bebida no bar improvisado.

—Eu também não tinha certeza. Eu quase me acovardei, —eu admito, virando para encará-la. Eu digitalizo rapidamente a sala, mas ela está cheia de parede a parede, e eu não vejo Ian. —Ele está aqui?

Ela dá um leve sorriso. —É o apartamento dele. Espero que sim.

—Ok, vou reformular. Ele sabe que estou aqui?

Ela olha para o lado e não responde, a primeira vez que eu vi alguma coisa da Kate menos que francamente.

Meu coração afunda. —Talvez isso não tenha sido uma boa ideia.

—Não. Você fica, —ela diz determinadamente. —Há apenas tantos lugares que ele pode se esconder.

—Você acha que alguém vai saber quem eu sou?

—Provavelmente—, diz ela. —Ou eles pelo menos saberão o que você é. Eles estão todos em saltos Prada, e você parece uma funcionária do governo.

—Hum, ai—, eu murmuro, mesmo sabendo que ela está certa.

—Basta lembrar por que você está aqui. — Então ela me dá um olhar curioso.

—Por quê você está aqui? Você nunca disse por que queria vir.

Eu dou a ela um olhar firme. —Não, eu não fiz.

—Uma dica?

—Kate—, eu digo suavemente. —Se eu quisesse passar por um mensageiro, eu já teria feito assim.

Ela suspira. —Bem. Não posso culpar uma garota por tentar. Ok, então olhe. Ele está um pouco chateado comigo por falar sobre a festa, e ele está um pouco chateado com você... bem, eu não sei o que. Precisamos descobrir uma maneira de conseguir vocês dois sozinhos. — Ela mordisca o lábio. —Só não sei como. Ele não é tão fácil de lidar como antes.

—Antes do que?— Eu pergunto, tomando um grande gole do meu vinho.

Kate dá um tapinha no meu braço. —Antes de você.

Minha cabeça se levanta quando olho para ela, meu coração batendo. —Antes de mim. O que isso significa?

Kate apenas sorri enigmaticamente e examina a sala, depois aponta para as portas de vidro do outro lado da sala que levam a uma varanda. — Vá esperar lá fora, até que eu tenha certeza de que ele não causará uma cena.

Eu ri. —Estou sendo enviada para fora? Como um cachorro que destruiu um travesseiro?

—Sim, mas estou recebendo uma recarga primeiro—, diz ela, puxando meu copo de vinho da minha mão e segurando-o para o garçom. Então ela empurra de volta para mim e aponta. —Dez minutos. Max.

Eu faço como me disseram, principalmente porque o pensamento de se destacar na varanda soa muito preferível a fazer conversa fiada aqui. Ninguém está prestando atenção em mim - ainda. Mas tudo isso vai

mudar no segundo que eu tiver, *então o que você faz?* consultar e a palavra se espalha como fogo que eles têm o inimigo no meio deles.

—Trufa arancini?— Uma mulher magra em um uniforme de garçom preto e branco apresenta uma bandeja na frente do meu rosto.

—Não, obrigado—, eu digo com um sorriso.

Ela gira e apresenta a bandeja na outra mão. —Brinde de lagosta?

Droga. Então é assim que as outras partes vivem.

—Não, obrigada. Eu estou bem.

Ela segue com seus petiscos generosos e eu saio para a varanda. Na minha caminhada até aqui, estava ensolarado, mas começou a ficar nublado graças a uma tempestade que se aproximava no verão, então eu tenho toda a área para mim. Não que seja particularmente grande. Não é um *churrasco no convés e beber um pouco de cerveja*. Mas é bom.

Quem estou enganando, é mais que legal. O cara mora no 56º andar de um arranha-céu sofisticado com vista para a Torre da Liberdade.

Eu tomo um gole do meu vinho e tento apreciar a vista sem pensar sobre o quanto isso incomoda que Ian não tenha chegado para dizer olá. Apenas algumas noites atrás ele estava me beijando. Agora ele nem sequer olha para mim, não atende minhas ligações, não concorda com uma reunião.

Ainda assim, eu entendo. Ele precisava de algo que eu não pude dar. Não então, não até que eu tivesse visto o caso todo o caminho.

Mas eu posso agora. É por isso que estou aqui.

—Posso me juntar a você?

Eu me viro e dou uma olhada quando reconheço a mulher saindo para a varanda. Ela é a que eu vi com o Ian no almoço há algumas semanas, e ela é ainda mais linda de perto. Ela tem longos cabelos negros e grossos que caem quase até a cintura, olhos azuis penetrantes, um rosto anguloso, mas marcante, e se vou ser perfeitamente honesta aqui... peitos bastante espetaculares.

—Claro—, eu digo, resistindo à vontade de puxar meu cabelo para fora do meu rabo de cavalo para que eu me sinta um pouco menos juvenil.

Ela dá um sorriso frio e estende a mão. —Sabrina Cross.

—Lara McKenzie.

Seu sorriso esfria ainda mais. —Eu sei.

Eu tomo um gole de vinho, me perguntando o que diabos isso significa. O que ela sabe? Ian contou a ela sobre o beijo? —Então, você também sabe... — Eu digo isso casualmente, pescando.

—Que você é o investigador da SEC investigando Ian? Sim. — Ela inclina a cabeça e me estuda. —Mas você não é o que eu esperava.

—Você já me viu. No restaurante, no almoço daquele dia.

—É verdade—, ela admite, tomando um gole de champanhe. —Mas então eu estava mais interessado na reação de Ian para você do que quem era você.

Há isca lá, mas eu não aceito, tanto quanto eu quero.

—Eu sempre imagino funcionários da SEC em ternos castanhos e tamancos.

—Bem, todos os meus ternos de caixão estavam sujos e os tamancos machucavam minhas joanetes.

Ela ri, e é tão baixa e sensual quanto eu imaginei quando a vi rir no restaurante com Ian. —Eu vejo porque ele gosta de você.

—Sim, os homens simplesmente amam minha combinação de franca e desajeitada.

—Os homens gostam da combinação de espirituoso e inteligente—, ela corrige.

—Supondo que houve um elogio lá, obrigado.

—Seja bem-vinda. — Ela toma um gole de sua bebida e me observa por um momento. —Por quê você está aqui?

Eu levanto minhas sobrancelhas com a pergunta contundente, mas ela simplesmente encolhe os ombros. —Eu sou muito protetora com Ian.

—Ian me disse que vocês dois são próximos.

—Ele fez?— Sabrina diz pensativamente. —Interessante. Ele não costuma discutir nossa amizade. Com qualquer um. Mas sim, somos próximos. O mais próximo possível de irmãos sem compartilhar os pais.

Irmãos. Eu não posso negar que a escolha de palavras dela me dá uma pontada feroz de alívio que o relacionamento é tão platônico quanto ele alegou.

—Você está perto de Matt e Kennedy também?— Eu pergunto, curioso e determinado a não parecer muito interessado em Ian especificamente.

—Certo. Kennedy é um cara legal. Um pouco tenso, mas tão fiel como eles vêm. Quanto ao Matt... — Ela praticamente zomba do nome dele. —Nós temos... história.

—Ele é um ex?

—Eh. Mais como... — Ela acena seu champanhe ao redor, procurando pela palavra. —Uma aventura passada. Acabou mal e desejo-lhe que sofra regularmente, e ele a mim.

—Soa *maravilhosamente* adulta—, eu digo, sorrindo para suavizar o sarcasmo.

Ela ri. —Isso nos mantém entretidos.

—E quanto a Ian?

Sabrina pisca. —E ele?

—Incomoda-o ter dois de seus melhores amigos em desacordo o tempo todo?

—Possivelmente. Ele não esconde o fato de que estamos nervosos. — Então ela franze a testa. —Eu acho que eu nunca pensei se realmente o incomoda, no entanto. — Sabrina inclina a cabeça e me estuda antes de continuar. —Eu nunca pensei sobre isso, mas parece que você tem. Você se importa com ele.

Eu tomo um gole de vinho e fico em silêncio.

Ela não faz. —Ian e eu nunca dormimos juntos.

Eu me afasto do meu vinho. Mal. —Eu não perguntei.

Seu sorriso é astuto. —Mas você se perguntou.

Definitivamente.

—Vocês dois cresceram juntos?— Eu pergunto, decidindo virar as mesas. O mais antigo amigo de Ian claramente me tem sob um microscópio agora, querendo saber quem ou o que eu sou para Ian. Mas a troca de informações pode ir nos dois sentidos. E estou mais do que um pouco curiosa sobre a história de Sabrina e Ian.

—Nós fizemos. Nós cuidamos um do outro. — Ela se vira para observar o sol que se põe lentamente. —Nenhum de nós teve uma boa corrida, mas nós tivemos um ao outro.

Eu quero saber mais, mas não é o meu lugar para perguntar, então eu tomo outro gole do meu vinho.

Ela se vira para mim depois de um momento de silêncio. —Ele tem boas relações com o pai adotivo - o último, o decente. Mas ainda acho que Dave nunca o adotou.

Eu dou-lhe um olhar cauteloso. —Eu não acho que ele iria gostar muito de você compartilhar isso comigo.

—Oh, ele totalmente não faria—, diz ela com uma risada rápida. —Mas isso é muito ruim. Para ambos.

—O que isso tem a ver comigo?

—Ian gosta de você—, diz ela, virando-se para me encarar. —Ele gosta de você de uma maneira que eu não vi...Na verdade, não sei se já o vi agir assim.

—O quê, me ignorando completamente?— Eu digo, acenando de volta para a festa.

—O que você esperava?— ela pergunta. —Você machucou ele.

Meu coração aperta um pouco. —Como posso machucá-lo? Eu nem sequer o conheço.

—Eu acho que você faz—, diz ela em voz baixa.

Antes que eu possa responder, a porta da varanda se abre, e Kennedy Dawson e Matt Cannon saem para se juntar a nós.

Sabrina suspira. —Vocês se importam, meninos? Isso é conversa de garotas.

Matt deixa cair um braço por cima do ombro e acaricia a orelha dela. —Você está dizendo a ela sobre como você ainda está tentando passar por cima de mim?

—Bem—, diz Sabrina, usando as unhas para tirar a mão do ombro como se fosse um pedaço de lixo, —eu definitivamente lembro de ter passado por você. Eu nunca estive com alguém tão contente por simplesmente ficar deitado de costas.

Kennedy se inclina um pouco para mim. —Não se preocupe, você acaba se acostumando com eles.

Eu sorrio, um pouco confusa por estar cercada pelo círculo íntimo de Ian. Eu conversei com Matt e Kennedy durante a investigação, mas sempre foi formal ao ponto de esfriar. Não que eles estejam me dando abraços quentes agora. Na verdade, todos os três estão me observando. Não é gritante, mas tenho a sensação distinta de que eles estão tentando descobrir o que diabos eu estou fazendo aqui.

Eu não os culpo. Esta não é a minha cena - de jeito nenhum. Não apenas isso, sempre fiz questão de separar meu profissional de minha vida

pessoal, separando o trabalho do pós-trabalho. Antes deste caso, eu nunca havia borrado aquelas linhas. Mas, assim como tudo que tem a ver com Ian Bradley, estou quebrando minhas próprias regras. Todas elas.

Espero que valha a pena.

Eu deixo meu olhar varrer a varanda, fazendo contato visual com os três para que eles saibam que, embora eu não seja o inimigo, eu também não sou uma tarefa simples. —Estou aqui para falar com o Ian.

—No seu coquetel—, diz Matt em dúvida.

—Sim, bem, se o seu amigo não tivesse decidido jogar o jogo de *evitar a SEC* por três dias seguidos, talvez eu não tivesse que bater em sua festa.

—É importante?— Matt pergunta.

Eu concordo. —Isto é.

—Você acha que ele é inocente.

Isso vem de Kennedy e não é uma questão. Isso me dá uma boa indicação de por que ele é tão bom no que faz. Ian joga com sagacidade e teimosia, Matt com sorrisos e bajulação, mas Kennedy consegue o que quer com um comando e competência calmos.

—Oh, pelo amor de Deus, deixe-a falar com ele—, diz Sabrina, acenando para os dois homens.

—Você diz isso como se você não fosse seu cão de guarda principal a maior parte do tempo—, Matt diz.

—Ela acha que ele é inocente—, insiste Sabrina.

—Na verdade—, eu interponho, —tudo o que *ela* disse foi que ela precisava falar com ele.

Matt me lança um rápido olhar com seus olhos azuis. Eles são mais escuros do que os de Ian e geralmente mais amigáveis, embora eu suspeite que isso seja um efeito deliberado. O homem não levou Wall Street pela tempestade em seus vinte e poucos anos apenas por ser fofo.

Embora ele seja isso. Muito.

—Tudo bem, então—, diz Kennedy, abrindo a porta. —Matt, você está de pé.

—Nele.

Matt entrega seu copo de coquetel para Sabrina, que o aceita com um revirar de olhos, e depois volta para a sala de estar de Ian.

—Tudo bem, todo mundo, hora de limpar—, diz ele em uma voz de comando.

A conversa barulhenta de um coquetel de sucesso falha um pouco quando todos olham para ele, tentando avaliar se ele está falando sério.

—Você ouviu o homem—, diz Sabrina, entrando no quarto. —Estamos levando esta festa para outro lugar.

—Que tal o seu lugar, querida – festa para dois? Ou três, eu sou jogo. — Um cara bêbado e com cara de idiota ri quando ele diz isso, olhando para Sabrina.

Pelo canto do olho vejo Ian dar um passo à frente, seu olhar azul-gelo e assassino enquanto ele procura pelo locutor.

Sabrina levanta a mão para parar o amigo, depois bate a outra mão contra o peito de Matt, que também se aproxima. —Qual é o seu nome, bichinho de estimação?— Ela ronrona com o cara bêbado.

—Sean

—Sean...?

—Galen.

—Adorável conhecê-lo—, diz Sabrina com um sorriso caloroso. Então ela bate as mãos como uma mãe em uma festa de futebol. —Ok, meninos e meninas, estamos mudando essa festa para a Biblioteca Brandy. Bebidas em Sean Galen. Certifique-se de obter o que quiser; Sean está se sentindo *muito* generoso hoje à noite.

—Ei!— o homem exclama, apenas sóbrio o suficiente para perceber o que está acontecendo. —Você não pode simplesmente...

—Oh, sinto muito. — Sabrina põe a mão no peito, como se estivesse chocada com a gafe. —Você não pode pagar?

Eu pressiono meus lábios para sufocar minha risada. Está bem jogado. A Biblioteca Brandy é um bar de coquetéis ridiculamente caro, com todos os licores de primeira linha que um bebedor esnobe poderia sonhar.

A conta será impensável.

Mas não é tão impensável quanto um jogador poderoso ter que admitir que não pode pagar.

Ele engole e força um sorriso. —Entendi. Todos se divertem. Por minha conta.

Sabrina dá-lhe um tapinha no ombro, e Kate zumbe pela sala, arrancando os copos das mãos e conduzindo todos para a porta, enquanto Kennedy entrega maços de dinheiro aos garçons e bartenders e os envia também.

Ele chama minha atenção e pisca.

Tudo acontece tão rápido que mal consigo registrar até que ponto a situação foi tratada até que Kennedy e Kate pararam na porta do apartamento agora vazio.

Kate olha para Ian. —Você está bem?

Ele apenas olha.

Kennedy acena e coloca as mãos nas costas de Kate, conduzindo-a para o corredor. —Sim, ele está bem.

Um momento depois, a porta se fecha.

E então é só eu, um monte de copos vazios, e um Ian Bradley muito irritado.

23

IAN

Semana 4: quinta à noite

—Assim. A SEC faz as ligações da casa agora —, eu digo, me afastando de Lara e caminhando em direção ao bar agora deserto.

Muito irritado para me fazer um coquetel adequado, eu pego uma garrafa aberta de vinho vermelho e me sirvo um copo.

—O que você está bebendo?— Eu me viro para Lara.

—Pinot Grigio. Mas Ian, você não precisa...

Eu já tirei a garrafa do balde de gelo e estou andando em direção dela. Eu termino seu copo sem olhar para ela. Eu não posso. Ainda não. Estou com muito medo dela ver a verdadeira razão pela qual eu tenho evitado ela - a verdadeira razão pela qual eu estou tão maldito bravo com ela.

Porque eu quero ela.

E meu coração está apavorado, ela não vai me querer de volta.

—Eu não vim aqui para o vinho—, diz Lara suavemente.

Eu devolvo a garrafa ao balde e pego meu copo de vermelho. —Não? Qual é o plano, então? Esperar até que todo mundo beba o vinho na esperança de que eles compartilhem alguma sujeira em mim?

Ela coloca o copo na mesa de café e cruza os braços. —Voce esta bravo comigo. Por quê?

A pergunta me irrita porque... Nem eu tenho certeza.

Eu estou bravo, sim, mas eu não sei se é com ela. Principalmente, estou bravo comigo mesmo por querer uma mulher que pensou, mesmo que por um momento, que eu poderia ser um criminoso. Eu a quero mais do que eu sempre quis alguma coisa ou alguém, mas ela ainda não tem certeza se eu pertenço à cadeia.

—Tudo bem—, ela se encaixa quando eu não respondo. —Ferva em silêncio. Mas também estou zangada. Ian você vai ao meu apartamento, você me faz sentir... e então você ignora que eu existo-

Eu giro ao redor. —Então você decide vir em uma festa na minha casa?

—Kate me convidou! Foi a única chance que tive e eu...

—Bem, é uma chance que você deveria ter passado. Não tenho nada a dizer para você.

Seus olhos piscam com dor e sinto uma pontada de arrependimento. Mas antes que eu possa me desculpar, a dor é substituída pela raiva novamente e ela se aproxima de mim.

—Eu não teria que te perseguir depois de horas se você estivesse disponível durante o dia de trabalho—, diz ela. —Quantos correios de voz deixei pra você? Quantas mensagens com a Kate você ignorou? Quantos e-mails eu enviei?

Eu empurro sua mão para fora do caminho e passo mais perto. —Oh, me desculpe por eu não limpar minha agenda para lhe dizer pela *centésima vez* que sou inocente quando você não tem intenção de acreditar em mim.

—Inverta as situações, Ian.

Eu bufo e ela empurra meu ombro.

—Não, apenas cale a boca e ouça. Você jogou o cenário *imagine-se* na outra noite; agora é minha vez. Finja que você é um agente da SEC, e seu chefe, a quem você respeita, que lhe escreverá uma carta de recomendação para seu emprego dos sonhos, diz que há uma dica confiável acusando um investidor de espionagem na Wall Street. Como investigadora da SEC há mais de cinco anos, você sabe por experiência própria que essas dicas são mais frequentemente do que não legítimas - você sabe que as pessoas realmente enganam o sistema e você é pago para descobrir a verdade. O que você faria, Ian? A razão pela qual você está tão chateado com isso é porque você se orgulha do seu trabalho e se sente insultado por alguém te acusar de trapacear. Bem, não é isso que você está me pedindo para fazer? Apenas tomar cegamente sua palavra, porque você é charmoso?

Minha consciência leva seu discurso diretamente nas bolas. Eu não tinha pensado nisso dessa maneira, e maldição, ela está certa. Meu orgulho, no entanto... a parte de mim que quer que ela acredite em mim - não, *precisa que* ela acredite em mim...

Esse cara é quem abre a boca.

—Se você tem algo a dizer para mim, pode deixar uma mensagem com Kate.

Seus lábios abrem em choque indignado, mas ela se recupera rapidamente, contornando-se ao meu redor e colocando uma cadeira entre nós. —Bem. Vou mandar um memorando oficial para o seu escritório.

Ela segue em direção à mesinha lateral onde a bolsa solitária restante é dela, a mesma marrom feia que ela carrega com ela em todos os lugares. Ela a pega, empurra as alças por cima do ombro enquanto se dirige para a porta da frente e abre a porta. Mas em vez de marchar e fechá-lo, ela se vira para mim, olhos azuis e ardendo atrás dos óculos.

—Você sabe, eu pensei que estava errada. Eu pensei que o primeiro dia em que você era um idiota total na calçada... Pensei - *esperava* - que fosse um escudo, um ato que você fez para jogar o jogo de Wall Street e esconder o fato de que, embaixo de tudo, você é realmente um cara decente. Mas esse não foi o ato, foi? O ato foi o resto do tempo quando você tocou de legal. O bom Ian é o falso.

A acusação dói, mas não posso negar. Não sei mais quem é o verdadeiro Ian. Não quando ela está por perto.

—Eu já disse a você o que eu quero—, eu digo em voz baixa, me afastando. —Eu quero que você acredite em mim.

—Por que diabos você pensa que eu estou aqui, Ian? Por que você acha que eu estou tentando te perseguir? Você me diz para avisá-lo quando a mulher *e* a SEC acreditarem que você é inocente, mas você nem me dá a porra de uma chance.

Eu me viro, tanto pelo temperamento dela quanto pelas próprias palavras. —O que?

Ela levanta o queixo. —Eu terminei minha investigação. Eu embrulhei ontem e escrevi meu relatório esta tarde.

Eu sou um idiota.

Eu estive tão chateado com ela por continuar a investigação depois daquele beijo que eu usei toda a minha força de vontade nos últimos três

dias para evitar qualquer coisa com ela - vê-la, falar com ela, deixando-me importar com ela e a querer.

—Eu estou recomendando que eles fechem o seu caso—, diz ela em voz baixa. —Nenhuma investigação formal.

O rugido em meus ouvidos escurece para completar um silêncio sinistro, e tenho certeza de que a ouvi mal. —O que?

Ela me olha nos olhos e levanta o queixo com confiança. —Não há evidências indicando que você recebeu uma dica sobre o J-Conn. Eu disse isso no meu relatório. Eu ligo amanhã.

Eu dou um passo mais perto. —E sua carta de recomendação do FBI? Você não consegue sem a investigação formal, certo?

Desta vez ela não encontra meus olhos. —Não é problema seu, Ian.

Lara entra no vestíbulo e fecha a porta atrás dela, e por um longo momento - um momento longo demais - permaneço perfeitamente imóvel, vinho intocado em minha mão.

Como diabos é assim que acaba.

Eu coloco meu copo no balcão e abro a porta. —Lara

Ela está no saguão do elevador, apertando o botão, mas sei que ela pode me ouvir.

—Droga, McKenzie. — Eu ando em direção a ela, xingando novamente quando ouço o bip do elevador chegando.

As portas se abrem e ela entra.

—Lara!— Eu corro agora, enfiando minha mão nas portas fechadas e esperando que os sensores do elevador do meu prédio estejam cheios.

As portas se abrem de novo, e eu as seguro de volta, olhando para ela onde ela está calmamente. —O que?

Eu soco a parada de emergência no elevador. —Onde diabos você está indo?

Seus olhos começam a se encher e eu me sinto um idiota. Eu *sou* um idiota

Ela sacode a cabeça, o queixo tremendo. —Eu não posso fazer isso, Ian. Eu não posso jogar seus jogos. Não sei o que fazer quando um dia você me quer, no outro você está com raiva de mim e não me quer mais.

—Eu nunca parei de querer você—, eu rosno, colocando minhas mãos em seu rosto e gentilmente enxugando as lágrimas gêmeas que escaparam de seus olhos. —Sim, estou com raiva. Você acha que eu quero te querer? Você acha que eu aprecio o fato de que a mulher que ocupou todos os meus pensamentos no mês passado é da SEC? Você acha que eu gosto que esta seja a primeira vez que eu me senti assim, mas você...

Lara se inclina para frente, colocando as mãos no meu peito e pressiona a boca na minha.

Eu gemo em gratificação, puxando-a para mais perto.

Eu beijei meu quinhão de mulheres - mais do que meu quinhão. Mas eu nunca *precisei* beijar uma como eu faço com essa mulher, nunca senti que ia me arrepender pelo resto da minha vida se eu não tiver a minha chance.

Meus dedos enrolam em torno de seu rabo de cavalo.

Minha.

Eu quero essa mulher frustrante e complexa como minha.

Eu belisquei o lábio dela. *Entrega.*

Ela dá um suspiro suave, e eu tomo vantagem sem vergonha, minha língua provocativamente voando em seu lábio inferior antes de deslizar para dentro para aprofundar o beijo.

Seu beijo é tímido no começo. Sua língua hesitante enquanto toca a minha. Então suas mãos deslizam dos meus pulsos para emaranhar no meu cabelo, e eu perco todo o controle.

Com um gemido, pressiono suas costas contra a parede do elevador. O elevador ainda está em parada de emergência e continua a bipar para nós em aviso indignado, mas eu o ignoro. Inferno, eu mal o registro. Há apenas nós, suas mãos no meu cabelo, minhas mãos nas costas, seus quadris.

O beijo é ofegante e frenético e tão quente que meus dedos coçam para deslizar sob sua saia, descobrir se ela está molhada, macia e carente.

Lara se afasta com um suspiro. —Ian.

—Hmm. — Meus lábios encontram seu pescoço, amando seu gemido involuntário.

Ela empurra meu ombro. —Espera. Pare.

Eu continuo e gemo. —Minhas duas palavras menos favoritas.

Lara solta uma risadinha enquanto se afasta, endireitando os óculos e parecendo tão aturdida quanto eu me sinto.

Eu quero desvendá-la. Eu quero desvendar com ela. Minha mão estende novamente, mas ela se afasta.

—Eu...Eu preciso ir devagar, só um pouquinho —, ela diz, passando a mão trêmula no longo rabo de cavalo. —Eu não entreguei meu relatório ainda. Oficialmente ainda estou investigando você.

Eu rosno de frustração, até eu entendo. Seu trabalho é tão importante para ela como o meu é para mim. Eu não fiz um bom trabalho em apoiar isso, mas pretendo começar agora.

—Quando você liga?— Eu pergunto.

—Eu preciso ler mais uma vez, então vou mandar para o meu chefe amanhã antes do meio dia.

—Perfeito. Almoce comigo depois.

Ela ri. —Ian.

—Cedo demais? Eu posso fazer o jantar em vez disso. Eu não sou nada se não flexível—, eu digo, deixando um sorriso se espalhar pelo meu rosto.

Ela morde o lábio. —Eu não sei se posso fazer esse tipo de coisa tão bem quanto você—, ela diz baixinho. —Na verdade, eu sei que não posso.

—Que tipo de coisa?

—Casual...Sexo... Aventura.

Não seria casual. Não seria uma aventura.

O pensamento me pega desprevenido, tão chocante que estou aliviado por não ter dito em voz alta.

—Seria só jantar. Duas pessoas compartilhando uma refeição. — Meu tom é fácil, cuidadoso para não trair o quão incomum - e não familiar - o pedido é para mim.

Ela pode não fazer sexo casual, mas eu não faço *isso*. Eu não peço às mulheres para jantar simplesmente porque quero passar um tempo com elas. Como Kate não tão gentilmente apontou para mim, eu não namoro. Não como um meio para nada além de transar.

Mas eu quero namorar a Lara. Eu quero fazê-la rir e ouvir sobre sua vida, e descobrir como levá-la para o emprego dos sonhos do FBI, e quero estar lá quando ela receber a ligação.

Eu quero tudo isso.

Estou com tantos problemas com essa mulher.

—Vou pensar sobre isso. — Ela aponta para as portas do elevador. — Fora.

Droga. Não é assim que eu vi isso acontecer. —Mas-

—Estou indo para o saguão. Você vai voltar para o seu apartamento.

Já fiz acordos suficientes com investidores teimosos e relutantes para saber quando é hora de recuar.

Por agora.

—Tudo bem—, eu digo com um sorriso fácil.

Eu me movo em direção às portas abertas, parando quando estou com ela. A respiração dela trava, e apesar de eu querer devorar sua boca mais uma vez, eu quero surpreendê-la ainda mais.

Eu escovo meus lábios contra sua bochecha, sorrindo quando seu suspiro é meio alívio, meio desapontamento. Então eu volto para o corredor, ainda de frente para ela.

—Tchau, Ian.

—Boa noite, Lara. Vejo você amanhã.

É uma promessa. Uma garantia de que isso não acabou.

Eu a vejo engolir enquanto ela empurra o botão de parada de emergência de volta, e quando trancamos os olhos antes das portas fecharem, eu sei que ela sabe disso.

24

L ARA

Semana 4: sexta-feira de manhã

Estou arrumando a sala de conferências da Wolfe que serviu como meu escritório algumas semanas passadas, quando Kate entra com duas canecas.

Ela me entrega uma.

—Oh, obrigada—, eu digo, pegando. —Mas eu já tenho

Eu olho para o conteúdo. Não é o café que eu estava esperando.

Eu olho para cima. —Suco de laranja?

—Com um toque de algo borbulhante. — Ela pisca e bate a caneca com a minha e toma um gole de sua própria mimosa clandestina.

Eu hesito. Estritamente falando, está bebendo no trabalho.

—Oh, vamos lá—, ela persuade. —É uma sexta-feira e estamos comemorando. Além disso, é seu último dia aqui. O que eles vão fazer, despedir você?

Eu tento esconder meu estremecimento com a referência ao meu status de emprego. Não estou preocupada em ser despedida - nenhum dos superiores da SEC vai dar uma merda sobre um gole de suco de laranja com champanhe. Eles nunca vão saber sobre isso.

Mas estou preocupado com as consequências do meu relatório.

Eu mandei esta manhã e não ouvi nada. Eu tentei ligar para Steve três vezes. Ele não atendeu. Eu não sei se ele está ocupado ou não...

Se ele está chateado.

Que é estúpido. Eu fiz o meu trabalho. Eu olhei para tudo - e-mails, arquivos, mídia social, pesquisas na Internet nos computadores da empresa. Eu virei todas as rochas que eu normalmente viro e parece vazio. Não há prova de que Ian é culpado. Não há provas. Nada.

Meus relatórios de status semanais disseram isso o tempo todo.

Mas enquanto minha ética está firmemente no lugar, meus sonhos são... nebuloso. Eu vou chegar no FBI algum dia, eu sei disso. Mas eu preciso de um caso de alto perfil para chegar lá.

Não era esse, não importava o quanto Steve achasse que seria.

Por isso, ganhei um gole de champanhe. Além disso, tem o suco de laranja aí! Fruta serve, certo?

—Lá vai você—, Kate diz quando eu tomo uma bebida.

Ela atravessa a caixa de papelão na mesa. —Vai ser estranho sem você aqui.

—Estranho bom?

—Bem, todo mundo vai ficar muito menos nervoso sem a SEC à espreita, isso é de certeza.

—Par para o curso—, eu digo, soltando meu grampeador na caixa. —Nós geralmente não fazemos muitos —amigos de trabalho. —

—O que tem dentro da SEC? Certamente você tem alguns amigos lá.

Eu dou de ombros. —Eu sou amiga de todos. Mas não é como aqui, onde as pessoas vem ao mesmo escritório todos os dias. Temos uma base, mas estamos no local em outros lugares mais frequentemente do que não. E mesmo quando estou no escritório, são principalmente homens casados que não têm interesse em fazer amizade com uma mulher de vinte e poucos anos.

—Poderia ser pior—, aponta Kate. —Poderia haver um monte de homens casados que estão interessados em alguma coisa com uma mulher de vinte e poucos anos.

—Verdade.

—Você viu Ian ainda esta manhã?

Minha caneca para no meio caminho da minha boca, e espero que esconda meu rubor.

O jeito que esse homem beija...

Kate me estuda. —Você está bem?

Um pouco quente, mas sim, tudo bem.

—Sim!— Isso sai muito vigoroso, e os olhos de Kate se estreitam.

—O que aconteceu depois que todos nós saímos ontem à noite?

—Eu contei a ele sobre o meu relatório. Ele ficou aliviado. Eu saí. —Depois de sairmos do elevador. Sério, o Ar Condicionada não está funcionando aqui hoje?

Kate me dá um olhar cético. —Você poderia ter dito a ele sobre o relatório por um e-mail.

—Na verdade, eu sempre digo às pessoas que estou investigando minhas descobertas em pessoa.

É verdade. Não é uma regra da SEC nem nada. Nem é necessariamente recomendado. Mas isso faz parte do meu próprio processo. Parece uma coisa de decência humana, se eu estou virando a vida deles de cabeça pra baixo ou dando a vida deles de volta, é o tipo de coisa que eu sinto que deveria olhar nos olhos de uma pessoa e dizer, sabe?

Claro, isso nunca resultou em ser sentido antes, não que suas mãos tinham vagado para qualquer área de íntima. Eu apenas desejei...

Eu tomo outro gole do champanhe, em seguida, coloco a caneca para baixo antes de que eu beba tudo.

—Bem, obrigado por tomar o tempo—, diz Kate, caindo em uma cadeira. —Ele está de bom humor esta manhã. Tipo, eu o ouvi assobiar.

—Realmente?— A informação provoca uma emoção apressada através de mim que tem nada a ver com satisfação profissional.

Kate encolhe os ombros. —Você não estaria se tivesse descoberto que não iria pra cadeia?

—Não havia garantia de que ele teria conseguido tempo. Às vezes é apenas uma bolada boa e perda de emprego, embora para alguns, isso pode ser tão devastador.

—A multa não teria incomodado Ian.

—Alguns desses caras acabam perdendo sete números. Para não mencionar os seus empregos.

—Eu já lhe disse que ele não é sobre o dinheiro—, diz ela. —E eu acho que você sabe disso.

Eu olho para minha bebida. Eu sei.

O Ian que eu conheci nas últimas semanas usa terno caro, bebe vinho superfaturado, e tem festas com caviar, sim, mas isso é meramente a camada superior. Assim como o mulherengo paquerador é apenas uma camada. O homem abaixo disso é gentil e generoso, e talvez um pouco vulnerável.

—Lara. — A voz de Kate é mais suave do que eu estou acostumada, e eu olho para cima. —Não brinque com ele. Por favor.

Eu engulo e aceno, mas não digo nada. Eu tenho estado tão ocupada descobrindo como proteger-me de Ian, que realmente não me ocorreu que Ian pode precisar se proteger de mim.

Que ele pode estar tão fora de seu elemento quanto eu, embora de forma diferente.

Kate olha para a caneca dela. —Droga, está vazio. Eu disse a mim mesmo que só podia ter um até terminar os relatórios semanais. Acho que estou de volta ao trabalho.

A repentina picada de tristeza que sinto pelas palavras dela me surpreende. Eu estive tão focada em o que diabos está acontecendo entre Ian e eu, não me bateu, que isso é adeus. Kate se tornou uma amiga, ou pelo menos alguém que eu gostaria de ter como minha amiga.

Eu vou sentir falta de Kennedy e Matt também, mesmo Sabrina em todos os seus lindos comichões. É um grupo que eu gostaria de poder fazer parte....

Se as coisas fossem diferentes.

Kate fica em pé. —Olha, eu sei que isso pode ser estranho, mas se você quiser pegar um almoço em algum momento...

Meu sorriso é enorme. —Gostaria disso.

—Bom.

—Ei, Kate—, eu digo quando ela está quase na porta. —Ian está em seu escritório?—

Quando ela se vira para trás, seu sorriso é um pouco travesso. —Ele teve uma reunião às nove, mas deve ter terminado agora. Ele tem um intervalo até as onze horas. — Ela se encostou contra a porta. —O que você precisa dele? Quer dizer, o caso está finalizado, certo? E você entregou essa mensagem ontem à noite. Assim-

—Kate.

—Sim?

Eu pego minha mimosa e tomo um gole. —Qual é o problema com você e Kennedy?

Seu sorriso desaparece. —Ainda não somos *tão* boas amigas, SEC.

Eu sorrio. —Exatamente.

Kate aponta para mim. —Eu sabia que ia gostar de você.

Ainda sorrio quando ando pelo corredor em direção ao escritório de Ian. É apenas dez e pouca, presumindo que suas nove horas não atropelassem...

Ian está atrás de sua mesa, atenção na tela do computador.

Eu o vejo digitar por um momento. Estou acostumada a vê-lo em seu charmosa modo pessoa-pessoa, mas estou percebendo que há outro lado para sua persona profissional. O cara que faz as coisas é muito intenso, muito focado e... muito quente.

Ele está vestindo uma gravata rosa escura hoje, mas parece tudo menos feminino quando combinado com seu terno cinza-escuro, ombros largos e mandíbula afiada.

O homem é a fantasia de toda mulher.

E ele me pediu para jantar.

Ian pega uma caneta e olha duas vezes quando me vê na porta de entrada. —Ei aí, estranha. Entre.

—Hey—, eu digo, me sentindo um pouco confusa quando fecho a porta.

Ele começa a ficar de pé, mas eu levanto a mão para detê-lo. —Espera. Se você pudesse apenas... Preciso dizer algo e não posso quando você está todo... perto e outras coisas.

Ian dá um sorriso perplexo. —Tudo certo. Está bem?

—Você me pediu para jantar.

Seu olhar é firme. —Eu fiz.

—Por quê?

—Porque eu gosto de comer. — Ele sorri.

—Ian, eu estou falando sério.

Ele se levanta e vem em minha direção. —Porque eu gosto de você, Lara. Que diabos eu tenho que fazer para provar isso? Arranjar isso escrito no céu? Tatuagem? Colocar num classificado?

Meu estômago revira com suas palavras e não consigo esconder meu sorriso bobo.

—Você entregou seu relatório?— Ele pergunta, estendendo a mão e pegando a minha mão.

—Eu fiz.

Seus olhos piscam de alívio. —Então, eu não estou mais sendo investigado por espionagem? Você não está mais me investigando?

—Correto. —

Ele me puxa para um beijo e eu estou pronta para isso. Inferno, eu o encontrei no meio do caminho, minhas mãos em sua cintura, sua mão em meu rosto, me puxando para perto.

Não me lembro de sentir essa fome, essa imprudência. Sim, estamos em seu escritório. Sim, qualquer um poderia entrar. Mas agora, com as mãos em mim, eu não me importo. Eu não me importo com nada além de querer mais.

Sem quebrar o contato, ele chega atrás de mim e tranca a porta.

—Meu lugar—, diz ele, arrastando a boca da minha e arrastando-a para baixo da minha garganta. Minha cabeça cai para trás e solto um pequeno gemido quando ele beija meu pescoço.

—Sete horas.

—Eu não posso ir ao seu lugar no primeiro encontro.

Sua boca retorna ao meu. —Por que não? Você disse que não queria que ninguém nos visse.

Eu bufo de frustração. —Eu sei mas-

—Eu sou um bom cozinheiro—, diz ele com um sorriso lento.

Isso me dá uma pausa. —Você é?

—De modo nenhum. Mas eu sou muito bom em comer.

—Ian...

Eu não lembro o que eu ia dizer. Toda essa conversa tem ocorrido entre beijos, e com cada pincelada de sua boca contra a minha, fica mais difícil de pensar. E muito mais difícil dizer não. Eu vim aqui pensando talvez nós poderíamos pegar essa coisa devagar...

Então suas mãos deslizam sobre meus quadris enquanto ele aprofunda o beijo, e o devagar parece impossível. E não o que eu quero.

Eu quero isso. Eu quero o jeito que me sinto quando estou perto dele, do jeito que me sinto quando suas mãos estão em mim.

—Você quer vir—, diz ele, inclinando-se um pouco para pressionar um beijo para o V da minha blusa.

—Eu faço?— Eu consigo dizer enquanto sua palma desliza pela minha coxa, seus dedos vagando debaixo da minha saia.

—Mm-hmm. — Seus dedos percorrem o interior da minha coxa nua.

—Mas-

As pontas de seus dedos roçam levemente a frente da minha calcinha, e eu não consigo lembrar de nada. Não é o que eu disse no passado, não porque eu não deveria estar fazendo isso...

Então seus dedos deslizam por baixo do elástico, e eu nem consigo lembrar do meu próprio nome.

Ele geme quando encontra minha umidade.

Eu ofego quando me agarro a ele, tentando não deixar meus joelhos cederem quando os dedos inteligentes dele encontram todos os lugares certos.

Eu não conheço essa garota, que deixa um playboy polido apoiá-la numa porta do escritório e deslizar a mão sob a saia, mas agora eu quero ser ela, se apenas por este breve momento do céu.

—Ian. — Eu corro minhas mãos sobre seus ombros.

Ele se afasta com um gemido.

—Não, não pare—, eu gemo, puxando-o para perto, com tesão demais para estar envergonhada.

Ele solta uma risada torturada, sua testa descansando contra a minha. —Eu tenho que. Eu não posso levar você aqui assim.

Por que diabos não?

Eu não pergunto em voz alta, mas ele parece saber, roçando seus lábios nos meus.

—Você é diferente. Deixe-me mostrar a você que você é diferente.

Frustrado como meu corpo está, meu coração se eleva. Como não poderia? Isso não é tudo a fantasia da mulher, ser aquela que doma o indomável?

Ele tira a mão de debaixo da minha saia, usando a outra mão para suavizar tudo ao lugar certo.

Ian beija minha bochecha, seus lábios se movendo para o meu ouvido. —Sete horas. Meu lugar. Por favor.

Eu olho para longe só por um segundo, tentando reunir meus pensamentos e meus olhos trancam na orquídea na mesa atrás de sua mesa. A maldita coisa está florescendo.

Eu engulo, meus olhos inesperadamente molhandos com um sentimento por esse homem que eu não estou nem perto de me nomear.

Eu concordo. —Sete horas.

25

IAN

Semana 4: sexta à noite

—De onde vieram aqueles?— Pergunto enquanto Sabrina distribui pequenos guardanapos quadrados que eu nunca vi na vida.

—Loja de papelaria em Flatiron, — diz ela, inclinando a cabeça para analisar o ângulo do arranjo de guardanapos. —Eles não são fabulosos?

Eu grunho em resposta. —E você está aqui porque...?

—Bem, imagine por um segundo se nós dois tivéssemos pais melhores—, diz ela, indo para a pia para cortar as pontas das flores que ela trouxe com ela. —Eles queriam nos ver indo ao baile. Imagine isso. Certifique-se de ter o buquê. Ela segura as flores.

Eu olho para Matt, que está sentado na banqueta da minha cozinha. —Do que ela está falando?

—Me pegou. — Matt dá de ombros e enfia a mão em uma tigela de coisas chiques de biscoitos de queijo, mais uma adição de Sabrina. —Eu nunca falo sua língua.

Sabrina bate nas costas da mão dele. —Não toque. Aquelas são para Lara.

—Ai!— Ele aperta a mão dele. —Desde quando você gosta da SEC mais do que mim?

—Desde sempre. Eu gosto de todos mais do que você.

—Eu ainda não estou seguindo a referência do baile—, eu interrompo, observando com ceticismo como Sabrina organiza as flores em um vaso que eu não sabia que tinha.

—O baile é um grande negócio—, diz ela, reposicionando uma flor cujo nome eu definitivamente não conheço. —Então é o seu primeiro encontro.

—Oh Jesus—, eu murmuro. —Aquilo novamente?

—Eles crescem tão rápido—, diz Matt, pegando um dos guardanapos de Sabrina e enxugando os olhos.

—Não toque neles também—, diz Sabrina a Matt. —Você tem alguma ideia de quanto custam?

—Como se você não pudesse pagar. Quanto você está cobrando nos dias de hoje para brincar de Deus com a vida de outras pessoas?

—Oh, tenho certeza que estou dentro do seu orçamento, menino maravilha. Então, se você está procurando contratar alguém para ajudar com o seu inadequado...

—Tudo bem—, eu interrompo. —Fora. Saia.

—Mas-

—Não. — Eu pego a bolsa de Sabrina e a empurro contra seu peito, empurrando-a em direção à porta. —Tchau.

Matt dá a ela um adeus, usando principalmente seu dedo do meio para fazer isso.

—Você também—, eu digo a ele.

Ele franze a testa enquanto Sabrina se regozija. —Eu acho que deveria ficar aqui—, ele insiste, mesmo quando ele está de pé. —Você sabe, para executar interferências.

—Sim, é isso que todo encontro precisa.

—Ian, você não pode estar pensando seriamente em ver essa mulher--

—Suficiente!

Eu não tenho temperamento. Eu realmente não tenho. Mas há uma linha tênue entre amigos sendo amigos e amigos sendo dores monótonas na minha bunda.

—Eu dei a você merda quando você e Sabrina foderam, e depois ferraram tudo? Eu dou uma palestra para Kennedy e Kate sobre o que diabos está acontecendo lá? Não. Eu deixo vocês fazerem suas coisas, viverem suas vidas, então deixe-me fazer o mesmo. Por favor.

Matt olha para mim por um momento, depois olha para Sabrina, que encolhe os ombros.

—Tudo bem—, ele resmunga finalmente. —Você vai me ligar quando ela sair?

—Não, porque isso seria estranho—, eu digo, colocando a mão entre as omoplatas e empurrando-o não muito gentil em direção à minha porta da frente.

Sabrina já está lá, abrindo-a antes de pegar sua bolsa para aplicar o batom. —Pelo menos nos mande uma mensagem. Nós só queremos ter certeza de que ela não está brincando com você, que isso não é um truque...

—Eu não faço truques.

Todos nós viramos para ver Lara parada na porta, segurando uma garrafa de vinho no peito e parecendo chateada. E talvez um pouco magoada.

Sabrina tem a decência de estremecer. —Eu não quis dizer-

—Sim. Você quis —, interrompe Lara.

Ela não está usando os óculos esta noite, e o cabelo dela está caído, do mesmo jeito que estava naquela noite no clube. Mas a minha parte favorita é que ela está vestindo jeans e uma espécie de top de tiras. Quanto tempo faz desde que passei a noite de sexta com uma mulher de jeans? Geralmente são vestidos extravagantes, sapatos desconfortáveis e uma merda de spray de cabelo.

Lara parece confortável. E é uma das coisas mais sexy que eu já vi.

Bem, isso e o olhar furioso no rosto dela.

—O caso está encerrado. Eu acho que Ian é inocente, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Eu não estaria aqui se não achasse—, diz Lara friamente.

Então o impossível acontece. Sabrina fica vermelha de vergonha e diz... nada.

Tanto Matt quanto eu a encaramos em estado de choque. Sabrina Cross não faz nada além de confiança ousada.

—E você—, diz Lara, voltando sua atenção para Matt. —Você e Kennedy são bons cães de guarda. Eu posso apreciar isso. Mas você também é amigo de Ian e precisa saber quando recuar.

—Hey,— Matt diz. —Você o conhece há quanto tempo? O resto de nós está aqui há anos...

—Excelente—, diz Lara com um sorriso brilhante. —Então, como um amigo que o conhece há anos, você confia e respeita seu julgamento, certo?

A mandíbula de Matt trabalha com raiva, mas ele sabe quando foi superado. —Certo.

—Maravilha. — Ela pisa para o lado em um comando silencioso. *Saia.*

Para minha surpresa, eles fazem.

Matt e Sabrina, pela primeira vez, saem docilmente sem olhar para trás.

Inferno, eles nem estão discutindo um com o outro.

Eu dou a Lara um olhar apavorado. —Você não tem ideia de como foi impressionante.

Ela sorri e entra no apartamento. —Desculpe se eu ultrapassei. Eles realmente se importam com você.

—Eles fazem. Não os faz bem, no entanto.

Lara olha para mim, seus olhos azuis desprotegidos sem os óculos. —Então você não acredita neles? Você não acha que eu estou aqui na esperança de que você admita algo sobre J-Conn?

Eu me aproximo e, passando um dedo sob o queixo, inclino o rosto para meu. —Eu não acho que devemos sequer mencionar a palavra J-Conn para o resto da noite. — Eu escovo minha boca contra a dela. — Combinado?

Em resposta, a mão dela envolve meu pescoço, me puxando para baixo, e o que eu pretendia ser um beijo rápido imediatamente aqueceu.

Normalmente eu gosto de estar no controle, mas eu amo o jeito que a Lara me beija. Eu deixei ela fazer do jeito dela, com fome e um pouco tímido. Está perfeito. Tudo, da tentativa de sua língua de escovar contra a minha até o jeito que ela acaricia minha bochecha faz com que eu sinta que este é o único beijo que importa.

Ela puxa de volta e empurra a bolsa de vinho no meu peito. —Aqui. Nunca vá para a casa de outra pessoa de mãos vazias e tudo isso.

Eu alcanço a sacola e pego o que eu assumi que era uma garrafa de vinho. Eu sorrio quando vejo que não é. —Campari. — É um dos principais ingredientes de um Negroni.

—E... —Ela vasculha sua enorme bolsa até chegar a uma garrafa de...

Removedor de mancha.

—Apenas no caso—, diz ela, entregando-me e batendo no meu peito antes que ela ande todo o caminho até o meu apartamento. —Parece diferente da outra noite.

—Eu reorganizei para abrir espaço para o bar—, eu digo, colocando o Campari ao lado das flores de Sabrina. —É assim que normalmente parece.

—É muito... viril —, diz ela, olhando em volta.

Eu puxo uma garrafa de champanhe para fora da geladeira. —Você não viu o pequeno travesseiro cheio de frescura no sofá?

Ela se inclina para frente para olhar o travesseiro genérico em questão. —É dificilmente um bordado caseiro.

—Bordado o que?— Eu pergunto, vindo em direção a ela com uma taça de champanhe.

—Meu ponto exatamente. — Ela aceita o copo, e eu bato o meu com o dela em um brinde sem palavras.

O olhar dela cai para a minha camisa e inclina a cabeça. —É preta.

Eu olho para a minha camisa preta. —Assim?

—E não há terno.

—Suas habilidades de observação são de alto nível hoje à noite, McKenzie—, eu digo com um sorriso.

—É apenas... esta é a primeira vez que eu vi você em outra coisa que não um terno. Eu gosto disso.

Eu toco o cabelo dela, correndo meus dedos pelos fios sedosos. —Hmm. Todo esse tempo eu tenho tentado fazer você não odiar as minhas entranhas, e eu poderia ter apenas abandonado a camisa.

—Eu não odiei suas entranhas.

Eu dou a ela um olhar conhecedor. —Você queria que eu caísse morto naquele primeiro dia na calçada. Admita.

—Você era um idiota. Admita.

—Eu era um idiota—, eu digo sem hesitação.

Ela dá uma risada exasperada. —É muito difícil discutir com você, sabia disso?

—Então não discuta. Senta. Vamos discutir com o que eu deveria alimentar você —, eu digo, gesticulando em direção às banquetas.

Ela pula no elegante assento preto e pega um guardanapo do balcão.

—Sabrina?

Eu reviro meus olhos. —Obviamente. Agora...sushi, italiano, chinês ou outro?— eu digo, deslizando meu celular pelo balcão, onde eu puxei o aplicativo de entrega de comida.

Ela morde o lábio. —Como nos sentimos sobre pizza?

A mulher aparece de jeans, carregando Campari e quer pedir pizza.

Onde ela esteve toda a minha vida?

—Eu me sinto bem com pizza—, eu digo, puxando meu telefone de volta e digitando o nome de um lugar ao virar da esquina.

Eu me sinto muito bem com você também.

26

LARA

Semana 4: sexta à noite

—Ok, nós esgotamos a cor favorita, os filmes favoritos, discutimos se ou não cogumelos devem ser banidos do mundo... — Ian encabeça meu copo de vinho. —Há apenas mais uma informação vital que resta para ser trocados.

Eu pego um pedaço de pepperoni desonesta do meu prato e o mordisco. —Aniversários?— digo ao mesmo tempo que Ian diz: —O pior que você já teve?

Eu quase engasgo com o pepperoni. —Essa não é uma conversa de primeiro encontro.

—Não é? Desculpe, sou novo nisso. Vou tentar novamente... Pior que você já teve?

Eu rio. —Eu não estou respondendo isso. — Mike Lanter, ano júnior da faculdade.

—Mas-

—Próxima pergunta—, eu digo com um sorriso, apreciando sua arrogância.

—Tudo bem—, diz ele, sentando-se em sua cadeira. —O que vai acontecer com a aplicação do FBI?

Meu sorriso cai. —Eu vou responder a outra pergunta. O sexo mais desajeitado foi...

—Vamos lá, Lara—, diz ele, estendendo a mão e agarrando minhas mãos quando eu me movo para limpar nossos pratos vazios. —Nós temos que falar sobre isso.

—Não há nada para falar. Meu chefe disse que ele me escreveria uma carta de recomendação uma vez que eu tivesse uma grande vitória no meu currículo. Você sendo culpado deveria ser essa vitória. Você não é. Fim da história.

—É uma história muito ruim—, diz ele, esfregando o polegar ao longo do interior de meu pulso. —Você deveria receber a carta de recomendação porque fez um bom trabalho.

Eu sacudo minha cabeça. —Na verdade, eu não deveria. Entrar no Quantico é competitivo. Um investigador júnior que faz um trabalho completo com uma investigação sobre alguém que era inocente não vai se destacar. O investigador que acaba de ganhar uma grande investigação formal sobre alguém que é culpado... isso tem o fator uau. —

Espero que ele argumente, mas ele concorda, o que agradeço. Ele confia em mim para saber mais sobre o meu trabalho do que ele, o que é uma pausa refrescante de outros caras eu namorei que gostavam de explicar tudo.

—Sinto muito—, diz ele, ainda não liberando minhas mãos.

Eu dou de ombros. —Eu também. Mas é apenas uma coisa de timing. O FBI não é agora, mas não é nunca.

—Você disse a seus pais?

—Ainda não. — Eu mexo no meu guardanapo. —Eu estou com muito medo de que eles fiquem aliviados. — olho para cima. —Você disse ao seu pai adotivo que nós encerramos o caso?

Seu sorriso é fraco. —Ainda não.

—Quão próximos vocês são?— Eu pergunto baixinho.

Ele encolhe os ombros como se isso não importasse, mas sua expressão fechada me diz tudo. —Perto o suficiente para ficar em contato. Não perto o suficiente para eu chamá-lo de papai.

—Você quer?— Eu pergunto.

Ele olha para cima. —Eu queria uma vez, há muito tempo atrás. Esperei por todo conto de fadas da adoção. Não deu certo, mas eu entendi. Quem diabos gostaria de assumir a confusão de um garoto adolescente com um chip no ombro?

Ele sorri, mas é tenso, e meu coração dói tanto pelo garoto que queria tanto ser desejado o suficiente para ser adotado e pelo homem que ainda não acha que ele valia o esforço.

—Como você se sente sobre a sobremesa?—, Ele pergunta abruptamente, de pé e pegando os pratos.

Pego as taças de vinho e sigo-o da área de jantar para a cozinha.

—Eu sinto que adoro a ideia em teoria, mas não consigo imaginar outra mordida de qualquer coisa.

—Bom—, Ian murmura, me puxando para perto assim que eu coloco o copo no balcão junto com os pratos.

Uma pequena parte de mim acha que devo protestar. Que é muito cedo, que eu não estou pronta...

São mentiras. Parece que eu esperei para sempre que alguém me quisesse de jeito como ele faz. E eu definitivamente esperei para sempre que alguém me fizesse sentir como ele faz.

Eu não sinto vontade de jogar timidamente. Eu não quero ser tímida.

Eu quero ele.

O beijo começa devagar e um pouco doce. O tipo de provocação suave de lábios que é um acúmulo deliberado e delicioso prometendo mais por vir.

Isso aumenta de maneiras pequenas e sexy. Seus dedos cavando meus quadris, um pouco desesperado. Minhas unhas arranhando seus ombros pela camisa, um pouco gananciosa. Sua língua persuadia meus lábios, e no momento em que escova na minha, o beijo passa de doce a escaldante.

Eu não sei se ele se move primeiro ou se eu o fiz, mas um segundo depois eu estou presa contra o balcão, a palma da mão na parte de trás da minha cabeça, a boca inclinada sobre a minha enquanto nos devoramos.

Sem romper o contato com minha boca, Ian me levanta no balcão,

e minhas pernas enrolam em volta de sua cintura, puxando-o para perto - precisando dele.

Tudo dele.

Eu nunca me senti assim, nunca senti que tudo o que realmente importa é chegar dentro do braço, se eu fosse corajoso o suficiente para aguentar.

Eu quero ser corajosa.

Meus dedos deslizam sob sua camisa.

Ian continua quieto, recuando apenas o suficiente para que eu ainda possa sentir seu hálito quente na minha boca. —Lara

Minhas mãos deslizam pelas costas dele. —Ian.

Ele aperta a mão sobre a minha. —Eu não tenho muito controle agora. E se você me toca, realmente me toca, eu vou ter que te tocar, e então...

—Então me toque.

Ele se afasta mais e me prende com aquele olhar azul ridiculamente atraente. —Você tem certeza?

Eu respiro fundo, e antes que eu possa desmaiar, eu puxo minha camisa sobre a minha cabeça. —Tenho certeza.

Ian faz um som que é meia oração, meio estrangulamento quando ele olha para baixo e vê meu sutiã de renda preta.

Ei, não vou dizer que planejei isso, mas me preparei. Apenas no caso de. Ele arrasta os dedos levemente pelo meu peito enquanto seus olhos me levam avidamente, enquanto eu enfio a camisa mais acima em seu abdômen. —Fora.

Ele se abaixa, e a puxa sobre a cabeça. Ele não está vestindo uma camiseta.

É só ele, e inferno sagrado, você pode dizer perfeição?

Ele é bronzeado e tonificado, e em todos os lugares que eu olho, ele fica melhor e melhor.

Eu toco minha mão no estômago dele. —Gominhos. Eu nunca estive com alguém com gominhos reais.

—Gominhos são chatos—, diz ele, chegando ao redor para soltar meu sutiã. —Estes, embora, —ele diz reverentemente enquanto meus seios se soltam da renda. —Esses são espetaculares. —

Meus peitos são medianos. Eu sei disso. Mas a maneira como Ian os adora, primeiro com as mãos, depois com a boca, faz-me sentir a mulher mais bonita do mundo.

Sua língua acariciava a ponta de um seio, depois o outro, até que eu não consigo recuperar o fôlego. Então seus olhos se movem para os meus no exato momento em que ele envolve sua boca ao redor do meu mamilo e é uma merda, um momento perverso sem remorso.

Com cada lambida, cada arranhão leve de seus dentes, ele me seduz um pouco mais até que eu esteja arqueando nele com um convite inconfundível.

As mãos de Ian roçam minhas panturrilhas, garantindo que meus pés fiquem bem enganchados em volta da cintura antes de me tirar do balcão.

—Impressionante—, eu murmuro, roçando meus lábios sobre o plano duro de sua bochecha enquanto ele me leva para o quarto.

E é isso. Eu não tenho muita experiência, mas o negócio de levantar e carregar tem sido o material das minhas fantasias sujas, não da vida real.

Mas o Ian é real. Ele é real, e ele me faz sentir feminina e poderosa, e é um sentimento delicioso.

Pelo menos até que ele me deita na sua cama e a realidade se instale.

Ele está no processo de desafivelar o cinto quando eu me levanto na vertical e rastejo para trás por alguma distância.

Ele continua parado. —Lara, me desculpe. Eu pensei-

—Não—, eu digo, levantando a mão. —Não, você pensou direito. É só estar aqui na sua.. — Eu olho em volta para o quarto inconfundivelmente masculino. —De repente, eu estou ciente de que você faz muito isso. Talvez nesta mesma cama. E eu... não.

Seus olhos brilham com compreensão, e embora ele acabe de remover seu cinto e tirar os sapatos, as calças ainda estão quando ele casualmente sobe em cima da cama.

Ele dá um tapinha no lugar ao lado dele. —Vem.

Eu sacudo minha cabeça.

Ian revira os olhos e me alcança, puxando-me para ele. Eu ofego um pouco quando meus seios nus colidem com o peito dele.

Ele cava os dedos no meu cabelo, bloqueando o seu olhar no meu. —Use seu cérebro brilhante para ouvir e ouvir bem. Você é a única mulher que estou pensando, a única mulher em que pensei desde que te vi naquele primeiro dia na sala de descanso.

—Realmente?— Eu procuro suas feições, mas vejo apenas honestidade lá.

Ele dá um beijo na minha bochecha. —Juro por Deus, mulher, eu nunca quis alguém como eu te quero. Eu tenho esperado que isso passe, mas algo sobre você me envolveu em seu dedinho sexy. —

—Então não passou?— Eu pergunto, colocando minha mão no centro do seu peito, observando enquanto eu abria meus dedos. Ele pega minha mão e abaixa suavemente até que ela esteja descansando contra a protuberância inconfundível em suas calças. —Definitivamente não.

Eu movo minha mão levemente, acariciando-o.

Ele aperta os olhos fechados. —Lara

Encorajado pela rouquidão de sua voz, eu abro suas calças, e o zíper quando eu o puxo para baixo eletriza o momento.

Sentando-me, eu saio do meu jeans antes de voltar minha atenção para ele, facilitando as calças e cuecas pretas sobre os quadris e as pernas, até ver Ian Bradley como deveria ser...

Totalmente nu e totalmente meu.

Ian se apoia nos cotovelos, me observando com olhos quentes enquanto corro minhas mão sobre seu corpo perfeito.

Eu lambo meus lábios. —Estou tão fora da minha liga.

Seu olhar cai para o meu peito. —Não de onde estou sentado.

Sentindo-me mais ousada do que nunca em minha vida, eu lentamente envolvo meus dedos nele. O aço aveludado pula contra a minha mão.

A cabeça de Ian cai de volta no travesseiro, e a maneira como ele rosna meu nome em desespero carente causa um latejar implacável entre as minhas pernas. Eu o acaricio timidamente, então com mais certeza quando seus gemidos me incitam. Até este momento - até ele - eu não

tinha ideia de que dar prazer a outra pessoa era a forma mais potente de preliminares... para mim.

Viciado ao sentimento, eu mudo um pouco, então estou de joelhos. Então eu me abaixo e toco em sua ereção com meus lábios.

—Deus. Lara. — Sua mão pega o meu cabelo.

Eu abro minha boca e o levo para dentro. Ele tem um gosto salgado e doce, e dessa vez não há nada de hesitante sobre a maneira como ele me toca. Seus dedos emaranham no meu cabelos agora, segurando-o enquanto ele descaradamente me observa, chupando-o.

Eu alterno entre rápido e lento, provocando e com certeza, ouvindo suas calças para aprender o que ele gosta.

Meus olhos se abrem quando sinto sua mão livre roçar as minhas costas, sobre meu quadril e bunda. Então eu gemo em torno dele enquanto sua mão cutuca além das minhas coxas, e ele trabalha sob o laço da minha tanga. Seus dedos deslizam em mim, me dedilhando com uma habilidade tão torturante que requer todo o foco para continuar fazendo o que estou fazendo.

É uma batalha perversa de vontades, seus dedos me provocando sem sentido, me deixando perto, mas nunca me deixando ir além da borda. Eu retribuo o favor, encontrando o ritmo exato que faz seus quadris balançarem, apenas para diminuir de volta no último minuto.

Nenhum de nós ganha. Ou talvez nós dois o façamos quando Ian me puxa e me para nas minhas costas.

Sua boca captura a minha, me beijando profundamente enquanto seu corpo prende o meu a cama.

Eu arqueio, e nós dois congelamos quando seu pênis cutuca contra o V úmido da minha calcinha.

Ele me dá um último beijo antes de se afastar e abrir a gaveta da mesinha de cabeceira. Ian rasga o pacote com os dentes e enrola o preservativo. Depois ele tira minha calcinha pelas minhas pernas e a atiro no chão.

Seu olhar cai entre as minhas coxas enquanto ele as separa. —Mais tarde—, diz ele baixinho, —eu vou te lamber aqui. — Ele corre um único dedo pela minha costura molhada, e eu choro, tanto pelo toque quanto pelas palavras dele. —Mas agora—, ele continua, lentamente descansando uma palma de cada lado da minha cabeça enquanto ele se eleva acima de mim.

—Agora, eu preciso estar dentro de você.

Ian avança ligeiramente para frente, sua expressão pura concentração enquanto observa meu rosto. Eu sou apertada e ele é grande, mas o atrito é delicioso.

Ele está respirando com dificuldade enquanto se retira, depois empurra de volta lentamente. Ele é a imagem de contido, claramente tentando tomar seu tempo, por mim, por nós. Para fazer isso durar.

Haverá tempo para isso depois. Neste momento, não quero ser provocada. Eu quero ser levada.

Gananciosa, eu chego e aperto sua bunda, pedindo-lhe para frente. —Mais forte.

Ele olha nos meus olhos primeiro, certificando-se. Então ele me dá. Seus quadris perfuram em mim com força, e eu arquear para levá-lo, meu corpo fornecendo suave ao dar de sua força dura.

Você pode morrer de prazer? Se você puder, esta é a maneira que eu quero ir, com Ian batendo dentro de mim, seus quadris circulando a cada impulso para esfregar exatamente o lugar certo até que eu esteja doendo, precisando...

—Venha—, diz ele quando minha visão começa a ficar desfocada com paixão. Ele belisca meu mamilo com os lábios dele. —Venha para mim, Lara, apenas assim.

Eu choro, arqueando as costas, e ele me encontra lá, seu corpo se sacode enquanto ele solta com um gemido baixo.

Eu sempre achei que os orgasmos eram orgasmos. Sempre bons.

Errado.

Às vezes eles são tão incrivelmente bons, que vocês dois estão apavorados, isso nunca vai acabar e com medo de que isso aconteça.

Ian cai ao meu lado, ainda respirando com dificuldade, e eu reuni a energia para rolar para ele. Ele vira a cabeça ligeiramente, pressionando um beijo ausente na minha testa antes de me puxar. —Bem.

Eu sorrio. —Bem.

Ian se desloca para olhar para mim, seus dedos encontrando uma mecha do meu cabelo e acariciando com o polegar. —Você nunca respondeu a minha pergunta.

—Qual?

—Pior sexo que você já teve. —

Eu mordo meu lábio inferior. —Oh. Poxa. Eu tive uma resposta diferente antes, mas.... Uau, isso é estranho. Eu sinto que deveria pelo

menos deixar você se vestir antes de eu responder. Você sabe, para salvar seu orgulho.

Ele inclina a cabeça para trás e solta uma risada de pura confiança masculina.

—Tudo certo. E o melhor sexo que você já teve?

Eu reviro meus olhos. —Você coloca entalhes em sua cabeceira, também?

—Talvez. — Ele dá uma piscada rápida.

Ele rola na minha direção até que eu estou de costas mais uma vez, e seus olhos retornam para os meus. —Me pergunte.

—Perguntar a você o que? Pior sexo que você já teve?

—Um cavalheiro nunca beija e diz. Me pergunte o outro.

—Melhor transa que você já teve? Você acabou de dizer que um cavalheiro nunca...

—Você. — Ele carimba um beijo nos meus lábios.

Quando ele puxa de volta, eu quero revirar os olhos novamente e chamá-lo para fora da linha. Mas então eu vejo isso...

Embaraço. Suas bochechas estão um pouco rosadas, e ele olha para mim, e ele... está inquieto. Há uma doçura em seu nervosismo que me destrói.

Eu coloquei minhas duas mãos no rosto dele. —Ian.

—Sim?

Levanto um pouco para dar um beijo em sua boca. —Eu também. —

27

IAN

Semana 5: domingo de manhã

Estou na metade do corredor para o meu apartamento quando percebo que estou cantarolando.

Pelo amor de Deus, recomponha-se, cara.

Empilhando uma xícara de café da Starbucks em cima da outra, tiro a chave do meu apartamento do short de corrida e abro a porta.

E sorria ainda mais.

Há uma mulher na minha cozinha usando uma das minhas camisetas e pequenos shorts de dormir.

Não, não é uma mulher. *A* mulher.

Lara olha para cima de tudo que ela está mexendo e ajusta os óculos, vendo minhas roupas de corrida e meu estado levemente suado.

—Levantar às quatro da manhã é uma coisa normal para você? Exercitar? Em um domingo? Se assim for, tenho sérias dúvidas sobre nossa compatibilidade.

Eu sorrio. —Isso é conversa louca. Meu alarme dispara às quatro e meia nos fins de semana.

—E nos dias de semana?

Eu sorrio mais. —Quatro.

—Oh, Ian...

—O que? Eu tenho muita merda para fazer antes do mercado abrir.

—Eu teria pensado que você não chega em casa até as quatro.

—Bem, isso também—, eu digo, beijando-a enquanto eu lhe entrego um dos cafés. —Não tanto quanto eu costumava, no entanto.

—Ficando velho?— Ela pergunta, tomando um gole do café.

Eu envolvo um braço em volta da sua cintura, puxando-a de volta para a minha frente e acariciando seu pescoço.

Mais como ficando domesticado.

Eu não digo isso em voz alta. Parece absurdo. Conheço essa mulher há um mês, ficou na minha cama apenas duas noites consecutivas.

Que é uma noite a mais que meu registro anterior.

Depois da nossa noite de sexta-feira, ela dormiu (por exaustão sexual, eu gosto de pensar). E tão fantástico quanto foi a noite de sexta-feira - e *foi* fantástico - o sábado foi ainda melhor. Nunca me ocorreu antes que passar um dia inteiro com uma mulher pudesse estar centrando, mas não me lembro de ter gostado tanto de um fim de semana.

Ou desfrutando de uma mulher tanto quanto eu gosto dela.

—Você mencionou ontem que você tinha algum trabalho a fazer?

—Mmmh. Um pouco,— ela diz, sua cabeça caindo de volta no meu ombro enquanto minha língua encontra um ponto sensível atrás da sua orelha.

—Estou atrasada no e-mail também. Que tal comermos o que você está fazendo aqui, levar algumas horas com o trabalho e depois tomar um brunch? Há um lugar na parte alta perto do parque...

Ela endurece um pouco e se afasta antes de se virar para mim. —Ian, nós ainda não podemos ser vistos juntos. Ainda não.

Eu reprimo uma onda de frustração, mesmo que eu entenda. A mulher já teve um atraso no emprego dos seus sonhos. A última coisa que quero fazer é ameaçar seu trabalho diário também.

É só que é a porra da primeira vez que eu realmente quero passar tempo com uma mulher, eu me sinto como seu pequeno segredo sujo.

Mas se tivermos que estar sujos...

Eu reservei meu café, então gentilmente tirei o dela de suas mãos e reservei isso também.

—Hey—, diz ela em um tom de aviso. —Tirar cafeína da mão de uma mulher é um negócio muito perigoso.

—Eu vou devolver. Eventualmente. — Eu coloco minhas mãos em sua cintura e a coloco no balcão, como fiz na primeira noite.

—Ok, novo plano—, eu digo, afastando os joelhos e pisando entre eles. —Nós comemos qualquer delícia que você esteja cozinhando. Vou pegar um suco de laranja e champanhe para as mimosas mais tarde - vamos beber na minha varanda e fingir que estamos em algum lugar exótico. Mas primeiro... — Eu corro minhas palmas pelas coxas nuas dela. —Estou pensando em um aperitivo.

—Não há tal coisa como um aperitivo de café da manhã—, diz Lara, ajustando seus óculos dessa forma que me deixa louco de luxúria.

—Eu imploro para discordar,— eu murmuro, capturando sua boca com a minha enquanto minhas mãos continuam acariciando suas coxas vagarosamente.

Quando meus dedos encontram a parte de cima de sua calcinha e o puxam para dentro apenas um pouquinho, Lara se afasta do beijo com um olhar estreito. —Eu não quero ser chata, mas um de nós acabou de voltar do que provavelmente foi uma corrida obscena; o outro já tomou banho.

—Eu não preciso estar limpo para o que eu tenho em mente—, eu digo, chovendo beijos no seu pescoço. Eu coloco minha camisa em volta da sua cintura com minhas mãos, depois me dobro e lambo logo abaixo do seu umbigo.

Ela engasga e eu faço de novo.

—Na verdade—, eu murmuro, aliviando a calcinha sobre seus quadris e todo o caminho até as pernas. —Alguém pode até dizer que é um pouco sujo...

Abrindo as pernas largas, eu abaixo, enganchando meus antebraços debaixo de suas coxas.

Eu olho para o corpo dela. —Você pode querer ficar confortável.

—Ian-

Eu agito minha língua sobre ela.

Ela solta um longo suspiro, voltando para os cotovelos.

—Você estava dizendo?— Eu pergunto com outra lambida provocante.

Desta vez, quando ela diz meu nome, é um pedido, não um protesto. Eu tomo meu tempo com ela, saboreando-a com movimentos lânguidos da minha língua. Tendo passado a maior parte do dia de ontem ficando nua e mantendo-a assim, aprendi que ela gosta disso devagar e gentil até o final. Eu faço exatamente isso, lambo suas áreas mais sensíveis enquanto ela se contorce debaixo de mim.

Sua mão desce para a minha, e eu uno meus dedos com os dela com a mão direita, minha mão esquerda espalhada sobre seu estômago para segurá-la ainda. É íntimo de uma maneira que eu não estou acostumado. Eu não costumo ter mulheres na minha cozinha, e eu certamente não as devoro.

Mas é mais do que a localização e o que estou fazendo. É como eu estou com ela, como ela está comigo. Como se estivéssemos apenas começando, e o melhor ainda está por vir.

Seus quadris se inclinam para cima, suas coxas apertam em volta dos meus ombros e eu sei que ela está perto.

Estou tentado a fazer isso durar, querendo prolongar cada momento com ela indefinidamente, mas suas unhas encontram minha cabeça, cavando de uma forma que me diz que ela precisa se libertar agora.

Eu dou a ela. Circulando minha língua mais rápido, eu deslizo um dedo para dentro. No segundo que faço, ela vem com um grito silencioso, apertando em volta do meu dedo enquanto seu corpo se ergue em uma liberação impotente.

Eu fico com ela até o fim, não me afasto até ela cair no balcão, a imagem perfeita de uma mulher saciada.

Minha mulher.

Me endireitando, eu a levanto em uma posição sentada, alisando o cabelo para trás com uma ternura que desmente o meu próximo movimento. Inclinando-me ao mesmo tempo em que a puxo para a frente, pego Lara por cima do ombro, de modo que ela está meio pendurada nas minhas costas enquanto caminho até o banheiro.

Ela grita em protesto. —O que você está fazendo?

—Tomar banho. Contigo.

—Eu já-

—Sim. Mas –— interrompo-a com uma batida rápida em sua bunda nua – —você está prestes a ser uma garota *muito* suja.

28

LARA

Semana 5: segunda-feira de manhã.

Objetivamente, sei que não pareço diferente. O mesmo rabo de cavalo. Mesmos óculos, o mesmo batom rosa. Os mesmos saltos básicos, a mesma saia preta que usei um milhão de vezes antes, a mesma camisa azul que está na minha rotina de trabalho há anos.

Mas eu me sinto diferente, e quando entro no elevador SEC na manhã de segunda-feira, eu estou paranoica que alguém vai notar. Que alguém vai olhar para mim e não apenas pensar, ah, ela teve alguns, mas eles vão saber com quem eu tive, e eles saberão que eu quero mais e...

—Você está sendo ridícula—, murmuro para mim mesma, já que não há ninguém no elevador para testemunhar minha palestra. —As pessoas fazem sexo todos os dias. Não precisa ser uma coisa.

É uma coisa, porém, porque o sexo com Ian não era apenas sexo. Foi muito sexo, definitivamente. Mas era outra coisa também. Refeições. Conversas. Risos.

São as outras coisas que me enredam em um nó de felicidade e terror. É o fato de eu gostar dele, não apenas no quarto, mas fora dele. É o fato de que ele é engraçado, inteligente e atencioso de maneiras que eu nunca esperei. É o mesmo jeito agora que eu estou querendo saber quando eu vou vê-lo em seguida, perguntando se ele vai ligar.

—Patético—, murmuro, saindo do elevador e entrando no saguão do escritório da SEC. Embora lobby é uma palavra forte para a área de entrada. É mais como um par de cadeiras tristes e uma mesa de café feia

coberta com algumas revistas que tem três meses, na melhor das hipóteses.

Eu sorrio e aceno para Ida, a recepcionista, e ela me dá um aceno cansado de volta sem interromper a conversa com quem está do outro lado de seu telefone.

Eu levei apenas cerca de cinco passos quando percebi que o meu pior pesadelo sobre esta manhã se tornou verdade. Todo mundo está olhando para mim. E há mais do que um alguns sussurros.

Eles sabem. Eles sabem que eu transei com um suspeito. Não, não suspeito, meu cérebro grita. Ele não fez nada de errado e você esperou até que você finalizar para deixar qualquer coisa pessoal se desenvolver.

Essa é a parte racional em preto e branco do meu cérebro. A outra parte, a parte que trata de nuances, apenas levanta uma sobrancelha.

—Ei, McKenzie—, um dos outros investigadores chama, vindo em minha direção com a mão estendida. —Bom trabalho.

Aperto a mão dele, um pouco perplexa, porque seu tom é genuíno; não há traço de zombaria. Este não é um bom trabalho para se deparar com a linha de conflito de interesses, é um bom trabalho para....

Eu não sei.

Geralmente, transformando descobertas em uma investigação informal recomendando contra uma investigação formal não garante mais do que um aceno de cabeça e um ‘quem é o próximo?’ na reunião do relatório de status das onze horas.

Ainda mais intrigante, eu tenho reações semelhantes na minha caminhada até o meu cubículo, incluindo alguns polegares para cima de pessoas no telefone.

O que...?

—Bom dia, Lara!— Eu me viro e vejo Evie Franklin, a assistente intrometida de Steve, vindo em minha direção.

—Bom dia—, eu digo com um sorriso. —Amei o cabelo.

Ela levanta a mão para seu halo de cachos loiros levemente crespos. —Alguns dias apenas não vale a pena lutar contra a umidade. Você sabia que, nos anos oitenta, as mulheres costumavam pagar por cabelos assim? O que eu não daria por uma máquina do tempo.

—Totalmente—, eu digo, tentando ser agradável.

Ela me dá um olhar irônico. —Com esse cabelo liso? Eu não penso assim, querida. E você estava viva nos anos oitenta?

—Eu estava. — Mal. —Além disso, eu assisti muitos vídeos musicais antigos com meu pai.

—Antigos?— Ela coloca a mão em seu quadril em indignação fingida.

Eu levanto minhas mãos rindo rendição. —A menos que você tenha uma pá, então eu posso realmente cavar-me um buraco, vou sair desta conversa.

—Sim. Eu vou deixar você fora do gancho se você me mostrar como usar o instagram mais tarde. Parece ser a minha melhor chance de ver fotos dos meus netos, e eu não entendi.

—Claro. Eu vou passar na sua mesa no almoço.

—Perfeito. Agora, entre e veja o Steve assim que estiver resolvido, ok? Ele está livre até as dez e quer ver você.

Eu sinto uma pontada de nervosismo com o pensamento. Eu não ouvi falar dele desde que voltei no meu relatório na sexta-feira, e... é estranho. O cara sempre foi limite rígido sobre comunicação imediata, mas com o caso de Ian, Steve tem sido ou desonesto ou irritado a qualquer momento que eu tento levá-lo a falar sobre isso.

—Vou fazer—, eu digo, colocando minha bolsa para baixo e apertando o botão liga / desliga do meu computador.

—Bom trabalho no caso, a propósito—, ela chama por cima do ombro.

—Ei, Evie?— Eu digo antes que ela possa sair. —Está acontecendo alguma coisa?

Ela pisca em confusão. —O que você quer dizer?

—Todo mundo parece ter a impressão de que fiz algo... excepcional —, eu digo.

—Bem, querida. Você finalizou o caso.

—Sim mas-

—Evie!

Nós dois nos viramos para ver um dos VPs jogando as mãos para o ar com impaciência.

—Oh merda—, ela murmura. —Eu tenho que correr, querida.

Eu solto um suspiro. —OK.

Mas ela nem me ouve; ela já foi embora.

Eu começo a descompactar minha caixa de Wolfe, mas decido esperar. Se Steve tiver outro caso para mim, vou ter que fazer as malas de qualquer maneira.

Paro na sala de descanso para tomar uma xícara de café a caminho do escritório dele. Quando eu tomo um gole, eu estremeço. Vamos apenas dizer que não é exatamente o calibre do que estava no Escritórios da Wolfe. Lá você pode escolher entre três máquinas diferentes, cada uma com uma centena de opções diferentes de leite.

E às vezes as pessoas traziam bebidas extravagantes da Starbucks.

Você não se juntou a uma agência do governo para ser mimada, lembro a mim mesmo. Não é como se o FBI fosse conhecido por seu ótimo café também.

Balançando a cabeça, eu começo ir para o escritório de Steve, dando um leve sorriso para alguns polegares pra cima e caminho para o escritório, tentando ignorar a premonição de que algo está seriamente errado. Sua porta está fechada e Evie está ao telefone, mas ela faz um gesto para eu entrar.

Eu bato e ouço o forte —Yallow— de Steve, que aprendi ao longo dos anos significa: —Oi, entre.

Eu abro a porta, mas fecho quando vejo que ele não está sozinho. —Oh! Eu sinto muito.

—Não se preocupe, senhorita McKenzie, eu estava saindo—, diz o homem, em pé e abotoando o paletó.

Ele parece familiar, e meu cérebro se esforça para colocá-lo. Altura mediana, construção média, cabelo castanho médio...

Não, sem chance.

Ele tem pena de mim e estende a mão. —Jacob Houghton. Eu e Steve...

—Cunhado—, eu digo, apertando sua mão enquanto as peças se encaixam. —Do curso. Nos conhecemos no casamento de Steve. Peço desculpas. Eu pareço ter um pouco de névoa matinal de segunda-feira no cérebro, e esta é a minha primeira xícara. — Eu levanto a caneca de alcatrão preto.

Ele dá uma risada bem-humorada. —Compreensível. Você teve algumas poucos semanas ocupadas.

Eu olho para Steve para orientação, um pouco inseguro porque seu cunhado sabe qualquer coisa sobre minha carga de trabalho. O cara não é da SEC, ele é... Não me lembro exatamente. Algo em finanças, mas não particularmente alto em qualquer cadeia alimentar, se a memória serve.

Meu chefe não está prestando atenção em nossa conversa, no entanto, seu foco está em um documento em sua mão.

—Bom te ver de novo, Sra. McKenzie. Steve, ligo para você mais tarde. Ou Whitney vai. De um jeito ou de outro, nós vamos levar você e Katherine para jantar esta semana.

Steve dá um grunhido evasivo quando Jacob fecha a porta.

Familiarizado com a incapacidade ou desinclinação do meu chefe para multitarefa, eu tomo uma cadeira e bebo meu café miserável enquanto espero que ele termine de ler.

Um par de minutos depois, ele coloca o papel dentro de uma pasta de arquivo em sua mesa, então pisca com um pouco de surpresa, como se esquecesse que eu estava lá.

—Certo. Lara, como você está? Bom fim de semana?

O melhor.

—Sim, tudo bem. O seu?

—Ocupado—, ele murmura. —Muito ocupado.

Acho que isso explica por que você não pode responder ao meu e-mail na sexta-feira.

Steve bate os dedos na mesa, depois se inclina para trás em sua cadeira, dobrando suas mãos sobre sua barriga e me estudando.

Eu espero. Eu aprendi que forçar as pessoas a falar antes de estarem prontas raramente leva a coisas boas.

Ele se inclina para frente e exala. —Eu quero que você ouça isso de mim primeiro.

Minha caneca está a meio caminho da minha boca, mas eu a abro novamente, com medo de desenrolar a boca do meu estômago. —OK...

Ele folheia as pilhas em sua mesa até chegar a um envelope.

Ele entrega para mim. —Eu estou entregando isso mais tarde.

Eu estendo a mão e pego o envelope, puxando o papel para dentro. Eu reconheço isso imediatamente. Uma intimação comum, exatamente como as que emitimos formalmente nas investigações...

Eu fico muito quieta quando vejo o nome.

Eu olho para cima. —O que é isso?

Sua expressão é arrependida, mas também resignada. —Eu te disse desde o início como isso ia acontecer, Lara. Ian Bradley é culpado.

—Você não viu o meu relatório, então—, eu digo, colocando o papel de volta no envelope e entregando a ele com uma calma que desmente minhas palmas pegajosas.

Ele segura meu olhar. —Eu vi o relatório. Só porque não há provas na Wolfe não significa que ele não é culpado.

—O sistema judicial dos Estados Unidos diz de forma diferente—, eu digo. —Inferno, Steve, este escritório diz diferente. O que você sabe que não está me contando? Por quê você está tão convencido de que ele é culpado?

—Por que você está tão convencido de que ele não é?

—Porque não há-

—Evidência. Sim. Eu vi o relatório. Eu também conheci esse cara uma ou duas vezes, então eu o vi em ação.

Eu cerro meus dentes. —O que isso deveria significar?

Steve suspira como se eu estivesse sendo obtusa. —Isso significa que daqui em diante, você está fora do caso. Você fez um bom trabalho, sei que fez o seu melhor, mas...

—Não 'mas' —, eu interrompo. —Eu fiz um bom trabalho, fiz o meu melhor e não há evidência. Você só tem sua fonte anônima. Para garantir que o caso vai dessa maneira, nós precisaríamos de outra testemunha. E isso é se sua fonte até concordar em testemunhar-

—Ele vai testemunhar. Independentemente disso, não é mais problema seu.

—Mas-

—A conversa acabou, Lara—, diz Steve, com mais irritação do que ele já dirigiu para mim. —Eu pensei que você ficaria feliz com isso. Apesar de eu estar assumindo o caso, sua participação nos estágios iniciais significa que seu nome será associado—

—Eu não quero que seja associado.

—Se você quer entrar no FBI, com é o melhor.

Eu me sento, atordoada com a implicação.

Ele fica de pé. —Se você se importa com a sua carreira, vai desistir desse caso.

Eu também estou de pé. —Ou o que?

Steve pisca em surpresa. —Desculpe?

—Eu deixo cair este caso, ou o que?

—Lara, você não quer me atravessar com isso.

—Veja, essa é a coisa, Steve. Eu acho que sim—, eu digo, colocando as palmas das mãos na sua mesa. —Eu fiz um juramento a cada passo do caminho e espero o mesmo de todos com quem eu trabalho.

Ele ri, um som severo e desdenhoso. —Você tem o que, vinte e oito? Você não sabe de nada sobre a maneira como o mundo funciona.

—Então me ilumine—, eu digo. —Explique-me por que, sem um pingo de evidência, estamos lançando uma investigação formal.

—Evidências podem ser... descobertas.

Eu nunca entendi a frase sangue frio antes, mas eu entendi agora, porque isso é absolutamente o que acontece quando ele diz essas palavras.

—O que você não está dizendo?— Peço, com cuidado para manter minha voz firme.

Quando ele olha para mim, ele parece derrotado e completamente diferente do homem que eu pensei que conhecia. —Apenas fique fora disso, Lara. O mundo não vai cair se formos um exemplo de um terno liso de Wall Street.

—Não. Eu não vou me sentar e deixar você derrubar um homem inocente.

Ele passa a mão cansada no rosto. — Por favor. Eu estou pedindo para você me fazer um favor. Você não precisa mentir. Apenas mantenha sua boca fechada e espere até você poder entrar no FBI.

Eu olho para o meu chefe por um longo momento, meu coração afunda quando percebo o que eu tenho que fazer.

29

IAN

Semana 5: segunda-feira à tarde

—Então, como foi?

Eu não olho para cima do meu computador. —Eu tenho ignorado o Matt. Eu também posso te ignorar.

Matt grunhe de onde ele está sentado na cadeira em frente a mim, jogando e pegando uma bola de beisebol por quinze minutos.

Kennedy estende a mão, pega a bola e a estuda. —O que é isso?

—Eu peguei no jogo no sábado.

Kennedy joga de volta para Matt. —Quem ganhou?

Ele não precisa perguntar qual jogo. Nós três somos fãs do Mets, apesar de Matt ser quem faz mais tempo para chegar ao Citi Field para um jogo. Kennedy está ocupado demais fazendo o que quer que ele faça (visitando museus?), E eu estou muito ocupado fazendo barhops.

Historicamente falando.

—Ela apagou?— Kennedy pergunta a Matt sem jeito pelo canto da boca.

—É difícil dizer—, diz Matt, retomando sua bola e soltando. —Ele é meio rabugento, mas de repente ele tem um sorriso estúpido no rosto. Interessante.

—Você sabe o que mais seria interessante?— Eu digo. —Chutar vocês dois para fora se vocês continuarem a agir como um idiota do ensino médio.

Sem uma palavra, Matt vira a direção de seu pulso e passa a bola para Kennedy, que, sem vacilar ou virar a cabeça, pega facilmente. Lança de volta.

Continua assim por três minutos sólidos (que parecem três horas) antes que a *batida* constante e rítmica do beisebol contra as palmas de suas mãos atinja seu objetivo.

Eu me volto para eles. —Certo, o que?

Matt segura a bola e sorri em vitória. —Nos diga.

—Você já sabe. Ela veio. Nós pedimos.-

—Me diga mais.

—Esta não é uma música do *Grease*. Eu não levei ela pro boliche.

—Na arcada?— Kennedy diz, inexpressivo.

Eu soltei uma risada incrédula. —Não esperava isso. Eu pensei que você só assistiu merda como *Citizen Kane*.

—*Grease* é um clássico. Eu gosto de coisas clássicas.

—Você gosta de coisas *antigas*—, diz Matt.

—Verdade. É por isso que não estou muito interessada em você. Você já teve seu primeiro barbear?

Matt estuda Kennedy. —Você sabe, você faria um bom Kenickie.

Kennedy sorri. —Eu sei.

—E nós temos Danny Zuko aqui, que não vai nos dizer se Sandy saiu debaixo do cais.

—Feito debaixo da doca—, eu corri, antes que eu possa pensar melhor. —A linha é *feita* sob a doca.

—Ooh! Você ficou fora até as dez horas?— Kate pergunta, entrando no escritório e fechando a porta atrás dela.

No meu olhar, ela acena a mão. —Deixa pra lá. Vou perguntar a Sandy. Quero dizer Lara. Eu posso ser Rizzo? Ela é minha favorita.

—Não—, diz Kennedy.

Ela olha para ele. —Por que não?

—Porque eu sou Kenickie.

Ela bufa. —Sim. OK.

O brilho de Kennedy fica mais escuro. —Quem você acha que eu seria?

Ela estala os dedos e finge pensar. —Qual é o nome do diretor?

—Você está pensando no professor de ginástica—, diz Matt. —O diretor é uma mulher.

—Não, não, eu sei—, Kate diz com um sorriso doce. —Eu definitivamente estava pensando em Kennedy como diretor. Tenso, um pouco pudico...

Matt esconde a boca com a mão, e eu rolo meus olhos para o teto para não rir e, assim, ganhar a ira de Kennedy.

—*Como estava dizendo*—, Kate continua, voltando sua atenção para mim para evitar a carranca de Kennedy. —Você tem que nos dar algo, Ian. Você a viu na sexta-feira, e então nenhum de nós ouviu falar de você. Nem mesmo a Sabrina.

—Estava ocupado.

—Ela fez-

—Não há mais letras de *graxa* —, eu digo, apontando o dedo para Matt.

Ele retoma seu lance de beisebol como punição.

—Foi um encontro? Você está namorando agora?— Kennedy pergunta.

—É uma distinção muito crucial—, diz Kate em concordância, chegando e sentando no braço da cadeira de Matt.

—Inferno se eu sei—, eu murmuro.

Lara deixou o meu lugar ontem à noite, para meu desgosto, e eu não ouvi nada dela todo o dia. Pela primeira vez, estou do outro lado da equação - a que espera pelo telefonema, e não a que está evitando.

Eu não gosto disso.

—Oh. Minha. Bondade —, diz Kate. Ela cobre a boca em uma tentativa patética de sufocar sua diversão em meu nome. —Vocês estão vendo o rosto dele?

—Chicoteado—, diz Matt em concordância.

—Ferido—, concorda Kennedy.

Kate aponta para ele. —Veja? *Ferido.* Ele *é* como o diretor em *Grease*. Antiquado e...

—Oh, pelo amor de Deus, só porque eu não sou infantil-— Ele interrompe.

Kate cruza os braços e levanta as sobrancelhas. —Sim? Por todos os meios, Kennedy, *por favor*, termine essa frase.

Eu esfrego minhas mãos no meu rosto. —Eu preciso de café.

—Eu já te trouxe um tiro triplicado esta manhã—, aponta Kate.

—Tudo bem, eu preciso...

Meus três amigos aguardam minha resposta, suas expressões uma combinação de diversão e desânimo. Porque todos nós sabemos o que eu preciso. Ou pelo menos o que eu quero.

Lara

Eu quero saber onde as coisas estão conosco, mas como posso esperar que ela forneça clareza quando eu não tenho certeza do que estou procurando?

Eu não faço isso. Eu nem sei que quero fazer isso. Eu sei como as pessoas me veem. Eu sei porque eu cultivei deliberadamente a imagem.

O playboy consumado. O menino de fraternidade crescido. A *ordem do champanhe mais caro só porque eu posso*. Aquele que nunca liga no dia seguinte.

É o que eu sou. E não é o tipo de cara que Lara McKenzie quer ou precisa. Pelo menos não a longo prazo.

—Vocês querem sair hoje à noite?— Eu pergunto a Matt e Kennedy. O convite soa oco e forçado até aos meus ouvidos.

—Ian—, Kate diz em um tom desapontado.

Kennedy balança a cabeça e Matt apenas olha para mim.

—Tudo bem, você ganha—, eu digo, jogando as mãos para cima. —Eu não sei o que diabos eu estou fazendo. Vocês estão felizes agora?

—Você gosta dela?— Kate pergunta.

—Obviamente—, Kennedy estala.

—Ian sabe o que quero dizer—, diz Kate, sem desviar o olhar de mim.

Eu concordo. —Sim. Mas eu não sei como dizer a ela que quero tentar de verdade. Eu nem sei como.

—Harry Winston—, sugere Kennedy.

—Nah—, diz Matt. —Jóias são muito intensas. Vá com bolsas. As mulheres gostam de uma boa bolsa. Louis Vuitton.

—Oh meu Deus—, Kate diz com exasperação. —Não admira que muitos de vocês sejam solteiros. Aguente. — Ela sai do meu escritório, volta um minuto depois e bate um cartão de visitas na minha frente. —Ligue para este número. E não, eu não vou ligar para você. Há algumas coisas que um homem deve fazer por si mesmo.

Eu pego o cartão. —Flores?

Ela acena com a cabeça. —Elas são legais. Mulheres gostam delas. E elas são mais apropriadas para a primeira semana do que uma bolsa de

mão de mil dólares ou diamantes. — Kate bate levemente Matt e Kennedy na parte de trás da cabeça quando ela diz isso.

—Bem, tecnicamente foi apenas um fim de semana, mas nós meio que tivemos algo mais do que isso acontecendo—, eu digo, batendo o cartão contra a palma da minha mão.

—Então, faça um buquê realmente grande. — Kate olha para o relógio. —É quase uma hora. Kennedy, Matt, vocês dois têm investidores entrando. Ian, você tem uma hora aberta, mas você deve ligar para Vanessa Lewis para avisá-la que você não precisará mais de seus serviços, e...

Uma batida na porta a interrompe. Kate vai atender enquanto Matt e Kennedy se levantam, a atenção já em seus telefones enquanto se preparam mentalmente para as próximas reuniões.

Estou surpreso em ver que é o nosso chefe na porta. Junto com seus chefes, ambos os Sams. Eu não reconheço o homem com eles, mas ele é o único do grupo que parece feliz.

—Ian. Você tem um minuto?— Joe pergunta baixinho.

Kate me lança um olhar alarmado, e Matt e Kennedy estão com a cara de pedra quando todos saem do meu escritório. Nenhum deles gosta disso mais do que eu.

Eu fico de pé e abotoo meu paletó. —Certo. Está tudo bem?

O homem que não reconheço caminha na minha direção com um sorriso disfarçado. —Ian Bradley, eu sou Steve Ennis da SEC. Eu acredito que você conheceu minha funcionária Lara McKenzie.

Eu consigo um aceno de cabeça, meu coração batendo forte.

—Você vai trabalhar comigo agora—, diz Steve, segurando um envelope.

—Trabalhar em quê?— Eu olho para meus chefes, mas suas expressões não revelam nada. Eu olho para o envelope e pego o papel.

Eu li apenas a primeira frase quando o pau da SEC o quebra para mim.

—Ian Bradley, você é suspeito de receber uma dica sobre a dissolução do J-Conn. Esta é uma intimação que o notifica de uma investigação formal por espionagem industrial.

Minha cabeça se levanta. —O que? Isso é besteira. Lara encontrou... —'

— *Lara*?— Suas sobrancelhas sobem. —Sim, bem, a Sra. McKenzie não está mais trabalhando neste caso.

Eu dou um passo à frente, tendências de homem das cavernas que eu nem sabia que eu tinha rugido para a vida. —Eu juro por Deus, se você a demitiu...

Steve dá uma risada incrédula. —Demitir ela. Porque eu faria isso? Ela é uma das minhas melhores. — Ele me dá uma piscadela maliciosa e abaixa a voz. —Há rumores, ela está em um caminho rápido para o FBI.

Não é até que todos saiam do meu escritório momentos depois, com um aviso firme para não deixar a cidade, que percebo o que Steve Ennis acabou de sugerir.

Lara me vendeu para conseguir seu emprego dos sonhos.

30

LARA

Semana 5: segunda-feira à tarde

Desemprego é uma merda.

Mas não ser capaz de pegar Ian é mais chato.

Ele não está respondendo minhas ligações. Ou minhas mensagens de texto. Eu brevemente peguei Kate, mas ela estava em outra linha e disse que teria que me ligar de volta.

Ela não ligou.

Eu até tentei pegar Sabrina, mas a mulher é um fantasma. Eu não consegui encontrar suas informações de contato em qualquer lugar.

Eu finalmente fui para a Wolfe Investments, mas o lugar é como o Fort Knox, e sem o crachá do meu contratado, não havia como passar pela guarda de segurança. Eu chamei Ian, Kate, Matt e Kennedy, esperando que um deles me deixaria explicar.

Eu acertei tudo ao redor. Então, tempos desesperados, medidas desesperadas e tudo isso.

O porteiro do prédio de Ian ainda tinha meu nome na lista —ok— de sexta à noite, então ele me deixou depois que eu sorri lindamente e disse que eu estava aqui para surpreender Ian.

Ele ficou surpreso, tudo bem. Pode não ser o que ele quer.

Eu estou aqui há vinte minutos, sentada com as costas apoiadas na porta dele. Eu vou esperar o tempo que for preciso, mesmo que ele decida ir a boates, voltar para casa com alguma outra mulher

Meu intestino arranca. Eu não consigo pensar sobre isso.

E, no entanto, talvez eu devesse. Talvez eu deva me preparar para o fato de que eu estou caindo duro para um cara que é conhecido como playboy mais prolífico da cidade e tem ainda para indicar que ele quer um relacionamento.

Sim, nós comemos pizza juntos, fizemos sexo épico, bebemos mimosas com brunch e eu lavei a minha roupa na casa dele (porque ele tem uma máquina de lavar e secar em sua unidade e eu não, mas nenhuma dessas coisas é uma proposta.

Não que eu queira uma proposta, mas...

Eu gemo e deixo minha testa cair de joelhos, envolvendo meus braços em volta das minhas canelas. Eu sou um desastre.

Todo esse tempo, eu fiz um bom trabalho de seguir as regras, fazendo o que eu deveria estar fazendo, colocando um pé na frente do outro para chegar ao meu objetivo: o FBI.

Que agora está mais fora do alcance do que nunca.

E para quê? Um cara que eu não tenho certeza que quer que eu passe amanhã?

Eu mandei uma mensagem para Gabby, mas ainda não ouvi nada.

Acontece que não tenho mais ninguém para ligar. Eu me concentrei tanto no meu trabalho que eu negligenciei minha vida e agora estou... Sozinha. Totalmente, dolorosamente sozinha.

—Lara?

Minha cabeça se levanta. Ian acabou de sair do elevador, apesar de seus passos lentos ele se aproxima de mim.

À primeira vista, ele parece o mesmo de sempre - maleta na mão, barbeado, terno e gravata perfeitamente no lugar. Mas então noto que sua expressão é uma que eu não vi antes - sombrio, preocupado e... machucado.

Oh Deus, o que Steve disse a ele?

—O que você está fazendo aqui, além de dar um show aos meus vizinhos?

Eu olho para baixo. Minha posição no chão tem minha saia subindo um pouco, mas nada escandaloso.

—Eu estive esperando para falar com você—, eu digo, começando a me empurrar para os meus pés. —Eu não consegui falar com você o dia todo.

Ele estende a mão para me ajudar. Apenas vinte e quatro horas atrás, ele teria também me puxado para um beijo ou, pelo menos, feito uma piada inadequada sobre a situação, ele me libera no segundo que eu estou firme em meus pés.

—Ian-— Eu toco seu braço, mas ele me dá de ombros.

Minhas suspeitas estão confirmadas. Ele recebeu sua intimação e ele acha que eu sabia ou tenha algo a ver com isso.

—Vamos para dentro—, ele murmura, tirando a chave do bolso e abrindo a porta. Ele gesticula para que eu o preceda, mas o movimento é um pouco zombando. Eu coloquei minha bolsa na mesa lateral e me virei para ele, com as mãos entrelaçadas.

—Você teve um dia de porcaria. Posso te fazer uma bebida? Despejar vinho? Pedir comi—

Ian solta uma risada incrédula quando ele joga suas chaves ao lado da minha bolsa, colocando sua pasta no chão. —Sim, uma bebida vai fazer tudo melhor.

—Pode ser um pouco melhor—, murmuro.

Ele me lança um olhar sombrio por cima do ombro. Ele me lembra totalmente Kennedy agora, mas esta provavelmente não é a hora de mencioná-lo.

Ele vai até a janela, enfiando as mãos nos bolsos enquanto olha para a vista. Ele parece miserável, e embora eu não queira nada mais do que envolver meus braços ao redor dele, eu sei que ele só vai me sacudir.

Então, em vez disso, deixo que ele tenha seu silêncio e calmamente recolho os suprimentos necessário para um Negroni. Eu não estava brincando quando eu disse a ele que minha avó costumava beber isso. Eu até fazia alguns para ela antigamente.

Eu faço uma rápida pesquisa no Google no meu telefone para ver se a minha memória está próxima da receita. Não está. Então eu sigo as instruções, medindo partes iguais de Campari, gim e o doce vermute que encontro na geladeira.

A receita diz que pode ser servida nas rochas ou em um copo de coquetel. Eu vi o Ian beber dos dois jeitos, então optei por derramar sobre o gelo. Mais fácil.

O toque laranja, no entanto, não é fácil. Eu acabo com um mutilado, estranho, mas é o pensamento que conta, certo?

Eu tomo um gole. Não está ruim. Amargo, e um gosto adquirido, mas eu posso ver como cresce nas pessoas.

Apesar de todo o barulho que estou fazendo na cozinha, Ian não se vira.

Quando eu ando até ele e seguro a bebida na frente do seu rosto, ele pisca em surpresa, e eu percebo que ele nem lembrava que eu ainda estava aqui, muito menos que eu estava fazendo um coquetel pra ele.

—Obrigado—, ele murmura.

Nossos dedos escovam quando ele pega o copo, e nossos olhos travam por um momento.

Eu prendo a respiração, mas depois a conexão está quebrada e ele olha para longe.

Eu sufoco meu suspiro. Me servindo uma taça de vinho, vou sentar no sofá e espero. Não demora muito. Sua expressão está em branco quando ele se vira.

—Você queria tanto o FBI?

Eu estou preparado para a acusação, imaginei que Steve iria lá simplesmente para ser mesquinho, mas ainda dói. Muito.

Eu tomo um gole de vinho. —O que aconteceu hoje?— Eu pergunto, ignorando sua pergunta.

—Não—, ele diz. —Não se faça de idiota. Não finja que você não sabe sobre a intimação para a investigação formal, que você não me vendeu para obter o seu trabalho dos sonhos.

—Isso é o que você pensa de mim?

Ele solta um grunhido frustrado, passando as mãos pelos cabelos. —O que mais eu deveria pensar quando você não me avisou sobre a tempestade de merda vindo em minha direção?

—Eu teria—, eu digo baixinho,— exceto que eu estava com o RH a manhã toda. Eles não permitem telefones durante as entrevistas de saída.

Ele franze a testa. —Entrevistas de saída. O que... Espere. Ele te demitiu? Ele disse que ele não fez.

—Steve não me demitiu—, eu digo. —Eu desisti.

Ian olha para mim, sua expressão ilegível. Então ele chega para mim.

—Oh, Lara...

Eu não sabia que queria ser segurada até que ele envolveu seus braços em volta de mim. Eu deixo ele absorver todas as emoções que eu ainda não comecei a processar.

Eu saí do meu trabalho. Eu estou desempregada.

Seria bizarro para qualquer um. Mas para a garota que literalmente viveu para o trabalho nos últimos seis anos, está se quebrando.

Não sei quem sou sem meu emprego - sem meu sonho do FBI.

Não que o sonho tenha mudado, mas parece muito longe agora.

Ainda assim, não choro. Eu suspeito que isso virá depois.

—Eu gostaria de agradecer—, ele diz contra o meu cabelo. —Mas eu sei que você não fez isso para mim.

Eu sacudo minha cabeça. —Eles estão armando para você, Ian. Eu não sei porque, mas eu não poderia sentar e ser uma parte complacente do que acontece a qualquer um.

—Você disse ao RH?—, Ele pergunta, recuando um pouco.

—Claro. Eles disseram que investigariam, mas é a palavra dele contra a minha, e ele tem vinte anos de experiência sobre mim.

Sua mão desliza pelo meu cabelo, o gesto terno e reconfortante. —Eu sinto muito. Por tudo. A maneira que eu agi, que eu assumi que você me apunhalou pelas costas quando foi o completo oposto...

Eu levanto um ombro, mas ele balança a cabeça. —Não, não aja como se fosse nada. Você teve um dia de merda e veio para cá. Isso significa... tudo. OK?

Eu descanso minha cabeça contra o peito dele e deixo ele me abraçar, cedendo a percepção de que não sei o que vem a seguir - ceder ao medo disso.

Ele faz isso por vários momentos antes de se afastar um pouco. —Por que diabos você estava voando por aí me dando uma bebida? Sente se. Deixe-me cuidar de você.

Eu estendo a mão e agarro sua gravata, puxando-o de volta para mim, esmagando minha boca para dele. —Cuide de mim assim—, eu sussurro contra sua boca. —Por favor.

Distraia-me.

Ele hesita apenas um momento antes de fazer o que eu peço, me puxando para perto.

Eu o encontro beijando, derramando toda a minha frustração nele, deixando ele despejar a dele em mim.

Eu rasgo seus botões, e no momento em que ele me leva para trás, caindo ambos no sofá, já estamos meio despidos.

Eu vou para o cinto dele, e embora a respiração dele seja áspera com desejo, ele agarra minhas mãos, fixando-as suavemente acima da minha cabeça. —Calma—, ele murmura. —Nós temos tempo.

Não, não, eu quero gritar. Eu temo que se eu parar por um segundo, meus vão me alcançam e me consumir.

Sua boca é gentil com a minha, recuando toda vez que tento acelerar até que eu não tenha escolha a não ser sucumbir ao seu ritmo vagaroso.

—Eu queria você assim por tanto tempo—, diz ele enquanto seus lábios se arrastam preguiçosamente meu pescoço. Ele lentamente remove meu sutiã e o deixa cair ao lado do sofá. —Eu quero desdobrar você, desvendar você...

Ele apalma meu seio, levantando-o à boca enquanto seus lábios envolvem o meu mamilo. Ele tem certeza, mas sem pressa, com fome, mas saboreando. Com cada movimento de sua língua, cada estreitamento

de seus dentes, eu giro fora de controle mais, e percebo que ele está certo.

Há tempo para isso.

Eu perco a noção de tudo, exceto o jeito que ele me faz sentir. Eu mal registro o resto das minhas roupas batendo no chão, muito menos a ameaça iminente de amanhã.

Ian solta beijos suaves pelas minhas costelas, depois volta para o outro lado os dedos deslizando sob minhas pernas.

Eu suspiro e arqueio. *Mais*.

Mas em vez de obedecer ao meu comando silencioso, ele mantém seu toque em um sussurro de provocação.

—Por favor—, eu lamento quando arqueio mais uma vez, só para ele me negar.

Ele sorri contra a minha garganta. —Por favor, o que?

—Ian.

Seus dedos pressionam um pouco mais firmemente. —Sim?

—Toque me.

—Assim?— Ele pergunta, circulando meu clitóris com o dedo indicador.

Um gemido é minha única resposta.

—Assim?— Ele pergunta de novo, deslizando um dedo dentro de mim. —Ou... — Ele desce lentamente pelo meu corpo, colocando um dos meus pés no chão ao lado do sofá e levantando o outro, então minha

perna está sobre as costas dele. —Assim?— Ele segura meu olhar enquanto ele pressiona a boca sobre mim.

Eu chego um pouco mais distante com cada golpe de sua língua, me rendendo a cada sensação deliciosa quando ele empurra minha perna para cima, me espalhando mais até que eu não tenha escolha a não ser cair sobre a borda.

Ian fica comigo até o fim, pressionando um beijo carinhoso na parte interna da coxa enquanto eu tento recuperar o fôlego. —Fique—, ele comanda, apontando um dedo para mim e indo para o quarto.

Como se eu pudesse me mexer.

Ele me prova errado, no entanto.

Ele volta do quarto nu, armado com um preservativo, e momentos depois, ele gentilmente me vira para o meu estômago, ajoelhado atrás de mim no sofá enquanto ele puxa meus quadris de volta para ele.

Eu suspiro quando ele empurra dentro de mim, meus quadris reflexivamente se movendo de volta contra ele, minhas mãos encontrando o braço do sofá para apoio.

Estou preparada para um acoplamento feroz e frenético, mas com isso ele também leva seu tempo. Ele tem uma mão no meu quadril, a outra quase ternamente descansando na minha parte inferior, e seus impulsos são lentos e controlados, exigindo que eu responda a ele.

Ele se inclina um pouco para frente, a mão nas minhas costas deslizando para a minha frente, colocando dois dedos contra mim, circulando. Eu suspiro e olho por cima do meu ombro. No segundo que nossos olhos se encontram, ele finalmente perde o controle.

Ele geme e acelera seu passo, seus dedos se movendo mais rápido contra mim até que eu choro com meu segundo orgasmo. O orgasmo de Ian coincide com o meu, seu gemido torturado, suas mãos um pouco ásperas enquanto ele endurece atrás de mim, cabeça baixa, sua respiração em estacas enquanto ele se esvazia dentro de mim.

Minhas coxas tremulas exigem que eu abaixe para o sofá, e ele me segue para baixo, rolando-me para o meu lado, então minhas costas estão no peito dele, seus braços quentes chegando ao meu redor.

Uma vez que meu batimento cardíaco retorna ao normal e eu me lembro de como respirar de novo, levanto a mão e pressiono meus lábios contra os nós dos dedos. —E agora?

Ian beija a parte de trás do meu pescoço. —Nós descobrimos qual o próximo passo.

Nós.

A palavra é perigosa e reconfortante.

Eu olho para ele. —Podemos lidar com isso um pouco mais tarde?

Ian sorri em compreensão, então, dando uma carranca de zombaria, alcança acima e empurra o travesseiro debaixo da minha cabeça.

Ele segura na frente do meu rosto. —Você afofa meu travesseiro masculino.

Eu empurro de volta contra ele, aliviada por ter uma razão para rir. —OK, Sr. homão. Vá buscar meu vinho.

Ele se senta e me entrega meu copo antes de ir ao banheiro. Ele volta, amarra o cordão das calças de moletom e me joga uma camiseta e um par de calcinha limpa que eu deixei em sua casa no fim de semana.

Ele pega sua bebida e se senta ao meu lado no sofá, observando enquanto eu puxo a camisa acima da minha cabeça. —Você já viu Grease?

Eu paro no processo de puxar meu cabelo para fora do pescoço da camisa.

—Como Sandra Dee, Grease?—

—Sim. Então, aviso justo... da próxima vez que vermos meus amigos, há uma boa chance que haverá um canto junto. Você vai dizer a eles que eu era doce. Como se tivesse dezoito anos.

—Eu tenho que? Porque isso é super estranho —, eu digo, olhando para ver se ele está sério.

—É isso ou você diz que está irremediavelmente devotada a mim.

Sua voz está provocando, mas eu pressiono minha boca para ele ao invés de responder porque tenho muito medo de admitir a verdade...

Que devotadamente dedicada não está muito longe do que estou sentindo.

31

IAN

Semana 5: terça-feira de manhã

Posso não saber muito sobre relacionamentos, mas conheço essa mulher.

Eu sei que ela está muito mais devastada pelo desemprego do que ela deixa transparecer.

Eu *também* sei que se eu a empurrar, ela vai se contorcer.

Estou tentando ter paciência - eu realmente estou - mas nunca foi um forte meu. Eu luto pelo que eu quero, lembra? E o que eu quero é que Lara tenha seu emprego de volta. Inferno, eu quero que ela tenha o FBI, mas eu ficaria satisfeito com o qualquer coisa que fizer as sombras em seus olhos desaparecerem.

—Talvez devêssemos trazer seu advogado—, diz Lara, pegando sua caneca de café. Ela está vestida com shorts e minha camiseta novamente, e é alarmante o quanto eu vim a apreciar a vista.

Concentre-se, Ian.

São oito horas da manhã depois que ela largou o emprego e eu recebi minha intimação, e Lara e eu não estamos nem perto de descobrir por que seu chefe está tão determinado a me derrubar.

Ou quem é sua misteriosa fonte.

Depois de passar metade da noite revisando cada nome, nota e conexão que poderiam me ligar ao J-Conn, concordamos em dar-lhe novos olhos pela manhã.

Um plano sólido.

Sem resultados.

—Estou me encontrando com Vanessa às dez—, eu digo, olhando para o relógio no fogão. —Eu só esperava ter boas notícias para ela. Ela está trabalhando do lado dela, mas nós dois estamos atingindo becos sem saída.

Lara respira fundo, depois puxa o cabelo em um nó bagunçado com a faixa de cabelo ao redor do pulso. —Ok, vamos passar por isso mais uma vez. Talvez estejamos nos aproximando do jeito errado.

—Como assim?

—Bem, estamos nos concentrando em uma conexão J-Conn.

—Sim...

Ela mastiga o lábio. —Eu não posso acreditar que estou dizendo isso, porque parece um enredo de filme B, mas e se a conexão não é você e J-Conn, mas você e Steve?

Eu aguento mais café. —Explique.

—Bem, nós já sabemos que você não recebeu uma dica sobre o J-Conn...

A confiança casual em como ela diz isso me faz fechar meus olhos com emoção, e estou aliviado que minhas costas estão viradas para que ela não veja.

—E—, ela continua, —nós já sabemos que não há nenhuma evidência circunstancial que te ligue a J-Conn que possa ser mal interpretada. Porque se houvesse, eu teria encontrado.

Desta vez, a confiança em seu tom é para si mesma, e isso me faz sorrir quando eu pego sua caneca.

—Então, e se J-Conn não for a chave? E se for apenas a maneira mais conveniente e convincente de prepará-lo?

—Faz sentido. — Eu caio de volta na minha cadeira. —Mas por que? Tenho certeza que eu tenho irritado algumas pessoas ao longo dos anos, mas eu não posso imaginar que eu tenha feito algo merecedor de merda de prisão. E como diabos seu ex-chefe está envolvido?

Ela balança a cabeça e toca o lóbulo da orelha, imersa em pensamentos. —Eu não sei, mas meu instinto me diz que ele está. Eu nunca o vi agir assim. Parece... pessoal para ele.

Eu dou-lhe um sorriso gentil. —Seu instinto, huh? Você finalmente admitiu que a intuição é uma coisa real?

Lara solta uma respiração frustrada. —Vamos apenas dizer que eu aprendi que só porque eu sigo as regras, isso não significa que todo mundo faz.

—O que faria sentido se eu conhecesse Steve. Mas eu não conheço!

Seu olhar estalou para mim. —Talvez você conheça alguém que ele conhece.

—Eu tenho certeza que sim—, eu digo, apontando para as dezenas de papéis à nossa frente com centenas de nomes. —Mas o cara está na SEC há décadas. Pode ser qualquer um, certo?

Ela suspira. —Estou indo tomar um banho. Veja se a inspiração ataca.

Eu estendo a mão e agarro sua mão, pressionando meus lábios em seu pulso interno. —Quer companhia?

Ela sorri e caminha na minha direção, beijando minha testa. —Posso apenas tirar um minuto? Pensar por mim mesma?

Eu beijo seu pulso novamente e tento abafar o pânico que ela pode estar se afastando antes de começarmos. —Claro.

Ela aperta minha mão e começa a se mover em direção ao banheiro.

Mas então ela faz uma pausa. Faz o backup.

Com um dedo, ela puxa uma folha de papel da pilha empilhada na mesa da minha cozinha e a estuda. Então ela vira para mim para ver.

É um dos perfis que eu imprimi da minha página do LinkedIn - pessoas que eu não considero como amigos, mas que estão perto o suficiente do meu círculo para saber sobre o golpe J-Conn.

—Jacob Houghton?— Eu dou de ombros. —Ele é um corretor de investimentos. Eu não o conheço bem, mas pelo que sei, ele é... bem, ele é meio idiota.Por quê?

—Eu o conheço. E se Steve ainda não me excluiu do Facebook... — Ela se senta à mesa e abre seu laptop, seus dedos se movendo rapidamente através das teclas.

—Aha!— ela diz triunfante, ajustando os óculos e girando o computador para que eu possa ver a tela.

Eu me inclino para olhar. Ela puxou uma foto de casamento no Facebook.

Meus olhos vão para a noiva primeiro, uma mulher de meia-idade que eu nunca vi na minha vida. Eu me mudo para o noivo em seguida, e ele eu reconheço - é Steve Ennis, o chefe de Lara.

—Fui ao casamento de Steve. Diabo, ele até me fez sentar na mesa principal com sua família, que é como eu sei... — Ela aponta para a foto.

—Jacob Houghton—, eu digo. —Por que ele está no casamento do seu chefe?

—Ele é o cunhado de Steve, casado com a irmã dele. Eu não teria pensado em nada disso, exceto que acabei de vê-lo ontem. Jacob sempre foi amigável, mas ontem ele era mais ou menos... esquisito.

—Ele também estava no meu coquetel—, eu digo distraidamente, lembrando que o cara estava um pouco fora quando eu falei com ele. Eu achava que ele era ruim na conversa fiada, mas... —Você acha que é a nossa conexão?

—É a única que temos—, diz ela. —Embora eu não consiga pensar em como você e Jacob se conectam. Você já foi atrás do mesmo cliente?

—Não que eu saiba. — Eu rolo pelo resto das fotos do casamento. Então eu estou totalmente parado.

—Quem é?— Eu aponto para a mulher ao lado de Jacob no que parece ser uma foto de família.

—Essa é a esposa de Jacob, irmã de Steve. Eu não lembro o nome dela...Wendy?

—Há quanto tempo eles estão casados?

Ela solta a respiração. —Não tenho certeza. Eu realmente não falei com ela muito além da pequena conversa habitual sobre as peças centrais. Mas o casamento de Steve foi há dois anos, pelo menos esse tempo.

Meu sangue parece estar ficando frio. Então quente. Então frio novamente.

—Por quê?— Ela olha para mim e toca meu braço. —O que há de errado, Ian?

—O nome dela é Whitney. Eu dormi com ela,— digo, minha voz um pouco rouca.

—Quando?

Eu não consigo responder.

—Ian, há quanto tempo?

Eu tenho uma mão na parte de trás da cadeira de Lara, a outra na mesa ao lado dela. Eu me forço a olhar para baixo e encontrar seus olhos. —Alguns meses atrás, depois de uma festa. Acho que nunca recebi o sobrenome dela.

Ela exala.

—Eu *não* tinha ideia de que ela era casada, Lara. Você tem que acreditar em mim.

—Eu acredito—, diz ela, tocando uma mão levemente na minha. —Mas Jacob não. E se ele convencer Steve a ajudar a te derrubar...

—Não pode ser isso—, eu digo, endireitando e tentando limpar a minha cabeça. —Isso não é um programa de TV com vilões clichê.

—Estamos certos—, ela sussurra, pressionando o punho para o estômago. —Eu sinto isso aqui. Eu sei que estamos certos.

Eu também penso assim, e construí minha carreira confiando em meus sentimentos. É o que me colocou nessa bagunça de J-Conn em primeiro lugar. Talvez possa ser o que me tira daqui.

Eu alcanço meu telefone. —Eu vou ligar para Vanessa.

32

LARA

Semana 5: quinta-feira, hora do almoço

—Você está nervosa?— Sabrina pergunta, me olhando no espelho enquanto reaplica o batom.

Eu encontro o olhar dela. —Nem um pouco.

Ela sorri, deixando o tubo de volta em sua bolsa. —Eu *sabia que* você tinha coragem.

—Ou uma vingança fervente—, murmuro, dando-me uma última olhada no espelho. A usual Lara olha de volta. Grandes olhos azuis. Rabo de cavalo que não é nem muito alto nem muito baixo, apenas ali - prático. Óculos de aro preto, maquiagem mínima... e uma pontuação para resolver.

—Sim, bem, aceite isso de alguém que lida com planos de vingança regularmente - essa é boa—, diz Sabrina, indo na minha direção e abrindo um botão na minha blusa.

—Ei. — Eu começo a abotoar de novo, mas ela bate na minha mão. —Não. Isso vai melhorar se ele estiver distraído por um pouco de decote.

—Eu não estou mostrando nenhum decote. — *Eu estou?* Eu olho para baixo.

—Não, mas há a perspectiva disso, e isso é ainda mais atraente—, diz ela. Mas então Sabrina franze a testa e descaradamente coloca as mãos

sob meus seios, empurrando-os para cima. —Sério, que sutiã você está vestindo, da sua avó?

Desta vez sou eu quem bate as mãos de lado. —Desculpe, eu não percebi que essa missão envolvia um sutiã.

Ela me dá um olhar conhecedor. —Você ainda possui um sutiã push-up?

—O que isso importa? Eu não tenho *aqueles* para acompanhá-lo —, eu digo, apontando para o seu vestido ligeiramente decotado.

Ela olha para o peito. —Você quer dizer decote do dia?

—O que diabos é o decote do dia?

Ela ergue o polegar e o indicador no decote como se estivesse medindo alguma coisa. —Não mais do que meia polegada, veja?

—O que é o decote da noite?

Ela aumenta o espaço entre os dedos. —Uma polegada, pelo menos.

Eu balancei minha cabeça em espanto. —É como se você fosse de um planeta diferente.

—Bem, se acostume com isso, porque eu tenho toda a intenção de fazer de você um almoço regular—, diz Sabrina com um sorriso que é mais quente do que eu já vi dela.

—Porque eu estou ajudando Ian?

—Não. Quero dizer, claro, que você merece um almoço de agradecimento. Talvez um café de agradecimento. Mas você está fazendo isso por *você*. E isso é o suficiente para torná-la regular na minha vida.

—Obrigado—, eu digo, sentindo-me inesperadamente tocada.

Sabrina segura um dedo de advertência. —Sem abraços. Sem chorar também. Guarde essas lágrimas para a mesa.

—Certo—, eu digo, sacudindo minhas mãos. —Eu tenho praticado meu falso choro no comando como você instruiu.

—Veredito?

Eu sacudo minha mão. —Cinquenta a cinquenta chances de água.

—Bom o bastante. Se tudo o mais falhar, deixe seu queixo balançar para que ele pense que você está tentando segurar as lágrimas. Isso é quase tão bom. — Sabrina olha para o relógio. —OK. É hora de ir.

Nos dois dias desde que traçamos nosso plano para pegar Jacob Houghton e Steve em qualquer coisa que eles estivessem fazendo, eu continuo esperando o nervosismo se estabelecer - continuo esperando perder a coragem.

Em vez disso, sinto... determinação.

Esses homens me custaram meu emprego na SEC, me custaram minha oportunidade no FBI, estão tentando mandar alguém com quem me importo para a cadeia. Eu nunca pensei em dizer isso, mas o sistema não está funcionando. Eu poderia escalar acima da cabeça de Steve, claro, mas sem provas...

—Obrigado por me encontrar aqui cedo—, eu digo.

Ela sorri. —Eu teria, mesmo que Ian não tivesse exigido isso.

—Ele fez?

—Está matando a ele que ele não pode estar por perto, mas se Jacob o ver, o plano vai para o inferno. Jacob não me conhece, então... — ela me sopra um beijo —eu estarei na mesa logo atrás de vocês.

Eu concordo. —OK.

—Você está pronta, então?

Eu solto um suspiro. —Sim. Sim eu estou.

—Ok, você sai primeiro. Nossas reservas são ao mesmo tempo, mas estarei atrasada para que você e Jacob se sentem primeiro. Você precisa de qualquer coisa, eu estou lá. Matt e Kennedy também.

—Nós somos os Vingadores—, eu digo com um pequeno sorriso.

Ela dá um tapinha na minha bochecha carinhosamente. —Eu amo que você é tão idiota.

Alguns momentos depois, estou na mesa da recepcionista, esperando na fila para dar meu nome.

—Obrigado por se juntar a nós hoje, senhorita McKenzie—, diz a anfitriã esbelta. —Parece que você é a primeira a chegar. Gostaria de esperar pelo outro membro da sua festa antes de se sentar?

—Não há necessidade!— vem uma voz jovial de trás de mim.

Se eu não tivesse praticado este momento com o Ian uma dúzia de vezes esta manhã, eu poderia ter enrijecido. Em vez disso, colo um sorriso deliberadamente tímido e me viro para encará-lo.

Jacob *Fodido* Houghton.

Por alguma razão, espero que ele pareça diferente, sabendo o que sei. Ou melhor, suspeitar do que suspeito. Mas ele é o mesmo. O mesmo sorriso sem graça. Recursos sem graça. Terno sem graça. Tudo sem graça.

—Lara, como vai você?— Ele pergunta, beijando minha bochecha. —Segurando as pontas?

Bem, isso responde a essa pergunta. Ele sabe que não sou mais empregada pela SEC.

Eu deixei minhas mãos se torcerem como uma donzela. —Bem, hum...

Ele coloca a mão no meu ombro. —Eu sei. Vamos sentar. Tome uma bebida e algo extravagante para o almoço. Por minha conta.

—Obrigado, Sr. Houghton—, eu digo com alivio óbvia.

—A qualquer hora, Lara. E por favor, me chame de Jacob. Acho que nos conhecemos bem o suficiente para isso.

Sabrina está saindo do banheiro enquanto nos dirigimos à nossa mesa, mas ela passa por nós dois como se nunca tivesse nos visto antes. Eu tenho certeza que Jacob olha para o seu —decote de dia—, mas é pouco mais do que um homem heterossexual verificando grandes peitos. Ele certamente não parece reconhecê-la como a notoriamente esquiva Sabrina Cross, que funciona bem para o plano.

Ele segura a cadeira para mim e nós dois nos acomodamos com nossos guardanapos e cardápios. Eu deliberadamente escolhi um lugar casual de negócios para nos encontrarmos, o que é bom o suficiente para ele aceitar, mas não tão chique que ele acha que é uma escolha estranha para um investigador desempregado da SEC.

—Fiquei feliz em ouvir de você—, diz ele depois que ele pediu uma garrafa de vinho branco para nós dois. — Eu estava dizendo a Whitney ontem à noite que lamentava saber que você não estava mais na SEC. Ela adorou conhecê-la no casamento de Steve. Nós dois fizemos. E Steve sempre falou muito bem do seu trabalho.

Eu mexi no meu guardanapo e olhei para o meu prato, observando com o canto do olho quando Sabrina estava sentada à mesa atrás de Jacob, junto com uma mulher alta com um nariz afiado e um olhar ainda mais penetrante. Eu tenho o cuidado de não deixar minha atenção permanecer nelas, em vez de esperar em silêncio enquanto Jacob faz toda a rotina de gosto e espirito com o vinho.

Depois que o garçom se afasta, Jacob levanta o copo. —Para novos começos.

—Eu vou beber para isso—, eu digo, com cuidado para infundir apenas um pouco de desespero na declaração. Eu tomo um pequeno gole do vinho. Jacob toma uma bebida também - e não pequena. *Excelente.* A coragem líquida é exatamente o que esta conversa precisa para que o plano funcione.

—Então, Lara—, diz ele, começando a pousar o copo, mas tomando outro gole do vinho. —Eu admito, fiquei surpreso em receber sua ligação. Sempre gostei da sua companhia, mas você tem sido muito cuidadosa em manter um leve amortecedor - compreensivelmente, considerando o que eu faço e o que você faz.

—Fazia—, eu corrijo. —O que eu *fazia*.

—Certo. — Ele dá um sorriso simpático.

Eu respiro fundo como se reunisse minha coragem. —É verdade...Bem, é o seu relacionamento com Steve que me fez pensar em contatar você.

Ele acena encorajadoramente. —Meu cunhado era seu chefe há muito tempo. Eu não acho que ele vai se importar em dizer que ele estava triste por te perder, Lara.

—Eu estou esperando que seja o caso—, eu digo com um pequeno sorriso. —Na verdade, eu estava esperando que você pudesse intervir em meu nome.

Ele se senta e me estuda. —Você quer o seu emprego de volta.

De jeito nenhum. Mas o que é uma pequena mentira na busca por justiça...

—Eu cometi um erro—, eu digo com pressa. —Eu agi precipitadamente, e estou preocupada que ele não me ouça. Mas eu pensei que talvez se você falasse com ele...

Jacob me dá um sorriso amigável. —Por que você não me conta o que aconteceu - o seu lado.

Eu coloco meus cotovelos na mesa, enterrando meu rosto em minhas mãos. —Eu fui tão idiota. Eu não posso nem falar sobre isso.

Ele atravessa a mesa para tocar meu braço. —Lara. Fale comigo. Não vamos esquecer que você ajudou minha esposa a fechar seu vestido depois de alguns Pinot Grigios demais no casamento de Steve. O que quer que seja dito aqui fica entre nós.

Você deseja, imbecil.

Eu coloco minhas mãos de volta no meu colo e respiro fundo novamente. —Ok, isso tem a ver com o caso em que estou trabalhando.

—O caso de Ian Bradley.

Eu vejo Sabrina endireitar-se um pouco atrás de Jacob ao ouvir o nome de Ian.

Eu concordo. —Isso foi...Bem, eu realmente não deveria dizer, mas...

—Eu sei que foi de alto nível—, diz ele com desdém, tomando outro gole de vinho. O garçom passa para reabastecê-lo. —Isso é o que fez você desistir?

Eu mordo meu lábio. —Ok, aqui vem a parte embaraçosa...Enquanto eu estava trabalhando no caso, eu meio que... Bem, Ian - quero dizer, Sr. Bradley... Ele tem esse jeito sobre ele e apesar de eu estar investigando ele...

—Você se apaixonou por ele—, diz Jacob, sua voz um pouco mais cuidadosa do que antes.

Eu dou um pequeno sorriso, deixando meus ombros subir e descer. —Eu pensei que eu fiz. Eu não consegui encontrar nenhuma sujeira nele, e contei isso a Steve. É por isso que não recomendei que avançássemos com uma investigação formal. Eu não sabia que Steve iria assumir e seguir em frente com o caso de qualquer maneira.

Jacob bebe mais vinho, mas não diz nada, então eu continuo divagando.

—A coisa é que eu realmente pensei que estava fazendo a coisa certa. Eu queria tanto acreditar que Ian era inocente. Mas agora.. — Eu

fecho meus olhos. —Agora me pergunto se não encontrei nada porque me deixei distrair. Deixe-*o* me distrair.

A ironia é que a maior parte do que acabei de dizer é verdade, mesmo que seja parte de uma mentira maior. Eu realmente me preocupei que Ian estava tentando me distrair. Eu realmente me preocupei que eu estava deixando ele ficar sob a minha pele da maneira que um melhor investigador da SEC não faria.

Mas também aprendi que essa não é a parte que importa. O que importa é que Ian é um dos mocinhos. Ele não violou a lei e não me traiu.

Ele não faria isso. Ele é melhor que isso.

Jacob se inclina para frente, comendo minha linha, como sabíamos que ele faria. —O que aconteceu?

Hora do Show.

Eu tomo uma respiração instável quando invoco olhos lacrimejantes. —Acabei de saber que Ian está me traindo. Eu parei meu trabalho por ele, e o bastardo é um mentiroso.

—Oh, Lara—, diz ele com um suspiro. —Os caras assim são lixo amoral. Deixe-me falar com o Steve. Ele vai entender quando eu disser a ele que Ian te seduziu para atrapalhar o seu caso.

Eu dou uma retraída envergonhada. —Mas eu não quero que Steve saiba que dormi com o cara que estava investigando. Então ele nunca me contratará de volta.

—Eu não teria tanta certeza. — Ele dá um pequeno sorriso. — Vamos apenas dizer que ele pode estar mais ciente das deficiências de Ian Bradley

do que você pensa. Como estão as coisas com você e Ian agora? Você terminou com ele?

Eu balancei minha cabeça e limpei meu nariz. —Ele não sabe que eu sei sobre a outra mulher ainda. Um amigo o viu ontem à noite, em cima de uma garota. Eu sei que preciso confrontá-lo, mas...

—E se você não fizer?

Eu pisco. —Eu não posso continuar namorando um trapaceiro.

—Você poderia se você quisesse voltar para ele. — Jacob levanta as sobrancelhas.

—Eu não entendo.

Jacob toma outro gole de vinho. —Eu lhe disse que você poderia confiar em mim. Posso confiar em você?

—Claro, claro—, eu digo, a imagem da confusão.

—Ian Bradley não é um bom homem, Lara. Ele é o pior tipo de clichê de Wall Street - arrogante, mulherengo, imundo e rico mesmo pelos padrões de Wall Street...

—Sim, mas ele é um criminoso?

—Caras assim não chegam onde estão sendo inocentes. Certamente você não é tão ingênua, não importa o quão bonito o cara seja. — Ele sorri, como se para suavizar o insulto, e toma mais um gole de vinho.

—Você está certo—, eu digo com uma queda auto-depreciativa. — Toda a coisa J-Conn parecia suja, mas eu não consegui uma única pessoa para se apresentar para testemunhar.

Jacob se inclina com uma expressão presunçosa. —Você não poderia?

Eu dou-lhe uma carranca intrigada. —Eu não entendo. Não há ninguém exceto... — Meus olhos se arregalam. —Oh meu Deus. Você era o informante confidencial de Steve?

Ele abre os braços para o lado com um sorriso triste. —Culpado. Me desculpe, Steve não sabia te dizer. Achamos que seria melhor mantê-lo em segredo o maior tempo possível, considerando a conexão dele e minha.

Minha mente está correndo. Embora soubéssemos - ou pelo menos tivéssemos um bom pressentimento -, Jacob era a fonte, ouvindo-o admitir que isso me deixava um pouco enjoada. Eu olho para a parte de trás da cabeça de Sabrina, sua quietude me dizendo que ela ouviu tudo. Melhor ainda, a mulher com quem ela está parece estar ouvindo também.

—Você acha que vai aguentar?— Eu pergunto. —É a sua palavra contra a dele...

—E se não fosse apenas a minha palavra?— Ele toma um gole de vinho. —E se fosse a *nossa* palavra?

—Mas eu nunca encontrei nada. *Você* realmente tem informação.

—Eh. — Ele dá, o que tenho certeza que ele imagina ser um sorriso encantador e juvenil e encolhe os ombros. —Eu posso ter exagerado a profundidade do meu conhecimento.

—Steve sabe?

—Claro, ele sabe. Ele recebeu um cheque gordo para jogar junto.

Eu mexi no meu guardanapo para esconder minha fúria contida no homem do outro lado da mesa, assim como o homem que era meu chefe. Meu *mentor*. —O que eu faria?

Ele encolhe os ombros. —Talvez você tenha ouvido ele se gabar sobre a coisa toda para um amigo. Talvez um ex-executivo do J-Conn aparece misteriosamente em sua lista de contatos, que você encontra em seu telefone.

Eu olho para ele com os olhos arregalados. —Eu não posso.

—Claro que você poderia—, diz ele, enchendo o meu copo, embora eu mal tenha tocado. —Você consegue seu emprego de volta. Ian Bradley entende o que está acontecendo com ele.

Eu me sento na minha cadeira com uma risadinha. —Eu não posso acreditar. Todo esse tempo, eu pensei que estava faltando alguma coisa, mas você realmente não tem nada que o amarre a J-Conn, não é? Você e Steve o incriminaram.

Jacob dá uma piscada arrogante. —Claro que sim. O homem é esperto, mas não tão inteligente quanto ele pensa que é.

O momento é tão rápido, tão sutil, acho que talvez tenha sonhado com isso, mas a maneira como Sabrina vira levemente a cabeça me diz que não.

Jacob Houghton acabou de confessar que armou para Ian por informações privilegiadas - com a ajuda de Steve.

Eu mudo minhas pernas, propositadamente soltando meu guardanapo.

Um minuto depois, todo o inferno se solta.

33

IAN

Semana 5: quinta-feira, hora do almoço

Mais tarde, quando me lembrar do olhar no rosto de Jacob Houghton quando me aproximei de sua mesa, vou rir. No momento, porém, só tenho olhos para Lara.

Eu a alcanço imediatamente, minha mão a encontrando de volta quando ela se levanta, virando-se para mim com óbvio alívio.

—Que diabos?— Jacob cuspiu.

—Não—, diz Lara com um assobio irritado, levantando um dedo para ele. —Você não fica indignado. *Você armou para ele.*

—Ele te traiu!— Jacob diz incrédulo. —E você está defendendo ele?

—Eu não faço merda—, eu interrompo em um tom de aviso. —Não na minha vida profissional ou na minha vida pessoal.

Jacob faz um barulho de escárnio. —Certo. Você é um escoteiro regular, tenho certeza. —

—Você mentiu—, diz Lara, fervendo. —Você e Steve *ambos* mentiram.

Eu pressiono a palma da mão mais firmemente contra suas costas para firmá-la, mesmo que uma parte de mim adoraria vê-la atacar Jacob, como eu sinto que ela está louca para fazer.

Jacob ri. —Oh, Lara. Você está pior do que eu imaginava. Ele te feriu ao redor de seu dedo, então te mandou aqui para uma confissão.

—Essa foi a minha ideia—, diz ela, dando-lhe um olhar firme.

—Huh—, diz ele, parecendo surpreso. —Eu posso ver porque Steve sempre pensou muito bem de você. Mas não importa. — Ele pega o copo e termina o resto do vinho. —É minha palavra contra a sua, e ninguém vai acreditar em um criminoso suspeito e em sua...

Eu dou um passo ameaçador em direção a ele, e seus olhos ficam cautelosos.

—Namorada—, diz ele em um tom invejoso que me diz que não foi sua primeira escolha de palavras.

—Na verdade—, diz Sabrina, levantando-se da mesa atrás de Jacob. —É a sua palavra contra a *nossa*.

Jacob gira em volta. —Quem diabos é você?

Ela acena com a mão. —Oh, *eu* não importo. Mas posso apresentar Dana Keller? Ela é jornalista do *Jornal da Wall Street*.

A repórter faminta de histórias está com um sorriso alegre. —Sabe, quando a Sabrina disse que tinha um furo para mim, achei que poderia ser apenas mais um executivo com tendências pervertidas. Mas isso é *muito* melhor.

Jacob empalidece e parece pronto para vomitar. —Eu não sei o que você acha que ouviu, mas—

—Oh não, não é o que ela *acha* que ouviu—, ronca Sabrina. Ela pega um pequeno gravador preto da mesa. —É o que ela *sabe* que ouviu.

—Esse pequeno cara é uma arte—, Dana diz orgulhosamente, apontando para o gravador. —Pega cada sussurro, mesmo em um restaurante barulhento como este.

Enquanto Jacob olha incrédulo para o dispositivo, Kennedy e Matt se aproximam do outro lado do restaurante. —Tudo bem por aqui, Lara? Percebemos que você deixou cair o guardanapo,— diz Matt, fingindo preocupação.

—Tudo bem—, diz Lara, acenando o guardanapo como uma bandeira branca.

Jacob solta uma risada horrorizada, voltando-se para Lara. —Você sabia que eles estavam lá. Você teve tudo isso planejado. Qual foi o sinal, largue o guardanapo e eles chamam Ian?

—Texto, na verdade—, esclarece Kennedy. —Ele estava esperando do lado de fora.

—Hmmm, talvez com um pouco menos de vinho, você pode ter verificado os seus arredores—, diz Sabrina, pegando e inspecionando a garrafa meio vazia no balde de gelo.

—Você armou pra mim—, Jacob rosna para todos nós.

—Saco, não é?— Eu digo, encontrando o olhar do outro homem de frente. Ele é muito covarde, e depois de um tempo, ele desvia o olhar.

—A única diferença é que você mereceu—, Lara diz baixinho para Jacob.

—Não fui só eu—, diz Jacob, obviamente passando por negação e direto para barganhar. —Steve é tão culpado. O cara está com as

sobrancelhas em dívida de jogo e concordou em fazer qualquer coisa por um preço.

—Oh, nós sabemos—, eu digo. —Minha advogada, Vanessa Lewis, marchou para os escritórios da SEC para notificar o chefe de Steve sobre a situação dentro do momento em que Lara deixou cair o guardanapo.

Ele olha para nós, horrorizado. —Quantas pessoas estavam envolvidas nesse esquema?

—Apenas meu advogado e as pessoas que você vê aqui—, eu digo casualmente, pegando o vinho de Lara e começando a tomar uma bebida. —Oh, e minha assistente e os oficiais de execução da SEC que deveriam estar aqui...

—Ali estão eles!— Matt diz em um tom sonoro.

Todos nos voltamos para ver Kate apontando dois ternos com cara de pedra em nossa direção.

—Uau, todos os tipos de coisas aconteceram com a queda do guardanapo—, diz Dana Keller, com admiração.

Jacob a ignora, toda a sua atenção em mim enquanto os agentes da SEC se aproximam da mesa. —Você dormiu com minha esposa—, diz ele, sua voz calma. Derrotado. —Minha *esposa*.

Por uma fração de segundo, quase sinto pena dele. Se eu aprendi alguma coisa por toda essa provação, é que uma mulher pode virar a vida de cabeça para baixo. Então lembro que ele queria me mandar para a prisão por causa disso.

—Eu não sabia que ela era casada—, eu digo, encontrando seu olhar. —Algo que eu teria ficado feliz em lhe dizer se você tivesse acabado de sair e conversado comigo sobre isso.

Ele franze a testa. —Whitney não -

—Não—, eu interrompo. —Whitney não mencionou você. Nem ela estava usando um anel. Eu sei porque eu não sou um idiota, eu confiro. *Ela* sabia que estava tendo o caso, mas eu com certeza não o fiz.

—Ela sabia sobre o seu plano?— Lara pergunta a Jacob. —Ou você decidiu derrubar Ian sem se preocupar em obter todos os fatos?

Seu silêncio teimoso e sua careta irritada são respostas suficientes.

—Eu o odeio—, sussurra Lara enquanto todos nós o vemos ser levado embora.

—Eu não.

Ela olha para mim com os olhos arregalados. —Mesmo? Ele ia se perjurar com a única intenção de mandar você para a cadeia.

—Um movimento de pau—, eu reconheço, deslizando minha mão para sua cintura. —Mas ainda não o odeio. Eu não posso.

—Por que não?

Eu pressiono meus lábios nos cabelos e digo a verdade. —Porque ele trouxe você para mim.

34

LARA

Semana 5: sexta-feira, hora do jantar

—Droga, senhorita Lewis. Isso é uma merda boa —, diz Matt, olhando com apreço para sua taça de champanhe e depois inclinando-se para olhar a garrafa.

—Chame-me Vanessa—, diz a advogada de Ian, entregando uma taça de champanhe para Kate. —E eu não comprei isso. Ian fez.

Ian faz uma pausa no processo de beber seu champanhe. —Eu fiz?

—Vai estar na sua conta—, Vanessa diz com uma piscadela.

Matt bate o copo no meu e sorri.

Eu sorrio de volta automaticamente. Mesmo em meio a meus próprios problemas, é difícil não sentir feliz com a nossa vitória sobre a corrupção. E sim, eu percebo que é muito positivo de mim, mas bem... a vitória de ontem foi boa.

Nosso plano foi um pouco fora das linhas? Absolutamente.

Mas se conhecer Ian e seus amigos me ensinou alguma coisa, é que lutar pelo que é certo nem sempre é tão simples quanto seguir as regras. Às vezes você tem que dobrar um casal para pegar o cara mau.

Sabrina navega pela porta da frente do apartamento de Ian, beija a Kate e eu, então, segue direto para o balde de champanhe. — Dom! Nós realmente estamos comemorando.

—Claro que estamos—, Vanessa diz enquanto ela e Sabrina se beijam no ar. —E eu posso apenas dizer, negando a ambos aqueles homens uma barganha? Destaque do meu ano.

—Como eles acham que tiveram uma chance nisso?— Kennedy pergunta.

—Eles achavam que ganhariam pontos de brownie por uma confissão escrita, dizer-tudo

Vanessa diz. —Mas como ambos estavam dispostos a vender o outro, nenhum deles tem poder de negociação.

—Você sabe a parte disso que está me matando mais?— Matt cai em uma cadeira na mesa da cozinha de Ian. —Como diabos nós não pensamos em olhar para as conexões de Ian primeiro? Deveríamos saber que seria o seu pau que o levaria a uma bagunça. — Ian recua e eu coloco uma mão em seu braço. Ele não falou muito sobre isso, mas posso dizer que o incomoda saber que alguém que ele achava ser um caso inofensivo não era apenas casado, mas que voltou a mordê-lo da pior maneira possível.

Ian puxa minha mão até os lábios, aperta um beijo lá, enquanto Sabrina golpeia Matt na cabeça.

—Certo, porque você é um monge tão celibatário. E Whitney foi há muito tempo atrás,— ela diz com um olhar aguçado para mim.

Eu sorrio, apreciando o sentimento, embora não seja realmente necessário. Não adoro exatamente pensar no passado romanticamente prolífico de Ian, nem me preocupo em pensar sobre o que isso significa para seu futuro, nosso futuro...

Mas tenho problemas maiores para lidar.

A bagunça de Ian está limpa e eu sou grata. Emocionada.

Minha própria bagunça está apenas começando.

Ian me puxa para mais perto, pressionando os lábios logo acima da minha orelha. —Estou feliz que você esteja aqui—, diz ele em voz baixa antes de se afastar para a cozinha.

Estou contente também. Não só por causa dele e de nós, mas por causa de todos os outros aqui. Eu não acho que ele possa saber o quanto eu passei fome por amigos. Eu tenho Gabby, é claro, mas se eu estou sendo totalmente honesta, eu sempre estive ciente de que ela e eu provavelmente nunca teríamos sido amigas se não tivéssemos acabado por viver juntas.

Este grupo se sente diferente. Parece um grupo do qual eu poderia fazer parte - um grupo ao qual eu realmente poderia pertencer.

Se as coisas fossem diferentes.

—Lara, seu telefone está zumbindo—, Ian chama da cozinha.

Eu ando em direção a ele, soltando um grito quando ele me joga meu iPhone. —O que você está fazendo? Eu pareço esportiva?

—Pegou, não é?— ele diz com um sorriso lento.

Eu fiz. Mas isso provavelmente não acontecerá novamente.

Eu olho para o telefone, odiando que eu sinto uma pontada de medo em vez da minha excitação habitual com o nome na tela.

—Ei, você se importa se eu levar isso para o seu quarto?

Ian acena a garrafa de gim em um gesto de ir em frente.

Eu entro em seu quarto e fecho a porta. —Ei mãe.

—Lara. Eu sinto muito querida. Papai e eu acabamos de receber o seu correio de voz. Você *saiu*? Conte-nos tudo. Você está no viva-voz.

Eu me inclino contra a porta e deslizo todo o caminho até o chão, bloqueando as vozes alegres do outro lado para morder a bala e finalmente dizer aos meus pais sobre a bagunça que eu fiz da minha vida.

35

IAN

Semana 5: sexta-feira, hora do jantar

Depois de verificar que Lara ainda está no quarto conversando com os pais dela, eu abordo minha advogada.

—Vanessa, você tem um segundo?

—Claro—, diz ela, levantando um dedo para Sabrina para indicar que ela volta loga. —O que está acontecendo?—, Ela pergunta enquanto vagamos para o outro lado da sala de estar.

Eu coço minha bochecha, um pouco fora do meu elemento aqui. Eu não tenho o hábito de pedir favores - especialmente os da minha namorada.

Ou a mulher que eu espero que vai concordar em ser minha namorada.

—É sobre Lara.

—Ah, sim—, diz Vanessa, tomando seu champanhe e erguendo as sobrancelhas. —Você sabe, sem ela.... Vamos apenas dizer que ela foi fundamental neste trabalho a seu favor.

—Eu sei. — Eu sou grato. Além de grato e ainda... mal contente. Porque eu também sei exatamente quanto isso custou a Lara. Eu consegui exatamente o que eu queria. Ela se ferrou.

—Então, escute—, eu digo, passando a mão na minha nuca, tentando descobrir como dizer a minha advogada que tenho dormido com a investigadora da SEC.

Vanessa tem pena de mim e sorri. —Tudo bem, Ian. Eu fui a Princeton. Eu acho que posso dizer quando duas pessoas estão apaixonadas.

A palavra me sacode. Tanto porque é a primeira vez que eu ouvi em voz alta e porque estou com medo disso...

Verdade.

—Não estivemos... eram apenas... Merda. Eu não sei o que somos.

Eu só sei que eu quero que ela seja minha.

—Você sabia que ela perdeu o emprego por causa de tudo isso?— Eu pergunto a Vanessa. —Sabrina me disse que ela saiu.

—Sim, porque ela tem integridade—, eu digo, mesmo que não seja da Vanessa que estou com raiva. São aqueles idiotas que me montaram, que forçaram Lara a escolher entre seu sonho do FBI e sua moral.

—Eu sei—, Vanessa responde em voz baixa. —O que você precisa de mim, Ian?— Ela me estuda. —Ah. Você quer que sua garota recupere o emprego.

—Sim!— Eu digo um pouco com entusiasmo. —Quero dizer, sim, se for uma possibilidade...

—Não é *im*possível—, diz ela lentamente. —Mas a SEC está se debatendo agora. Mesmo que Lara não tenha feito nada de errado, seu chefe fez um ótimo trabalho em manchar sua reputação.

—Mas ele é culpado por corrupção da justiça, aceitando um suborno e sendo um imenso idiota! Sua palavra não significa nada.

—Eu sei disso. Você sabe disso. Todos nesta sala sabem disso. Mas não é assim que esse mundo funciona, Ian. É uma coisa de percepção. Os corretores de investimentos podem voltar disso. Gerentes de fundos de hedge podem voltar disso. Mas os investigadores da SEC suspeitos por dormir com o suspeito...

Eu sacudo minha cabeça. —Nós esperamos-

—Ninguém vai se importar com o tempo—, diz ela gentilmente. —Eu suspeito que Lara sabia disso o tempo todo. Fala muito de seus sentimentos por você.

As palavras devem me deixar exultante. Em vez disso, nunca fui tão infeliz.

Qual é o sentido de limpar meu nome, de recuperar minha vida, se ela não está nela?

Mas essa não é a pior possibilidade, percebo quando olho para a porta fechada do meu quarto. Pior do que nenhuma Lara na minha vida seria tê-la, mas ela não ter a SEC ou o FBI por causa de seu relacionamento comigo.

Eu engulo, sentindo o desejo de jogar minha bebida na parede.

Eu lembro agora porque eu nunca quis estar em um relacionamento.

Eles explodem.

36

LARA

Semana 6: Domingo à noite

De todas as caminhadas que fiz no apartamento de Ian nas últimas duas semanas, é sem dúvida a mais difícil.

Ele abre a porta na minha batida, e me leva um momento para registrar a vista de uma colher de pau na mão, o cheiro de alho permeando o apartamento.

—Você está cozinhando agora?— Eu pergunto, um pouco atordoada.

Ele gesticula para mim com a colher e beija minha bochecha. —Eu estou. E você deveria ficar lisonjeado e preocupada que esta seja a primeira vez para mim.

—Por que preocupada?— Eu pisei dentro e fechei a porta.

—Porque tenho noventa por cento de certeza que queimei o alho. Não consegui encontrar cebolinha no supermercado, então eu substitui por alcaparras, que mais tarde aprendi não chegam nem perto. E digamos que desossar uma galinha é muito mais difícil do que o YouTube faz parecer. — Ele olha por cima do ombro enquanto se vira para o fogão. — Vinho?

—Eu estou bem—, eu digo, indo ao balcão e orando por coragem para fazer o que eu vim aqui para fazer.

Ele já está fazendo isso tão difícil. Ele está cozinhando, pelo amor de Deus. Pela primeira vez. Para mim.

Eu não teria imaginado que haveria uma visão mais quente do que Ian em seu terno ou, melhor ainda, Ian nu. Mas esse Ian faz algo perigoso para o meu coração. Este Ian abandonou a gravata e o terno, enrolou as mangas da Camisa e parece perfeitamente à vontade. Não, não apenas à vontade. Feliz.

E por um breve momento, me pergunto se talvez esta poderia ser a nossa vida...juntos.

Mas então eu lembro que é muito cedo, isso aconteceu rápido demais, e agora nós não temos o tempo que precisamos.

—Como vai a atualização do currículo?—, Pergunta ele, mexendo o que está no fogão.

Eu recuo. Eu disse a ele que queria passar o dia na biblioteca atualizando meu currículo, procurando emprego.

Eu menti.

—E tem certeza de que não quer vinho? É um excelente Malb...

—Ian.

Ele se vira para mim, e no segundo que ele vê meu rosto, ele apaga o fogo e deixa cair a colher na frigideira. —O que?— Ele pergunta, vindo em minha direção e pegando minhas mãos. —Conte-me.

—É uma boa notícia!— Eu digo, forçando-me a sorrir.

Ele franze a testa, provavelmente porque meu sorriso parece uma triste imitação de felicidade.

—Basta arrancar o band-aid, Lara—, diz ele apertando minhas mãos. —Eu posso lidar com o que você joga em mim.

Isso não.

—Eu tenho um novo emprego—, eu digo.

Ele franze as sobrancelhas em confusão, então dá um sorriso hesitante que quebra meu coração. —Isso é ótimo. Fantástico. Certo?

Concordo com entusiasmo, mas como meu sorriso, não parece certo. —É com o FBI. Mas... — Eu estendo minha mão antes que ele possa ter uma ideia errada. —Não como agente. Como analista. É um trabalho de mesa. Parte inferior da cadeia alimentar, papel empurrado, etc.

—Ah

Sim. *Ah*

Eu não tenho problemas com o trabalho de administração. Inferno, essas pessoas trabalham mais do que qualquer um que conheço e são algumas das mais inteligentes.

Mas não é o que eu queria. Não é o sonho. Eu sei isso. Ian sabe disso.

—Com tudo o que aconteceu, não estou mais na pista para ser um agente. Meus pais conversaram com algumas pessoas, explicaram a situação, mas... Bem, como eu disse antes, Quantico é competitivo. Minha reputação agora? Lama.

Ele estremece. —Deus, Lara. Eu sinto muito-

—Não, tudo bem—, eu interrompo, e desta vez meu sorriso é um pouco mais real, porque *vai* ficar tudo bem. Eu estou determinada que será. —Ainda está mais perto do que eu já estive antes. O trabalho é na divisão de colarinho branco, então vou conseguir uma tonelada de exposição e fazer conexões. E a cada ano, Quântico aceita analistas que

querem se tornar agentes. Não foi assim que pensei em entrar, mas chego lá.

—Então, ei, é uma boa notícia—, ele diz suavemente. —Mas— - ele se inclina um pouco para olhar mais de perto para o meu rosto - — Você não está feliz. Por quê?

Eu respiro fundo. —Eu não estava atualizando meu currículo hoje. Eu estava fazendo as malas. — Eu digo rapidamente, direcionado aos meus pés.

Suas mãos ficam tensas ao redor das minhas. —Volte novamente?

Eu me forço a olhar para cima e encontrar seus olhos. —Eu estava fazendo as malas. Este trabalho do FBI... é em DC.

Sua cabeça se volta surpresa. —Oh

—Sim.

Ele libera minhas mãos e tranca as suas atrás do pescoço enquanto ele começa a andar, como se estivesse tentando descobrir uma solução que ele gosta mais. —Há uma filial do FBI aqui, certo? Gola branca, mesmo.

—Há sim. Mas eles não são os que contratam analistas. E eles não são aqueles com quem meu pai tem uma conexão.

Ele para de andar e deixa cair os braços. —Seu pai conseguiu o trabalho?

Eu levanto um ombro. —Meu currículo me deu o emprego. Mas sim, ele ajudou.

Ian sorri e é genuíno. —Isso é ótimo. Muito bom. Levou um tempo, mas ele finalmente ficou atrás do seu sonho.

Eu estudo seu rosto e vejo nada além de felicidade. Para mim. Mesmo enquanto eu me afasto dele.

Meus olhos lacrimejam, porque é nesse momento que sei que o amo. Porque é preciso um cara infernal para colocar a felicidade de outra pessoa acima da sua. Querer algo para mim mais do que ele quer algo para si mesmo.

Ele franze a testa quando vê minhas lágrimas. —O que está errado?

—Nada—, eu minto. —Lagrimas de felicidade.

Feliz com o trabalho, triste por estar deixando você.

—Hey—, diz ele, puxando-me para um abraço. —Não chore. Isto é uma coisa boa.

Eu aceno, deixando-me afundar em seu abraço, para absorver um pouco de sua força e firmeza.

Eu o ouço engolir, e sua mão vem até a parte de trás da minha cabeça. —Saco para nós, no entanto.

Eu envolvo meus braços ao redor de suas costas. —Sim. Sorte para nós.

Nós nos abraçamos por um longo tempo. Não falando, não beijando. Apenas segurando.

Eu me pergunto se ele está fazendo o que eu tenho feito nas últimas vinte e quatro horas, tentando descobrir como fazer tudo funcionar. O trabalho dele. Meu trabalho. *Nos.*

Se ele está pensando nisso, ele aparentemente não encontra uma solução, porque ele me devolve lentamente. —O que você precisa de mim? Eu posso pegar uma pizza. Ajudar você a arrumar.

Estou tentado - terrivelmente tentado - só para ter um pouco mais de tempo com ele. Mas eu não acho que posso sobreviver.

Pressiono as costas da mão no nariz para tentar afastar as piores lágrimas, mas elas vêm de qualquer maneira. —Eu acho que preciso de uma pausa—, eu administro.

Seu rosto desmorona por um segundo, e ele enfia as mãos nos bolsos, olhando para o chão e voltando para mim. —Certo. Sim. Entendi.

Ficamos parados em mudo sofrimento por um longo momento.

Então ele chega para mim, e eu vou até ele, nossas bocas colidindo em um beijo que é tão quente quanto é triste, uma fusão frenética de lábios que é uma promessa e um adeus.

Não vá, o beijo dele diz.

Eu tenho, minhas respostas de volta.

Quando nos afastamos, estamos respirando com dificuldade, as mãos dele no meu rosto, a testa dele descansando na minha.

Eu tenho o mais forte desejo de me agarrar e um desejo ainda mais prejudicial de mudar de ideia. Para dizer o inferno com o FBI e tudo que eu queria e trabalhei toda a minha vida adulta para um cara que me quer, mas eu acho que ainda está muito longe de me amar.

—Eu deveria ir—, eu sussurro. *Eu tenho que ir.*

Ian acena e lentamente me libera até que seus braços caem para os lados, me deixando ir.

Chego até a porta antes que ele diga meu nome, a palavra frenética e hesitante.

—Lara, o que você diria?....o que você faria... se eu te pedisse para ficar?

Eu poderia fazer isto. O cara tem dinheiro mais que suficiente. Eu poderia pedir-lhe um empréstimo, e sei que ele o daria para mim em um piscar de olhos, embora ele fosse um chato de me deixar pagar de volta.

E então o que? Eu me mudo? Vivo com o seu salário? Torno me a mulher mantida conhecida por trocar sua integridade por um homem? Não é verdade, mas a reputação estaria lá, e mesmo que não fosse....

Eu preciso mais do que ser a mulher de Ian Bradley. Eu preciso ser Lara McKenzie, e Lara McKenzie ainda quer estar no FBI.

—Não—, eu sussurro. —Por favor, não pergunte.

Ele acena e me deixa ir sem outra palavra.

Eu faço todo o caminho até o banco de trás de um táxi antes de começar a chorar de verdade.

37

IAN

Três Semanas Mais Tarde: Quinta Tarde

—Você está fazendo isso de novo—, diz Kennedy.

Eu olho para ele em irritação. —Fazendo o que?

Matt está na cadeira ao meu lado e conta seus dedos. —Rangendo os dentes, resmungando baixinho, olhando para qualquer coisa que se mexa, atacando qualquer um que olhe para você...

—Então, fique à vontade para sair.

—É o meu escritório—, diz Kennedy do outro lado da mesa. —Você sai.

—Eu pensei que estávamos debatendo quem recebe o outro bilhete do Mets—, eu digo.

Matt sacode a cabeça e aponta para Kennedy. —Eu escolho ele. Você é muito desanimador, cara.

—Tudo bem—, eu digo, de pé.

Matt suspira. —Aguarde. Você precisa de uma distração. Venha para o jogo, mas você tem que prometer tomar uma cerveja e pelo menos tentar se divertir.

—Eu não quero mais ir—, eu digo, sabendo que pareço uma criança petulante e não dando a mínima.

Eu não dou a mínima para isso nas três semanas desde que Lara saiu de Nova York.

E sim, vá em frente e me acuse de ser o cara deprimido por uma garota. Eu posso aceitar porque é verdade.

Eu simplesmente não sei o que fazer sobre isso. Meu trabalho está aqui. O dela está lá. Eu amo meu trabalho. Ela ama seu trabalho.

Eu amo ela. Ela não me ama.

Droga.

—Este é o fim da palestra sobre mim?— Eu pergunto a eles. —Se houver mais, sintam-se à vontade para me enviar um e-mail com minhas falhas. Eu prometo nunca ler.

Kennedy e Matt trocam um olhar, mas com sabedoria não dizem nada.

Kate enfia a cabeça no escritório para latir para mim que eu recebi uma ligação na linha dois. Ela desaparece sem outra palavra, e Kennedy e Matt ficam em silêncio, esperando minha explicação.

—Ela ainda está chateada comigo—, eu explico. —Desde que... — Balanço a cabeça porque não consigo terminar a frase em voz alta. *Desde que Lara foi embora.*

Kate não é a única que está louca. Até mesmo Sabrina tem agido exasperada comigo, como se eu devesse estar fazendo alguma coisa sobre a situação.

Mas o que eu posso fazer? Não é como se eu pudesse ligar para Lara e dizer a ela para voltar. Eu não posso pedir a ela para desistir de algo que ela quer só porque eu não consigo parar de pensar nela.

Nas minhas horas mais sombrias, eu quero. Mas eu não vou. Não vou pedir a alguém que me preocupo fazer algo que não posso fazer:

Desistir do meu trabalho. Desistir de tudo que trabalhei tão duro pra caralho.

Isso - Wall Street - é minha vida. Este escritório, essas pessoas... Eles são tudo que eu queria desde que eu tinha quatorze anos, e eu *cheguei* aqui, droga.

Eu tenho a vida que eu queria.

Não tenho?

Eu deixo os caras e volto para o meu escritório, dando uma olhada quando a orquídea me chama a atenção. Porra. Quando começou a cair assim? Existe alguma coisa na minha vida que não vai cagar?

Eu caio em minha cadeira, fecho meus olhos e pressiono as palmas das minhas mãos neles por um momento.

Kate vibra no interfone, e sua voz é puro puta. —*Olá*? Linha dois!

Ela desliga de novo e eu pego a linha. —Ian Bradley.

—Ei menino. Minha TV quebrou.

Eu soltei uma risada incrédula. —Ei, Dave.

—Esta não foi culpa minha—, diz ele desafiadoramente. —Minha nova garota trouxe seu cachorro e a coisa é tão grande quanto um cavalo.

Bateu na TV enquanto perseguia uma maldita bola de tênis e mandou a coisa toda para baixo.

—O cachorro está bem?

—Sim. Você acha que eu posso conseguir outra TV antes do fim de semana? Tenho que ver meus garotos vencendo os Cubs.

—Sim, claro—, eu digo, fazendo uma anotação.

Ele grunhe no que eu sei que é a sua versão de um agradecimento.

—Então, como vai você? Vi aqueles bastardos que tentaram derrubá-lo serem sentenciados na próxima semana.

—Sim. — Eu bato minha caneta contra a mesa.

—Por que você não está feliz?

—Porque eu realmente não dou a mínima para o que acontece com dois covardes. Eles tiraram o suficiente de mim.

Dave assobia. —Você está bem e chateado. Se eu não soubesse melhor, acho que eles levaram mais do que seu orgulho e algumas semanas de sua vida.

—Eles levaram a minha menina—, eu murmuro antes que eu possa pensar melhor.

—Aquela do SCT?

Perto o suficiente. —Sim. Ela perdeu o emprego durante toda essa bagunça e teve que fazer uma nova vida em DC.

Dave resmunga. —Isso é uma merda. Os nacionais estão me irritando. Nada além de maus telefonemas da última vez que tocaram os Phillies.

Não digo nada, meu humor é muito ruim para fingir interesse em beisebol.

—Então, ela não queria você?— Ele pergunta, indo direto ao ponto, como sempre faz.

—Eu acho que não. — Eu esfrego meus olhos. —Não é suficiente, de qualquer maneira.

Ele faz um barulho de cuspir. —Ah, então quem precisa dela?

O inesperado show de lealdade me faz sorrir. Isso também me faz corajoso. Corajoso o suficiente para perguntar algo que eu tenho querido por um longo tempo.

—Dave...

—Sim?

—Por que você nunca me adotou?

Há um longo momento de silêncio, e quando a resposta chega, não é o que eu espero.

—Inferno, rapaz. Você nunca pediu.

Eu ainda vou. —Eu tinha apenas quatorze anos quando cheguei para ficar com você.

—Maturidade, você tinha praticamente vinte anos. Você sempre soube o que queria, nunca fez nenhum segredo sobre isso. Pensei que se você quisesse que eu o adotasse, você teria dito alguma coisa.

Minha mente bobina. Não poderia ter sido tão simples assim. *Poderia?*

—Então, se tivesse pedido... — Eu limpo minha garganta e paro.

—Bem, sim. Se você tivesse pedido, eu teria adotado você, filho. Você não foi muito problema.

Filho. Não menino. *Filho.*

Estou feliz de estar sozinho no meu escritório, porque meus olhos lacrimejam um pouco. Todo esse tempo, e tudo que eu tinha que fazer era pedir.

Eu vou ainda, minhas lágrimas secando imediatamente.

—Dave— Minha voz é um pouco áspera, então tusso para limpar. — Eu tenho que ir, mas vou pegar a TV lá amanhã.

—OKay. — Ele desliga e eu sorrio, porque aparentemente nós atingimos a capacidade máxima de afeição de Dave.

Nós não temos, no entanto, alcançado o meu. Ainda não.

Eu pego o telefone novamente.

A voz de Kate está cortada. —O que?

Eu solto um suspiro. —Chega de atitude, Henley. Você deveria estar feliz. Minha orquídea está quase morta, então você vai ganhar a aposta. Parabéns.

—Eu não queria ganhar assim—, ela resmunga.

—Significa?

—Significa que eu não queria ganhar porque você morreu.

—Eu não morri.

—Você está agindo assim. Morto por dentro.

Eu reviro meus olhos. —Você vai soltar hipérboles a tarde toda, ou você pode fazer algo por mim?

—O que?— Ela pergunta desconfiada.

Eu sorrio. —Você pode me reservar um voo para DC?

Eu praticamente a ouço sentada um pouco mais ereta. —Para quando?

—O mais cedo possível.

38

LARA

Um dia depois: sexta à noite

—Noite, Lara. Te vejo amanhã.

Eu olho para cima do arquivo e dou tchau para Greg, um dos outros analistas. —Tenha uma boa noite.

Largo o restante dos arquivos em suas pastas apropriadas e volto para a minha mesa.

Meu cubículo na SEC era praticamente uma mansão em comparação com a que tenho aqui. A iluminação do escritório faz meu cabelo parecer verde, o café tem um gosto metálico distintivo, minha mesa cheira como o curry de outra pessoa, e minha cadeira nunca ouviu a frase *ergonomicamente correta*. Mas...Eu amo isso.

Eu amo isso porque está no prédio do FBI.

Eu confesso que fiquei apavorado que seria uma decepção. Mas eu sabia desde o segundo em que entrei pela porta da frente que estava certa.

Ou pelo menos a direção certa da certa.

Ainda estou aprendendo, continuo aprendendo quem é quem, o que é, quem ajuda e quem vai me arrancar a cabeça quando faço uma pergunta. Eu quase amo essas interações. Adoro dizer a mim mesma que quando estou nessa posição de poder, vou ser legal com o novato.

E eu vou estar nessa posição de poder um dia. Eu sei isso.

—Merda—, eu murmuro, olhando para o relógio. Eu deveria encontrar meus pais para o jantar em quinze minutos. O restaurante fica próximo, mas o tráfego é brutal.

Eventualmente, vou adotar o sistema de metrô de Washington, mas por enquanto, só posso viver a quarenta e cinco minutos do trabalho e não particularmente perto de qualquer uma das linhas. Meu pai me emprestou seu carro velho, e mesmo com a manutenção constante da maldita coisa, é a opção mais fácil.

Estou apressada, mas ainda vou pelo caminho mais longo até o elevador - aquele que passa pelo departamento de colarinho branco. Cerca de metade dos agentes ainda estão em seus escritórios. A agente Powers até levanta a mão em um aceno amigável enquanto eu passo.

Algum dia. Algum dia um desses escritórios será meu.

Entende? Eu estou feliz.

Bem, estou feliz principalmente.

Uma pequena lasca (tudo bem, uma grande lasca) sente falta de Ian. Muita. Eu ingenuamente pensei que era apenas uma coisa de proximidade com ele - que tínhamos nos reunido tão rápido, em circunstâncias tão estranhas, que nos envolvemos na ideia do romance em vez do romance em si.

Três semanas depois?

Eu não sei. Três semanas depois, ainda parece que o que tivemos foi real.

Ele ligou um par de vezes, mas eu apenas.... Eu não posso. Ainda não.

É tarde o suficiente à noite que eu tenho o prédio principalmente para mim, então quando eu saio no meu nível da garagem, eu sou capaz de fazer aquela caminhada desajeitada de corrida / velocidade para o meu carro sem nenhuma testemunha.

Ou não.

Meus passos diminuem quando me aproximo do meu carro. Há um homem encostado a ele, como um casual, com os pés cruzados nos tornozelos.

O pior pesadelo de toda mulher, certo? Mulher sozinha, estacionamento escuro, homem estranho.

Exceto que ele não é um homem estranho.

Ele é um homem familiar em um terno muito bom. Eu odeio dizer isso, mas sinto falta de ternos de Wall Street. O FBI não dá boas cartas.

Ian observa quando me aproximo, braços cruzados sobre o peito, buquê de rosas pendendo de uma das mãos.

—Ian?

—Ela se lembra do meu nome. Bom começo. — Ele levanta as flores e olha para elas. —Eu queria trazer uma orquídea, mas há rumores de que elas não viajam bem. Kennedy e Matt me garantiram que estas são um substituto sólido.

Eu sorrio e os levo. —Diga a Kennedy e Matt que estou impressionada. Sou fã dos clássicos.

—Pensei que você poderia ser. — Ele me estuda. —Como você está?

Eu respiro fundo. Deixe sair. —Eu estou... confusa. O que você está fazendo aqui?

Ele sorri e se endireita. —Nós vamos chegar a isso. Conte-me sobre o seu trabalho primeiro. É tudo o que você sonhou?

Eu aceno com entusiasmo. —Sim. Absolutamente. Quero dizer, é muito trabalhoso, mas tão fascinante. Hoje eles me pediram para revistar este caso frio, e... bem, eu não posso te contar sobre isso, mas o criminoso me lembra de você, e...

Ele ri. —O criminoso, hein? Talvez eu devesse ter trazido duas dúzias de rosas.

Eu reviro meus olhos e sorrio. —Você sabe o que eu quero dizer. Demasiado encantador para o seu próprio bem, ótimo com as mulheres.

—Hmm. — Ele estende a mão e agarra a minha mão, me puxando para dentro. —Você sabe que esse criminoso pode ter entendido errado. Acontece que ser ótimo com as mulheres não é onde está.

—Não?

—Não. Os espertos se concentram em uma mulher. Fazem delas, deles.

—Eu vejo—, eu digo, meu coração batendo enquanto luto para manter minha voz brincalhona. —Mas eles conseguem isso? Bater sobre a cabeça com um pedaço de pau e arrastá-la de volta para a caverna?

—É um pensamento. Mas eu estava pensando em algo mais parecido...

Ele enfia a mão no bolso do peito.

Oh Deus! Oh Deus, ele não faria. Nós não estamos tão preparados para isso. Eu não posso casar com um homem que mal conheço.

Ele tira... um envelope.

Não sei se estou aliviada ou desapontada. Talvez um pouco de ambos.

Ele entrega para mim.

Eu me esforço para manipular as flores, minha bolsa, bolsa para laptop e envelope, então ele pega minhas chaves da minha mão e me libera de tudo, menos do envelope.

Eu dou-lhe um olhar curioso quando eu tiro... passagens de avião. *Muitos* bilhetes de avião.

O primeiro é um voo para o próximo fim de semana - DC para Nova York.

A próxima é para o fim de semana depois disso - Nova York para DC.

Eu folheio o resto deles. Há três meses de passagens de avião, alternando entre Nova York e DC.

Entre a cidade dele e a minha.

—Ian?

Ele levanta as sobrancelhas. —O que você diz? Faça longas distâncias comigo?

—Ian... — É um suspiro desta vez.

Ele estende a mão e desliza um braço em volta das minhas costas, o outro em concha no meu pescoço, seu polegar roçando minha mandíbula

como se estivesse memorizando a forma. —Eu sinto sua falta, Lara. Estou louco de saudades. Eu entendo que você tem que estar aqui, e eu tenho que estar lá. Embora, para o registro, eu contemplei o gesto muito impressionante de deixar meu trabalho e mudar para cá. Mas não achei que você me respeitaria por isso.

Eu sacudo minha cabeça. —Você deveria ser rico.

Ele ri e o som faz meu coração inchar. —Em linha reta. Mas também devo estar com você.

Ian toca sua boca levemente na minha, e quando ele se afasta para olhar para mim, seus olhos estão quentes. —Você pensou que eu ia arrancar um anel, não é?

Eu soltei uma gargalhada envergonhada. —Tipo isso.

Ele me beija novamente, sorrindo contra a minha boca. —Eu pensei sobre esse grande gesto também, mas achei melhor cortejá-la primeiro.

Eu puxo de volta. —Cortejar? Você roubou isso do vocabulário de Kennedy? Espere. Você *pensou* sobre isso? Você pensou em me dar um anel?— Eu quase grito.

Ele dá de ombros. —Isso passou pela minha cabeça. Depois que percebi que te amava. —

Meus joelhos se dobram, mas ele me pega.

—Isso foi embaraçoso para você—, ele brinca.

Eu reviro meus olhos. —Me dá um tempo. O cara que eu amo me surpreendeu com rosas vermelhas, passagens aéreas e conversas vagas sobre casamento.

Seus olhos brilham. —O cara que você ama, hein?

Eu bato o canto do envelope no peito dele. —Acontece que eu sou muito impraticável quando se trata de você. Você me deixou apaixonada por você em poucas semanas. —

—Imagine o que eu posso fazer em alguns meses—, diz ele, envolvendo os dois braços em volta de mim e me levantando do chão.

Eu rio e abro minha boca para ele. —Eu não posso esperar para descobrir.

Epílogo

LARA

Um ano mais tarde

—Estou atrasada, estou atrasada. Me desculpe, estou atrasada, —eu digo, caindo na cadeira em frente a Ian. —Diga-me que você me pediu uma bebida.

Como se na sugestão, um garçom aparece com duas taças de champanhe.

—Ooh, nós somos *extravagantes* hoje à noite—, eu digo, tremulando meus cílios para o homem que, depois de um ano de namoro, ainda é a coisa mais bonita que eu já vi.

—Sim, bem, eles estavam fora daquela cerveja terrível que você amava tanto no bar de pesca perto da Quântico.

—Yeaaaaah, acho que isso foi uma coisa situacional. Quem diria que a cerveja poderia ter um sabor totalmente diferente quando não vem depois de um longo e cansativo dia de treino?

—Deus, eu amo quando você fala sujo para mim—, diz ele, piscando e tilintando seu copo no meu. —Assim. Como foi seu dia, *Agente McKenzie*?

Eu sorrio, porque dois meses no meu novo emprego, ainda não envelhece.

—Não consegui algemar ninguém, mas há sempre o amanhã. — Eu sorrio no meu copo.

Ele se inclina para frente e abaixa a voz. —Você pode me algemar esta noite, se você quiser.

—Eu acho que vou levá-lo em cima disso—, eu digo com um sorriso travesso. —E quanto a você? Conte-me sobre o seu dia.

—Oh, você sabe, o usual. Kennedy finge não notar Kate; ela continua a torturá-lo. Matt e Sabrina entraram em uma briga, então eles podem estar mortos.

—Mesmo de sempre.

Ele sorri. —Sim.

Exceto que ele está parcialmente certo sobre o mesmo velho.

Algumas coisas *são* iguais. Ian ainda está no topo de seu jogo, ainda trazendo quantias ridículas de dinheiro, muitas das quais ainda vão para a caridade de Ian, outro pedaço decente para substituir as TVs de Dave.

Mas algumas coisas são novas também. Conseguimos levar Dave para Nova York no Dia de Ação de Graças no ano passado. Ian parecia tão feliz, espero que a visita de férias de Dave tenha sido apenas a primeira no que será uma tradição de longa data.

Quanto a mim, me formei na Quântico há alguns meses e me ofereceram um emprego quase que imediatamente. E prepare-se, gente, porque feliz para sempre não fica muito mais feliz do que isso...

O trabalho é como um agente na divisão de colarinho branco. Em Nova Iorque. Sediada a apenas três quarteirões do apartamento de Ian.

Bem, agora *nosso* apartamento.

Te disse. Feliz para sempre com esteroides - meu emprego dos sonhos *e* meu cara dos sonhos.

Ian está me estudando com um olhar pensativo, e eu olho para o meu menu. —O que?

—Você está sorrindo.

—Geralmente uma coisa boa—, eu digo, tomando meu champanhe.

Ele olha para baixo, depois para trás. —Você já sentiu falta de DC?

—Não. A pizza daqui é melhor.

—E os homens?

—Não sei ainda. — Eu dou de ombros, olhando de volta para o meu cardápio. —Meu pai ainda está em DC, e ele é muito bom.

Ian sorri. —Sim, ele é. Falando do seu pai, tivemos uma pequena conversa esta tarde.

Minha cabeça se levanta. —Você conversou com meu pai? Sem supervisão? Após a desastrosa discussão do jantar de Natal?— Eu nunca tinha visto dois homens ficarem tão ocupados com beisebol e hóquei antes. —O que você poderia possivelmente ter falado?

—Você—, ele diz com naturalidade.

Eu estreito meus olhos para ele. —Eu.

—Bem, você e como ele e eu vamos ter muito mais natais para resolver esse argumento de hóquei—, diz Ian casualmente. *Demasiado* casualmente.

Meu coração começa a bater. —É assim mesmo?

—Espero que sim. Veja, Lara... — Ian se levanta da cadeira e lentamente se inclina para um joelho ao lado da mesa. —Eu liguei para ele com uma pergunta sobre sua única filha. Uma importante.

Meus olhos se enchem. —Você fez?

Ian abaixa todo o caminho na minha frente e pega minha mão enquanto a outra alcança seu bolso. —Eu fiz. Ele disse que sim e estou aliviado. Mas o que eu realmente quero saber é —- ele abre a caixa do anel -— o que você vai dizer?

Eu tomo uma respiração instável, em seguida, pretendo estar confuso. —Difícil de dizer. Qual é a pergunta?

Os olhos de Ian perdem a expressão de provocação, mas nada do calor. —Lara McKenzie, eu te amo mais do que qualquer outra coisa neste mundo. Você quer se casar comigo?

Eu solto um soluço, mesmo quando as pessoas ao nosso redor fazem os ruídos *awwwn* necessários.

Coloquei as duas mãos no rosto dele e pressionei meus lábios nos dele. —Você me faz tão feliz—, eu sussurro.

—É melhor que seja um sim—, diz ele contra a minha boca.

Eu sorrio. —Sim. Mal posso esperar para casar com você, Ian Bradley.

Então, eu acho que menti antes, quando eu disse feliz para sempre, não poderia ficar melhor.

Apenas ficou.

FIM

NOTA DO AUTOR

Queridos amigos,

Muito obrigado por me honrar (e Ian e Lara!) com o seu tempo de leitura suado. Eu sei que há milhões de livros para você escolher, e eu sou tão grata que o *Hot Asset* fez isso na sua lista de TBR!

A série de 21 Wall Street foi originalmente concebida por causa de um simples desejo de autor: escrever sobre caras gostosos em ternos. Eles são minha coisa favorita para ler e assim... minha coisa favorita para escrever.;-)

A série, no entanto, rapidamente se tornou muito mais do que isso. Em algum lugar ao longo do processo de escrita, meus —caras gostosos de terno— passaram de fotos em minha mente para pessoas reais - personagens complexos que ganharam vida, não apenas através de relacionamentos com mulheres que capturaram seus corações, mas através de suas amizades com um outro. Logo eu não tinha apenas a fantasia dos ricos milionários em suas coberturas, mas personagens cuja vulnerabilidade, brincadeiras e lealdade uns com os outros me faziam desejar poder fazer parte de seu grupo. Eu espero que você sinta o mesmo!

O próximo passo da série é a história de Matt Cannon (*Hard Sell*, Outono 2018).Como tenho certeza que muitos de vocês perceberam, ele e Sabrina Cross têm alguma química séria... e grandes negócios inacabados. Ian e Lara, é claro, farão muitas aparições, assim como Kennedy e Kate.

Por último, preciso dar um breve minuto para agradecer a todos que ajudaram a tornar este livro possível. Minha agente, Nicole Resciniti, por saber imediatamente o que eu estava tentando fazer com a série no

segundo em que eu disse as palavras *Wall Street*. Para a equipe incrível em Montlake, especialmente Maria Gomez, por todo o seu trabalho duro em levar minha amada história e transformá-la em um livro polido. Para Kristi Yanta, minha editora de desenvolvimento, que colocou tanto coração e alma nessa história quanto eu. Eu sei que foi um longo caminho, mas valeu a pena, e sou muito grata! E, finalmente, uma mensagem especial ao meu sogro experiente em Wall Street por me indicar os recursos certos para aprender sobre o mundo financeiro!

Leitura feliz,

Lauren Layne

VIRE A PÁGINA PARA UMA ESPIADINHA EM HARD SELL

21 Wall Street, livro dois disponível no outono de 2018

Nota do Editor: Este é um trecho inicial e pode não refletir o livro finalizado.

1

MATT

Segunda de manhã, 18 de setembro

—Você é um anjo e eu te amo—, eu digo com uma reverência geralmente reservada para as pessoas na igreja.

Minha assistente levanta uma sobrancelha e segura duas aspirinas. —Você está falando comigo ou o sanduíche de bagels?

—Ambos—, eu digo em torno de uma mordida, segurando a minha mão livre para as pílulas.

Kate espera até eu engolir o sanduíche e, em seguida, estende um café Starbucks que uso para lavar as pílulas.

—Como você sabe?— Eu pergunto, pegando o ovo e o queijo suíço no pãozinho de gergelim mais uma vez.

—Que você estava de ressaca como lixo? Recebo suas notificações de mudança de voo. Tomando um olho vermelho de domingo não planejado de Vegas para Nova York depois de uma despedida de solteiro praticamente diz tudo.

Eu estremeço —Não podemos dizer a palavra *Vegas*? Ou *despedida de solteiro*? E até novo aviso, todas as referências ao álcool são proibidas.

Ela sorri. —É uma porcaria ficar velho, hein?

—Eu não sou velho—, eu digo automaticamente. A própria sugestão é uma afronta. Afinal, eu sou Matt Cannon, o lendário garoto prodígio de Wall Street.

E sim, apenas cabeça de merda se chamariam de lendários, mas no meu caso? É bem verdadeiro. Eu me formei no ensino médio quando eu tinha dezesseis anos, na faculdade quando tinha dezenove anos, e fui contratado na Wolfe Investimentos antes de poder beber. Legalmente, Porque... esta é Wall Street. O álcool é tanto um estilo de vida quanto o dinheiro.

Ops. Acabei de me lembrar que não estamos falando de álcool. Não até que a aspirina, a cafeína e este sanduíche trabalhem sua doce magia na minha dor de cabeça de álcool.

De qualquer forma, o ponto é que eu tenho apenas vinte e oito anos. Não sou exatamente mais um menino que se admira, mas ser um dos lobos antes dos trinta é digno de vanglória, e...

Oh inferno, quem estou enganando?

Não posso beber como podia quando tinha vinte e dois anos, e estou sentindo oficialmente os efeitos das quarenta e oito horas que foi a despedida de solteiro do meu irmão mais velho.

—Como você está se sentindo realmente?— Kate pergunta, me dando uma crítica de uma vez.

Kate Henley é uma dessas assistentes que você guarda com mais cuidado do que sua carteira, Pappy Van Winkle, ou senha da conta bancária.

Claro, ela tem a aparência delicada de uma debutante dos anos 1950, mas ela é obscenamente competente em seu trabalho. Tão competente, na verdade, ela trabalha para não um chefe exigente, mas *três*. Um par de anos atrás, fui promovido a diretor no mesmo mês que meus dois melhores amigos e colegas de Wolfe, Ian Bradley e Kennedy Dawson. A

promoção significava que cada um de nós tinha nosso próprio assistente, em vez de compartilhar um. Não conseguimos decidir quem ficaria com Kate, então ela enfrentou os três e o fez duas vezes mais do que qualquer outro assistente que apoia apenas um corretor de investimentos.

Eu sorrio. —Melhor. Obrigado. A dor de cabeça já está diminuindo.

—Boa. Porque os Sams querem ver você.

Meu sorriso desaparece. —Agora?— Eu verifico meu Rolex. —São quase oito horas da manhã de segunda-feira.

—Sim, bem, esta é Wall Street. O dia de todos começou quatro horas atrás. Falando nisso, eu chamei você de dez vezes.

Eu esfrego minha testa. —Eu perdi meu celular... algum lugar.Os Sams disseram o que eles queriam?

—Não—, diz ela, inclinando-se para tirar algo de uma sacola de roupas. —Mas eles vieram pra minha mesa em vez de mandarem Carla, o que nunca é bom. Põe isto.

Ela me entrega uma gravata azul macia e eu obedientemente puxo o lenço que coloquei no banheiro do aeroporto da esteira de bagagens. Na melhor das hipóteses, cheira a fumaça de um cassino de Las Vegas. Na pior das hipóteses...

A maneira como Kate enruga o nariz quando pega me diz que está na categoria —pior— sem nome.

Eu coloco a gravata fresca em volta do meu pescoço, mas ela levanta um dedo e acena em um círculo. —Hmm. Você está pior do que eu pensava. Ela segura uma camisa branca. —Mudança de guarda-roupa. Onde diabos você dormiu na noite passada, no chão de um bar?

—Não dormi nada—, murmuro, desabotoando minha camisa.

Isso meio que resume a relação platônica minha e da Kate de que eu sou sem camisa, mas ela nem sequer olha para o pacote de seis que eu ganhei durante as longas horas de academia enquanto ela me entrega a camisa. —Um dia, você realmente *vai* estar muito velho para isso, você sabe.

—Um dia—, eu digo com um sorriso enquanto coloco a camisa fresca. —Hoje não.

Um minuto depois, eu tenho uma camisa limpa, gravata nova e me sinto um pouco melhor, pois a aspirina e a cafeína finalmente começam a aparecer.

—Os caras estão?— Eu pergunto, referindo-me a Ian e Kennedy, enquanto endireito o nó da minha gravata. Eu não tenho um espelho, então eu abro meus braços para Kate avaliar.

Ela me dá uma vez. —Melhor que nós vamos conseguir. Assim que terminar a reunião, você precisa de um banho. E não, os caras não estão. Kennedy estava pegando um café cedo com um cliente, e Ian disse que ele tinha uma reunião antecipada também.

Eu levanto minhas sobrancelhas. —Reunião antecipada, significa... ele se distraiu com Lara no banho?

—Meus pensamentos exatamente.

Ian está um pouco repugnantemente apaixonado por sua noiva, Lara McKenzie. E enquanto o seu nível de paixão é nauseante, não há mulher que eu prefira ter perdido o meu parceiro de devassidão do playboy do que ela. Uma agente com a divisão de colarinho branco do FBI, Lara é

inteligente, engraçada e, melhor de tudo, tolera exatamente nenhuma das besteiras de Ian, que é abundante.

—Ok, vamos fazer isso—, murmuro, dando uma última mordida de sanduíche e um gole de café. —Escala de um a dez, quão intensos foram os Sams quando eles vieram?

—Oito—, ela diz enquanto caminhamos em direção aos elevadores. —Aqui. — Kate me entrega um chiclete enquanto aperta o botão —Suba.

Eu o mastigo respeitosamente até o elevador chegar, depois o cuspo de volta no invólucro para não chupar chiclete como um caixa de dezesseis anos na Gap quando me encontro com os CEOs da empresa.

Kate estende a mão, mas eu balanço a cabeça e entro no elevador. —Eu não te pago o suficiente para jogar fora o meu chiclete já mastigado.

—Você não me paga o suficiente por *nada* disso—, ela chama depois de mim quando as portas do elevador se fecham, nos separando.

É uma curta viagem até o último andar do prédio. Não posso dizer que passo muito tempo aqui, graças a Deus. Não é que eu me importe com os chefes - ou chefes do meu chefe neste caso - eu apenas prefiro beber um martini de vodka demais com eles na festa de fim de ano da empresa.

Ser chamado em uma segunda-feira de manhã quando estou de ressaca como o inferno? Não muito.

Carla, a assistente de longa data dos CEOs, me dá um sorriso que é amistoso, mas um pouco simpático também. Isso não é bom. Ou eu pareço pior do que me sinto ou ela sabe de algo que não sei sobre o que me espera.

—Ei, Carla. Eles estão esperando por mim?

—Ohh sim—, diz ela com uma risada baixa e nervosa. —Eles estão esperando por você.

—Alguma dica?— Eu pergunto.

Ela pisca. —Você leu o jornal hoje?

—Oh não. Ainda não. Qual? The *Times*? O *Jornal*?

Ela suspira. —Oh querido...

Meu coração bate um pouco mais rápido porque Carla é tão imperturbável quanto eles vêm, e ela parece... nervosa.

Estou prestes a pressioná-la para mais informações quando ouço meu nome. Eu olho para cima para ver Sam Wolfe Jr. em pé na porta de seu escritório.

—Entre, Matt. — Merda. Se Carla parece preocupada, Sam parece a cerca de trinta segundos de uma apoplexia.

—Claro—, eu digo, forçando um sorriso fácil enquanto eu passo na pequena sala de conferências onde o *outro* Sam está sentado no final da mesa.

Samuel e Samantha Wolfe, conhecidos como os Sams, são o último casal poderoso de Wall Street. Sam herdou Wolfe Investimento de seu pai na mesma época em que ele se casou com Samantha, uma potência de Wall Street por conta própria.

Sem sorrisos quando eu chego e cumprimento-os.

—Sente-se—, diz Samantha, apontando para uma das cadeiras disponíveis.

Eu faço como instruído, pegando o jornal na frente dela enquanto sento. Eu posso ver que é o *Wall Street Journal,* mas não muito mais. Eu certamente não consigo descobrir o que o jornal favorito do Financial District tem a ver comigo pessoalmente.

Samantha assume o comando, indo direto aos negócios. —Eu suponho que você leu isso. — Ela coloca uma mão bem cuidada no papel.

—Ah não. Ainda não.

As sobrancelhas de Sam sobem, em algum lugar entre desaprovação e surpresa. A leitura obrigatória do *WSJ* por aqui. Eu li, eu sei. Eu só... Bem, droga. Não são nem nove horas. Eu não cheguei a isso ainda.

Samantha solta um longo suspiro enquanto abre o papel, vira para a segunda página e o redobrar antes de deslizá-lo na minha direção.

Ainda perplexo, estendo a mão e puxo o papel para mim, meus olhos indo direto para a foto. Meu estômago cai quando reconheço o homem na foto.

Eu.

E não *só* eu. Eu e uma mulher seminua envolto em meu colo, minhas mãos em sua cintura nua.

As lembranças são nebulosas. Esta foi a noite de sábado. Ou foi sexta? A foto é em preto e branco, mas a mulher era loira, o sutiã estava vermelho. Ou era rosa? Já era tarde quando chegamos àquele clube de strip particular, lembro disso.

Eu arrasto meus olhos da foto para o título:

Os lobos de Wall Street foram longe demais?

Meu estômago se agita. Estou acostumado com o apelido de Lobos de Wall Street - é tudo que qualquer um de nós da Wolfe Investimento ouviu depois que o filme de Leonardo DiCaprio foi lançado. Mas vendo isso impresso ao lado do meu rosto no *Wall Street Journal* de todos os lugares... isso não é bom.

—Você deve ter ouvido falar sobre isso—, diz Sam, sua voz um estrondo baixo e desaprovador.

—Não. — Eu resisto à vontade de passar a mão pelo meu pescoço, para ver se estou suando. —Eu estava em um olho vermelho. — *E perdi meu telefone em algum lugar da devassidão do fim de semana.*

Sam grunhe, depois troca um longo olhar com a esposa. Em meu estado de ressaca, não estou no topo do meu jogo, mas sei que esse olhar não significa coisas boas.

Samantha é a única a me dar isso diretamente. —Você pode ler o artigo completo mais tarde, mas vou lhe dar os destaques: Você tropeçou no mesmo clube que um repórter do *WSJ* que estava cobrindo uma história em Las Vegas. Ele estava sóbrio. Você não. Você foi visto colocando centenas de dinheiro em fio dental, deixando *milhares* de *pessoas* em uma única rodada de uísque caro, e isso não era nem mesmo sua última parada da noite. Ele seguiu você para três outros clubes, onde membros do seu grupo participavam descaradamente de substâncias ilegais.

Minha cabeça se levanta. —Eu não toco drogas. Álcool, e só.

—Bebida e mulheres—, diz Sam com um olhar aguçado para o papel.

—Danças de colo não são ilegais. Nem vodka, nem uísque.

—Não—, Samantha concede. —E não estamos aqui para agir como seus pais. Você é um dos nossos melhores, Matt, você sabe disso. Mas isso é ruim. Já recebemos meia dúzia de telefonemas de clientes preocupados, imaginando o que diabos estamos fazendo com o dinheiro deles.

—Eu gasto *meu* dinheiro—, eu digo, apunhalando um dedo contra o papel de jornal. —E eu ganhei cada centavo.

—Nós sabemos disso—, diz Samantha. —Mas você sabe tão bem quanto nós que essa percepção muitas vezes conta mais do que fatos. Ninguém vai acreditar que você não tocou na cocaína. Ninguém vai acreditar que as centenas que você jogou nessas mulheres pararam em uma dança inofensiva. Drogas, prostituição, gastos imprudentes... Essas não são acusações que podemos enfrentar facilmente. Especialmente depois das denúncias de informações privilegiadas contra Ian no ano passado. Ainda estamos fazendo o controle de danos disso.

—Ele foi declarado inocente—, eu estalo, sempre na defensiva do meu amigo, que pode ser um pouco temerário, mas ele joga pelas regras quando se trata de seu trabalho.

—Sim. Oficialmente — diz Sam. —Mas como dissemos, há o problema da percepção. E isto... — Ele gesticula para o papel e se interrompe.

Samantha cruza as mãos sobre a mesa e encontra meus olhos. —Relações públicas e legais têm fortemente sugerido que nós deixemos você ir para afastar o pior do sucesso da reputação.

Por um segundo, acho que a ouvi dizer errado. —Com licença?

—Nós não vemos a necessidade de ir tão longe—, diz Samantha, parando para deixar um não dito *ainda* permanecer no silêncio. —Nós entendemos que foi um pouco de azar de sua parte estar no mesmo clube que um repórter. Mas Matt, nós temos que fazer algum controle de dano aqui. Você já pediu a dois clientes para serem movidos para outro corretor.

Consigo assentir, mesmo quando meu cérebro está negando que isso está acontecendo. —Certo. Claro.

Samantha olha para o marido, que assume. —Estamos pensando em uma reforma de imagem.

—Uma o quê?

—Você sabe... — Ele acena com a mão. —Cortando a bebida. Limitando as madrugadas. Ignorando o caviar no jantar. Mantendo sua conta de bar com menos de quatro dígitos. E pelo amor de Deus, evitando o clube de strip e seus amigos amantes da cocaína.

—Claro, é claro—, eu digo, já assentindo.

—Há outra coisa—, diz Samantha. —Tudo isso ajudará, mas nada sinaliza um homem reformado como um mais-um. Quero dizer, olhe para Ian e Lara. Ele era ainda mais selvagem que você e agora ele...

—Domesticado, eu sei—, eu digo. —Mas ele não planejou isso, simplesmente aconteceu. Eu não tenho uma Lara McKenzie esperando nos bastidores. Estou solteiro e feliz por estar.

—Bem, desanime—, diz Samantha, de pé como se fosse o fim da conversa. —De preferência a tempo para o Wolfe Annual Gala no próximo mês.

—Espere o que? O que você quer dizer?

Sam se levanta e se move, então ele está ao lado de sua esposa. —Ela quer dizer que nada limpa a reputação de um homem como a mulher certa ao seu lado.

—Mas-

Samantha me alfinetou com um olhar. —Eu vou soletrar para você, Matt. Consiga uma namorada.

—Ou?— Eu pergunto, sentindo um ultimato em jogo.

Ela dá um sorriso fino. —Ou arranje um novo emprego.

SOBRE A AUTORA



Foto © 2016 Anthony LeDonne

Lauren Layne, ex-gerente de e-commerce e web marketing, mudou-se de Seattle para Nova York em 2011 para seguir carreira como escritora em tempo integral. Seu primeiro livro foi publicado no verão de 2013, e desde então, ela escreveu mais de duas dúzias de comédias românticas, chegando às listas de bestsellers do *New York Times*, *USA Today*, iBooks e Amazon.Ela atualmente mora em Nova York com o marido.